

UMA OBRA-PRIMA INESQUECÍVEL

UM TESTEMUNHO IMPRESSIONANTE
DE CORAGEM E SOBREVIVÊNCIA

O Carteiro de Auschwitz

*Só aqueles que mantêm a esperança
são capazes de resistir*

TOP
NACIONAL
DE VENDAS
—
4.ª EDIÇÃO

JOE ROSENBLUM
Com David Kohn



UMA OBRA-PRIMA INESQUECÍVEL

UM TESTEMUNHO IMPRESSIONANTE
DE CORAGEM E SOBREVIVÊNCIA

O Carteiro de Auschwitz

*Só aqueles que mantêm a esperança
são capazes de resistir*

TOP
NACIONAL
DE VENDAS
—
4.ª EDIÇÃO

JOE ROSENBLUM
Com David Kohn

JOE ROSENBLUM
COM DAVID KOHN

O CARTEIRO DE AUSCHWITZ

*Só aqueles que mantêm a esperança são
capazes de resistir*

Prefácio de
David A. Hackett

Tradução de
Inês Silveira

alma
dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2020

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Copyright © Joe Rosenblum com David Kohn, 2001

Traduzido da edição em língua inglesa *Defy the Darkness: A Tale of Courage in the Shadow of Mengele*, de Joe Rosenblum com David Kohn, originalmente publicado por Praeger, uma chancela de ABC-CLIO, LLC, Santa Barbara, CA, USA.

Traduzido e publicado em língua portuguesa por acordo com ABC-CLIO, LLC. All. Todos os direitos reservados.

Título: *O Carteiro de Auschwitz*

Título original: *Defy the Darkness: A Tale of Courage in the Shadow of Mengele*

Autor: Joe Rosenblum com David Kohn

Tradução: Inês Silveira

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Gráfica 99

Capa: Vera Braga / Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock (Auschwitz); Glasshouse Images / Alamy Stock Photo
(Rapaz)

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-8999-26-9

1.^a edição em papel: abril de 2020

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Nota do Editor

Joe Rosenblum é um herói. Viveu terrores inimagináveis, que a maioria de nós, felizmente, só conhece através dos livros de história e dos filmes. Uma das suas missões mais heroicas foi passar mensagens secretas entre os prisioneiros do campo de concentração, expondo-se a um perigo mortal, para alimentar os sonhos e as esperanças de pessoas a quem restava tão pouco. Tornou-se carinhosamente conhecido como *O Carteiro de Auschwitz*.

Prefácio

Como cronista, li e ouvi várias histórias de sobreviventes do Holocausto, mas a descrita neste livro de memórias de Joe Rosenblum destaca-se como uma das mais notáveis. Não é apenas uma história convincentemente retratada da época, é também um relato emocionante, repleto de *suspense* e de numerosos encontros com a morte. Graças à força de caráter de Joe Rosenblum, à sua memória sagaz e perspicácia para o pormenor, e à capacidade de escrita do coautor, David Kohn, temos uma obra que capta essa terrível época de sofrimento para os judeus na Europa numa narrativa histórica dramática e pessoal. A maioria dos leitores não vai conseguir parar de a ler.

Quando, em setembro de 1939, as tropas alemãs invadiram a Polónia, o autor era um rapaz de apenas catorze anos. A sua terra natal, Miedzyrzec, localizava-se no Este do país, perto do que viria a tornar-se a fronteira soviética – uma cidade de dezasseis mil habitantes, um centro comercial próspero, cuja população era setenta e cinco por cento judaica. Nasceu como Icek, o mais velho dos seis filhos de Samuel e Mindl Rosenblum. (Quando foi para a América depois da guerra, mudou o nome para Joe.) De alguma forma, o jovem Joe sobreviveu três anos e meio sob condições inimagináveis no sobrelotado gueto judeu criado em Miedzyrzec pelas forças de ocupação alemãs. Depois, sobreviveu mais dois anos nos terríveis campos de concentração nazis de Majdanek, Auschwitz-Birkenau e Dachau, antes da última marcha da morte com prisioneiros de Dachau. Foi libertado pelas forças armadas dos Estados Unidos a 1 de maio de 1945.

Apesar da morte da maioria dos familiares, é evidente, através da sua escrita, que Joe Rosenblum não é um homem amargo. O seu otimismo inato e a fé na humanidade parecem não só ter sobrevivido ao Holocausto, mas também fortalecidos pelo

sofrimento por que passou entre 1939 e 1945. Mantém-se agradecido pela ajuda que lhe deu uma família polaca gentia, os Zbanski, que o esconderam na sua quinta durante três verões, no início da guerra. Aprendeu que até o mais cruel prisioneiro *Kapo* e oficiais dos campos nazis conservavam um lado humano ao qual se podia apelar de uma maneira que evidenciaria as suas hipóteses de sobrevivência. Em mais do que uma ocasião, o seu comportamento para com os outros fazia a diferença crítica entre a vida e a morte.

A história de Rosenblum contraria um dos persistentes estereótipos sobre o Holocausto – a falta de resiliência das vítimas judaicas, por vezes caracterizadas como se caminhassem para a morte nas câmaras de gás *like sheep to the slaughter*¹. Apesar de haver alguma verdade nessa imagem, particularmente quanto às últimas etapas do processo de morte mecanizada em campos de extermínio em massa como Auschwitz, o estereótipo distorce a realidade de uma história bem mais complexa. O autor revela que existia uma grande resistência protagonizada de várias formas diferentes, pelo menos quando ainda subsistia a esperança de um resultado favorável. No gueto em Miedzyrzec, o jovem Joe entrava e saía clandestinamente do perímetro vedado para levar comida à família, e de noite partia tábuas de fábricas abandonadas, transformando-as em lenha. Um dos incidentes mais dramáticos que testemunhou foi a incursão-surpresa à sede da abominada polícia judaica em Miedzyrzec, conduzida por homens armados do movimento Warsaw Jewish um pouco antes da revolta no gueto de Varsóvia. Durante vários meses, o autor juntou-se a um bando de guerrilheiros russos que se escondiam na floresta e participou em incursões que organizavam às esquadras de polícia polacas. Mais tarde, arriscou a vida como membro das unidades que recolhiam os cadáveres mortos nos campos (*Leichenkommando*), aproveitando para transportar mensagens para zonas distantes do campo destinadas ao movimento *underground* de Auschwitz, e assistiu ao que se tornou na revolta do *Sonderkommando*², que levou à fuga em massa e à destruição do crematório III em Birkenau (7 de outubro

de 1944). Embora, na altura, estivesse a dormir noutra parte do campo, ouviu e sentiu a explosão quando o crematório foi destruído e viu os guardas *Schutzstaffel* (SS) a correr na direção de onde a revolta ocorrera.

Mas como resistiu o autor a tantas situações terríveis, pergunta o leitor? Há provavelmente um número de fatores a explicá-lo, mas quase todos os sobreviventes do Holocausto consideram a «sorte» o primordial. Pode existir um elemento de «culpa do sobrevivente» na designação de sorte ou *chance* como fator – o sentimento de «porquê eu?» que o indivíduo que permanece vivo sente quando tantos amigos e familiares morreram. Por vezes, a *chance* esteve ligada a pura aleatoriedade, como a de estar num sítio e não noutro quando uma incursão policial ou um assassinio em massa ocorreu, ou chegar tarde ou cedo quando alguma ação do tipo estava prestes a acontecer. Numa altura em que Joe ia levar comida, que contrabandeara, ao irmão que trabalhava num depósito de madeira, assistiu ao massacre de trinta e sete rapazes, incluindo o irmão, perpetrado com metralhadoras. Outro incidente foi a descoberta de uma nota de cinquenta dólares num caixote do lixo em Auschwitz, que conseguiu trocar por comida e pela transferência para um grupo de trabalho melhor.

Porém, noutras ocasiões, acredito que os incidentes atribuídos à «sorte» seriam talvez mais manifestações de elementos profundamente enraizados no caráter pessoal. Em jogo está a capacidade distintiva que alguns indivíduos devem quebrar através de barreiras interpessoais e relacionar-se com estranhos, até inimigos, de forma a que se interessem pela sobrevivência da pessoa. Estou convencido, pela leitura do manuscrito, de que Joe Rosenblum é um daqueles poucos indivíduos que conseguem alcançar e relacionar-se com os outros desse modo distinto. Essa capacidade especial pode ajudar a explicar alguns dos incidentes mais incomuns na sua história.

Talvez o episódio mais insólito seja aquele em que a vida do autor é salva por uma cirurgia feita pelo Dr. Josef Mengele, o médico nazi

de Auschwitz, o qual muitos sobreviventes apelidaram *O Anjo da Morte*. Mengele tornou-se, mais tarde, infame, por ser o médico que apontava para a esquerda e para a direita com o bastão, à medida que prisioneiros recém-chegados a Auschwitz eram selecionados para o extermínio. (Coordenava também experiências médicas cruéis em anões e gêmeos no altamente secreto bloco 10 no campo principal, o qual Rosenblum nunca viu). Mas seria possível que esse fosse o médico que salvou a vida de um prisioneiro judeu comum com uma infecção potencialmente fatal? Penso que, nas circunstâncias especiais descritas, a resposta é sim. Robert Jay Lifton, autor do livro *The Nazi Doctors*, argumenta que muitos desses médicos tinham uma personalidade bifurcada – eram friamente apáticos nas obrigações profissionais nos campos de concentração, mas capazes de levar uma vida aparentemente normal, fora e em conjunto com as funções oficiais. Sei, a partir da minha pesquisa, que alguns dos médicos de Buchenwald, em particular os doutores Erwin Ding-Schuler e Waldemar Hoven, desenvolveram relações próximas com os prisioneiros *Kapos* e pessoal hospitalar, o que salvou a vida de alguns prisioneiros. Ao mesmo tempo, continuaram a cumprir friamente as funções profissionais de forma mecânica, levando à morte milhares de outros prisioneiros. Apesar de saber menos sobre o Dr. Mengele, acho provável que conseguisse agir de maneira semelhante, resultando na salvação da vida do autor deste livro.

Em Auschwitz, Rosenblum aprendeu rapidamente que havia vários fatores-chave de sobrevivência num campo de concentração. Um era manter a aparência, apesar das dificuldades com que se deparavam. Significava lutar por lâminas descartadas e restos de sabão, lavar-se diariamente em água gelada, e assegurar roupa e sapatos em condições razoáveis quando a oportunidade surgisse. Rosenblum escreveu que quem cuidava da aparência tinha mais hipóteses de ser transferido para um tipo de trabalho menos mau. Passava também por expressar e manter um sentimento de esperança. Aos que perderam a esperança e o interesse na

aparência, os outros prisioneiros chamavam-lhes «muçulmanos» (*Muselmänner*). Eram os que estavam marcados para a morte, como os companheiros notavam pelos olhares vazios de desespero no rosto.

Mais um fator-chave para a sobrevivência incluía desenvolver laços com outros prisioneiros, apesar de isto, também, ser difícil sob o olhar atento dos guardas SS e do capataz prisioneiro. No seu livro *The Survivor*, Terrence des Pres expôs convincentemente que o ambiente social do campo de concentração não era baseado somente na «lei da selva», homem contra homem, mas sim um ambiente onde as relações interpessoais se tornavam vitais. Para Joe, ainda adolescente, significava encontrar mentores cujo apoio podia contribuir para melhorar as oportunidades de perseverança. Primeiro, encontrou Max, um prisioneiro influente com quem fez amizade e que o pôs em contacto com o movimento de resistência do campo. Mais tarde, conheceu um prisioneiro médico que trabalhou na clínica de Mengele, um homem que muitos dos aprisionados conheciam simples e apropriadamente pelo nome de «Pai». As amizades com os companheiros, tais como Hymie e Nuftul, embora frequentemente rompidas pela tragédia, ajudaram homens como o autor a resistir nos momentos mais trágicos. Outras vezes, era ele próprio mentor, por exemplo, de um rapaz mais jovem chamado Hana, cuja vida salvou em Auschwitz, e que reencontrou num subcampo perto de Munique no fim da guerra. Procurava avidamente os compatriotas, da cidade natal ou região, esperando por pequenas notícias sobre amigos e familiares.

Um terceiro fator-chave à sobrevivência era a capacidade de manter a esperança perante a constante ameaça de morte e as condições desumanas do campo. Num dos relatos iniciais e mais famosos de um sobrevivente, *O Homem em Busca de Um Sentido*, do psiquiatra vienense Victor E. Frankl, o autor argumenta que apenas os prisioneiros que mantinham um sentimento de esperança, que tinham algo por que viver, resistiam. «O prisioneiro que perdesse a fé no futuro – o seu futuro – estava condenado»,

escreveu. A fim de o explicar, Frankl desenvolveu uma teoria complexa – «logoterapia», pelo que quis dizer fé num sistema de crenças religioso ou filosófico. Para Joe Rosenblum, a resposta tornava-se mais simples: a esperança era sustentada pelo sonho. Frequentemente, sonhava que, como o seu tio bem-sucedido Yudel, depois da guerra, teria o seu negócio, com pessoas a trabalhar para ele. «Terei uma fábrica de cerdas, um lar, mulher e filhos, um camião», escreveu. Era este sonho, simples mas recorrente, que lhe permitia manter uma réstia de esperança, uma visão do futuro, quando muitos à volta caíam no desespero.

Por fim, precisou de coragem para resistir, para suportar as dificuldades e os espancamentos frequentes. Rosenblum demonstrou arrojo vezes sem conta, quando contrabandeava dentro e fora do gueto, nas visitas à fazenda dos Zbanski, e quando fugiu rumo à floresta para se juntar aos guerrilheiros russos. Depois de chegar a Majdanek, teve de lutar com um gangue de prisioneiros que tentavam roubar as cascas de batata que desviava para partilhar com os amigos. Em Auschwitz, alistou-se no movimento *underground* de resistência, conhecendo bem os riscos envolvidos. Precisou também de uma tremenda bravura física para se submeter a uma operação a fim de remover as amígdalas gravemente infetadas, executada por um médico aprisionado que utilizou uma faca de manteiga afiada, sem anestésicos.

Mas tal como Terrence des Pres relembra em *The Survivor*, coragem física e atos de resistência não são a única forma de tenacidade, sobretudo em campos de concentração. A sobrevivência em si era um ato de persistência, quando visto no contexto de um sistema criado para produzir mortes. Desafiar a morte, por qualquer meio, era, também, desafiar o inimigo. Manter o moral em alta, exhibir a esperança, quando o sistema estava projetado para a esmagar, era resistir moralmente, senão a nível físico. O autor e milhares de outros como ele fizeram ambas as coisas. Pela coragem ao enfrentarem estas situações extremas, os

sobreviventes do Holocausto merecem a nossa admiração, já que vivemos em tempos mais confortáveis.

Ao enfatizar a esperança e a coragem na análise do Holocausto, corre-se o perigo, como o notável estudioso Lawrence Langer adverte, de banalizar e interpretar mal a natureza do acontecimento. Havia, claro, o enorme lado negro do Holocausto que muito superou os poucos pontos de luz que ajudaram a manter um sentido de otimismo. O relato de Rosenblum é eloquente na descrição dos extremos da fome e do frio que atacaram o corpo ao nível mais elementar. A fome voraz forçou-o a consumir comida bolorenta, lixo, cascas de árvore, até minhocas, insetos e rãs vivas. Para a maioria de nós, tal fome é quase inconcebível; porém, não garantir as condições mais básicas do corpo significava morte certa. Depois, existia o frio – os ventos gelados que sacudiam os prisioneiros subnutridos e escassamente vestidos forçados a trabalhar o dia todo com temperaturas negativas. O inverno de 1944-45 foi dos mais rigorosos da década. Até então, Rosenblum encontrava-se num grupo de limpeza dos destroços deixados pelas bombas nas vias férreas de Munique. Mas como sabe qualquer pessoa que tenha visitado a capital bávara no inverno, o vento dos Alpes é arrepiante, mesmo usando uma parca grossa.

Mais importante, o leitor deve lembrar-se de que um mundo inteiro, aquele que Joe Rosenblum conhecia enquanto miúdo, foi destruído pela Segunda Guerra Mundial e o Holocausto. A sua família desapareceu – pai, mãe, irmãos, tios, tias e numerosos primos. A sua cidade natal de Miedzyrzec não voltaria a ser a mesma. As casas e os edifícios foram arrasados, assim como quase toda a sua população judaica. Uma cidade que outrora teve uma imponente sinagoga de pedra, construída por volta de 1800 para albergar três mil e oitocentos fiéis, quase não tinha judeus depois da guerra. Miedzyrzec sofreu o mesmo destino que a cidade lituana retratada na exposição *Tower of Life* no Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos – uma comunidade inteira foi aniquilada.

Miedzyrzec, apesar de não ser um lugar tão conhecido como outros do Holocausto, desenvolveu alguma notoriedade na Segunda Guerra Mundial. Tornou-se um dos guetos nazis que serviram como ponto de ajuntamento para judeus de várias partes da Europa, antes de serem transportados para campos de extermínio. A cidade figura proeminentemente em *Ordinary Men: Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*, de Christopher Browning, porque essa unidade estava estacionada na zona em 1942 e 1943. No livro, meia dúzia de fotografos retrata a deportação da população judaica de Miedzyrzec, incluindo talvez imagens do transporte onde Joe Rosenblum seguia. De setembro de 1942 a julho de 1943, ocorreram sete ou mais deportações, dirigidas com uma brutalidade extrema, terminando na liquidação da população judaica da cidade. De acordo com Browning, os soldados alemães estacionaram lá. Devido às dificuldades em pronunciar o nome, apelidaram-na *Menschenschreck*, ou «horror humano». O livro de Daniel Goldhagen *Os Carrascos Voluntários de Hitler* também discute, de forma mais resumida, o papel das atividades do Batalhão da Polícia de Reserva 101 como parte da solução final em Miedzyrzec.

Joe Rosenblum fez uma visita breve à sua cidade natal no verão de 1945, apenas para descobrir que praticamente nenhum dos amigos ou familiares sobrevivera. Regressou a Munique determinado a construir o seu futuro nos Estados Unidos, onde tinha um tio em Detroit. Na América, recomeçou a vida a pintar casas, gerindo a sua bem-sucedida empresa de construção civil. Ali, os sonhos aos quais se agarrou nos dias negros do campo de concentração realizaram-se gradualmente.

Neste livro, descobrimos uma vez mais o rosto humano do Holocausto por trás da quase incompreensível estatística de seis milhões de judeus mortos, juntamente com milhões de outras vítimas. Ao lermos a prosa clara de um homem simples, apercebemo-nos talvez de que, como todos os sobreviventes, Joe afinal não era assim tão «simples». Foi preciso um tremendo carácter, e resistência à escuridão intacta, para reter um sentido de fé

na humanidade e esperança para o futuro. Esta obra notável capta esse espírito, e o ato de o escrever é talvez o maior legado de Joe Rosenblum à nossa geração. Numa época em que o número de sobreviventes diminui, é vital registrar e recolher as suas experiências. Estamos todos em dívida para com ele por, de novo, se basear na fé e coragem – desta vez para nos contar a sua história.

David A. Hackett

¹ «Como ovelhas para o matadouro», deriva de uma frase semelhante presente na Bíblia Hebraica que retrata o martírio na religião. Durante o Holocausto, a expressão era utilizada pelos judeus de modo a incentivar os prisioneiros a resistir. (*N. da T.*)

² Grupos de prisioneiros recém-chegados que cumpriam as tarefas que os alemães evitavam executar nos campos de concentração.

Agradecimentos

Embora escrever seja uma arte solitária, os escritores não fazem um livro sozinhos. Não somos exceção. Temos muitas pessoas que nos ajudaram. O nosso amigo Mark Schwartz encorajou-nos e apoiou-nos ao longo do projeto. Os nossos agentes, Brenda Feigen e Joanne Parrent, estavam lá para nos orientar nos caminhos sinuosos da negociação do mundo editorial. O nosso editor, Heather Staines, foi muito prestável com comentários, palavras sábias e discernimento. O Dr. David Hackett foi bem mais minucioso e perspicaz do que esperávamos.

Desejamos agradecer também às pessoas que fazem parte da nossa vida: queremos expressar a nossa dívida para com as memórias dos pais, irmãos e outros familiares de Joe, que desapareceram na devastação do Holocausto. Entre os vivos, queremos especialmente agradecer à família Zbanski, cuja coragem imponente, ao ocultar a identidade de Joe, permitiu que a sua família vivesse durante vários anos e que ele sobrevivesse. Agradecemos também a Kazamiera e Stanislaw Kukuryka e aos restantes descendentes dos Zbanski, pelo amor infalível e pela hospitalidade.

Seríamos remissos se não agradecêssemos às nossas esposas, Mary Sue Donahue e Elke Rosenblum, por tolerarem com um sorriso a perda de centenas de horas de companhia enquanto trabalhámos neste livro.

Além disso, Joe e David gostariam de se agradecer mutuamente por estarem presentes nos momentos longos e árduos, e pelo desejo inabalável de criar um livro com o relato da vida de Joe durante os anos alemães – uma obra de que ambos se podem orgulhar.

Finalmente, expressamos a nossa admiração e lamentação pelos milhões de almas de muitas nacionalidades e etnias cujas vidas

foram cruelmente arrancadas nessa hora negra da história.

NOTA

Ao longo do livro, e a seu pedido, o autor é referido como *Joe*. O nome de nascença é *Icek*, mas americanizou-o para *Joe*. Agora pensa em si como Joe, e é assim que é apresentado na história.

PRIMEIRA PARTE

As Sombras Alastram-se

Capítulo Um

AS ÁRVORES DA MÃE ESTÃO DESPIDAS

As árvores de fruto da minha mãe disseram-nos que a vida como a conhecíamos estava a desmoronar-se. Em setembro de 1939, durante três semanas, eu e a minha mãe permanecíamos horas a fio no topo de uma colina olhando os quilómetros de pomares: maçãs, ameixas, peras, e muitos outros frutos, uma manta verde com tumultuosos vermelhos, roxos e amarelos nela costurados.

Eu e a minha mãe, junto com os meus irmãos, vimos enxames de braços desesperados despir as árvores da sua fruta – e com elas, o nosso conforto e a nossa esperança ganhos recentemente. Podíamos ver a fruta ser esmagada, levada, ou consumida. A maioria da minha família iria sofrer a mesma sina.

Ao início, apenas algumas pessoas apareceram, em grupos de dois e de três. Puxavam os ramos com as mãos sôfregas ou abanavam os galhos, e alqueires de fruta caíam ao chão. Em seguida, levavam a fruta em sacos, nas roupas, ou no que conseguiam encontrar.

Em breve, os refugiados chegaram em aglomerados de dez e de vinte. Depois, de centenas. Víamos os ramos das árvores cada vez mais despídos, manchados com ziguezagues brancos. E onde os ramos foram partidos e dobrados, enquanto as pessoas revolviam como um exército de formigas irregular o arame farpado. Víamos os rostos, brancos e frenéticos.

Não ficaram durante muito tempo. Se os ramos fossem baixos, dobrariam alguns e puxariam a fruta enquanto as suas mãos abanavam e tremiam. Mantinham as malas e os sacos de pertences fechados, com receio de que as suas posses fossem roubadas por quem já se tinha abastecido.

À medida que os ramos mais baixos ficavam despídos, os intrusos trepavam às árvores da minha mãe, subindo cautelosamente nos galhos para poderem abanar ou baixar os ramos para os amigos e família.

A minha mãe, Mindl Rosenblum, era uma mulher forte, tanto de corpo como de personalidade, intensamente orgulhosa de cada árvore que possuía. Ainda assim, não tentava impedir os invasores. Em vez disso, usava todos os dias um vestido elegante, como se fosse a um evento social. Na verdade, comparecia ao fim da nossa sociedade. Os alemães tinham acabado de colidir com as linhas do exército polaco. Esse facto significava que estavam a chegar, e todos nós sabíamos o que isso significava, ou pensávamos que sabíamos.

Durante essas poucas semanas, a minha mãe suportou a maior parte da destruição dos seus pomares em silêncio, vestindo todos os dias um dos seus vestidos longos e esplêndidos, com sapatos a condizer, o cabelo apanhado no alto da cabeça num penteado elaborado. Disse-nos muitas vezes que queria uma quantia pelos pomares para pagar a minha viagem e a do meu irmão para estudarmos medicina no estrangeiro. Nos dois meses antes do bombardeamento, a minha mãe embalava fruta, enquanto os seus três camiões andavam continuamente ocupados a acelerar de e para Varsóvia.

De vez em quando, olhava para mim com os seus grandes olhos castanhos entristecidos e dizia: «A vida acabou. Todos os anos de trabalho, tudo o que almejámos, foi-se. É o fim do nosso futuro, o fim do pomar, o fim do dinheiro. Vivemos uma vida boa nos últimos dois anos. Agora, só Deus sabe o que vai acontecer.»

Devido ao meu tio abastado, Yudel, todos nós tínhamos uma boa ideia de que o que iria acontecer seria desastroso.

Vivíamos em Miedzyrzec, a cerca de sessenta e quatro quilómetros da fronteira russa, perto de Brest-Litovsk. Fica também a sudeste de Varsóvia e a norte de Lublin, a cinquenta e seis quilómetros da fronteira russa e a cento e treze de Treblinka. Yudel

era um homem moderno. Já em 1935, construía um rádio e um telefone. Na Polónia, só algumas pessoas em cidades da dimensão da nossa possuíam um desses luxos. Yudel tinha ambos. Não aparentava ser rico. Tinha um metro e setenta e três, com a constituição de um barril. Assemelhava-se mais a um lutador.

Fez dinheiro graças a cerdas de porco, usadas para pincéis, escovas de roupa, pentes e escovas de engraxar sapatos. Era tão iletrado que nem conseguia assinar o nome, mas estivera em toda a parte do mundo. Tinha quarenta e cinco pessoas a trabalhar para ele, e mais alguns familiares. Lançou a ideia de construir matadouros em pequenas aldeias chinesas.

Os agricultores locais iam tradicionalmente a outra cidade e pagavam para lhes esquartejarem os porcos. Yudel fazia-o sem cobrar nada, mas ficava com as cerdas dos animais. De seguida, enviava-as para a sua fábrica na nossa cidade, onde eram tratadas, e, ato contínuo, enviadas para fábricas que as transformavam em vários tipos de escovas. Tinha clientes nos Estados Unidos, em França e Inglaterra. Eu trabalhava na fábrica de escovas depois da escola. Yudel também possuía um negócio de venda de ovos por atacado, e enviava milhares por ano para Inglaterra e até para a Alemanha.

Quando o meu pai, Samuel, e eu visitávamos Yudel aos sábados, admirávamos o seu rádio de mesa, o único na cidade. Continha tanto de fascínio quanto de ameaça. Íamos a casa de Yudel depois da sinagoga. Uma tradição de família – primeiro celebrávamos o *sabbath*, depois encontrávamo-nos na casa de Yudel. O meu pai, os meus irmãos e eu vestíamos a melhor roupa. Às vezes, a minha mãe também ia, elegante, com sapatos de salto alto e vestidos *midi* com renda, e feitos de seda. Geralmente, o vestido era ou roxo-brilhante ou vermelho-escuro. Para a ocasião, preparava peixe e doces, que levava em recipientes de vidro reluzente.

Embora poucas mulheres da família comparecessem nesses eventos, ninguém duvidava do direito da minha mãe em estar presente. Mindl, irmã mais nova de Yudel, sabia pelo menos tanto

de política e negócios como qualquer homem na sala. Era também respeitada pelo seu conhecimento e habilidade, a partir dos quais fez nascer e brotar o seu empreendimento dos pomares. Entretanto, como alternativa, as minhas irmãs, Sara, Fay e Rachel, visitavam algumas amigas ou compareciam a clubes de ciências ou reuniões políticas.

Política, negócios, as idas e vindas de familiares, eram os destaques das nossas conversas de sábado. Às vezes, o meu pai contava as suas histórias sobre a Primeira Guerra Mundial, a maioria das quais já tínhamos ouvido inúmeras vezes.

Todos nos comportávamos bem, à nossa maneira. Conversávamos, bebíamos chá, comíamos bolachas e cumprimentávamos os primos e irmãos do meu pai que também viviam na cidade. As filhas de Yudel, Sara, Rachel, Shane e Liche, e os filhos, Hymie e Morris, e a mulher, Mate, vestiam-se com os melhores trajes de sinagoga e serviam-nos comida em bandejas de prata. Sentávamo-nos nas cadeiras almofadadas de Yudel e admirávamos a madeira grossa e polida dos móveis.

Os meus irmãos Hymie e Benny corriam à volta da sala, ou puxavam as orelhas do cão são-bernardo de Yudel, que suportava a algazarra melhor do que eu suportaria.

Hymie Kronhartz ia lá frequentemente. Era o filho de Sarah, irmã da minha mãe. Alto, com boas feições esculpidas, Hymie era respeitado na cidade e na família. Licenciara-se numa universidade, vivia na rua principal, e tornara-se um fotógrafo e retratista importante. O seu estúdio era visitado pelas pessoas mais ricas da cidade, que queriam a sua imagem captada pelos seus olhos e mãos hábeis.

Parávamos quando Yudel ligava o rádio. Eu ficava fascinado, tanto pelo objeto como pela fonte de notícias. Adorava falar de política, e de ouvir o rádio. Maravilhava-me como ele podia rodar apenas um botão numa caixa, surgindo vozes, em especial a de Adolf Hitler.

Ouvia os discursos de Hitler naquele rádio desde 1935. Apesar de ter catorze anos, lia há já muitos anos, por isso sabia como Hitler arrebatava um país atrás do outro. E conhecia a voz dele. Sempre que invadia mais um país, ouvíamos um discurso justificando-a.

Na cidade, também havia cinemas, por isso todos assistíamos a noticiários sobre a Noite dos Cristais (Kristallnacht) em novembro de 1938, quando, numa noite, os nazis atacaram milhares de judeus e destruíram guetos seculares por toda a Alemanha e Áustria. A nossa família viu e ouviu esses relatos, e trememos. Sabíamos que, se Hitler chegasse à Polónia, nos faria pior.

Tínhamos razão, embora a torpeza que nos esperava fosse além do que imaginávamos. Como o faríamos? Sabia pelo meu pai, Samuel, e por outros que, durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães trataram os judeus polacos como irmãos. Desta vez, não tínhamos maneira de conhecer o ódio e a injúria que reinavam nos seus corações.

Recordo-me particularmente de ouvir o discurso de Hitler justificando a anexação da Checoslováquia em março desse ano. Já havia enviado soldados para ocupar a Renânia e anexara a Áustria. Sentia o chá de Yudel a azedar no meu estômago à medida que ouvia Hitler divagar.

Os maus tempos aproximam-se, pensei. Tivemos as nossas casas, os nossos negócios, as nossas vidas, aqui. Fomos cidadãos desta cidade durante centenas de anos. A nossa família viveu uma vida pacífica. Ainda assim, não temos para onde fugir, nem para onde ir, nenhum lugar onde sejamos bem-vindos.

Tínhamos esperança de que a Inglaterra ou França travassem a ação de Hitler. Por essa altura, todos os dias líamos a imprensa, sobre *Der Fuehrer* e os nazis. E, claro, havia os seus discursos na rádio.

Vivíamos uma vida confortável. Não existia um traço de antissemitismo na nossa cidade, contudo, sabia muito sobre Hitler. Tinha-o aprendido pela leitura, mas ouvir os seus discursos era, na

verdade, mais esclarecedor. Detetava a ameaça na voz. Pressentia o ódio nas suas palavras. Assustava-me.

Estávamos aterrorizados depois de ouvir o discurso sobre a Checoslováquia. A minha família conversou muito. Sabíamos que a Polónia estava perto do topo da lista de Hitler, e a nossa intuição de que a Inglaterra e a França não o travariam fez tremer as nossas vozes.

Na nossa cidade, moravam alguns judeus que tinham vivido sob o jugo de Hitler. No ano anterior, ele desapropriara judeus alemães cujos pais eram ambos judeus polacos e mandara-os de volta para o nosso país. Essas pessoas sobreviveram vendendo perfumes e sapatos pelas ruas. Contaram o que lhes aconteceu, e como Hitler incentivava o ódio contra o nosso povo.

A nossa família vivera muito bem nos últimos cinco anos. A nossa cidade, situada na rota entre Berlim e Moscovo, era Miedzyrzec, que significa «rodeada de rios», como de facto estava. Era uma das mais ricas da Polónia e quase exclusivamente judaica. Achávamos que ambos os factos nos favoreciam. Podem ter sido a nossa maior calamidade.

Miedzyrzec rebentava de prosperidade. Albergava dezasseis mil habitantes, dos quais apenas quatro mil não eram judeus. Tínhamos farmácias, universidades, hospital, cinemas e um teatro. E escolas religiosas para onde iam estudar judeus de toda a Europa.

A cidade estava repleta de fábricas. A maior indústria consistia em preparar cerdas para todo o mundo. Havia dezenas de fábricas, das quais uma era do tio Yudel. Tínhamos um curtume de couro e fábricas de fertilizantes e equipamento para quintas, bem como vinte padarias e o mesmo número de talhos. E um corpo de bombeiros com camiões modernos.

Além de próspera e maioritariamente judaica, segundo os olhos alemães, a minha cidade cometera outro pecado. Sabíamos o que faziam ao nosso povo na Alemanha, e odiávamo-los por isso. Em 1935 e 1936, enviaram para a nossa cidade camiões cheios de objetos seus de vidro. Fabricavam boas peças, mas se eram feitas

por alemães, não lhes tocávamos. Posso apenas imaginar como a nossa atitude deve ter corroído, como ácido, o orgulho dos nazis.

Por quaisquer razões, podíamos ver os problemas a chegar. Ouvindo o rádio de Yudel e lendo os jornais, sabíamos que Hitler queria dominar Danzigue, um dos nossos portos mais importantes. Soubemos quando o Governo polaco se negou a ceder. E também quando os alemães receberam essa recusa como desculpa para declarar a guerra. Afinal de contas, Hitler tinha um exército bem maior.

Na Polónia, recrutaram todos os homens solteiros em boa forma física e maiores de dezoito anos. O meu pai estava ainda connosco. Não foi selecionado porque já servira no exército e era casado. Faltavam-me quatro anos, por isso tinha permissão para ficar em casa. Na verdade, ninguém da minha família mais próxima foi convocado. O mais perto a que chegou foi quando o filho do nosso vizinho do lado teve de ir, tal como centenas de outros. A nossa cidade parecia mais vazia. A maioria dos homens partiu, e as mulheres e as crianças tinham de fazer o trabalho dos homens. A minha mãe, no entanto, já trabalhava nos pomares. Toda a família estava muito orgulhosa do que ela alcançara desde que comprara um pequeno pomar quatro anos antes.

Em 1935, já com seis filhos, disse ao meu pai, Samuel Rosenblum, que era a vez de ela começar um negócio. Ele não se importou. Precisávamos do dinheiro. Nós, as crianças, voluntariámo-nos para ajudar. A minha irmã Sara tornou-se costureira e administrou a casa. Fay, a mais velha, trabalhava numa fábrica de roupa interior. Rachel, Hymie, Benny e eu íamos à escola. Entretanto, a minha mãe começou a construir um império de pomares.

Tinha sucesso. A minha mãe possuía quase uma habilidade mágica para calcular a fruta que cada árvore suportaria durante o inverno até ao verão. No verão, em miúda, trabalhara com os pais em muitos pomares. Os pais não eram os proprietários, mas ela herdara a experiência de espreitar os botões, sabendo que frutas

iriam brotar e quando. No primeiro ano, tinha um pomar de macieiras com mais de dois hectares – e seis vezes mais essa área três anos depois.

Em 1938, um ano antes de irmos todos juntos para o topo daquela colina, a minha mãe comprara o pomar onde nos encontrávamos. Com duzentos e dois hectares, era um dos maiores da Polónia. Estava numa localização ideal, na estrada principal entre Berlim e Moscovo.

Comprar o pomar mostrou-se difícil, mas consegui-lo foi um tributo às capacidades e ao carácter da minha mãe. O pomar pertencia a uma mulher idosa de língua afiada cujos filhos não queriam o negócio. Muitos ofereceram-lhe quantias avultadas, mas a mulher confiava apenas na minha mãe para tratar da propriedade com o respeito e o apreço que merecia.

A minha mãe tinha um encanto que toda a gente apreciava. Cresceu entre gentios polacos, falava polaco fluentemente, e era muito esperta. Como irmã de Yudel, aprendeu muito sobre assuntos de política e negócios. Era inteligente o suficiente para conseguir o vasto financiamento de que precisava para comprar o pomar, encontrando dois sócios comanditários.

A maioria das pessoas confiava na minha mãe e na sua integridade assim que a conhecia. A sua imagem de marca era a forma elegante como se vestia. Em qualquer ocasião, a menos que fosse trabalhar para o campo, usava saltos altos e um vestido elegante. Tinha um metro e sessenta e cabelo preto abundante. Não necessitava de joias para ser atraente, embora tivesse muitas: o modo como se vestia, falava e comportava impressionavam. No entanto, para o campo, vestia-se de acordo com o trabalho duro e suado que tinha pela frente.

À medida que os bombistas alemães escureciam o céu sobre os pomares da minha mãe e os refugiados arrancavam a fruta das árvores, o seu trabalho árduo e a nova prosperidade da nossa família começaram a ruir. A guerra entre a Polónia e a Alemanha começou no verão de 1939, e as bombas alemãs choviam sobre a

nossa pequena cidade. Os bombardeamentos duraram mais de duas semanas. Aglomerados de aviões atingiam-nos de todas as direções. Às vezes, quase nos sentíamos cercados pelo ar.

A nossa cidade encontrava-se na autoestrada que ligava a Alemanha à Rússia, e dezenas de milhares de pessoas fugiam em direção à fronteira russa para escaparem às bombas e aos bombardeamentos. As estradas estavam entupidas de gente a pé, em carros, de bicicleta, com sacos pequenos ou malas amarrados com corda a todas as partes concebíveis dos veículos ou deles próprios.

Jipes e camiões militares polacos, muitos com soldados com partes do corpo envoltas em ligaduras, iam também a caminho da Rússia. Os alemães sabiam que podiam apanhá-los na autoestrada, e essa passava pela minha cidade. Os alemães bombardearam-nos desde o momento em que o sol espreitou no horizonte até os últimos raios se dispersarem na noite.

O primeiro bombardeio foi um amargo de boca do que viria a seguir. Os aviões chegavam como uma matilha de animais selvagens, explodindo fábricas e autoestradas. Bombardearam a maior sinagoga, com capacidade para mais de três mil fiéis.

O meu pai, a Sara e eu não nos atrevemos a ficar em casa. Durante a primeira semana de bombardeamentos, saltámos de trincheira em trincheira à medida que vimos edifícios que conhecíamos desde sempre a estilhaçar-se. Qualquer coisa que se movesse era metralhada.

As pessoas à nossa volta eram mortas a tiro enquanto corriam ou se acocoravam nas valas. Nunca tinha visto a morte. Agora, sucumbia-se com buracos de bala na cabeça, braços e pernas explodidos, partes do corpo, alguns ainda a escorrer sangue, lançados em todas as direções. Estava entorpecido e em choque. Algumas vezes, fiquei com tanto medo que urinei nas calças.

Nessa semana, vi as rugas no rosto do meu pai intensificarem-se. Ele receava por mim e pela Sara. Passados seis dias de bombardeamentos, o meu pai enfiou alguns dos nossos pertences

num saco de papel. Depois, olhou para nós seriamente, tentando não demonstrar preocupação.

– Receio que, se ficarmos todos no mesmo lugar, a maioria da nossa família seja morta – disse-nos.

Mandou Rachel e Benjamin para o pomar da minha mãe. O alojamento incluía um celeiro antigo que tinha camas, um fogão pequeno e vários tachos e panelas. O modo de se viver era um pouco primitivo, mas mais seguro. Ninguém andava a bombardear as árvores da minha mãe.

Hymie e Fay já lá se encontravam. O meu pai levou-me e à Rachel com ele para nos escondermos numa cidade próxima com alguns familiares. A cidade era cercada de árvores e longe da autoestrada; portanto, ele achou que estaria relativamente a salvo. Enganava-se. As bombas desmembraram os edifícios. No dia seguinte, mandou-nos para o pomar da minha mãe.

– Vão ter com a vossa mãe ao pomar. Lá é mais seguro. Nem os alemães bombardeiam um pomar – disse.

Rachel e eu caminhámos até aos pomares da minha mãe, a cerca de dezasseis quilómetros da nossa cidade. A cada dois quilómetros, tínhamos de saltar impetuosamente para dentro das valas, de modo a evitar as balas fatais de metralhadora. Nessa noite, quando chegámos, tudo o que tinha comigo eram duas camisolas e alguns pares de calças.

Embora os alemães fossem impiedosos quanto à nossa cidade, continuámos a prestar atenção ao que acontecia na guerra apenas porque a senhora idosa ex-dona do pomar ainda vivia lá. Uma das condições impostas à minha mãe era que a vendedora podia ficar ali até a hipoteca estar paga. A minha mãe, os meus irmãos e eu juntávamo-nos na sua casa.

A mulher, como Yudel, tinha rádio e telefone. À noite, amontoávamo-nos à volta do rádio e ouvíamos notícias dispersas. A casa era térrea, mas tinha um jardim verde e abundante, e empregados. Ela dava-nos leite, galinhas e outros produtos para

cozinhar na pequena casa que a minha mãe usava durante a colheita.

De acordo com os relatos da rádio, os alemães não poupavam uma cidade sequer. As descrições eram incompletas. Um repórter estava no ar durante uns minutos, e depois corria para se abrigar enquanto os alemães bombardeavam.

As pessoas que saqueavam os pomares da minha mãe paravam e conversavam com ela, admirados com a senhora bem vestida que os olhava silenciosamente enquanto colhiam fruta das suas árvores.

As pessoas deslocavam-se de bicicleta, em motos e a pé. Circulavam até de carro, juntamente com cavalos e charretes. Entupiam a autoestrada. A minha mãe caminhava em passos delicados na direção delas. Vinham de todas as cidades perto da fronteira alemã, porque Cracóvia e Lodz localizavam-se a duzentos e quarenta quilómetros dos pomares da minha mãe. Os refugiados contavam-lhe o que acontecia e o quão perto os alemães estavam. Depois, continuavam para este.

Estávamos confusos. Sabíamos que as bombas lançadas sobre a nossa cidade e todas as outras eram numerosas. E que os edifícios estavam em chamas e as pessoas em esconderijos. Sabíamos-lo, mas não o víamos. Mesmo assim, começámos a captar o que esperar. Os refugiados diziam também à minha mãe que, quando os alemães chegavam a uma cidade, erradicavam os judeus e matavam-nos. A minha mãe apenas assentia em reconhecimento.

Quatro semanas depois de a guerra deflagrar, a 27 de setembro, ouvimos uma voz enfadonha na rádio anunciar que o exército polaco se rendera aos alemães. Por essa altura, o meu pai já se juntara a nós, mas o pomar fora despojado. Cada pedaço de fruta tinha sido arrancado dos ramos e do chão, até as partes podres. O pomar desaparecera. Não havia mais nada a fazer, só regressar. Odiámos deixar a senhora idosa. Disse-nos que a maioria dos seus familiares já tinham ido para a Roménia, e depois para Inglaterra. O que ela não referiu foi que os familiares eram ricos o suficiente para o fazerem. Nunca descobrimos o que lhe aconteceu.

Algumas pessoas da nossa cidade, com negócios numa localidade próxima, pararam no pomar e disseram-nos que a nossa casa não fora tocada. Uns minutos depois, quando partiram, a minha mãe disse-nos que regressaríamos a casa. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Nunca a tinha visto assim.

– Acabou tudo para nós – disse. – Este é o princípio do nosso fim. Temos de regressar e tentar continuar a viver – se conseguirmos.

Estava quase a cerrar os dentes, e eu podia vê-lo pela linha branca à volta do maxilar que tentava parecer mais equilibrada do que se sentia. O meu pai parecia cansado e pequeno.

Quando regressámos à cidade, dias depois do bombardeamento, a vida era diferente. Os russos montaram um pequeno posto de comando. Uma melancolia atacou as pessoas. As lojas tinham cadeados sujos e correntes à volta; nenhuma luz cintilava no interior.

Reparámos que muitas casas e edifícios se encontravam destruídos, não por bombas, mas por chamas que consumiam quarteirões inteiros. Madeira chamuscada, metal retorcido, e destroços do quotidiano, como tachos, painéis e bonecas, estavam espalhados por toda a parte. As bombas rebentaram com casas robustas, transformando-as em estruturas instáveis suportadas por uma ou duas vigas.

Passámos uma esquina e vislumbrámos a nossa casa. Espantosamente, estava intacta. Nem sequer uma marca de queimadura. Yudel morava a vários quarteirões. A sua casa também não havia sido tocada. Mas do outro lado da rua, nas suas traseiras, localizava-se o hospital judeu da cidade, agora um destroço fedorento. As cinzas faziam um contraste gritante com o branco das faixas, linho e rótulos de medicamentos, assentes em pilhas empapadas.

Não havia cuidados médicos. Alguns não tinham casa. Ninguém tinha comida, porque pararam as importações. Mesmo assim, os russos começaram a organizar-se. Permaneceram apenas oito dias.

Acordaram com os alemães afastar-se pelo rio Bug, a cinquenta e seis quilómetros da nossa cidade. Antes de partirem, os russos mandaram um camião com um sistema de anúncio público rouco por toda a vizinhança.

– Vamos partir. Se quiserem escapar dos alemães, agora, é a vossa única oportunidade – anunciava a voz metálica e desincorporada no camião. – Têm a oportunidade de fugir dos alemães. Nós podemos salvar-vos. Teremos comboios que vos levarão para a Rússia. Se os alemães vierem, poderão morrer.

Cumpriram a palavra. Durante vários dias, registou-se um vaivém contínuo de comboios a carvão libertando fuligem cinzenta. Pararam na nossa cidade e em muitas outras perto da fronteira.

Cerca de três mil pessoas da nossa cidade aceitaram a oferta. As que partiram e as que ficaram foram amplamente divididas por gerações. As novas o suficiente para não terem muito a perder, que não possuíam casa, mobília, ou outros confortos, mas que eram adultas o bastante para encontrarem trabalho, decidiram partir.

Sara queria ir. Ouvi a minha mãe e o meu pai discutirem na cozinha se eles também deviam ir. Eram de uma geração mais velha, e lembravam-se do quão amavelmente os alemães os trataram durante a Primeira Guerra Mundial. O meu pai contou-me várias vezes uma história sobre como ele e muitos outros judeus foram levados por navios alemães para outra cidade polaca para trabalharem. O navio carregava comida e vodca. Um dos judeus esgueirou-se para um canto e, quando ninguém via, embebedou-se. Os alemães gritaram para o judeu estuporoso: «Como pudeste não incluir os teus irmãos? Como pudeste ser tão egoísta que guardaste a vodca só para ti?»

Enquanto a minha mãe e o meu pai conversavam, o meu pai relembrou a minha mãe dessa história.

– Como podem os alemães ser tão maus? Trataram-nos como irmãos durante a guerra. Além disso, temos esta casa que acabaste de restaurar. Olha para os eletrodomésticos, aquele sofá, os ladrilhos brancos, a grande mesa de madeira da cozinha e as

cadeiras. Graças a Deus, os bombardeamentos não destruíram um único prato ou cadeira. Porque deixaríamos este lugar, quando temos tanto aqui?

Estremeci. Lera e ouvira demasiado para acreditar que os alemães seriam gentis com os judeus.

A minha mãe, contudo, adorava a casa. Tinha-a herdado – era uma unidade dentro de uma estrutura *four-plex* – dois anos antes. Comprara móveis novos, incluindo um sofá de madeira, algumas cadeiras, espelhos e outras peças. A minha mãe revestira todas as paredes despidas durante 1937-38. herdara também o armazém ao lado.

O meu pai trabalhava para o Governo polaco, distribuindo cigarros de armazéns estatais por pequenas lojas. Embora esse trabalho tivesse desaparecido, tinha muitas mercadorias no armazém da minha mãe atrás do *four-plex*, onde guardava os cigarros e inúmeros outros produtos, que vendeu por atacado. Empilhados no alto do edifício estavam objetos de vidro, tachos e panelas, e couro.

Por fim, o meu pai achou que perdíamos muito se partíssemos, e a minha mãe não foi difícil de convencer. Possuíam uma casa que consertara recentemente; a família tinha boas roupas, bons móveis, uma boa vida. Além disso, o meu irmão Benny tinha apenas cinco anos, demasiado novo, pensaram os meus pais, para ser desenraizado. Para evitar os alemães, teríamos de abandonar tudo e fugir rumo a um país que nos era estranho, e não viam sentido nisso.

Yudel pensou da mesma forma, embora um filho e uma filha tenham ido nos comboios. A minha irmã Sara também queria ir. A minha mãe concordou, mas com uma condição.

– Não te vou deixar ir como solteira. Tens de te casar primeiro – disse à Sara. Fay também queria fugir, mas tinha apenas dezassete anos, apesar de ter noivo, um peleteiro chamado Hymie Firman, que ia partir para a Rússia. A minha mãe rejeitou o pedido de Fay, o que

lhe pesou na consciência até ao dia em que morreu, com falta de ar, num carro de gado.

Em outubro, quando os alemães chegaram, era como se as nossas vidas antigas tivessem parado, e uma vida nova e sombria começasse. Centenas de jipes invadiram-nos, juntamente com milhares de soldados de infantaria. Não perderam tempo a expulsar os judeus das suas casas. Em três dias, vi dezenas de despejos.

Todos eles seguiam um padrão. Marchavam casa adentro, declaravam que a assumiriam, e davam aos ocupantes quinze minutos para sair. Vi homens, mulheres, crianças, em vestidos de noite, de roupa interior, ou, às vezes, sem nada.

Fugiam do escárnio cruel dos alemães, que gritavam coisas como «corram, cães judeus, corram», e outras provocações que deixavam os meus pais envergonhados caso eu as ouvisse. Os alemães tinham uma forma particular de troçar das mulheres. À medida que cada uma se afastava da sua casa, o seu corpo era tocado e agarrado por soldados que a olhavam lubricamente.

Os residentes amedrontados agarravam no que podiam. Um casaco, uma almofada, talvez tachos ou panelas. Não sabiam para onde ir. Se tivessem sorte, podiam encontrar abrigo junto de amigos ou familiares de classe mais baixa, cujas casas os alemães não confiscavam porque a localização ou a construção não lhes agradavam.

Às vezes, os soldados batiam nas pessoas, com uma cana, uma correia, tábuas, varas dos armários, o que estivesse à mão.

Todos os dias havia mais despejos, à medida que os veículos militares verdes e feios e as bandeiras com suásticas revestiam a cidade. No despejo mais desprezível a que assisti, os soldados atiraram para a rua uma cama com um homem idoso paralisado, soluçando de medo. Os filhos agarraram de imediato na cama e levaram-no. Trouxeram-no até à nossa zona, onde foi acolhido por amigos.

Um dos homens que viviam na nossa cidade era talvez o mais rico da Polónia. Comercializava peles e tinha um palácio perto da

nossa casa. Ele, sabiamente, fugira. Os alemães mudaram-se para o edifício com tanques, caminhões e artilharia, e transformaram-no no seu quartel-general. Perto do fim de 1942, levavam as pessoas para o pátio e fuzilavam-nas.

Não estávamos preocupados com os despejos. Os alemães queriam ocupar as casas dos ricos: médicos e advogados, sítios com boa mobília. Queriam casas que tivessem carros e localizadas nas ruas principais, perto de restaurantes, hotéis, dos bombeiros e da câmara municipal. A cidade tinha também um grande mercado ao ar livre, onde os alemães parqueavam munições e caminhões.

O lugar onde vivia era diferente. As ruas eram pequenas, estreitas, e feitas de calçada. Os carros e os caminhões teriam dificuldade em ser manobrados. Além do mais, a nossa casa não era chique o suficiente para chamar a atenção dos alemães.

Entretanto, era claro que, se a Sara queria partir em breve, o casamento com Gerald Isenberg teria de ser organizado. Os meus pais reuniram um *minian*, um grupo de dez homens, na nossa sala de estar. A minha mãe sempre foi uma excelente padeira. Além disso, todos os anos fazia vinho de alguns frutos do pomar. Como resultado, tínhamos alguns pães *challah*, um pão judaico saboroso, bem como com vinho de maçã, morangos, cerejas, para a celebração matrimonial.

Ainda assim, reinava a tristeza. O som do noivo a partir o tradicional copo de vinho soou-me a ossos a quebrar-se.

Três dias depois, levei Sara e o marido até à margem do rio no cavalo e na charrete do meu pai. O meu pai pagara a alguém para passar o casal para o outro lado do rio Bug, até à Rússia, de barco.

No caminho, eu e a minha irmã conversámos. Ambos sentíamos que a vida da família se agravaria, rapidamente.

– Sabe Deus o que acontecerá ao nosso povo – disse-me a Sara.

Quando chegámos à margem do rio, dei um grande abraço à Sara e um beijo na face. À medida que ela e o marido eram levados até ao outro lado do rio, quase chorei. Pensei se voltaria a vê-la.

Oh, Deus, quero ir com ela, pensei. Quero ir, mas quem me dera ser mais velho. Tenho apenas catorze anos. Quem me daria trabalho? Quem me manteria a salvo?

Não havia resposta, claro. Por isso, cacarejei para o cavalo, que se virou e me levou para casa.

Em breve, a falta de comida começou a atormentar os estômagos. Das vinte padarias na cidade, apenas uma tinha permissão para abrir. Milhares de pessoas fizeram filas à uma da manhã, quando a padaria só abria às seis. Felizmente, o meu irmão Hymie e eu éramos baixos, e ultrapassámos várias pessoas quando não estavam a olhar. Passadas cinco ou seis horas, chegámos à frente da fila, e recebemos uma fatia de pão cada um. Levámos os prémios para casa debaixo dos casacos, para ninguém os roubar. O nosso pai cortou cada fatia em pequenos pedaços, para que pudéssemos todos viver mais um dia.

Às vezes chegávamos à janela onde distribuíam o pão, e o padeiro dizia: «Peço desculpa. Não temos mais.» E chorávamos por dentro.

Durante seis meses, complementámos esta dieta escassa graças às mercadorias que o meu pai guardara no armazém da minha mãe. Os agricultores iam à cidade permutar comida por bens.

Os agricultores tinham pouco para trocar porque os alemães confiscavam-lhes os produtos. Trocávamos roupa por comida. A minha mãe também possuía peças de ouro, joias, roupas elegantes, casacos de peles.

O meu pai trocava cigarros, caixas de sabão, tachos e panelas, velas, objetos de vidro. Tinha também motocultores para os tratores. Recebiam sobretudo batatas e farinha para a minha mãe fazer pão, assim como dólares americanos. A moeda polaca não valia nada. Sabíamos que, em breve, os agricultores deixariam de vir e que o armazém ficaria vazio.

Eu queria ver as joias da minha mãe, para perceber o que acontecia ao seu baú de tesouros. No entanto, essa visão era-me proibida, e eu nunca pensaria em desobedecer aos meus pais.

Não obstante os sinais alarmantes, havia duas razões para ficarmos esperançosos. Uma, era a memória dos meus pais e de outros da sua geração – os alemães tinham sido bons para nós na última guerra. A outra, era o meu primo Hymie Kronhartz, o artista talentoso com o seu estúdio, onde criava pinturas a óleo e tirava fotografias. Vivia na parte rica da cidade. Enquanto toda a gente tinha sido despejada, deixaram-no ficar.

Quando os generais, os coronéis e os capitães alemães se mudaram para casas confiscadas, eram vizinhos de Hymie. Deram-lhe uma braçadeira verde com uma pequena estrela judaica no meio, e um passaporte especial. Apenas um judeu em cada cidade tinha estes privilégios especiais, e ele era o da nossa.

Os alemães concederam-lhe tais indulgências porque queriam que Hymie fizesse retratos lisonjeiros deles. A Gestapo e os SS queriam as suas imagens impetuosas e orgulhosas, para que pudessem enviar as fotografias e pinturas para familiares e amigos na Alemanha. Hymie podia fazê-los parecer como desejassem.

Não tínhamos autorização para ir a casa de Hymie – ficava na parte alemã da cidade. Ele, no entanto, podia deslocar-se aonde quisesse, e visitava frequentemente Yudel, que por sua vez nos dizia que Hymie estava bem, assim como os seus três filhos, irmão, e mulher, que viviam todos com ele. Ouvimos também notícias sobre ele vindas de outras pessoas. Hymie era um homem conhecido, e as pessoas reparavam nele.

Quando ouvi que Hymie estava bem, fiquei feliz. O facto de ter privilégios não mudava as nossas condições de vida nem um pouco, mas sabê-lo animava-nos.

Pelo menos há alguma luz, pensei. Talvez isto queira dizer que vão deixar alguns de nós sobreviver.

Os meus pais diziam a mesma coisa repetidamente. Continuávamos sem conseguir imaginar o que os alemães nos iam fazer. Como se vê, a nossa ignorância deu-nos alguma paz, que nunca teríamos se soubéssemos a verdade do que se avizinhava.

Capítulo Dois

SINAIS DE PERIGO

Os nazis começaram a perseguir-nos mais cedo do que os meus pais podiam imaginar, sufocando a nossa vida com regras atrás de regras, dizendo-nos o que fazer, como e quando.

Acima do bolso esquerdo das camisolas, tínhamos de usar um pedaço de tecido com a estrela amarela de David gravada. Uma estrela de seis pontas que simbolizava a nossa religião. Sempre pensámos nela com orgulho. Os nazis consideravam-na o crachá da vergonha.

Se um alemão abordasse um judeu, este tinha de tirar o chapéu. Já não podíamos andar no passeio, isso apenas era permitido aos gentios polacos e aos alemães. O método de execução dos nazis era direto e brutal. Se nos recusássemos a tirar o chapéu ou nos atrevêssemos a andar no passeio, batiam-nos com os punhos, com paus, com uma cana, com qualquer coisa.

Éramos boas pessoas, habituados, por orgulho, a obedecer às ordens da religião, da cidade e do país. Agora, obedecíamos porque não tínhamos escolha. Tudo o que nos fizessem, teríamos de o aceitar pacífica e silenciosamente. Ou o tratamento seria pior. Pelo menos, assim acreditávamos. Ninguém se atrevia a criticar os alemães publicamente.

Tão-pouco os criticávamos em privado, exceto com os amigos mais próximos. Os alemães tinham espiões por todo o lado. No entanto, porque era uma comunidade muito coesa, sabíamos quem eram os espiões, e certificávamo-nos de que não lhes dizíamos nada incriminatório.

Em breve, soldados nazis e SS embriagados apareciam nas nossas ruas e, quando o faziam, agrediam-nos. Sempre nos

orgulhámos das ruas limpas e seguras. Agora, não tínhamos por onde caminhar além das ruas, que estavam repletas de perigo.

Muitas pessoas que foram para a Rússia regressaram à cidade, desapontadas e assustadas. Ali, o inverno era muito frio, e não tinham onde viver. Pelo menos aqui tinham casa, não importava o quão humilde.

Mas as pessoas com as melhores casas também estavam em perigo. Os alemães despejaram apenas alguns dos ricos. Os que restavam tinham bens escondidos e via muitas vezes os alemães chegarem à casa dos ricos numa carroça. Ouvia os gritos enquanto batiam nos judeus, sobretudo homens, e depois saíam com os braços cheios de boas peles, roupas, e objetos de ouro e prata.

Certa vez vi chegar uma carroça puxada por cavalos à casa de uma família que eu conhecia bem. Os que iam na carroça eram operários. Muitos, com a falta de sítios onde encontrar trabalho honesto, ajudavam os alemães a saquear as casas dos judeus, para ganharem a vida. Os SS e a polícia polaca passaram pela esquina a pé e bateram à porta. Quando esta foi aberta, os SS gritaram:

– Sabemos que têm cerdas.

Não era preciso ser muito inteligente para perceber isso. O homem era dono de uma fábrica de cerdas.

– Queremos o produto. Sabemos que o têm – vociferaram os SS.

Era tão óbvio que tinham cerdas que a família seria morta se o desmentissem. Por isso, o pai levou os nazis às traseiras da casa onde ficava o armazém. Os operários entraram por ali adentro, carregaram-se de cerdas e levaram-nas. Se a família se tivesse negado, seriam espancados até à morte e os alemães encontrá-las-iam na mesma. Não fiquei para ver o resto.

Depois de os nazis saírem, vi o filho dessa família na rua.

– Eles despojaram-nos. Levaram as joias, as cerdas, seda e flanela que tínhamos para roupas especiais, tudo – disse, pesaroso.

A nossa família também não foi poupada. Os poucos de nós que possuíam rádios e telefones tiveram de os entregar. Os alemães confiscaram os de Yudel.

– Eles vieram e puxaram-nos da parede, sem fazer perguntas – contou-me Yudel. – Tudo o que disseram foi que, se eu não gostasse, a alternativa era uma bala.

Não havia escapatória para o anonimato, nem a esperança de que os alemães não soubessem quem éramos ou onde vivíamos. Tínhamos de andar com um passaporte que mostrava a nacionalidade e a idade, mas sem fotografia.

Além disso, tínhamos de nos registrar imediatamente no cartório judaico. Em todas as cidades havia uma agência que controlava os assuntos judaicos. Na nossa cidade, já existia uma. Era a câmara judaica, com centenas de anos. Os deveres da câmara cobriam um grande espectro das nossas vidas, desde trabalhar em donativos para várias causas, ajudar os desfavorecidos, assim como escolher o rabino e o seu assistente para a cidade. Suportava também escolas, hospitais, corpo de bombeiros e orquestra judaicos. Cobrava os impostos de cada casa. Por a cidade ser maioritariamente judaica, a câmara era essencialmente o governo da cidade.

Como resultado, os judeus já estavam registados na câmara, incluía o nosso nome, data de nascimento, idade, membros da família e morada. Agora, os nazis deturpavam o registo para seu benefício. Além disso, qualquer regra alemã nova seria publicada pela câmara.

Os alemães tinham particular interesse por todos os judeus com idades compreendidas entre os catorze e os sessenta, porque podiam trabalhar. Os membros do conselho decidiram quem seria destinado ao trabalho escravo que os alemães nos atribuíram.

O conselho era constituído por oito membros, cada um herdava o posto, que o pai, avô e bisavô tinha também desempenhado. Os alemães, no entanto, adicionaram-lhe um membro: Lazar. Lazar tinha um metro e oitenta e três, braços fortes, maçãs do rosto proeminentes, aspeto de estrela de cinema, e voz grave.

Vestia-se habitualmente com um fato elegante e gravata. Não tinha barba. Os alemães forçaram os judeus a rapar a barba, mas

os homens da sua idade não usavam barba.

Lazar era um homem peculiar, brilhante. As irmãs e os irmãos eram boas pessoas e trabalhavam arduamente, faziam donativos a muitas instituições, e eram admirados comumente. Lazar casou-se antes da guerra, mas os pais recusaram-se a dar-lhe o que quer que fosse. Disseram-lhe que construísse a sua própria fortuna.

Lazar decidiu que iria arranjar fortuna, e tinha pressa. Supostamente, era peleteiro e trabalhava numa fábrica de casacos. Na verdade, tinha dez a quinze homens a trabalhar para ele que assaltavam lojas e armazéns, e roubavam peles, couro, cerdas, o que tivesse valor. Vendiam esses bens no mercado negro ou pediam dinheiro para os devolver ao proprietário. Lazar liderava também um esquema de extorsão, assegurando que a polícia não incomodava as pessoas que possuíam negócios sem licença.

Adequava-se ao propósito dos alemães. Procuraram-no para fazerem dele chefe do Conselho Judaico porque era o rei local do submundo, um homem forte com mente forte. Mas se Lazar não fizesse o trabalho, fá-lo-ia alguém por ele. Era basicamente um mensageiro da Gestapo, que se assegurava de que tinham a força de trabalho necessária.

As pessoas ainda respeitavam Lazar porque não poderia impedir a Gestapo. Também o temiam, e essa era uma qualidade que os alemães admiravam.

Lazar era particularmente útil à Gestapo, da qual tinham nomeado dois agentes para liquidar os judeus na nossa cidade. Chamavam-se Heinrich e Dietrich. Em dezembro, a nossa cidade foi declarada gueto, uma lixeira para albergar os judeus de toda a Europa. Nós não sabíamos disto, mas descobrimo-lo em pouco tempo.

Aprendemos rapidamente a diferença entre os SS e a Gestapo, pelo menos na nossa cidade. Os SS perseguiram os guerrilheiros e as pessoas notáveis na política. Foram eles que destruíram o comércio, e estavam encarregados de enviar para fora da cidade

qualquer coisa de que o Terceiro Reich necessitasse. À Gestapo cabia a função de agredir e matar.

Heinrich e Dietrich vagueavam pelas ruas o dia inteiro. Juntos ou separados, batiam nos judeus com um chicote de cabo curto cujo couro trançado estava atado com arame. Penduravam os chicotes nos cintos pretos largos, com os cabos encostados às pistolas *Luger*. Instituíram a sua própria lei. Se não gostassem de ti, se tivessem um dia mau e quisessem descarregar em ti, nada podias fazer.

Lazar dizia-lhe o que quisessem saber: quem tinha muito dinheiro, quem trabalhava no Governo, quem era politicamente ativo. Identificava quem fazia parte da *intelligentsia*: professores, médicos, advogados, fabricantes ricos, políticos. Em suma, qualquer pessoa abastada ou proeminente. Para os alemães, estas eram particularmente suspeitas. Lazar denunciava também quem pertencia a organizações sionistas ou comunistas. Eu sabia o que ele fazia porque as notícias corriam depressa.

No momento em que os alemães chegaram, o espancamento tornou-se um desporto. Quase de imediato, alguns satisfaziam o desejo de sangue batendo-nos. No início, os homens do exército regular, os da Wehrmacht, não agrediam. Mais tarde, até esses homens relativamente decentes começaram a atacar-nos. À medida que o tempo passava, cada vez mais alemães nos batiam, até haver poucos que não o faziam.

Tinham imensas oportunidades para nos agredir e pontapear. Muitas pessoas eram forçadas a trabalhar para os alemães, limpando os edifícios onde moravam e onde trabalhavam, cortando madeira, esse tipo de coisas. Para entrar nos edifícios, os judeus tinham de pisar o passeio. Não havia outra forma. E os alemães aproveitavam para nos agredir com os punhos, com cintos, com o que lhes apetecia.

Aconteceu-me muitas vezes. Quando os alemães viam o crachá com a estrela judaica, os seus rostos estreitavam-se, os punhos cerravam-se, e atacavam-nos de forma agitada e incontrolável.

– *Juden, juden, juden*. Porcos. Escória – gritavam. Depois, pontapeavam-nos com as botas pesadas. Se acertassem no sítio certo, podiam partir ossos. Tentar revidar seria arriscar um castigo pior, por isso, as pessoas enrolavam-se numa bola, à espera que se cansassem.

Estávamos mais a salvo na nossa área. O lugar onde a minha família vivia ficava afastado da rua principal e dos edifícios importantes, por isso os alemães não estavam interessados em nós. No entanto, sempre que íamos à rua principal, corríamos perigo. A maioria das lojas ainda tinha as placas esburacadas que foram pregadas durante os bombardeamentos. Os negócios dos ovos e das cerdas foram encerrados. Os poucos que estavam abertos foram assumidos por cristãos.

Se uma mulher usasse a estrela judaica, os nazis insultavam-na da mesma maneira que insultavam um homem. Mas não as violavam, nem agrediam. Não de início. Por alguma razão, queriam mostrar uma faceta respeitadora. Isso durou umas semanas, mas a máscara caiu. Depois, passaram a tratar também mal as mulheres, agrediam-nas, pontapeavam-nas, cuspiam-lhes, tal como aos homens. Batiam-lhes no rosto, nas virilhas, onde a arrogância os levasse.

Não podíamos sequer ter a nossa casa só para nós. O Conselho Judaico informou-nos brevemente de que havia judeus a ser transportados para a nossa cidade vindos da metade ocidental da Polónia, e que teríamos de acolher uma família. Só descobrimos quando um membro do Conselho foi a nossa casa e anunciou que acolheríamos uma família de outra cidade, já com a família atrás dele. Tudo o que tinham eram duas malas pequenas, alguns pacotes de roupa interior e uma pequena panela.

– Devem acolher estas pessoas. Tirem partido disso – disse.

Temos um longo caminho pela frente, pensei.

A situação da família era lastimável. Não tinham amigos nem familiares aqui. O menino e a menina aconchegavam-se num canto. O pai olhava para nós, abalado, e dizia:

– Por favor, façam o que puderem por nós. Não pedimos para estar aqui.

– Assim faremos – respondeu o meu pai.

– Não se preocupem connosco – afirmou o pai deles. – Sobreviveremos desde que tenhamos um teto. Não vamos fazer a vossa vida miserável.

Era muito apertado. A nossa casa tinha apenas entre quarenta e dois a cinquenta e seis metros quadrados. Na primeira noite, as duas famílias comeram juntas. Tínhamos pena deles. A nossa situação era complicada, mas pelo menos conhecíamos os vizinhos e vivíamos na nossa rua. Eles não conheciam ninguém. Jantámos batatas e pão, e o meu pai disse uma pequena oração: «Obrigado, Deus, por termos o que temos.»

A nova família, cujo apelido não me recordo, era constituída pelo casal e dois filhos. O marido estava na meia-idade, talvez com quarenta e cinco anos. A esposa andava pelos quarenta, com longos cabelos pretos. As crianças, um rapaz e uma rapariga, tinham sete e oito anos.

O homem e a mulher pediam constantemente desculpa por estarem ali, cientes de que a cultura judaica exige cuidar do bem-estar dos convidados, mas não era como se os tivéssemos convidado a viver connosco. Sabiam que ia ser complicado. Em casa, já éramos cinco crianças, mais os meus pais. Agora, tínhamos mais quatro pessoas.

A nossa parte do *four-plex* tinha dois quartos, um para os nossos pais e outro para as crianças. Cedemos um dos quartos à nova família. Na cozinha, havia um banco fixo com lugar para quatro pessoas. Tinha um topo com acabamentos que cobria uma cama. À noite, retirávamos a cobertura, e eu e o meu irmão Hymie dormíamos aí. Os meus pais ficavam no seu quarto com o meu irmão mais novo, Benny. Fay e Rachel dormiam juntas num sofá-cama na sala. Felizmente, tínhamos muitas mantas, as suficientes para partilhar.

Reconheço o mérito do pai. Durante um mês, andou de porta em porta a pedir. Depois, trabalhou para agricultores, à noite, a cortar madeira e a limpar estábulos. Ganhava batatas e cenouras por uma noite de trabalho. Também ia a fábricas antigas roubar madeira, e fazia dinheiro ao levar a madeira a quem precisasse. A mãe ficava com as crianças no quarto ou levava-as à rua para brincar.

Hymie Firman, o noivo da Fay, construíra uma cozinha no corredor arejado entre as casas para que pudéssemos cozinhar confortavelmente no verão. Agora, era onde a nova família cozinhou.

As duas famílias viviam na mesma casa, mas tinham vidas separadas. Dávamos os bons-dias uns aos outros, e depois continuávamos com o respetivo dia a dia. Admirávamos a família por serem autossuficientes.

Os alemães começaram a sufocar lentamente a cidade. Tentar encontrar comida e roupas e aquecer as casas com o frio cortante do inverno – às vezes atingia os vinte graus negativos – eram problemas nossos, não deles.

Passadas algumas semanas, ouvi os meus pais a conversar.

– O fim está próximo – disse a minha mãe. – Apenas não sabemos quando irá acontecer. Um dia, talvez em breve, estaremos todos mortos.

Mesmo assim, esforçavam-se imenso para que não soubéssemos como se sentiam. Em vez disso, confidenciavam-nos o que iriam fazer para nos manter alimentados.

– Temos de começar a negociar os nossos bens. Podemos chorar e sentir pena de nós próprios ou fazer algo – disse-nos o meu pai. – O melhor é tentar juntar comida suficiente para continuarmos a sobreviver.

Pusemos mãos à obra. Voluntariei-me para limpar os estábulos dos alemães e alimentar os seus cavalos musculosos, que serviam para carregar armamento e comida. Os soldados encarregados dos cavalos andavam pela meia-idade, demasiado velhos para combaterem a sério.

Eu deixava os estábulos a brilhar e em ordem. Quando dava comida a um cavalo, assegurava-me de que nenhum pedaço de aveia ficava no chão muito tempo. Era instintivo. A nossa casa estava sempre muito asseada, imaculada, e tínhamos todos aprendido a fazer a sua parte para a manter dessa forma. Além disso, o meu pai tivera cavalos, levados pelos alemães. Eu lavara os cavalos e o estábulo do meu pai, por isso fazia o mesmo aos alemães.

Qualquer que fosse o trabalho, fazia-o a cem por cento. A primeira vez nos estábulos alemães, lavei os cavalos com um balde de água e um pente grande. Quando os alemães voltaram, cada cavalo reluzia.

– *Danke schön, danke schön* – diziam repetidamente.

Andavam à volta dos cavalos, admirando o quão limpos estavam. Alguns até me deram pedaços de pão velho e sopa. Quando limpei os vagões, a reação foi igual. Davam-me uma pancadinha na cabeça juntamente com mais sopa e pão velho, muito do qual levava para casa.

– Há aqui uma lição – disse a Hymie. – Os nossos pais podem ser pessoas muito asseadas, mas os alemães veneram a limpeza. – Lição que, mais tarde, me salvaria a vida vezes sem conta.

Hymie, que, tal como eu, era demasiado novo para entrar na lista dos alemães de potencial trabalho escravo, fazia também trabalhos ocasionais para as tropas alemãs. Davam-lhe pão velho, sopa, o que tivessem de sobras. Às vezes, a comida que eu e ele trazíamos para casa era tudo o que havia para comer.

A maioria da minha família era forçada a trabalho escravo. O Conselho Judaico nomeou as minhas irmãs para criadas de alguns dos trezentos oficiais alemães lá destacados. Elas mantinham tudo limpo e os fornos quentes. Pelo menos, os oficiais não tentavam molestá-las.

O meu pai foi enviado para descarregar vagões num comboio que se deslocava entre as fronteiras da Rússia e da Alemanha. As estações ficavam a cinquenta e seis quilómetros. Os alemães

enviavam bens para a Rússia, majoritariamente couro, pratos, camiões e carros. Os russos enviavam de volta fardos de algodão, trigo e óleo. Todas as noites que o meu pai regressava a casa parecia um pouco mais velho, o rosto encovado, os ombros curvados. Apareceram-lhe rugas, e o cabelo tornou-se grisalho. Tinha trinta e oito anos, mas aparentava ter mais dez.

Os alemães batiam-lhe constantemente. Eu sabia-o apenas porque o meu pai contava.

– Há muitos espancamentos e querem que trabalhemos mais até quando não temos energia. Vou apenas com uns pedaços de pão e um pouco de água. Não tenho forças – murmurava-me, débil.

Corriam rumores de que andavam a reunir pessoas noutras cidades e a enviá-las para lugares desconhecidos. Estes incidentes foram-nos contados por judeus desenraizados. Estas pessoas, que tinham à volta de quarenta anos, falavam-nos dos filhos, adolescentes e mais velhos, enviados para campos de trabalho; as crianças mais novas ficaram com os pais.

– Quando vão começar a fazer-nos isso? Porque mandam pessoas para aqui, ao invés de nos enviarem para outro sítio? – perguntei aos meus pais. Não sabiam. Ninguém na cidade sabia.

Estávamos demasiado ocupados com a sobrevivência para pensar nessas questões. A falta de comida criou um mercado negro. Muitos de nós mantivemos objetos de valor escondidos: joias, peças de ouro, até dólares americanos. À noite, o meu pai e outros caminhavam cerca de seis quilómetros até fora da cidade para trocar com os agricultores produtos por comida, principalmente pão e batatas. Carne e ovos eram luxos que ninguém conseguia encontrar ou comprar. Quem fosse apanhado fora da cidade era espancado, por isso, tinham de ter cuidado.

Depois veio a neve, um dos piores nevões que já tinha visto. Caiu em cascatas, soprada por um vento cujo frio cortava até aos ossos. A neve atingiu uma altura de três metros e sessenta e cinco, paralisando a cidade. A única maneira de circular era de cavalo. Os

agricultores usavam carroças puxadas a cavalo para chegar à cidade; a neve impedia as pessoas de ir até eles.

A cidade estava coberta de branco porque não havia maneira de limpar tanta neve. Qualquer passeio ou estrada que se limpasse com uma pá, no dia seguinte, estava de novo coberto. A neve caiu durante três ou mais meses.

Os alemães desesperavam por manter as estradas desobstruídas para os veículos militares. Queriam entregar comida e equipamento ao exército, que nessa altura estava espalhado até à fronteira russa. Chegaram a uma solução óbvia: usar os judeus.

Havia cerca de cinquenta cidades entre nós e a fronteira alemã. Cada cidade e aldeia tinha de contribuir com pessoas para a limpeza da neve. Muitos, incluindo o meu pai, foram forçados a limpar a neve das autoestradas com pás. Eu estava livre do Conselho Judaico porque ia fazer catorze anos, e ainda não me registara, não sendo selecionado para trabalhos nem visado para qualquer maldade que os alemães tivessem em mente. Dadas as circunstâncias, era privilegiado, e os meus pais estavam satisfeitos por não ter sido apanhado pelos tentáculos nazis.

Ainda assim, via o meu pai chegar exausto, às vezes a sangrar de uma pancada, outras vezes não. Era agora um homem em pedaços, esgotado pelos espancamentos e trabalho forçado. Eu era o rapaz mais velho. Para mim, a minha decisão era clara.

Numa manhã bem cedo, quando o meu pai foi trabalhar, olhei para a minha mãe e irmãos e disse:

– Não sei quanto tempo o pai vai durar devido ao seu estado. Não suporto assistir a isto. Sou o rapaz mais velho. Vou substituí-lo.

A minha mãe desatou a chorar e abraçou-me.

– És tão novo, e eles andam a bater nas pessoas – lamentou-se.

– É o meu pai. Sou mais novo. É o meu dever – disse, afastando o seu abraço. Ela virou-se para que não a visse chorar, mas os seus ombros arfavam e ouvi-a a fungar e a assoar o nariz. Sentia-me mal, pior do que ela, mas tinha de o fazer.

No dia seguinte, quando o meu pai se arrastou do trabalho para casa, confrontei-o.

– Pai, vou substituí-lo. Ainda não estou registado, por isso os alemães não sabem sequer que existo. Está esgotado.

O meu pai olhou para mim, com tristeza e alívio no rosto. Vi bolhas de humidade a formar-se-lhe nos cantos dos olhos. Não era uma pessoa emotiva, mas este gesto claramente emocionou-o.

– Queres fazê-lo? Vai em frente. Mas não vai ser fácil.

– Estou pronto.

Levantei-me às três e caminhei pelo ar gelado da noite até ao sítio indicado. A minha mãe deu-me um pedaço de pão e água numa garrafa de vidro, que guardei no bolso. Tínhamos de lá estar às sete. A neve estava tão alta que tínhamos de andar de gatas, como macacos.

Cerca de oitenta de nós fomos como sardinhas enlatadas num único camião. Quando chegámos, foi-nos dito que cada um tinha de escavar seis metros de estrada até ao chão. O problema era que a neve continuava a cair, por isso não conseguíamos fazê-lo, por mais que escavássemos.

Não havia pausa para o almoço. Dávamos dentadas em qualquer coisa que tivéssemos levado enquanto trabalhávamos. Pouco depois de eu chegar, vi pela primeira vez um espancamento a sério. O homem ao meu lado era demasiado lento para os guardas; portanto, chegaram ao pé dele e começaram a chicoteá-lo no rosto e nas costas.

– Não te estás a mexer rápido o suficiente. Mais rápido, mais rápido, mais rápido – gritavam-lhe os guardas. Estava chocado, mas esse sentimento passou rápido. Todos os dias seria assim, e eu tive a minha dose de pancada. Permitiam-nos finalmente terminar por volta das dezoito.

O meu trabalho foi limpar neve o inverno todo. Estávamos sempre encharcados. Muitos ficaram engripados, o que atacou os pulmões, tornando-se em pneumonia. A temperatura era abaixo de zero. Muitos morreram. Não era surpresa. Eu vestia o que a maioria

vestia: um casaco fino, calças e uma camisola velha. Os meus sapatos estavam sempre molhados.

Trabalhávamos sete dias por semana, com pouco para comer. A minha mãe continuava a dar-me um recipiente pequeno com água quente e uma fatia de pão. Era o que a família podia ceder.

O meu pai, quando o substituí, não ficou em casa. Tentava fazer a sua parte. Tinha uma arma, uma pistola pequena de quando entregava cigarros do Governo. Os cigarros eram bastante valiosos, por isso, forneceram-lhe uma arma para se proteger. Hymie e eu tínhamos conhecimento da arma porque a encontrámos onde a escondera, nas vigas do sótão.

De vez em quando, Hymie e eu subíamos até ao sótão, tirávamos a arma, e ficávamos a contemplá-la, sentindo o peso nas nossas palmas, fingindo que a disparávamos. Nunca o fizemos, claro. O pai daria cabo de nós. Agora, levava a arma com ele quando saía de noite. Ouvi o meu pai a falar com a minha mãe.

– O que tivermos, temos de trocar por comida – disse. – Sem comida, morremos. Os agricultores trocarão por qualquer coisa, porque, com todas as lojas judaicas fechadas, há pouco que possam comprar.

Quando mergulhava na escuridão, tinha carga valiosa para permutar. Yudel guardara muitos bens de valor comprados com os lucros dos negócios dos ovos e das cerdas. Embora encerrados, proporcionaram-lhe uma boa vida, por isso tinha peças de ouro e dólares. O dinheiro polaco não valia nada. Yudel possuía também dezenas de sapatos, calças, roupa interior, toalhas de mesa e lençóis. Às vezes, até negociávamos as nossas roupas de inverno.

O meu pai partilhava frequentemente a nossa comida com outras famílias. Ver as pessoas passar fome doía-lhe no coração. Fez o mesmo pela família que vivia connosco. O pai deles trabalhava arduamente para alimentar a família, mas às vezes não tinham nada.

– Como poderia deixá-los passar fome debaixo do meu teto? – perguntava-me o meu pai. Eu admirava a sua atitude, e entendia

que partilhar comida era uma maneira de expressar que ainda éramos seres humanos, não animais. É uma crença que carreguei ao longo da vida.

Os vizinhos descobriram as incursões do meu pai às casas dos agricultores e deram-lhe alguma da sua roupa para negociar. O meu pai colocava a arma no seu grande casaco preto de inverno e carregava o que Yudel lhe dera, assim como roupas e botas, e panelas e tachos do armazém da minha mãe.

Normalmente, enfiava tudo numa saca com quase um metro de altura, embrulhava-a à volta do pescoço como um cachecol. Gatinhava pela neve no inverno e nadava num rio com pouca profundidade no verão. Quando regressava, horas mais tarde, a saca continha alguma comida, como pão duro, batatas, cenouras, o que os agricultores tivessem para trocar. Geralmente, a comida chegava para cinco dias. Cada um de nós recebia um pedaço de pão todos os dias, e o que restava comíamos ao jantar. Estávamos mais magros, e a roupa começou a dançar-nos no corpo.

Os alemães montaram a esquadra da polícia dos guetos judeus numa sinagoga próxima, profanando intencionalmente as nossas instituições religiosas. A vida complicou-se devido aos traidores. Nos primeiros meses de ocupação, os alemães formaram um esquadrão de polícia judaico. Os que se juntaram eram jovens no fim da adolescência ou com vinte e poucos anos. Vinham de berços abastados; logo, eram aceites, pois os pais tinham dinheiro para subornar os alemães. Eu conhecia as famílias porque Yudel me apresentara. Eram filhos de fabricantes, pessoas cujos negócios produziam solas de couro, cerdas e carruagens.

Ser um polícia judeu era um bom acordo para pessoas sem consciência. Recebiam comida extra e podiam circular pela cidade mais livremente do que os restantes. Nunca me abordaram para o trabalho, e o meu pai nunca me deixaria fazê-lo. Ele não faria mal nem a uma mosca.

– Os traidores. Eles não vão ajudar a nossa agonia. Estão a fazer-nos pior por razões egoístas. Aqueles canalhas – murmurou.

Raramente dizia asneiras à nossa frente. Desta vez, estava irritado.

Eu ainda não tinha visto nenhum polícia judaico. Então, um dia virei uma esquina e deparei com meia dúzia deles a caminhar ligeiramente, patrulhando as ruas. Traziam chapéu e uniforme semelhantes aos da polícia polaca, com duas diferenças: a polícia judaica era obrigada a usar a estrela de David no boné, e não transportavam armas, apenas um cassetete de borracha.

Não bastava termos os alemães atrás de nós. Agora até o nosso povo bajula os alemães. Vão entregar-nos, espiar-nos, bater-nos, tornar a nossa vida ainda mais miserável. Estes traidores pensam que os alemães vão estar gratos e que os irão salvar. Enganam-se, pensei.

A polícia judaica acabou por ser pior do que eu imaginava. Lazar era também responsável por eles, e garantiu-se que cumpriam as ordens dos alemães. Na verdade, os polícias judeus tornaram-se espiões, entregando muitas pessoas que estavam escondidas.

Por enquanto, só patrulhavam. Às vezes, acompanhavam-nos até ao nosso local de trabalho. Para mostrar lealdade para com os alemães, agrediam-nos com mais força do que eles.

Fiquei atónito ao ver que algumas pessoas do nosso povo se viravam contra nós. Sabia que os pais possuíam libras esterlinas, dólares, ouro, e outros bens materiais e conexões que os suportariam durante a guerra. Os pobres não tinham hipótese, e estes traidores eram a prova viva. Ainda assim, tinham a ousadia de viver entre nós enquanto vizinhos.

Rapidamente, os alemães restringiram o número de poços que podíamos utilizar. Não havia água corrente na cidade; portanto, os poços eram a nossa única fonte. Agora, podíamos usar apenas dois, embora existisse uma dúzia na cidade. Dos dois, um ficava frente à esquadra da polícia judaica. Logo, ouvimos dizer que a polícia apanhava pessoas que iam a esse poço e que as forçava a trabalho escravo. Agora, ninguém ia lá abastecer-se.

O segundo poço situava-se nos limites da cidade, cerca de quatrocentos metros a sul da nossa casa. As horas não estavam

delimitadas. Íamos depois das vinte e uma, quando os alemães terminavam as patrulhas.

Entretanto, muitos jovens cristãos no final da adolescência até, talvez, aos vinte e muitos anos, eram apanhados e forçados a trabalhar nas quintas e fábricas alemãs. Os soldados não levavam muitos judeus. Não éramos de confiança para as linhas de montagem. Ao invés, os rapazes judeus trabalhavam nas estradas e autoestradas.

Um pequeno número de pessoas estava bem. Alguns agricultores tinham sempre comida extra, embora os alemães lhes exigissem vinte e cinco por cento dos produtos para o esforço de guerra. Iam a cada quinta e contavam o que tinham e informavam o agricultor do quanto a doar. Em cada aldeia havia alguém encarregado de recolher o que os agricultores eram obrigados a dar.

Em todas as cidades havia um armazém com animais vivos, onde cada agricultor tinha de entregar determinado número de gado, porcos, ou cavalos. Durante o inverno, a maioria deles conseguia ir à cidade num trenó puxado por um cavalo.

Alguns agricultores tinham ainda bastante comida porque haviam escondido parte do cultivo e vendiam-no no mercado negro. No entanto, se os alemães nos apanhassem a negociar com os agricultores, batiam-nos. Arranjar madeira era igualmente arriscado. Encontrámos fábricas antigas que os alemães fecharam. Eram de madeira, logo, arrancávamos as tábuas e carregávamo-las até casa para queimar no fogão novo. Quando a minha mãe remodelou a casa, instalou cozinhas modernas. Tínhamos duas, uma no corredor entre as casas, onde cozinhávarnos durante o verão, e a outra, com um fogão a lenha.

Era irónico que tomássemos medidas tão primitivas para alimentar um utensílio moderno, mas não tínhamos como arranjar carvão. As fábricas que decidi saquear eram as que se encontravam mais perto de casa, a mais próxima, a cinco quarteirões. Eu continuava a ir a essa, que fazia peliça de carneiro para os casacos de cabedal utilizados pela força aérea polaca.

A fábrica era toda de madeira, das portas às paredes. Até as janelas estavam tapadas com tábuas. Procurava a madeira mais antiga, porque essas partes estavam gastas e frágeis; logo, eram mais fáceis de arrancar.

Esperava até perto da meia-noite. Por essa altura, os alemães tinham ido dormir e a polícia polaca assumia funções. Esgueirava-me até à fábrica de peliça e usava um pequeno machado para tirar os pregos, de modo a poder retirar as tábuas. O vento uivava e havia gelo pendurado no teto; a temperatura congelava-me os ossos. Mas passados vinte minutos teria lenha suficiente para dois ou três dias.

Essa procura era traiçoeira porque não havia forma de remover as tábuas sem fazer barulho. Ser apanhado era perigoso. A hora de recolher era às vinte, no máximo, e quando a polícia avistava alguém na rua depois dessa hora disparava para matar. Estive perto de morrer umas duas vezes. Em cada ocasião, ouvi o estalo de um tiro e um som agudo no momento em que as balas ricochetaram de alguma coisa metálica, ou uma «pancada» quando a bala se enterrou na madeira perto da minha cabeça. Quando ouvia esses sons, pegava no machado e na madeira que já tivesse comigo e corria, dobrado, para não me verem.

Tínhamos uma consolação. Até os alemães enfrentavam uma vida miserável no pior dos invernos. Isso não os impedia de nos importunar, claro. Faziam buscas frequentes às nossas casas, sem aviso prévio. Irrompiam. Se não se lhes respondesse corretamente, davam-nos um murro no nariz ou pancadas na cabeça.

Os fabricantes judeus com armazéns eram particularmente vulneráveis. Os alemães ou forçavam-nos a ir aos armazéns buscar os bens materiais, ou iam eles e sacavam o que queriam.

Yudel era esperto. Escondera coisas no armazém, mas também muitos bens valiosos em sítios menos óbvios, como debaixo da casa, ou na cave da fábrica, onde instalara uma parede falsa. Aí, guardara cerdas finalizadas, roupas, e muitos outros bens.

A polícia judaica sabia que o meu pai tinha utensílios de cozinha e material de revestimento dos arreios – restos de cerdas de porco – no armazém. De pronto, mandaram que lhes entregasse esse material. Estávamos a meio da tarde quando a nossa porta bateu ruidosamente na parede. Deram-lhe um pontapé, e irromperam pela sala.

– Queremos todos os vossos tachos e panelas e revestimentos de cerdas. Agora, porra, ou disparamos em vocês e nos vossos filhos – vociferaram.

O meu pai não teve alternativa. Sacaram tudo o que quiseram. Tivemos até de levar algumas das coisas aos armazéns deles. Roubaram-nos a maior parte do que tínhamos, mas eram exigentes, deixando para trás mercadoria partida ou de segunda categoria. Os meus pais não conseguiam dizer nada. Estávamos todos atordoados e assustados.

A nossa situação era típica. Quando a polícia judaica nos visitava, sabia o que procurava. Se tivesses forma de o esconder, fazia-lo. Se não, tinhas de o entregar. Logo depois dessa visita, o meu pai construiu uma parede dupla onde podíamos esconder as botas, os casacos e os vestidos elegantes da minha mãe. Os alemães queriam grãos de café, peles, couro, solas de couro, roupa chique de mulher – gostavam particularmente de pele de raposa ou de *vison* – solas de sapatos, esse tipo de coisas.

Apesar da nossa precaução, a polícia judaica veio à nossa casa algumas vezes e levou roupas novas, casacos, peles, uma meia dúzia de pares de sapatos novos do meu pai. A polícia vivia entre nós. Sabia o que possuíamos e onde o guardávamos. Ou um bufo provavelmente contar-lhes-ia.

Quando vinham à nossa casa, diziam:

– Abduquem das coisas. Ou os alemães chegam e vão arrepender-se. É melhor darem a alguém como nós do que receberem a visita deles.

Tinha vontade de cortar a língua desses traidores, mas mantinha-me quieto. Tinha de o fazer. Uma vez, a polícia polaca e os alemães

vieram. Sabiam que a minha mãe e o meu pai tinham bens valiosos.

– Têm de obedecer à lei – disse um soldado alemão ao meu pai, espetando o dedo no peito dele. – Deem todo o ouro e a prata, ou a vossa vida será um inferno.

Os alemães sujeitavam-nos frequentemente a discursos quando entravam nas nossas casas. Diziam-nos para entregarmos os objetos de valor, gritavam-nos que os judeus eram responsáveis pela guerra, que os judeus americanos apoiavam a guerra e que a culpa era nossa.

O alemão que liderava o grupo fez o mesmo desta vez. Depois, o meu pai foi ao quarto e regressou com o seu relógio de ouro; a minha mãe ofereceu um par de brincos de herança.

– Okay, levem estes – disse o meu pai. – É tudo o que temos.

Os alemães não podiam provar o contrário; portanto, foram-se embora. Na verdade, os meus pais guardavam os restantes bens valiosos num saco à prova de água debaixo do solo.

Após os intrusos saírem, a minha mãe voltou-se para o meu pai e disse:

– Querem-nos eliminar lentamente. Não tarda, estaremos mortos. É apenas uma questão de tempo.

Sabíamos quando um vizinho era espancado porque os vizinhos ainda conversavam uns com os outros. Sabíamos que muito pior acontecia noutros lugares. Os judeus desenraizados de outras cidades e despejados nas nossas casas recontavam tiroteios, ou espancamentos que continuavam até as vítimas soltarem o último grito.

Sabíamos também o que acontecia através dos alemães. Quando tínhamos de trabalhar para eles, conseguíamos às vezes ver os seus jornais, os quais roubávamos ou levámos para casa. A maioria de nós falava e lia alemão porque falávamos iídiche, uma língua germânica. Sabíamos e compreendíamos o que as histórias contavam, o que significava que tínhamos conhecimento do que Hitler fazia aos judeus.

O inverno continuava como uma maldição. As estradas permaneciam cobertas de neve e os alemães não podiam mover os veículos. Limpámos a neve durante toda a noite; no dia seguinte, as estradas estavam novamente cobertas.

Os alemães despejavam mais judeus na nossa cidade. Adolescentes e pessoas na casa dos vinte e até trinta eram despachados para fábricas de trabalho escravo. Os mais idosos, os de meia-idade, muito novos, ou doentes e aleijados, eram trazidos até nós. Os alemães sabiam que aquilo que tínhamos em abundância eram fábricas vazias, armazéns e sinagogas.

Sabíamos que, noutros lugares, os judeus eram expulsos das suas casas. Víamos as fábricas a encher-se, e mais pessoas de porta em porta a pedir comida. Sabíamos que dormiam no chão desses edifícios, sem comida, sem água corrente, nem aquecimento. E que tremiam, cobrindo o rosto e a cabeça com as únicas roupas que tinham para se aquecerem.

Muitos morreram. E os cadáveres eram colocados à frente da porta, a maioria, crianças e idosos, centenas. Os coveiros tinham um carrinho de mão pequeno, de duas rodas, no qual carregavam oito ou dez corpos, e levavam-nos para o cemitério a fim de serem despejados em valas comuns. Depois, iam buscar mais. A maioria dos corpos estava congelada.

Tentava arranjar comida quando voltava do trabalho. Éramos todos abutres, à procura de algo que nos mantivesse aquecidos. Um dia, segui os coveiros desde as fábricas e das sinagogas até ao cemitério. Vi, repetidamente, as valas comuns, as pilhas de braços e pernas e cabeças esboçando o olhar da morte, com os olhos bem abertos, numa espécie de espanto por terem morrido de forma tão trágica. Passar fome, ou congelar até à morte. Vomitei.

Vimos muitos dos despojados à nossa porta. Os pais enviavam os filhos pequenos, porque sabiam que as pessoas tinham mais compaixão pelas crianças. Com eles, traziam um prato pequeno, o qual estendiam enquanto nos olhavam com ar penoso.

– Por favor, deem-nos a comida que puderem dispensar. Estamos cheios de fome – diziam, com grandes olhos redondos e narizes a pingar. Dávamos um pouco de côdea de pão, um pedaço pequeno de batata. As crianças vinham tanto de dia como à noite.

A família que vivia connosco não era exceção. Mandavam as duas crianças pedir, até depois de o marido ir trabalhar, ajudando os agricultores. Não nos importávamos que vivessem na nossa casa. Podia ter acontecido connosco. Eram nossos irmãos e irmãs. Pertenciam a este país. Queriam apenas uma casa feliz, trabalho e uma *chance* de criarem os filhos. Aquelas crianças não brigavam nem choramingavam. Dei-lhes até alguns dos meus velhos sapatos, camisolas e mantas.

– Nós temos tudo; vocês não têm nada – dizia-lhes. – Hitler roubou-nos toda a liberdade. E o mesmo aconteceu convosco.

O nosso povo sempre se resguardou, orgulhando-se de serem bons vizinhos. Mas quando as pessoas passam fome, são obrigadas a roubar. Tínhamos empilhado batatas e cenouras sob palha, mas a provisão diminuía. Sabíamos que os vizinhos nos roubavam comida, mas o meu pai encolhia os ombros.

– Não é vergonhoso roubar quando passas fome. As pessoas têm de sobreviver – disse.

Havia um hospital judeu numa sinagoga abandonada. O pessoal era constituído por médicos voluntários judeus, que faziam o melhor que podiam. No entanto, não tinha medicamentos. As pessoas morriam às centenas. Eu via o que acontecia mais do que gostaria porque a casa de Yudel ficava frente ao hospital.

Um dia, enquanto a neve derretia em riachos pela cidade e o sol voltava a sentir-se mais quente, apareceu uma tabuleta na praça da cidade. A tabuleta dizia: «Todos os jovens devem reunir-se na praça dentro de uma semana para atribuição de trabalho. Quem não aparecer e for apanhado, será baleado.»

Não sabíamos o significado da tabuleta, mas sabíamos que não seria bom.

Capítulo Três

O DISFARCE CRISTÃO

Algumas noites após o aparecimento da alarmante tabuleta, bateram-nos à porta. Se fossem os alemães, teriam irrompido, por isso tinha de ser outra pessoa. O meu pai entreabriu a porta, e na rua estava um vizinho judeu que possuía um moinho e que vivia com a irmã no outro lado da rua. O meu pai apressou-o para a cozinha, onde a minha mãe e eu estávamos sentados. Ele olhou atentamente para mim e para o meu cabelo loiro e olhos azuis. Depois, virou-se para o meu pai.

– Joe é bem-comportado, asseado e arrumado. Com a cor do cabelo e dos olhos dele, pode passar por gentio. Conheço um agricultor que lhe dará trabalho. Joe já é um homem, em muitos sentidos. Devia ajudar a família. Pô-lo-iam a trabalhar durante o verão. Pagar-lhe-iam com comida, e isso significa que a família sobreviverá. Gostarias?

A minha mãe reagiu como se tivesse sido atirada da cadeira.

– Sim, sim, sim, sim, sim, sim – clamava ao saltar, quase em lágrimas.

Fiquei atónito. Se conseguisse concretizar aquela ilusão, podia salvar a minha família. Para os salvar, mataria, faria qualquer coisa. Se o plano resultasse, não teria de me registar, e os alemães não me conheceriam. Sabia que, se o estratagema não resultasse, os agricultores e eu seríamos baleados.

O dinheiro agora não valia nada. A comida era a chave para a sobrevivência, e passar por cristão significava que a minha família podia sobreviver.

Uma semana depois, o filho mais velho da família da quinta veio à nossa casa. O seu nome era Olszeck Zbanski. Era esguio, a ponto

de ser escanzelado, talvez com um metro e setenta e cinco, mas com uma intensidade verdadeira no rosto.

A nossa família reuniu-se na sala de estar.

– Tomaremos conta do Joe, e ele de nós. Somos agrónomos, os meus dois irmãos e eu. Os alemães fazem-nos saltar de quinta em quinta a tentar calcular quanto do que produz cada agricultor deve dar à Alemanha. Não nos resta tempo para trabalhar na quinta, e os alemães não nos deixam. Gostaríamos que o Joe viesse ajudar-nos quando o tempo ficar mais quente – disse aos meus pais.

– E o que fará o Joe? – perguntou a minha mãe, um pouco cética. A oferta era quase demasiado boa para acreditar, e ela procurava um senão.

– Joe fará o que for necessário: arar o campo, pintar o celeiro, reparar a maquinaria – respondeu.

– Ele é um bom rapaz – disse o meu pai, anuindo. – Gostaria de vos ajudar e, como contrapartida, tenho a certeza de que farão algo por nós quanto a comida durante o inverno.

Os meus pais sustiveram o fôlego. Comida era a chave do negócio.

– Sim, sim – disse Olszeck, abanando a cabeça em uníssono com o meu pai. – Era isso que tínhamos em mente.

O meu pai esticou a mão, e Olszeck apertou-a firmemente. O acordo estava feito.

Por enquanto, tinha de continuar a trabalhar para os alemães. Tinham o meu pai listado para trabalhar no aeroporto, embora eu estivesse a substituí-lo.

Conseguí aguentar os dois meses seguintes, e os Zbanski pediram que fosse no final de abril. Arrumei os meus parcos pertences: um casaco, duas camisolas e um par de sapatos. Via as linhas de expressão a intensificar-se no rosto dos meus pais. Mas eles e os meus irmãos estavam também felizes.

– Olha, conhecemos o nosso vizinho há muitos anos, e ele diz que a família a quem enviamos o Joe são boas pessoas – disse o meu pai na noite anterior.

– Eu sei. E ele trará comida, de que precisamos muito. Quando vais ter com os agricultores com o pouco que temos para trocar, eles não oferecem muito. Temos cinco pessoas para alimentar. Temos de o fazer – disse a minha mãe.

Nessa manhã, a minha família chorou de alegria porque eu iria trazer comida para casa. Beijaram-me, abraçaram-me. Parecia que ia para a América. A minha mãe conhecia a família, de qualquer maneira. Era negociante. Quando os agricultores iam à cidade, visitavam-na, e ela encontrava roupas, ou o que tivesse para trocar. Muitos comerciantes tinham bens guardados, por isso a minha mãe negociava os seus bens tanto com os comerciantes, como por comida que recebia dos agricultores. A minha família não queria que saísse de casa numa altura tão perigosa, mas não tinham escolha. Mal sabiam como arranjar a refeição seguinte, mesmo com as transações da mãe.

Fui até ao mercado e conheci Olszeck, que me levou até à quinta. Fui apresentado a toda a família Zbanski: três irmãos, uma irmã, mãe e avó. O pai falecera. Como o filho mais velho dissera, ele e os irmãos não podiam trabalhar na quinta. Eram agrónomos, demasiado ocupados a decidir quanto da comida dos vizinhos iria para os alemães.

Fiquei espantado com o tamanho da quinta. Tinham um celeiro, quatro estábulos, um pequeno armazém, seis cabeças de gado, uma dúzia de porcos, cem galinhas, perus, três cavalos, e sessenta hectares. Segundo os padrões daquela pequena comunidade, eram ricos.

A família Zbanski era, na verdade, governada pela avó, de setenta e dois anos, uma idade avançada para a época e o lugar. Apresentava apenas algumas rugas no rosto, que era tão radiante que parecia ter sido esfregado momentos antes. Era quase austera na maneira como se comportava. As costas muito direitas. O cabelo grisalho puxado num coque apertado. A voz era rouca.

Embora aparentasse ser cerimoniosa e severa, rapidamente me adotou. Lavava as minhas roupas e garantia que eu tinha comida de

sobra, e cuidou que eu fosse dormir a horas. Era quase como uma segunda mãe judia. Fez com que os irmãos me dessem alguns dos seus sapatos velhos, e arranjou-me casacos quentes, forrados com pelo de ovelha, para vestir. Quis até que me casasse com uma das netas.

As duas noras que viviam na quinta eram ambas senhoras bonitas, loiras e de olhos azuis, muito asseadas. Também me tratavam bondosamente. Davam-me almoço quando ia para o pasto. Perguntavam-me sempre com um sorriso se estava cansado.

A avó, a filha e as duas noras faziam todas as plantações. Cheguei pouco antes da época de plantio, quando a neve para de derreter e o solo está mais recetível a sementes novas. Às vezes, espalhava as sementes; noutras, andava com os cavalos. Em três dias, a plantação estava terminada.

A família apresentava-me aos vizinhos como um sobrinho de Varsóvia. Este estratagema era viável porque eles tinham muitos familiares nessa cidade.

Depois da plantação, o meu trabalho básico era cuidar do gado e dos cavalos, manter os estábulos e o celeiro limpos, e alimentar os porcos e outros animais. No entanto, havia mais a ser feito. Os irmãos passavam tanto tempo fora que havia muitas tábuas por pregar e janelas rachadas por arranjar. O celeiro e os estábulos estavam imundos.

Quando os filhos voltaram, contaram-me notícias da guerra. Disseram que alguns militares polacos escaparam pela Roménia, e alguns militares da força aérea fugiram nos seus aviões para Inglaterra.

A família Zbanski sabia falar inglês e começaram a ensinar-me. Falavam sobre política em inglês e eu escutava. Aprendi que os ingleses sabiam o que estava a acontecer ali, mas ninguém queria ajudar os judeus.

Os dias tornaram-se rapidamente um padrão do que seria a minha vida durante a primavera, o verão, e o outono nos três anos seguintes, de 1940 a 1942. Trabalhava para os agricultores das oito

às quinze. Arava os campos. Cultivavam bastante: trigo, batata, milho, cenouras. A quinta tinha três cavalos, os quais montava enquanto eles puxavam o arado. Também os alimentava, dava-lhes água e escovava-os; além disso, dava comida às galinhas, às vacas e aos porcos.

Até então, só tratara de cavalos. Outros odores e sons de animais eram novos para mim. Mas as vacas a mugir, os porcos a roncar e os cavalos a relinchar formavam um contraste tão grande com os espancamentos, cacetadas e chicotadas que conhecera durante o resto do ano, que pensei nos sons como música, uma pontuação calma ao silêncio pacífico do campo.

Eu não fazia o trabalho todo. As mulheres ordenhavam as vacas e faziam manteiga e queijo. Eram também elas quem cozinhava mais.

Nos dias de colheita, quando os agricultores eram obrigados a entregar a porção de gado e cultivo que os alemães exigiam, eu guiava o número atribuído de porcos, galinhas, ou o que fosse, até ao ponto de colheita. Os animais iam vivos, e os alemães carregavam-nos em comboios com destino à Alemanha.

Odiaria ter de limpar esses carros de gado depois de chegarem, pensei. Anos depois, estaria a limpar os detritos de carga humana nos carros de gado, mas na altura não tinha como o saber.

No ponto de colheita, os soldados alemães olhavam para mim como se me enquadrasse na paisagem. O meu cabelo loiro e os olhos azuis, emblemas da raça ariana, eram um disfarce perfeito.

Assim eram os meus dias de abril até ao fim de novembro. Na maioria das vezes, a temperatura rondava os vinte e sete graus. Em setembro, baixava para dezoito ou vinte e um durante o dia, normalmente acompanhada por chuviscos. Perto do final de novembro e quando tivesse de voltar para casa, as temperaturas caíam à volta dos sete graus.

Por enquanto, essa altura estava longe. Cerca de uma semana depois de começar, o meu trabalho árduo foi recompensado com muito mais comida. Estava a vigiar o rebanho num pasto que

pertencera ao fantoche que era o Governo polaco. Próximo, meia dúzia de famílias tinham o seu rebanho a pastar nas suas terras enquanto os filhos vigiavam.

Os rapazes eram irrequietos. Juntavam-se e jogavam à bola em vez de cuidarem dos rebanhos, que pastavam em pequenos aglomerados, mugindo e mastigando vagarosamente. Enquanto via os rapazes a jogar, um deles olhou para cima, e veio a correr com um saco castanho na mão.

– Toma, Joe, vigia o meu rebanho – disse. – Fica com o meu almoço.

Pensei em quantos dos meus irmãos e irmãs se podiam alimentar de um dos seus almoços, constituído por produtos criados no seu quintal. A comida era fresca e abundante. Quase chorei. Pus uma mão à volta do saco e abanei a cabeça. Os outros, influenciados pela ideia, deram-me prontamente os seus almoços. Depois, fugiram para nadar num pequeno lago próximo. Agora, tinha uma pilha de pequenas lancheiras aos meus pés, e o aroma a pão, queijo e *bacon* encheu o meu nariz.

– Podia alimentar a minha família durante dias com o que tenho aqui – gritei ao rebanho, que calmamente mastigava a erva.

Desde que as vacas estivessem saudáveis e produzissem leite, as famílias não queriam saber quem as guardava. Eventualmente, descobriram o que fazia e oficializaram-no. Passava com o gado dos Zbanski pelo portão de cada família, onde os filhos esperavam por mim. Ajudavam a misturar o novo gado com as vacas que já tinha. Depois, seguia até à próxima quinta a caminho do pasto do Governo polaco.

Ia com as vacas até lá duas vezes, primeiro às três e trinta, e trazia-as de volta aos proprietários às oito, quando as moscas começavam a ficar desagradáveis. Depois de acabar o trabalho para os agricultores, voltava a pastorear o gado das quinze até às vinte.

Só os gentios tinham autorização para possuir gado. Os judeus estavam proibidos de o ter, por isso venderam-no ou mataram-no, e

mudaram-se para a cidade.

As famílias confiaram-me inconscientemente quinze vacas, a mim, um rapaz judeu citadino que nunca lidara com uma vaca viva. Usar o pasto não era legal, mas fechavam os olhos a isso. Funcionava, e toda a gente gostava dos resultados. Os rapazes disseram-me que os pais estavam maravilhados porque as vacas produziam o dobro da quantidade habitual de leite.

Os Zbanski estavam especialmente agradados porque também as suas vacas engordavam. Para acrescentar à sua recompensa, depois de trazer as vacas de volta do segundo turno, limpava o celeiro e os estábulos, depois cortava madeira para que tivessem lenha para o inverno. Entretanto, tinha bastante comida para levar à minha família. Todos os dias, cada família para quem cuidava das vacas dava-me um saco pequeno como pagamento, que guardava para os meus pais e irmãos.

Guardava tudo o que podia debaixo da palha no celeiro. No final de uma semana ou duas, teria pequenas trouxas de comida com pão, salame, o que conseguisse preservar.

Uma família próxima atravessava um mau momento. As suas terras agrícolas inundavam-se quase sempre que chovia. Constituíam um tipo de projeto comunitário, e eu dava-lhes frequentemente um dos meus sacos de comida. Eles tinham três crianças, e eu não conseguia vê-los passar fome.

Sentia-me um sortudo. Tinha trabalho, teto, comida, e ainda comida extra. Segui a mesma rotina durante os meses que passei na quinta. Aprendi também muitas habilidades que me salvariam a vida mais tarde.

Visitava a minha família aos domingos. Quando estava pronto para sair, avisava os Zbanski, e eles enchiam um bom saco com alimentos que pudessem dispensar.

No outono, tinha um pouco mais de comida, o suficiente para algumas vezes a minha mãe e Hymie irem à quinta buscá-la. Vestiam roupas simples para que nenhum alemão soubesse que

não pertenciam ali. Sempre que iam, notava que tinham perdido um pouco de carne à volta dos ossos.

Quando chegavam, tinha talvez nove quilos de batatas, couves, cenouras, ovos e pão velho. Os Zbanski faziam o próprio pão. Para a minha família, ir até à quinta era como umas férias. Saíam de manhã bem cedo e andavam três horas pela floresta. Ficavam até por volta das catorze. Apanhei a minha mãe algumas vezes a chorar porque os tempos eram muito maus. Era suposto o marido providenciar o sustento da família; em vez disso, o filho de catorze anos mantinha a família viva. Estava tão orgulhosa quanto envergonhada.

Quando visitava a minha família, não havia festa. Teria conhecimento da minha ida duas semanas antes. Avisava os filhos Zbanski, que podiam circular livremente. Depois, eles iam até à cidade e diziam aos meus pais que se preparassem para a minha chegada.

Saía rumo a casa por volta da uma e trinta da manhã. Por essa hora, os alemães, tal como as polícias judaica e polaca, estariam a dormir. Punha um grande saco de juta com comida à volta do pescoço enquanto percorria os nove quilómetros até à cidade pela floresta. Mantinha-me quinze metros no interior da floresta, de modo a que as patrulhas constantes dos alemães e da polícia polaca não me apanhassem.

A oitocentos metros da cidade, saía da floresta e atravessava o rio. Se encontrasse uma zona de pouca profundidade, caminhava. Se não, andava até a água ficar a meio do peito; se chegasse mais acima, nadava. Atava o saco de juta à volta do pescoço e segurava-o com uma mão, e a minha roupa na outra mão, e punha-as acima da cabeça para que nenhuma se molhasse.

A família esperava-me na cozinha. Ficava feliz por os ver, mas a visão deixava o meu coração despedaçado. Os rostos estavam carimbados com a agonia diária. Via as rugas nas faces e na testa. Embora soubesse que não queriam que o visse, os meus pais tinham lágrimas nos olhos. Por dentro, clamavam: «Ajuda-nos, Joe.

Ajuda-nos.» Quando pousava o saco quase se atiravam a ele, de tão esfomeados. O que tinha era suficiente para dar uma refeição por dia a cada um, a diferença entre a vida e a morte.

A minha mãe contava-me o que se passava com o resto da família. O meu pai trabalhava nas autoestradas, depois em rios, cavando margens mais largas. Os alemães pensavam que dominariam o mundo. A nossa cidade estava cercada por rios, e queriam fazer caber os maiores navios de carga no porto. Hymie continuava a tirar fotografias e a pintar retratos para os oficiais alemães.

Fiquei também a saber que a França caíra em junho. Corria o verão de 1940. Quando os alemães ocuparam a França, confiscaram todo o seu armamento. Devido a vivermos entre Berlim e Moscovo, quando ia visitar Yudel, via também milhares de camiões e carros de combate com as marcações francesas dirigindo-se pesadamente à frente russa.

– Joe, da maneira como Hitler age, a Rússia está em maus lençóis. Está rodeada de alemães. Os nazis já apanharam os franceses, e a Inglaterra é a próxima. Depois, os Estados Unidos serão o último país grande a cair – dizia-me Yudel, com o rosto angélico a afundar-se. – Com este andamento, não há quem os pare.

Via milhares de judeus a marchar vindos da estação de comboios. Os meus pais disseram-me que a polícia judaica estava sempre a forçar e a abrir caminho, para ver se cabia mais gente.

A alguns metros de nós localizavam-se várias das fábricas fechadas. Os meus pais informaram-me que, à medida que os alemães conquistavam um território, enviavam mais carros de gado cheios de judeus para a nossa cidade.

– Porque os enviam para aqui? – perguntava o meu pai. – Somos uma cidade pequena. Não temos espaço para tantos, nem de perto nem de longe. Porquê aqui?

Se soubessem a resposta, sentir-se-iam ainda mais sem esperança. O dia inteiro, todos os dias, os meus pais viam judeus a

ser levados em marcha para as fábricas agora abandonadas. Os judeus tinham sacos pequenos e amarrotados, e malas minúsculas e desgastadas, com mochilas nas costas para carregar as crianças pequenas.

No final do verão, num domingo, quando regressei a casa vindo da quinta, vi carros de gado cheios de refugiados a chegar continuamente. Sempre que passava pela zona das fábricas, via caras novas. As pessoas vinham constantemente à nossa porta, tentar vender objetos pequenos, joias, o que levassem com eles. Às vezes só pediam comida.

Quando as pessoas estão em perigo, precisam de acreditar que vão sobreviver. Sempre tivera a impressão, até essa altura, de que os alemães podiam ser vencidos. Mas quando passei a ver milhares de veículos franceses capturados, juntamente com os dos alemães, dando voltas sinuosas como uma lagarta manchada sem fim ao longo da autoestrada, e os aviões alemães enegrecendo o céu, senti-me drenado de esperança.

O meu pai trabalhava agora na construção de um aeroporto. Tínhamos visto os aviões. Ele contou-me que os alemães se preparavam para um grande aparato. Estávamos a pouco mais de cinquenta e seis quilómetros da fronteira russa, e os alemães puseram o nosso povo em grande número a consertar as autoestradas. Mesmo assim, a maioria não fazia ideia que os alemães tentariam invadir a Rússia. Devia ter sido óbvio. A França era o poder principal, na nossa cabeça, e se caísse, só a Rússia poderia parar os alemães na nossa parte do mundo.

Eu próprio começava a questionar-me sobre a Rússia. Algo de muito estranho se passava perto da quinta dos Zbanski, que estava próxima de um terreno baldio. Em novembro, os alemães colocaram arame farpado à volta do terreno. Era um espaço enorme, oitocentos metros de comprimento e oitocentos metros de largura. Os alemães martelavam postes de três metros e meio no solo, e depois desenrolavam quantidades imensas de arame de concertina entre eles.

Parece um campo de prisioneiros de guerra, pensei. Não há ninguém aqui que não seja prisioneiro de uma maneira ou de outra. Aposto que vão atrás dos russos.

Mantive estas reflexões comigo.

Em breve, chegou a hora de voltar a casa. Embora não tivessem nada que eu pudesse fazer, os Zbanski convidaram-me a passar o inverno com eles. Afeiçoaram-se a mim. Choravam. Amavam-me. Juraram que devia casar-me com a filha deles. Mas tinha de voltar para a minha família. Deram-me um grande saco de comida, com pão, queijo e alguns pedaços de *bacon* e batatas.

– Adoro-vos a todos, mas não posso ficar – disse-lhes. – A minha família precisa de mim. Especialmente o meu pai.

Os Zbanski assentiram. Compreendiam bem. Viam o meu pai mais vezes do que eu, e sabiam melhor o que me esperava no regresso.

Ao caminhar pela floresta, notei que os alemães tinham criado um gueto, confinando judeus num pequeno canto da cidade. Felizmente, a nossa casa estava dentro dos limites, portanto, não fomos despejados.

O meu pai tornara-se ainda mais velho e mais frágil. Estava no início dos quarenta e parecia ter oitenta. O seu cabelo estava todo branco. Andava curvado; com rugas e linhas a entrecruzarem-se no rosto. Não consegui dormir nessa noite. As linhas profundas na cara do meu pai e o branco do cabelo deixaram-me doente. Dei voltas na cama. No dia seguinte, convoquei uma reunião de família.

– Tenho de o substituir novamente, pai – disse-lhe. – Sou mais novo. Consigo aguentar os espancamentos. E tenho-me alimentado bem nos últimos seis meses.

Embora tivesse feito o mesmo no ano anterior, o meu pai ficou, ainda assim, surpreendido. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Tinha fé em mim, mas sabia também como a sua saúde sofrera.

– Mantém-te longe de grupos – disse-me, como se estivesse a passar uma grande sabedoria dos antepassados. – Quando os

alemães veem as pessoas reunidas, pensam que planeiam atacá-los e começam a bater-lhes.

– Eu sei, pai, eu sei – respondi calmamente. – Fi-lo no ano passado. Tinha sempre cuidado. Sou mais esperto do que aqueles idiotas.

Mesmo assim, no ano anterior, fora espancado quase todos os dias. Nunca contei nada aos meus pais nem lhes mostrei as contusões. Só os faria sentirem-se mais desesperados.

O meu pai ainda tinha forças dentro de si para lutar, mas não possuía roupas para o trabalho que era forçado a exercer. Usava vestuário de verão, por mais frio que fizesse. Não havia dinheiro para comprar roupas de inverno, e nós trocámos todas as que tínhamos por comida.

Ele começara recentemente a trabalhar nas autoestradas, onde era necessário usar martelos e pás para partir rochas em gravilha. Teria também de alisar a gravilha e aplicar asfalto. O mesmo acontecia com as minhas irmãs, que o faziam em *part-time*. As mulheres trabalhavam para uma empresa austríaca, para a qual os alemães forneciam trabalho escravo. Cada cidade era responsável por trabalhar nas autoestradas do seu espaço geográfico.

Era a minha vez de substituir de novo o meu pai. Os nazis não sabiam quem trabalhava lá realmente, e nem queriam saber, desde que tivessem o número designado de pessoas.

Era trabalho noturno. Todas as noites, apresentávamo-nos, como ordenado, no ponto de recolha alemão. Chamavam o nome do meu pai: «Rosenblum, Samuel», vociferava o soldado.

«Presente», respondia, e o engano estava feito. Nunca receei que os alemães descobrissem que eu e o meu pai os enganávamos. Sempre que os trabalhadores se encontravam no ponto de recolha, éramos enviados para sítios diferentes, onde trabalhávamos para alemães que nunca nos tinham visto e que não queriam saber se nos voltavam a ver, contanto que fizéssemos o trabalho e eles ficassem com o crédito.

Para comer, a minha mãe dava-me o pedaço de pão habitual e um pequeno recipiente com água. Havia algo de irónico no facto de a minha família me dar pão e água, aquilo que os carcereiros normalmente dão aos prisioneiros. Mas davam-mo com amor. Era tudo o que tinham. Eu compreendia, mesmo quando o meu estômago roncava durante a noite.

O trabalho era duro e desagradável. Limpávamos valas e raspávamos a lama das pistas. Sob chuva, neve e gelo. Por essa altura, já aprendera truques de sobrevivência, alguns dos quais adquirira na quinta. Descobri que os alemães tinham de pensar que estavas a trabalhar, mesmo que não estivesses, e isso significava andar em constante movimento.

Eu sabia fazê-lo. Na quinta, estava sempre a arranjar ou a escavar alguma coisa, a trocar sanitas, a substituir palha no celeiro, a arrumar o quintal, a cortar lenha para o inverno, a limpar os cavalos, a arar os campos ou a alimentar os animais. Sabia procurar coisas para me manter ocupado. Quando trabalhava no aeroporto, aprendi a procurar coisas semelhantes para fazer. Havia sempre trabalho a ser feito: escavar valas, varrer lixo, retirar a neve com a pá, tapar buracos.

Os alemães posicionavam cada um de nós três a cinco metros dos outros trabalhadores. Devido ao tempo que passava sozinho na quinta, aprendera a trabalhar sem conversar. Era uma coisa boa, porque se os alemães nos apanhassem a falar, batiam-nos com um pedaço de madeira.

Se decidíssemos fugir, tínhamos de correr que nem animais. Estávamos sempre no meio do gelo ou à chuva, ou em ambos, e não tínhamos sapatos nem comida. Teríamos de correr agachados, para que não nos agredissem na cabeça, o nosso maior medo. Para eles, não éramos seres humanos. Apercebemo-nos de que tínhamos de correr rápido o suficiente para começarem a perseguir outra pessoa. Eram como predadores atrás de um animal.

Embora soubesse o suficiente para me manter longe de sarilhos, os alemães batiam-me à mesma. Passávamos uns aos outros que

deveríamos proteger a cabeça e as virilhas. A minha altura de um metro e sessenta e cinco era uma grande vantagem. Os alemães batiam mais nos mais altos. Podia dobrar-me e correr por entre os altos. Podia também encolher-me entre os grandes ou debaixo deles. Eles levavam pancadas, e os seus corpos protegiam-me. Mais cedo ou mais tarde, acabaram por chegar a todos, incluindo eu.

Trabalhávamos durante a noite, a uma temperatura que parecia cerca de vinte graus negativos. Os alemães não eram os únicos a bater-nos. Também o faziam os gentios polacos e às vezes até outros judeus. Normalmente, eram os miúdos judeus ricos que nos batiam tanto quanto os alemães. Queriam mostrar uma boa cooperação escravizando os próprios irmãos.

Trabalhar à noite agravava a situação. Estava escuro como breu, e os alemães sentiam que podiam fazer o que quisessem sem que alguém os visse. Numa noite em particular, um que andava a rondar com um bastão longo atacou-me de repente.

– Yehuda, seu judeu, seu porco judeu – vociferava. Bateu-me o tempo todo. – Tens de trabalhar, seu porco. Trabalha mais, trabalha mais, nojento. – Senti o meu corpo a inchar.

Duas ou três vezes por noite, todas as noites, começavam a bater num de nós, depois passavam para outro. Corríamos. Quando se cansavam de nos bater, voltávamos ao trabalho. Conseguíamos correr talvez trinta metros, e isso era aceitável, desde que não fôssemos em direção à cerca. Se tentássemos trepá-la, davam-nos um tiro. Muitos de nós, demasiado cansados para correr, éramos agredidos até cair.

Os alemães queriam que trabalhássemos arduamente para acabarmos, para eles parecerem bons. Não queriam saber com quanta força ou quantas vezes nos batiam. Se um de nós morresse, arranjavam outro para nos substituir.

Terminado o turno, éramos reunidos dentro dos tanques militares e levados ao ponto de recolha. Uma noite, a minha mãe e o meu pai acordaram e viram o meu rosto manchado de sangue coagulado.

Não disseram nada, mas repararam nos meus braços e pernas inchados e roxos das pancadas. A minha mãe chorou. Depois disso, chorava sempre que me via, porque quase todas as noites eu chegava a casa azul e roxo.

O meu pai continuava a sair de duas em duas semanas, de pistola na mão, para arranjar comida. Não tentou comprar roupas de inverno, e ainda bem – quase não as havia. A comida vinha primeiro. Era a vida. Voltava com apenas alguns quilos de batatas e legumes. Partia-me o coração.

Numa noite, estava em casa a dormir; o que era invulgar para mim, num sono profundo, quando ouvi um som estranho. Pareceu-me familiar, mas, ao mesmo tempo, esquisito.

Será que os alemães nos vêm apanhar? Estarão a tentar matar-nos enquanto dormimos?, cogitei.

Sustendo a respiração, ouvi cuidadosamente. Voltei a ouvir.

«Muuuuuuuuuuuuuuuuuuuu.»

Uma vaca? A meio da noite? Cautelosamente, esgueirei-me até ao quarto dos meus pais. Bati timidamente à porta. Perturbá-los a meio da noite era quase como regredir o toque de recolher dos alemães; uma proposição perigosa, e nunca saberíamos o quão chateados ficariam. Eles estimavam a hora de dormir. Mesmo assim, tinha de ser feito.

– Pai? Mãe?

– Sim, és tu, Joe? – A voz abafada da minha mãe respondia pela porta.

– Mãe, ouço uma vaca no quintal. O que se passa? Os alemães estão atrás de nós?

– Está tudo bem, Joe. Vai dormir. Amanhã explico.

Assim fez. O homem do outro lado da rua, o Sr. Koch, era um gentio alemão que falava polaco. Fora um zelador que costumava limpar as *yeshivas*, escolas religiosas judaicas, antes de os alemães as encerrarem. Um talhante judeu mudou-se para o cimo da rua depois de os alemães o expulsarem da sua cidade. O talhante pagou a Koch para ir às quintas nos arredores uma vez por mês de

modo a comprar uma vaca. A vaca seria massacrada à noite no armazém da minha mãe atrás da nossa casa. Tinha espaço suficiente e, com a porta fechada, nenhuma luz vazaria para alertar os alemães ou qualquer pessoa de que algo se passava.

– É um bom negócio para nós – disse o meu pai. – O talhante dá-nos as pernas da vaca, o estômago e os restos. Claro que, se formos apanhados, os alemães matam-nos a todos.

A morte era uma sombra iminente na nossa vida. No final de 1940, vi algo que me mudou para sempre. Uma noite, fazia parte de uma equipa de trabalho cuja função era endireitar tábuas para serem usadas na construção de campos de tiro para os alemães. Por alguma razão, ou talvez por razão nenhuma, os guardas começaram a bater num membro da minha equipa.

Ele gritava sem parar, mas isso era normal. Tínhamos sempre medo de ver o que estava a acontecer, e afastávamo-nos o mais possível da pessoa que era agredida. Depois de acabarem um espancamento, podiam passar logo a outro.

Dessa vez foi diferente. Ouvia o estalar e partir de ossos, a batida da madeira na pele. Apesar dos meus melhores instintos, olhei. Vi sangue a jorrar-lhe da cabeça, rios de sangue a correr-lhe do nariz.

– Estão a matar-me. Estão a matar-me – gritava.

Os outros e eu fingíamos que trabalhávamos. Eu olhava para cima a fim de ver onde os alemães estavam, garantindo que não vinham na minha direção. Caso contrário, continuava dobrado com as costas viradas, para parecer que trabalhava arduamente.

Olhei de novo e fiquei chocado com o aspeto do homem. Via ainda mais sangue a cobrir-lhe a cabeça. Parara de gritar, e só ouvia os baques dos bastões. Virei-me de costas outra vez, com medo de que me visassem a seguir. Nunca mais o vimos. Não pode ter sobrevivido. Os alemães provavelmente mataram-no quando virámos as costas.

Sentíamos-nos repletos de desespero e culpa. Tínhamos medo de ser os próximos, mas um ser humano fora aniquilado, e nada se fez

para o impedir. Estava envergonhado, mas sabia que ajudar significaria morrer. Não ajudar era ter vergonha, mas viver.

Pouco depois, o meu pai foi outra vez enviado para carregar vagões, e rapidamente reenviado para um projeto que parecia ser a longo prazo. Os alemães começavam a construir uma rampa de comboio, e o meu pai ia carregar cimento. Tomei o seu lugar.

A rampa era de um cinza de mau pressentimento, com cerca de setenta vagões de comprimento. Ninguém se lembrou de perguntar para o que seria. Com a azáfama dos alemães no esforço de guerra, presumimos que estaria relacionado com o envio de tanques ou armas. Ainda não tínhamos ouvido falar dos crematórios. Mais tarde, a razão sinistra para a rampa tornar-se-ia dolorosamente clara.

Sabíamos que os alemães ainda despejavam judeus de outras partes da Polónia, e até da Checoslováquia, Bélgica e França, nas nossas sinagogas e fábricas abandonadas. Todas as pessoas que despejavam na nossa cidade tinham filhos.

Os homens entre os quinze e os trinta e cinco anos eram agora enviados para campos de trabalho. Muitas raparigas adolescentes escaparam porque os pais lhes compraram passaportes falsos que as declaravam gentias. As raparigas voluntariavam-se para a Alemanha, onde trabalhavam em fábricas ou quintas. Era melhor do que trabalhar nas autoestradas durante o brutal inverno polaco. Os rapazes, no entanto, não podiam fazer o mesmo, porque os alemães verificavam-lhes o pénis para ver se eram circuncidados.

O fluxo de judeus desenraizados na nossa cidade nunca abrandou, nem o desfile sem fim de rostos sombrios à nossa porta. Ouvíamos uma batida envergonhada, e sabíamos o que se seguia. Quando abríamos a porta, estava quase sempre lá uma mãe ou uma criança.

– Ajude-me. Estamos esfomeados. Por favor, ajude-me e à minha família a viver mais um dia – diziam, com as faces a tremer enquanto seguravam as lágrimas.

A nossa cidade era conhecida por ser muito caridosa. Toda a gente que sobrevivera, incluindo nós, dizia:

– Faremos o que pudermos. Temos também muito pouco.

Ninguém saía da nossa porta de mãos a abanar. O meu pai e a minha mãe acreditavam piamente em ajudar os que passam por dificuldades, uma tradição de que se orgulhavam. Ficavam especialmente perturbados com a ideia de uma criança passar fome. Por esta altura, os agricultores tinham apenas batatas e pão para trocar – fundamental para viver.

Eu invejava Lazar, chefe do Conselho Judaico. Por ser tão bom traidor para os alemães, tinha toda a comida e luxos que queria. Até dissolvera o grupo de assaltantes.

Apenas duas pessoas na nossa família estavam bem, ambas chamadas Hymie. Hymie Kronhartz, o fotógrafo e artista, mantinha a sua posição privilegiada a imortalizar os nazis em fotos para enviar para casa.

Depois, havia Hymie Firman, o peleteiro que fugira para a Rússia mas que regressou e se casou com a minha irmã Fay. Os dois viviam agora na casa da nossa família. Hymie Firman era um rapaz magro, com um metro e oitenta e dois. Calado, bem barbeado, muito direito e com cara redonda. Vestia-se bem, usava sempre casaco, gravata e sapatos caros. Hymie vivera numa cidade longínqua, mas tinha familiares a umas ruas de distância da nossa, e visitava-os regularmente. Ele passava pela nossa rua, e foi assim que conheceu a Fay. Ao que parece, a nossa mãe e a irmã dele eram amigas. Fay e Hymie decidiram, antes da guerra, que se casariam e finalmente fizeram-no, seis meses depois de Sara se ter casado e ido para a Rússia.

Agora, Hymie Firman e Fay, juntamente com o seu bebé, visitavam quintas. Ele era um peleteiro magnífico. Matava as ovelhas, depois Fay cosia e cortava o velo, criando casacos e outras roupas. Os agricultores davam-lhe carne, batatas e ovos.

Em breve, estava na hora de voltar à quinta. O meu pai andava agora a ser nomeado para trabalhos pequenos, como lavar ruas e

reparar buracos. Eu estava triste, mas sabíamos que a família precisava da comida que traria. Tinha de regressar para os Zbanski.

Pouco antes de ir, o exército estava prestes a passar pela nossa cidade, e os alemães queriam as ruas impecáveis. Os da Gestapo, Heinrich e Dietrich, apareciam cada vez mais. A maioria das cidades não tinha Gestapo, mas na nossa havia dois agentes. Tornaram-se uma presença negra crescente.

Tal como cães ferozes, eram treinados para bater, despedaçar, até matar pessoas. Chamávamos-lhes «Os Assassinos». Quando vinham à cidade, toda a gente se escondia em casa. Eram inconfundivelmente arianos, embora pouco impressionantes. Tinham o cabelo loiro e olhos azuis, mas a insignificante altura de um metro e setenta. Eram ambos magros e usavam casacos de cabedal até à barriga da perna e chapéus estilizados. Um cego reconhecê-los-ia.

Uma noite, Heinrich entrou pela nossa casa adentro, com um polícia polaco. Os agentes da Gestapo faziam rondas com os polícias polacos porque estes conheciam as ruas. Na maioria das vezes, iam apenas com Lazar, que conhecia toda a gente e todos os sítios.

– Onde está o sacana do Firman? – gritou Heinrich à minha mãe. Firman era o apelido de Fay, agora que se casara com Hymie. Eu sabia o porquê de os alemães o quererem. Hymie era jovem e pertencia a muitos grupos, tanto atléticos como religiosos. Sabíamos que os nazis se queriam ver livres dos que se salientavam de alguma forma, que pudessem ser heróis ou pessoas exemplares. Isso incluía médicos, advogados, padres, rabinos. Mas também atletas. Hymie jogava futebol e levantava pesos.

A minha mãe protegeu-nos instintivamente de Heinrich.

– Não sabemos onde ele está – disse-lhe ela.

Heinrich avançou para nos bater, e a minha mãe bloqueou-lhe o caminho, clamando:

– Porquê os meus filhos? Porquê?

Heinrich sacou do chicote, que pendia ao lado da sua pistola no cinto preto de pele, e bateu com o punho preto e axadrezado na

cana do nariz da minha mãe, partindo-o. O sangue esguichou-lhe pelo rosto, e ela levantou as mãos para se proteger.

Vi o meu pai a ferver de raiva, mas não se atreveu a fazer nada, pois arriscava-se a ser morto. Heinrich podia disparar em todos nós em segundos. Estávamos pálidos de medo. O meu pai congelou, e depois correu para ajudar a minha mãe. Encolhemo-nos num canto enquanto Heinrich e o polícia procuraram pela casa, virando colchões, atirando armários e brinquedos, deixando montes de coisas espalhadas. Procuraram Hymie lá fora. Conseguíamos ouvi-los a gritar que o encontrariam e batendo em coisas com o punho de borracha do chicote.

Não encontraram nada, portanto, enquanto gritavam e praguejavam, Heinrich e o polícia polaco pisotearam o quintal. Depois de se irem embora, estávamos todos a chorar e chateados. Olhei para os outros, brancos como flocos de neve. Tiritavam; e apercebi-me de que fazia o mesmo.

Queria muito urinar, mas havia coisas a fazer. O meu pai correu para as coisas da farmácia e retirou gaze e álcool para limpar o rosto da minha mãe. Delicada e hesitantemente, envolveu-lhe a testa com uma ligadura.

– Temos mesmo um caminho pela frente com aqueles idiotas – murmurou a minha mãe, numa linguagem que quase nunca ouvia nela.

Olhava para nós em sofrimento, mas com a coragem evidente que lhe era característica.

Receamos mais por ela do que ela, pensei.

Na manhã seguinte, um coveiro dava o seu relato matinal a alguns de nós, referindo quem tinha levado e o que lhe acontecera. Estávamos preocupados com Hymie; e se alguém saberia o pior, eram as pessoas que cavavam sepulturas.

– Sim, encontraram o Hymie a trabalhar a alguns quarteirões da vossa casa – informou o coveiro. – Atiraram-no para a bagageira de um carro, e ele sufocou em meia hora. Aparentemente, ele gritou e berrou e tentou forçar a saída, mas não conseguiu. A polícia judaica

atirou-o para uma vala comum esta manhã, juntamente com outros cadáveres.

Desatámos num pranto. A minha mãe chorou, a minha irmã Fay chorou, o meu pai chorou, todos chorámos.

– Podemos ser a seguir. Temos apenas de esperar por dias melhores – lamentou o meu pai.

Pessoalmente, não sentia que fôssemos viver muito mais tempo.

Capítulo Quatro

VINGANÇA NEGADA

Não esperámos muito para que as nossas vidas piorassem. Tendo em conta as notícias que ouvíamos dos recém-despejados na nossa cidade, sabíamos que a guerra corria muito mal. Os alemães ocupavam agora quase toda a Europa, exceto a Roménia, e estavam preparados para a engolir de igual forma.

Os alemães encontravam-se também perto de invadir a Rússia, e a sua hostilidade para com os russos agravou consideravelmente os nossos problemas. Nos primeiros meses em que os alemães ocuparam a nossa cidade, era possível pagar a alguém para passar o rio Bug de barco, o mesmo que Sara atravessara. Era a única forma de escapar para a Rússia, e era usada frequentemente. Custava o equivalente a quinze ou vinte dólares no marco alemão ou na moeda polaca.

Em julho de 1940, os alemães e os russos fecharam as fronteiras. A partir daí, nenhum dos países autorizava pessoas do outro território a atravessá-las. Na verdade, as fronteiras estavam às vezes apinhadas de guardas, para garantirem aos soldados do outro lado que nem um único refugiado os invadia. A última escapatória foi fechada. Sabíamos que não havia para onde ir, e que o mundo todo parecia incapaz ou sem vontade de nos ajudar. Anos mais tarde, fiquei a saber que o único país que nos ajudou foi a República Dominicana, que acolheu cerca de mil judeus, incluindo um dos genros de Yudel.

Quanto mais os alemães despejavam judeus desenraizados na nossa cidade, mais aprendíamos sobre o exterior, através deles. No verão, os filhos Zbanski contaram-me notícias que extraíram de alguém. Disseram que muitos oficiais, polícias e outros *intelligentsia*

polacos fugiram para a Roménia, e depois para Inglaterra. Isso fez-me sentir bem. Mas quando me contaram que a minha pequena cidade estava atulhada de mais judeus despojados, fiquei doente.

A nossa pequena cidade é como um rebocador insignificante rodeado de navios de guerra no meio do oceano, pensei, com ácido a salpicar dentro do meu estômago. Não temos para onde ir. Estamos encurralados.

A única pessoa na cidade que eu sabia que ainda tinha emprego era o pai de uma rapariga que eu conhecia. Ele estava numa fábrica que fazia cabedal para solas de sapatos e forros de pelo para casacos de inverno. Ambos os artigos eram essenciais a qualquer ataque à Rússia. A maioria das linhas de montagem na cidade foi encerrada, exceto esta fábrica.

De janeiro a março desse ano, 1941, trabalhei na linha do comboio. Tinha de assentar os trilhos, instalar as ligações e pôr cimento. Às vezes trabalhávamos noites, às vezes dias, em turnos de doze horas. Os alemães não nos davam comida, mas bater-nos estava sempre no menu. Deixar-nos passar fome enquanto trabalhávamos o mais possível era o que tinham em mente. Privavam-nos de tudo o que um ser humano precisava para sobreviver: comida, água, sapatos decentes.

Havia entre oitenta a cem rapazes no meu turno. Eu conhecia a maioria. Eram da minha idade ou um pouco mais velhos. Eram vizinhos, colegas de escola, pessoas que conhecia há anos. Ajudávamo-nos no trabalho se conseguíssemos.

Trabalhávamos a alguns metros uns dos outros, por isso falávamos com a boca de lado. Uma conversa típica seria sobre como acabaríamos este trabalho e depois deixarem-nos sair e ganharmos dinheiro. Depois podíamos voltar a comprar sapatos e comida. Nenhum de nós compreendia que, a longo prazo, os alemães não veriam em nós qualquer utilidade, nem nos bens que as nossas fábricas produziam. Por isso, falávamos sobre procurar ou construir uma casa, sobre ter uma vida melhor. Durante esse tempo, os alemães passavam ocasionalmente por nós a marchar e

a cantar: «Hoje, a Alemanha; amanhã, o mundo.» Devíamos ter percebido.

Enquanto sonhávamos com uma vida melhor que nunca se concretizaria, todos tínhamos de lidar com a fome. Cada um tinha sacos pequenos de comida miserável para comer a meio do turno, juntamente com pequenos recipientes com água. Todos tínhamos os mesmos problemas em casa. As nossas famílias passavam fome, nós passávamos fome, e fazíamos o que podíamos para sobreviver.

Nunca perguntei pela situação das outras pessoas. Elas nunca perguntavam pela minha. A regra não escrita era que não queríamos saber se algum conhecido nosso passava por melhor ou pior do que nós. Seria demasiado doloroso. Na realidade, a minha família estava provavelmente melhor do que a maioria. O meu pai continuava a sair durante a noite para negociar com os agricultores. Tinha um pequeno saco com ouro, o qual negociava moeda a moeda.

Os meus pais também vendiam algumas das joias da minha mãe, por muito que lhes custasse. Nunca perguntei onde os objetos de valor se encontravam ou quantos sobravam. Embora exercesse trabalho de homem, não tinha de saber tudo. Sabia que o meu tio tinha muito dinheiro escondido, e a minha mãe também tinha algum.

Embora soubesse que a minha família tinha meios para se sustentar mais algum tempo, isto se os alemães nos deixassem viver, continuava deprimido. O meu pai envelhecia mais a cada dia que passava. A minha mãe, de alguma forma, mantinha-se linda.

Deve ter algum tipo de espírito especial dentro dela, pensava, enquanto abria mais valas ou derramava mais cimento.

Calculámos que os alemães queriam construir este trilho para auxiliar a ganhar a guerra, ao enviar o armamento mais para oeste. Na primavera de 1940, sabíamos que iam atacar a Rússia. Os sinais evidenciavam-se. Os alemães tinham centenas de carros de transporte blindados carregados de tanques e outros veículos blindados, bem como centenas de aviões escondidos em vários lugares, prontos a serem enviados para a frente russa.

À medida que a neve começou a derreter, formando fios de água pelos passeios e pelas estradas, era altura de regressar à quinta. A minha despedida na primavera de 1941 foi quase uma alegria. Sentia-me como um herói. Ao contrário da primeira vez, a minha família só sorria.

– Sabemos que és bem tratado, Joe – disse-me a minha mãe. – Sabemos que és uma mais-valia para a nossa família. És bem-comportado, prestativo, e os Zbanski apreciam essas qualidades. Também trazes comida para casa, de que precisamos desesperadamente. Prestas uma gentileza aos Zbanski, e salvas a nossa vida. Estás a fazer o teu papel enquanto filho, e não poderíamos pedir mais de ti ou ter mais orgulho em ti.

O meu rosto ficou quente. Tais elogios vindos da minha mãe eram uma raridade, e eu sabia que ela acreditava em cada palavra. Também significavam que não deveria sentir-me culpado por o meu pai ter de regressar ao trabalho que o envelhecia tanto, onde seria espancado impiedosamente. Sentia-me como se um peso saísse das minhas costas.

Ficava triste com o que os alemães faziam ao meu pai, mas pelo menos sabia que a minha família aprovava o que eu fazia. Deram-me todos abraços e beijinhos, e depois segui o meu caminho secreto, patinhando pelo rio e andando quinze metros no interior da floresta ao lado da estrada, até chegar à quinta dos Zbanski.

Estavam extasiados por me ver. Era como visitar a minha segunda família. A avó deu-me um abraço gigante que me tirou o fôlego. Os irmãos apertaram-me a mão e deram-me palmadas nas costas. Era quase hora de almoço, e chamaram-me para a mesa, como se fosse filho ou irmão deles.

Senti uma onda de culpa a inundar-me. Estava prestes a passar vários meses a ser bem alimentado, a trabalhar com dignidade, apreço e respeito. Enquanto me aquecia no amor e no afeto daquela família, não conseguia deixar de me sentir mal.

O meu pai está provavelmente a ser agredido com um bastão e as minhas irmãs alisam cascalho na autoestrada. Não é justo que

eu esteja tão bem e que eles sofram tal abuso. Mas é o que é, pensei, empanturrando-me de pão.

Após o almoço, era altura de sondar o que precisava de fazer. O que vi não me surpreendeu. Os estábulos estavam cheios de estrume de cavalo, os celeiros com estrume de vaca. Os cavalos e as vacas estavam sujos, e a família não tinha lenha para o inverno. Virei-me para o irmão mais velho, Olszeck, que olhava para baixo, mostrando alguma vergonha pela falta de limpeza.

– É melhor pôr mãos à obra – disse, e Olszeck concordou com a cabeça. Ele e os irmãos tinham de partir para outra longa viagem para obedecer às ordens dos alemães.

Tempos depois, o meu irmão Hymie visitou-me. Ele trabalhou enquanto lá esteve, claro, e os Zbanski aceitaram-no de igual forma. Passadas algumas semanas, ele voltaria para a nossa família, sentindo culpa porque seria outra boca para alimentar. Pelo menos ele possuía a liberdade de andar por onde quisesse, porque era demasiado novo para se registar.

Uma noite, enquanto ouvia a respiração pesada de Hymie, pensei: *Talvez consiga arranjar a Hymie um trabalho como o meu. Ele estaria fora de casa e podia levar comida para os nossos pais.*

No dia seguinte, abordei Olszeck depois do pequeno-almoço. Ele pareceu preocupado, mas eu precisava da sua atenção total.

– Olszeck, pode ajudar-me? – perguntei, olhando-o de frente.

Ele olhou para mim e enrugou a testa. Eu não pedia favores com frequência, por isso ele sabia que devia ser importante.

– Pode ajudar o Hymie? Ele precisa de um trabalho como o meu. Pode ajudá-lo?

Olszeck, um homem ponderado, pensava bem em cada decisão. Sei que ele considerava o perigo de estar ligado a mais uma mentira. Mentir sobre mim era mau o suficiente. Seriam todos baleados se os alemães descobrissem, mas eles podiam controlar a situação. Sabiam sempre onde eu estava e que não faria algo estúpido como contar a verdade a um dos outros miúdos. Se o

fizesse, o miúdo diria aos pais dele. E depois estaria morto, e os Zbanski também.

Mal conheciam o Hymie, e ele estaria fora do seu campo de visão. Teriam de confiar ainda mais na sua capacidade de guardar um segredo do que na minha.

Depois do que parecia ter sido uma hora de silêncio, Olszeck acenou com a cabeça.

– Deixa ver o que posso fazer – disse-me, calmamente.

Ele podia fazer bastante. Os filhos Zbanski tinham uma influência considerável por causa da sua autoridade quase divina na alocação da comida. As pessoas queriam ter uma boa relação com eles.

Alguns dias depois, Olszeck veio ver-me.

– Acho que temos algo para o Hymie – disse. – É um *part-time*, menos de um mês de trabalho, mas é alguma coisa.

Tive vontade de o abraçar. Embora tentasse fazer o correto, não era expansivo. Acenei apenas, apesar de ambos sabermos o quanto esta prenda significava para Hymie e para a minha família.

A reação de Hymie foi sinceramente respeitadora.

– Finalmente, Joe, poderei levar alguma comida para a nossa família.

Junho desse ano, 1941, foi um mês muito importante. Ouvira que os alemães tinham invadido a Rússia, levando a bom termo os acúmulos na nossa pequena parte do mundo.

Por essa altura, o campo de prisioneiros de guerra perto da quinta dos Zbanski estava terminado. Quando os alemães atacaram a Rússia, conseguíamos ouvir o cair oco das bombas. Três dias depois, milhares de russos foram aprisionados. Numa manhã, enquanto pastava o gado, vi inúmeras colunas em marcha para o campo. Alguns coxeavam; com a roupa em farrapos.

Em dois dias, o campo encheu-se. Não havia nada lá além de ajuntamentos de pessoas sem espaço para se deitarem, sem instalações para cozinhar, e sem sanitas. Vi algumas defecar no local. Três ou quatro dias depois, enquanto passava pelo campo

com as vacas, vi muitos prisioneiros a esgueirar-se por baixo do arame farpado, rastejar para fora do campo e desatar a correr.

Mesmo assim, a situação piorava rapidamente. No final de junho, o recinto quase rebentava pelas costuras. Deviam estar cinquenta mil soldados russos naquele espaço aberto, a formar cerca de dez campos pequenos. O recinto localizava-se entre a linha férrea e a floresta. Eram demasiados prisioneiros para os alemães controlarem.

Ainda não havia abrigos, apenas algumas cozinhas minúsculas, e só um buraco enorme no chão a fazer de latrina. Os alemães não reconheciam os russos como seres humanos, por isso eram tratados da mesma forma que os judeus.

À medida que o verão de 1941 passava, apercebi-me de que o espaço entre as pessoas no campo aumentava, e que já se moviam um pouco. Claramente, havia cada vez menos pessoas nos campos.

Depressa descobri o que acontecia com os prisioneiros. Todas as noites, quando alimentava o gado dos vizinhos, sentia um certo odor que não provinha das vacas. Vi figuras a passar velozes pela floresta, por entre as árvores e os arbustos, para que não fossem vistas. Eu sabia que estava a olhar para pessoas, e elas olhavam-me. Não sabia quem eram, e ali toda a gente se conhecia. Não eram vizinhos; portanto, tinham de ser desconhecidos.

Os únicos desconhecidos ali eram os alemães e os prisioneiros russos. Os alemães não eram tímidos, fazendo notar a sua presença. Vociferavam, ameaçavam, agrediam e disparavam. Tinham de ser russos, e com boas razões para se fazerem passar por fantasmas.

A primeira vez que um deles veio falar comigo, apresentou-se como Sasha. Era um homem inteligente e acostumado a comunicar com pessoas. Tinha cerca de um metro e sessenta e oito, cabelo castanho e rosto redondo. Os três soldados que o acompanhavam tinham rostos mais esguios. Era provavelmente o primeiro a ter direito a escolher a comida.

Eram relativamente baixos, sem passar do metro e setenta e três, e magros. Vestiam-se de forma estranha, mas por necessidade. Alguns envergavam casacos ou calças dos uniformes do exército russo. Todos usavam algumas peças de roupa à civil. A mistura estranha de camisolas, calças, casacos e sapatos fazia com que parecessem pessoas a preparar-se para uma festa de máscaras. Vestiam roupas à civil das famílias das quintas. Se era roupa roubada ou dada, isso eu já não sabia.

Sasha era, aparentemente, respeitado pelos colegas soldados. Quando falava, os outros calavam-se. Começou por conversar comigo em russo, compreendi logo o essencial porque certas palavras na língua dele são semelhantes ao polaco. Além disso, o meu pai conseguia falar um pouco de russo, porque as suas viagens comerciais levaram-no a esse país.

– Sem comida. Fome – disse-me.

Sempre me sensibilizei com pessoas com necessidades. Os meus pais haviam-me ensinado a partilhar. Via que Sasha e os companheiros tremiam um pouco. Tinham mais medo de mim do que eu deles. Nunca incomodaram nem magoaram ninguém, que conhecesse. Além disso, eu sabia que os alemães estavam atrás deles, e esse facto era suficiente para me solidarizar com eles.

Eu tinha um receio constante de que os alemães me apanhassem, por isso, dormia no celeiro, numa despensa difícil de encontrar. À noite, ouvia os russos a andar de um lado para o outro, levemente, e às vezes ouvia os alemães e as suas botas pesadas. Qualquer pessoa que fosse contra os alemães era alguém que eu ajudaria.

Após refletir durante alguns momentos, tentei falar a língua dele o melhor que pude.

– Não sei se terei comida para vocês. Se quiserem ir ver, deixarei a comida que possa sobrar atrás do celeiro na quinta onde trabalho – disse, num russo hesitante.

Beijou-me por isso. Disse em russo: «Bom homem.» Depois, qualquer comida que pudesse juntar, deixava-lha. Passado algum

tempo, os soldados russos abordavam-me. Estavam esqueléticos. Disseram-me, no seu polaco hesitante, que comiam em grande parte qualquer coisa que encontrassem. Mais uma vez, senti-me mal por comer tão bem, e eles pareciam moribundos como os meus amigos e vizinhos que faziam trabalho escravo para os alemães.

Quando os outros rapazes me davam os seus almoços, por vigiar as vacas, deixava alguns deles atrás do celeiro, mais batatas, cenouras, legumes, pão velho. Sabia que estava a tirar comida das bocas da minha família, mas o meu pai sempre me ensinou a ser generoso, sobretudo no respeitante a comida. Ocasionalmente, os russos ficavam tão comovidos que, quando me viam à noite, beijavam-me. Nunca os vi levar a comida, deixava-a atrás do celeiro à noite e no dia seguinte já desaparecera.

Sasha era particularmente emocional.

– Eu não acredito em Deus – disse-me. – Mas Deus te abençoe. Estás a salvar a nossa vida.

Eu não pensava muito nisso. Mas tinha de o fazer. Eles eram humanos.

Levava todos os dias o gado da aldeia para uma parte diferente do pasto do Governo polaco. De cada vez, quando ainda estava escuro, um dos russos, parecendo sempre mais magro, escapava da floresta e, na sua língua, agradecia-me pela comida.

Sabia que eles se mantinham na área porque havia várias aldeias espalhadas pela zona. Podiam sair da floresta até uma quinta ou quintal, apanhar alguma comida ou roupa, e correr para a floresta.

Sabia também que sentiam que me podiam abordar com segurança à noite, porque as noites eram quase de um roxo-escuro, e eu estava sozinho. Se arriscassem falar com alguém, era um rapaz de quinze anos a guardar vacas a meio de uma noite muito escura.

A vida era perigosa para todos nós. A cada dois dias, via patrulhas alemãs, com espingardas e cães a rosar, vagueando pela floresta. As espingardas estavam sempre em punho, prontas a

disparar. Procuravam por russos, e os nazis disparavam sempre que viam um.

Nunca vi tiroteios, mas ouvi a família Zbanski referir Krullur, um espião local dos alemães.

– Aquele homem gaba-se de levar alemães para esconderijos onde os russos estão. Mostrou-me onde os nazis dispararam para esses buracos enquanto os russos imploravam pela vida. É um homem desprezível – contou-me um dos irmãos Zbanski.

Era tão extenso o número de prisioneiros russos nos quilómetros de floresta perto do campo, que a área ficou conhecida por «Rússia branca», embora eu não soubesse porquê. Passado pouco tempo, a comunicação entre mim e os russos tornou-se mais fácil. Os Zbanski olhavam para o lado à medida que me tornei mais generoso com o que deixava atrás do celeiro. Ao início, apenas batatas e pão. Depois, adicionei ração do gado e passas, o que podia dar.

Com o decorrer do tempo, os russos começaram a andar com pistolas e espingardas velhas. Sempre que os via, carregavam mais armas. Roubavam gado dos agricultores ricos e davam-no a um agricultor pobre a oito ou dez quilómetros, em troca de armas. Muitos dos agricultores sabiam onde o exército polaco escondera as armas após a rendição para que os alemães não as encontrassem. Em troca de uma boa vaca, um agricultor ficava feliz em dizer aos russos onde encontrar essas armas.

Depois, dei um salto ousado. Não lhes deixava apenas comida. Às vezes encontrava armas do exército polaco escondidas na floresta. Comecei a deixar aos russos essas armas e munições. Eventualmente, descobri a maneira que muitos russos usavam para sobreviver. Tinham escavado uma rede de túneis para se deslocarem pela floresta sem se cruzarem com as patrulhas alemães.

Mas não podia manter-me apenas no território da quinta. Às vezes ia visitar a minha família. Uma noite voltei a casa e encontrei duas pessoas que o meu pai conhecia. Tinham todas o mesmo

trabalho, ir buscar tabaco dos armazéns do Governo polaco e entregá-los a lojas. Todos recebiam armas.

Os dois homens escaparam de Treblinka. Na altura, era apenas uma prisão para judeus e presos políticos.

– Estivemos lá durante algumas semanas – disse o mais escuro, carrancudo. – Os idiotas dos alemães fizeram-nos empacotar roupas retiradas das pessoas que trazem da Bélgica, e algumas até de Varsóvia. Vai ser um sítio grande. Andam a limpar dezenas de hectares.

O meu pai ajudou outros fugitivos de Treblinka a passar pela nossa cidade. Os que vinham ter connosco já sabiam que o meu pai lhes dava abrigo. Procuravam-no também porque ele era respeitado na comunidade. Tinham um plano.

– Temos armas. Porque não organizamos uma guerrilha? – perguntou o mais escuro.

Queriam formar uma milícia para assediar os alemães polacos que viviam bem no nosso país sob Hitler. Ouvíramos sobre o movimento de resistência judaica. A nossa zona tinha aldeias com um grande número de famílias alemãs, onde os alemães possuíam quintas e negócios. Os homens voluntariaram-se para se tornarem SS e Gestapo. As mulheres e as crianças geriam agora os negócios. Seriam fáceis de assediar, e eu queria a minha vingança.

– Vamos arranjar cavalos e queimar as aldeias das famílias alemãs que estão a tirar proveito da nossa miséria. Os seus homens encontram-se na frente russa. O que resta são mulheres e crianças. Somos mais novos e mais fortes do que eles. Podemos queimar as suas aldeias e matar o gado. Não é pior do que o que nos estão a fazer.

O meu pai e eu concordávamos. Queriam que o meu pai convocasse uma reunião com mais doze pessoas, indivíduos da nossa comunidade que foram negociantes de diamantes, carvão, e outras coisas tais. O meu pai convocou uma reunião para a sua casa para uns dias mais tarde.

A minha raiva fervia. Sabia que as famílias alemãs lucravam porque as cidades estavam a ficar sem judeus. Antes de Hitler os mobilizar, eles eram bufos, dizendo aos alemães quem eram os judeus e quais os seus negócios.

Vimo-los várias vezes na nossa cidade e ouvimo-los a falar de como Hitler os libertara. Veneravam Hitler. Por serem tão fanáticos e porque queriam provar o bom trabalho que poderiam fazer pelo *Der Führer*, nós tínhamos mais medo deles do que dos outros alemães.

– Vamos fazer o que eles nos fizeram. Podemos queimar celeiros, bater nas mulheres e queimar aldeias inteiras. Chegamos montados a cavalo, incendiámos as aldeias, e partimos. Para o que nos fizeram, não há perdão – disse um dos fugitivos.

Quando esse plano foi proposto na reunião, o meu pai vociferou pela aprovação.

– Vamo-nos organizar. Sou um homem militar, e sei disparar. Todos os anos o Governo polaco chamava-me para treinar e refrescar as minhas habilidades. Vamos pô-las a bom uso – afirmou.

Embora o meu pai e os dois fugitivos de Treblinka tivessem sido soldados, os restantes homens eram mercadores de diamantes, carvão ou camisolas. Não estavam acostumados a provações ou brutalidades.

– Nós, judeus, nunca matámos. Especialmente não matamos crianças – disse um deles.

– Temos de matar. Eles estão a matar-nos – retorqui.

Os argumentos avançaram e recuaram durante horas. Os judeus adoram teorizar, de qualquer maneira, e quando as apostas estão assim tão altas, o debate torna-se particularmente intenso. Por fim, o meu pai convocou uma votação. Perdemos dez para seis. Vi os ombros do meu pai encolherem-se. Senti-me doente.

Os dois fugitivos de Treblinka apertaram a mão do meu pai.

– Temos de partir – declarou o mais escuro. – Talvez nos juntemos aos *partisans* soviéticos. Ou aos *partisans* judeus. Temos armas. Vão aceitar-nos.

Regressei à quinta e comecei a deixar ainda mais comida para os russos, porque eram a única oposição organizada. Agora, abordavam-me até durante o dia e pediam comida. Aprendi mais a língua deles. Não importava onde estivesse, eles encontravam-me.

Os russos temiam particularmente Krullur. Era baixo, com pouco mais do que um metro e cinquenta, e magro. Pesava no máximo cinquenta e quatro quilos. Krullur, cuja alcunha era «Kink», era guarda-florestal e informador. Era perigoso porque crescera na nossa cidade e conhecia muitas das pessoas. E também as florestas. Agora, era o guarda-florestal dos alemães. Deram-lhe uma espingarda para patrulhar e para garantir que as florestas não eram sabotadas.

Havia cartazes a cobrir as árvores, os edifícios grandes, e esquinas das ruas: «Se vir um fugitivo judeu ou russo, denuncie e dar-lhe-emos açúcar.» Kink devia ter muito açúcar.

Conhecia cada canto da floresta e vivia ao lado dela. Tinha um telefone em casa, e procurava por prisioneiros de guerra russos em particular. Havia milhares deles, muitos dos quais se tinham agora enterrado em búnqueres na floresta. Quando Krullur avistava um, chamava as tropas alemãs, que vinham a correr com pistolas e espingardas prontas, juntamente com os seus cães amarrados, que rosnavam e mostravam os dentes.

Chateava pouco os agricultores porque muitos tinham estado no exército, e um deles matá-lo-ia a tiro se os incomodasse. Era demasiado cobarde para perturbar alguém que pudesse revidar, como a minha mãe.

Kink conhecia a aldeia toda, e focava-se nas caras estranhas, para saber o que faziam ali. Ocasionalmente, a minha mãe ia à quinta buscar comida. Numa viagem, Krullur apareceu por trás dela, agarrou-a e tentou levá-la para a esquadra. Ela deu-lhe um murro na cara com tanta força que ele caiu para trás. Ele não tinha a arma consigo, por isso a minha mãe escapou. Ela correu até à quinta dos Zbanski. Eles deixaram-na entrar e esconderam-na na cave.

– Tive sorte, Joe – disse-me. – Estes anéis pesados que tenho nos dedos derrubaram-no. Mas não volto aqui, meu filho. Não posso correr o risco.

Agora, quando regressava para ver a minha família, constatava que a cidade rebentava pelas costuras. Onde houvesse um espaço vazio, os alemães depositavam lá mais pessoas. O número de mortos também aumentara. Muitas vezes, via os coveiros. Sabíamos quem eram, mas usavam uniforme – um pequeno chapéu redondo cinzento, com uma fita preta à volta. Três ou quatro coveiros acompanhavam o carro fúnebre todos os dias.

Os coveiros carregavam os cadáveres pelas mãos e pelos pés. Não havia nada para os cobrir, por isso vi demasiados rostos da morte. Geralmente crianças até aos nove anos e idosos. Percebia apenas pelo comprimento do corpo se era uma criança. Muitas morreram de doenças. Estavam esqueléticas, as costelas quase a furar a pele. Os dentes salientavam-se dos lábios enrugados, com os olhos profundamente encovados.

Sabíamos que os coveiros puxavam o pequeno carro diretamente para o cemitério. Não havia onde tornar o cadáver apresentável. Não, não teriam o corpo lavado e vestido com boas roupas ou o cabelo penteado. Não era suposto o cadáver ser bem vestido para a família e os amigos, dos quais poucos estariam vivos. Ao invés, uma parte do carrinho era levantada, e os mortos tombavam, numa confusão de braços, pernas e cabeças, para as valas comuns com cerca de trinta e oito metros de largura e um e oitenta de profundidade.

Para os vivos, a vida agravara-se. Os espancamentos, maus o suficiente, para começar, eram agora administrados para qualquer tipo de infração. Se a polícia judaica nos apanhasse a negociar entre nós, para tentarmos sobreviver, consideravam que era provocação bastante para nos aplicarem medidas duras no corpo com o que tivessem. O mesmo com os alemães.

Os espancamentos tinham sempre o rosto como alvo, normalmente as orelhas, o nariz, ou a boca. Por isso, aprendemos a

proteger essas partes, assim como as virilhas, a todo o custo. O mesmo acontecia no trabalho. Os alemães aproveitavam qualquer desculpa para nos baterem na cara.

– Judeus inferiores, malditos semitas – gritavam enquanto nos batiam. – O vosso povo na Inglaterra e nos Estados Unidos está a apoiar a guerra contra nós. Como se atrevem, malditos judeus.

Nos anos seguintes, eu e muitos outros fomos submetidos a este ataque verbal nos mais variados lugares onde estivemos. Os alemães odiavam a ideia de que os judeus, em qualquer parte do mundo, pudessem enfrentá-los, pudessem ajudar os inimigos da pátria, e descarregavam a raiva em nós.

O meu pai continuava a fazer trabalhos provisórios para os alemães, a limpar autoestradas, a escavar valas. Às vezes vinha para casa e descrevia como os agentes da Gestapo lhe batiam e aos três vizinhos que trabalhavam com ele. Os arranhões e o sangue no seu rosto, os rasgões na roupa, as mechas de cabelo puxado da cabeça dele diziam tudo.

Um dia, quando voltei a casa vindo da quinta dos Zbanski, vi algo que me abalou por completo. Ouvi barulhos na rua, e espreitei pela esquina. Vi o pai de uma família que conhecia bem.

Nessa família, eram talhantes há gerações. Os nazis viram também a família e começaram a persegui-los. O pai parou e virou-se, e um agente da Gestapo levantou a pistola e disparou a um metro e vinte de distância. O alemão acertou na cabeça do homem, e vi uma cor rosa e vermelha perto da sua orelha. Mas embora o sangue se lhe derramasse pelas orelhas, ainda respirava. A mulher correu até ele, e estava vivo.

– Por favor, por favor, deixem-no em paz – gritou para os alemães. – Está vivo. Deixem-no ir. Não vos fez nada.

Os alemães dispararam na mulher e ela caiu no chão como um saco de trigo. Depois a filha veio, gritando:

– Olha o que os assassinos estão a fazer. – Eles dispararam, e ela caiu para trás. Ato contínuo, o filho, um dos meus colegas de

escola, veio a correr, gritando e abanando os braços. Acertaram-lhe. Ele colapsou.

Eu estava aterrorizado. Pela primeira vez, senti um medo profundo e frio a correr-me pelos ossos. Apercebi-me de que voltariam e matariam outros, incluindo a minha família. Corri para casa e vomitei na sanita.

O meu pai vira tudo.

– Olha o que eles fizeram. Olha o que eles fizeram – gritava. – É o fim do mundo. Está a vir depressa, e há pouco que possamos fazer – desabafou, com os olhos salientes, o rosto vermelho-vivo. – Temos de ver o que vemos, calarmo-nos, e esperar que nada assim aconteça connosco. – Depois baixou a cabeça, mostrando o pescoço encardido. – Mas isso é uma ilusão – continuou em voz baixa. – Vai acontecer. Vai acontecer.

Eu estava apavorado. Chegámos ao ponto em que já não tínhamos lágrimas. Não tínhamos voz com que gritar. Toda a gente em casa estava entorpecida. Sabíamos que o nosso futuro se esvaíra, que o lento processo de liquidação diário continuaria a levar-nos tudo, a vida, a liberdade, a existência. Estava entorpecido.

Somos peixes indefesos presos num oceano de tubarões, pensei. Não podemos nadar por eles ou à volta deles. Se tentarmos, somos comidos. O que quer que façamos, estamos à espera para morrer.

Capítulo Cinco

O NÓ APERTA

Alguns meses depois era setembro de 1941, quase altura de voltar para a minha família no inverno. A temperatura descia para os sete graus; o gelo cobria a resteva nos campos. Os soldados alemães visitavam a quinta frequentemente, e levavam o inventário de todo o gado e comida. O seu apetite por carne fresca e ovos parecia ter multiplicado desde que os ataques na Rússia haviam começado. Sabíamos que o inverno russo era duro, assim como o nosso, e o apetite do exército alemão podia tornar-se mais voraz.

Eu ainda deixava comida atrás do celeiro para os guerrilheiros russos. Por essa altura tinham já formado bandos armados. Vi-os na floresta com espingardas e pistolas velhas. Um homem até tinha uma granada de mão.

Num dia de outubro, dois soldados alemães faziam o habitual inventário de três meses na quinta dos Zbanski. Seguiam também os filhos Zbanski o dia inteiro. Os soldados tinham sido agricultores, por isso, supostamente, sabiam o suficiente para verificar o quão exata era a estimativa. Os próprios soldados andavam num camião por todo o município, controlando independentemente todas as quintas.

Sentia-me curioso quanto à conversa entre os filhos Zbanski e os soldados, por isso entrei na casa da quinta para ir buscar um copo de água e um pouco de pão. Na verdade, estava apenas a bisbilhotar.

Vi os soldados sentados à mesa da sala de jantar com os Zbanski. Os nazis examinavam a lista deles de agricultores no município e do cultivo e dos animais que deveriam entregar.

– Porque é que a contribuição que os vossos agricultores fazem para a pátria é tão pequena? Estão a esconder algo? – gritou um dos soldados.

– Não – disse Bernard. – É um terreno pobre. Não retém bem a água, o que vocês deveriam saber. Têm andado nesta zona muitas vezes. Sabem como o solo é. É baixo, e quando chove inunda o trigo e outro cultivo. Só podemos tirar o proveito do solo pobre quando nos é permitido.

Os alemães não disseram muito. Mas vi um deles a confirmar com a cabeça. Eles sabiam que a terra era má. O que eles não sabiam, ao contrário de mim, era que os filhos Zbanski andavam a dar ao exército alemão a porção mais mísera que pudessem.

Eram bem amados nesse município. Protegiam toda a gente, e os agricultores sabiam-no. Noutros países, as pessoas na posição deles tentavam demonstrar aos alemães o quão leais eram, espremendo os colegas agricultores até ao último grão. Mas não os Zbanski. Como resultado, os agricultores tinham mais comida para alimentar as famílias e com que negociar no mercado negro.

Eu conhecia os soldados das outras ocasiões em que visitaram a quinta, mas evitava qualquer tipo de relacionamento. Tentaram ser amigáveis, mas conhecia a mordida de cobra por trás dos sorrisos. Podia ter falado com eles em alemão. Mas depois os Zbanski não saberiam o que dizia e podiam suspeitar. Além disso, se os soldados pensassem que eu estava do lado deles, podiam querer que espiasse os Zbanski. Não poderia fazê-lo. Fingi ser um gentio que entendia apenas polaco.

Fizemos um almoço farto antes de os soldados partirem. A mesa estava repleta de blinis de queijo, *bacon*, pão, leite.

Esta única refeição alimentaria a minha família durante vários dias. Sinto-me como um criminoso, a comer tanto quando eles têm tão pouco. Mas devo-me manter forte para fazer o trabalho, pensei.

Depois de os soldados terminarem o trabalho, vieram ter comigo como sempre faziam. Estava a tratar dos estábulos. Um deles disse em polaco:

– Prepara o camião e os cavalos.

Os Zbanski tinham montado bancos de fardos de palha na parte de trás de um camião e havia ainda um cobertor para proteger os soldados do ar de inverno de quatro graus. Endireitei os fardos e alisei o cobertor, e diziam repetidamente: «Boa, boa», em polaco.

Atrelei os cavalos cinzentos e bem musculados ao camião. Normalmente, os Zbanski usavam os cavalos para arar, para transportar madeira, ou para ir à igreja ou à minha cidade. Os soldados e eu entrámos no camião, e comecei a conduzi-los até ao município próximo. Os soldados eram a imagem-padrão do ariano: cabelo loiro, olhos azuis, maxilar vincado, dentes brancos, cara rosada. Estranhamente, pareciam-se comigo. Mas os seus rostos jovens tinham linhas de preocupação, e a confiança que lhes costumava transbordar dos olhos revelavam vestígios de dúvida. Eram infelizes.

Nem se questionaram sobre mim. Eu também tinha cabelo loiro e olhos azuis, e os seus princípios nazis diziam-lhes que só podia ser ariano.

A temperatura chegava agora perto do zero, e eles envergavam casacos e calças fininhos, e uma camisola. O frio cortava, por isso apreciavam mais o cobertor. Durante o caminho, falavam continuamente comigo em alemão. Chamavam repetidamente por mim:

– Está frio. Está frio. Despacha-te, despacha-te. – Faziam movimentos de empurrar com as mãos e continuavam a gritar-me para que acelerasse. Fiz com que os cavalos galopassem um pouco mais rápido. Não seria bom que pensassem que eu entendia alemão, porque não falavam perto de mim. Aprendi o alemão de forma honesta. Mesmo assim, a velocidade não era suficiente para eles. Portanto, brincámos ao que se tornou quase um jogo.

– Sim, sim, sim – dizia em polaco.

– Acelera, acelera, acelera – ordenavam em alemão.

– O quê? O quê? – perguntava em polaco. Percebia o que queriam, claro, mas eles não o sabiam.

Um dos soldados pegou num maço amarrotado de cigarros e ofereceu-me um. Sorri educadamente e abanei a cabeça. Depois os dois acenderam-nos. O cheiro intenso do tabaco desagradável deles atingiu as minhas narinas como um soco na cara, mas estávamos ao ar livre, por isso o odor dissipou-se.

– *Ja*, venceremos a guerra. Vamos dar cabo daqueles malditos comunistas, isso é garantido – disse um, com incerteza na voz.

– Quando o fizermos, estes polacos ignorantes não saberão a diferença.

Por essa altura, começaram a falar de como a guerra realmente corria – não corria bem. Em breve, a verdade sobre a guerra deles contra a Rússia começou a dominar a conversa.

– Os malditos comunistas estão a atrasar-nos.

– Andamos na maldita desta guerra há três anos. Os britânicos começam a bombardear as nossas cidades. Pensámos que estaríamos em Moscovo antes do tempo frio. As nossas tropas não avançam. O inverno russo vai matar-nos. Pensámos que viveríamos dos cavalos, porcos, cabras e cultivo deles. Mas queimaram tudo o que tiveram de abandonar. Até envenenaram a água potável. Não nos resta nada.

– O que acontecer, acontecerá – disse o outro. – Agora não há maneira de dizer em que direção esta guerra segue. O nosso líder glorioso, Hitler, queria uma guerra. Tem-na.

– Não ganhámos a Primeira Guerra Mundial. Se perdermos esta, será muito pior. Agora todos eles nos odeiam.

– É pior porque agora os russos têm guerrilheiros por todo o lado. Estamos rodeados, e nunca sabemos onde estamos.

Pensei nos homens magros, quase esqueléticos, a quem deixara comida. Esses eram os fortes guerreiros que aqueles dois alemães tanto receavam. Mas soube-me bem saber que estava a sabotar os alemães, e por ouvir que a minha pequena contribuição os deixava com medo de dormir à noite.

O meu estômago ardeu de tanto chamar os meus amigos russos, de lhes gritar para que viessem matar aqueles dois ignóbeis. Tive de

engolir as palavras. Era a única forma de sobreviver.

Depois, a conversa desviou-se para as liquidações. Entendi cada palavra, e queria gritar-lhes: «Seus alemães filhos da puta, estão a matar-nos. Deviam ser mortos pelo que fazem ao nosso povo.»

Sentia as palavras a invadir-me a garganta. Travei-as, sabendo que, se dissesse alguma coisa que traísse o meu judaísmo, seria morto, e a família que me recolhia também. A conversa mudou para como seria com os alemães se perdessem a guerra.

– Bem, como seria se perdêssemos para a Polónia? Na Primeira Guerra Mundial, as pessoas respeitavam-nos. Não matámos pessoas. Agora magoamo-las, muitas. Estamos a ferir ciganos; estamos a ferir o povo russo. Estamos rodeados.

– Tens razão. Tens razão.

– Três anos e não estamos em lado nenhum. Não tomámos a Inglaterra. A Rússia é longe. Os Estados Unidos podem entrar na guerra a qualquer momento. E depois onde estaremos? Eles têm indianos, paquistaneses. Os ingleses têm as pessoas do Norte de África. Estão todos a combater-nos.

Falaram sobre como a guerra na Rússia começava a empecilhar. Que os soldados deles não tinham roupas quentes porque o *Führer* pensara que a guerra terminaria antes de o inverno se instalar e que as suas tropas conseguiriam violar o povo russo e as suas terras para o que fosse necessário.

– Esta guerra não terá o desfecho que pensávamos. Não temos escolha. Somos apenas soldados – choramingou um deles. – Temos de continuar a lutar. Olha o que fazemos aos polacos. Estamos a retirar-lhes tudo o que têm. Vimos aqui a cada três meses, despojamo-los, e não têm quase nada de sobra para eles próprios ou para vender a fim de ganhar a vida.

De repente, começaram a falar sobre como era a vida na Alemanha. Mantive o olhar em frente, mas os meus ouvidos estavam sintonizados na conversa. Um perguntou ao outro:

– Como estão as coisas em casa?

– Tudo é racionado. Os militares ainda têm comida porque a tiramos das pessoas. O nosso exército está a congelar. Vão para Estalinegrado.

– A minha mulher deu todas as minhas roupas pesadas, os casacos, os sobretudos de inverno, para o exército.

– Não sei o que a minha mulher fez, mas provavelmente fez o mesmo.

A conversa continuou. Sentiam pena deles próprios. As minhas entranhas espumavam. Eles sabiam dos campos de morte, dos campos de concentração; sabiam que judeus, ciganos, milhões de pessoas que não eram arianas eram liquidadas. Sabiam de tudo, e tinham pena *deles* próprios?

A viagem demorou cerca de noventa minutos. No final, deixei-os em grandes casernas, cobertas de armas e jipes e uniformes brilhantes.

Acenaram em despedida. Acenei de volta, mas queria rebentar a cantar agora que sabia que os alemães estavam em sofrimento – talvez «Hava Nagila» fosse a música indicada. Tivemos de trocar as roupas de inverno por comida. Os alemães estavam a entregar as suas roupas de inverno para vestir o exército que combatia na Rússia. Dei com as rédeas nos cavalos e fiz com que galopassem quase até casa, estava feliz.

Não contei a conversa aos Zbanski. Deus nos livre, talvez a fossem contar involuntariamente à pessoa errada. Sei como guardar segredos, uma das muitas capacidades que aprendi com os guerrilheiros. Não é que achasse que os irmãos Zbanski gostassem do seu trabalho. Ouvira-os falar demasiadas vezes para acreditar. Eles odiavam os alemães quase tanto quanto eu.

Eles não eram antissemitas. Como ia à igreja com eles quase todos os domingos – tinha de manter a aparência de ser gentio –, podia ver o quão religiosos eram e o quanto amavam na igreja.

Adorava-os pela oportunidade que me estavam a dar de sair da cidade e de ajudar a alimentar a minha família. Eles gostavam de mim porque tiveram de me dizer apenas uma vez o que fazer, e

depois fi-lo, frequentemente tão bem quanto eles o faziam. Mantinha-me asseado e lavava as minhas roupas. Não esperava que a avó ou que qualquer outra mulher o fizesse por mim. Estavam sempre a dar-me pedaços de comida às escondidas, com a preocupação de que não comesse o suficiente. A minha própria mãe judia não poderia estar mais atenta à minha dieta. A filha, Karza, era particularmente atenciosa.

Karza chorava pelo sofrimento do meu povo. E fazia a minha comida quando eu estava prestes a mergulhar na floresta numa das minhas visitas para levar comida à minha família. Um dia, estava a tremer de frio, e ela deu-me um casaco forrado a lã que pertencia a um dos irmãos.

O calor que me envolveu era mais do que apenas da lã. Era um sentimento, embora fugaz, de ser amado, bem alimentado e escondido dos alemães. Mas eu sabia que era uma ilusão. Todos os dias, tinha de ter cuidado com Krullur, que observava o pasto onde eu apascentava o gado. Era ilegal usá-lo, mas chegava lá mais cedo do que ele de manhã e mais tarde à noite. O meu horário tinha um ritmo reconfortante. Eu sabia que devia ser cauteloso, para garantir que Krullur não me apanhava. Tornei-me confiante de que não o faria.

Em breve, ia passar o inverno junto da minha família. Todas as mulheres Zbanski juntaram-se à minha volta. Beijaram-me e abraçaram-me, as suas lágrimas salpicavam o meu ombro. Sabiam o que me aconteceria quando voltasse a casa.

Falámos sobre os espancamentos, sobre como o meu pai negociara a maioria das coisas que possuíamos para ter comida, a prioridade número um, acima até de roupas quentes. Via a compaixão nos olhos delas, genuinamente magoadas por ouvir pelo que a minha família passava. Via também o seu desamparo.

– Adeus, adeus – declamava a avó à medida que iniciava a minha jornada pela rota de regresso à noite. Não fazia sentido deparar-me com os alemães sem necessidade.

Os Zbanski deram-me tanta comida quanta conseguia carregar num saco de serapilheira, mas não podia carregar muito. Segui a rota do costume de quinze metros no interior da floresta, vadeando o rio com o saco à volta do pescoço e as roupas sobre a cabeça.

Quando me esgueirei de volta para a cidade, notei muitas mudanças. Estava tudo negligenciado. As ruas, sempre tão limpas que até se podia comer do chão, tinham tantas pilhas de lixo que o cheiro me alcançou o crânio, arrancando-me quase os seios nasais. Entre os cadáveres e o lixo, acumulavam-se grandes grupos de moscas ruidosas. As órbitas oculares eram comidas, as caras devoradas, mas os mortos nunca se mexeram.

As ruas estavam vazias. Nem os gentios saíam de casa, e eles tinham permissão para se moverem livremente.

O meu pai contou-me que os alemães reuniram mil dos nossos que eram fabricantes de cerdas e que os enviaram para Majdanek. Mais tarde descobri que se tratava de um campo da morte. Os habitantes da nossa cidade estavam lá como trabalho escravo para fazer escovas. Eles eram os meus vizinhos, os meus amigos.

A vida estava a desintegrar-se na nossa zona. Havia duas razões pelas quais a minha família tinha alguma comida. Uma é que eu era capaz de fornecer sacas de comida. A outra era que o tio Willy na América enviara-nos peças de ouro e dólares antes da guerra. Talvez quinze ou vinte dólares nos nossos feriados principais: no Ano Novo e na Páscoa. Agora usávamos essas peças para comprar comida.

O meu primo Hymie, o artista, ainda vivia bem. Ia ocasionalmente a casa de Yudel, levava alguma comida e contava-lhe o que se passava. Mas até Hymie não sabia de muito. Vivia no setor principal da cidade, mas fechava as janelas e tentava não ouvir nem ver nada – o que os gentios faziam. Eles não queriam saber o que se passava. Hymie, no entanto, tentava falar com todos os alemães que iam ao seu estúdio, por isso estava a par de algumas coisas.

O que ouviu, e o que os judeus na nossa cidade sabiam bem, era que os alemães nos batiam com mais força, durante mais tempo, e

com mais frequência. Os japoneses bombardearam Pearl Harbor, e a América entrou na guerra – enfurecendo os alemães. Agora, quando nos batiam com uma raiva de triturar ossos durante o trabalho forçado, cuspiam: «Vocês judeus malditos e os da América estão a arrastar esta guerra, piorando-a, para injuriar o Reich.»

Tinham descoberto que os Rothschild em Inglaterra haviam dado permissão aos militares para depositarem o seu armamento e estacionarem os aviões no terreno privado deles. E ouvimos muito sobre isso, também, à medida que um alemão após o outro nos agredia, nas ruas, nas nossas casas, onde quer que o seu capricho malvado ditasse.

Continuávamos a tentar sobreviver. O meu pai persistia em colocar a arma num casaco de verão – quase não tínhamos roupas de inverno restantes por esta altura – e caminhava pela noite dentro com sacos vazios. Regressava horas depois, normalmente quando a maioria de nós dormia, com batatas, pão, cenouras, frango, até um ocasional pedaço de bife, um prémio raro.

Uma vez a cada semana ou duas, dizia, numa voz calma e determinada: «Vou andando.» Sabíamos que estava prestes a esgueirar-se por entre os alemães e as polícias polaca e judaica, para ir buscar comida. Oferecia-me para o acompanhar, e a resposta era sempre a mesma: «É o trabalho de um homem fazê-lo, e é muito perigoso.» Pensei que substituí-lo era fazer trabalho de homem e bastante perigoso, mas fiquei calado. Ofender-se-ia se eu insistisse.

Tinha muito trabalho. Para a nossa família, carregava água dos poços e lavava e secava os pratos e as roupas. Para os alemães, continuava a trabalhar na construção férrea.

Então, a neve começou a cair, assim como os nossos espíritos. Os alemães queriam forçar-se mais contra a Rússia. A guerra deles naquele país ainda não corria bem.

As nossas vidas continuaram a deteriorar-se. De repente, o Conselho Judaico colocou cartazes a avisar que todos os judeus em determinadas zonas deveriam sair – e tinham apenas dois dias para

o fazer. Seríamos comprimidos num gueto ainda mais apertado, com cerca de três quilómetros de comprimento e cinco de largura, perto do rio.

Os alemães apoderaram-se dos cinemas, dos quartéis dos bombeiros, de uma padaria chique, de lojas e bares, e permitiram que gentios os abrissem de novo, substituindo os proprietários judeus.

Entretanto, o primeiro gueto que os alemães criaram estava agora reduzido a dois terços. Vi ainda mais estranhos a caminhar para tomar ar fresco no crepúsculo. Vi os coveiros a carregar mais e mais cadáveres no pequeno carro deles.

De certa forma, a nossa família tinha sorte. Estávamos numa zona onde ainda era permitido os judeus viverem. A família que fora forçada a viver connosco ainda lá estava, embora fossem discretos. O pai continuava a trabalhar para os agricultores à noite a fim de arranjar comida para alimentar a família, por isso não tínhamos de nos preocupar com eles.

Para outras pessoas, a situação era pior. Os alemães não queriam saber para onde iam os que viviam na agora zona proibida. Era problema dos judeus. Por eles, os judeus podiam até viver nos telhados. Muitos foram morar com amigos ou familiares.

Algumas pessoas não tinham amigos nem família com quem contar, por isso pagavam uma renda. Muitas adquiriram, de alguma forma, dólares americanos ou libras esterlinas. A moeda polaca não tinha valor porque não havia essencialmente um governo polaco. Não éramos considerados seres humanos, logo, os alemães não negociavam connosco, e nós nunca adquirimos marcos.

Mesmo que se possuísse dinheiro para pagar uma renda, encontrar um espaço era um problema grave, porque poucas pessoas na nossa cidade tinham espaço que sobrasse. Os alemães aglomeravam quantas pudessem nas nossas casas, que geralmente tinham entre cento e trinta e sete e cento e sessenta e oito metros quadrados para uma família de classe média.

Yudel possuía seiscentos e dez metros quadrados e morava frente ao hospital judaico. Mas os alemães não o forçaram a acolher ninguém, e isso significava que andava a pagar a alguém muito importante.

A ameaça aumentava, como uma sombra escura, sobre as nossas vidas. Heinrich e Dietrich, da Gestapo, foram nomeados para nos liquidar. Vagueavam pelas ruas o dia todo, com licença para abusar e matar livremente. Chicoteavam cada vez mais as pessoas ou disparavam nelas. Com eles estava geralmente Lazar, ainda a dizer a Heinrich e Dietrich quem possuía dinheiro, quem trabalhara no Governo, quem era politicamente ativo, quem era um profissional, ou quem pertencera a organizações sionistas.

Parecia impossível que as nossas vidas pudessem piorar, mas passaram de miseráveis a desesperadas. Os alemães puseram um arame farpado semelhante a uma lâmina à volta do gueto. Os meus pais e toda a gente na nossa pequena zona encolhida ficámos amedrontados.

– Estão a fechar-nos o cerco. Da próxima vez, sabe Deus o que farão – disse o meu pai.

Ele tem razão, pensei, tristemente. Não podemos escapar à morte. Está apenas à nossa espera.

Agora, a polícia judaica patrulhava dentro do arame farpado em intervalos irregulares. No exterior, patrulhavam os soldados alemães. A qualquer hora, podiam estar em qualquer lado. Quando roubava lenha à noite, passava pelo arame que cercava o nosso gueto com uma chave de fendas e um trapo, ou luvas, para puxar o fio de arame de onde estava fixo ao poste.

Após ter roubado madeira suficiente, punha a ponta do fio de volta ao sítio, mas deixava-o solto para o poder puxar de novo. Estava ainda menos a salvo a roubar lenha do que antes. Mais uma vez, ouvia frequentemente tiros, e os barulhos a bater perto de mim à medida que os tiros eram disparados. Sempre que isso acontecia, largava a madeira e escapava pelo arame farpado.

Continuava a trabalhar na rampa do comboio, que acabou por ser mais do que uma rampa. Era uma linha férrea completa, e faltavam apenas algumas seções para a terminar. Agora, enquanto substituía o meu pai, ele descansava durante o dia, e depois saía quase todas as noites para negociar com os agricultores.

Um novo terror cercou-nos. De vez em quando, uma sirene soava enquanto algumas centenas de homens SS rodeavam o nosso gueto, e depois desciam-no. Iam de casa em casa, gritando: «*Raus, Juden; raus, Juden*» (Fora, judeus; fora, judeus). Ao início, as pessoas não se escondiam, porque não sabiam o que se passava.

Quando os alemães entravam pelas nossas casas adentro, batiam nas paredes e no chão. Vasculhavam tetos e chaminés. Levavam todos os que encontravam, escondidos ou não, para a estação de comboios, e depois enfiavam-nos em vagões de gado. Não sabíamos para onde iam. Muitas vezes, as pessoas sabiam que as incursões estavam a caminho, embora eu não soubesse como. Por três ocasiões, a minha família escapou a estas incursões, que ocorriam de várias em várias semanas.

Agora, não estávamos a salvo, até quando os alemães não nos faziam buscas. Se apanhassem pessoas nas ruas com comida, ou por qualquer outra razão, levavam-nas para o pátio da casa dos Tisch, que se tornara no quartel alemão. Sabíamos o que acontecia porque os coveiros iam lá diariamente. O meu pai conhecia alguns deles, que estavam ansiosos por partilhar a informação macabra. As notícias corriam depressa.

Tentámos esconder a nossa existência. Ficávamos em casa até ser quase escuro. Colocámos persianas de madeira nas janelas para que as pessoas não conseguissem espreitar para dentro.

Somos prisioneiros nas nossas casas, numa sentença sem fim, pensei. Isto passa-se há quase três anos, e os alemães continuam a esmagar toda a gente. Agora, estão a pressionar profundamente a Rússia, e quem sabe quando cairá a Rússia?

Nós – o meu pai, Jacob Wilder, que se casou com Sara, a filha mais velha de Yudel, e eu – estávamos a tomar medidas defensivas.

O meu pai tratava-me como um adulto.

– Temos de construir um búnquer – disse-me o meu pai. – Temos de nos esconder. Podemos pôr alguma comida e água lá dentro, e, se tivermos de o fazer, podemos esconder-nos dos alemães. Pelo menos até à primavera. Depois podemos juntar-nos aos guerrilheiros judeus.

Concordei. Estava demasiado frio para ficar na floresta. Congelaríamos, se não morrêssemos à fome primeiro.

A presença de Jacob na família era uma sorte para nós. Ele era carpinteiro, e começou a construir o búnquer debaixo do quarto de dormir. Demorou alguns meses. Eu saía à noite e arrancava tábuas velhas das fábricas. Algumas serviram para construir um quarto com dois metros e quarenta de largura e comprimento. Tinha também cerca de um metro e oitenta de profundidade, uma lembrança arrepiante de muitos vizinhos que residiam agora em valas comuns com uma profundidade semelhante.

À noite, já tarde, fazia vários passeios pelo ar frígido até à margem do rio, despejando a terra na borda da água para que esta a limpasse e reclamasse. Nunca estive perto de ser apanhado porque me pressionava contra os edifícios. Dessa forma, estava sempre nas sombras. Construámos também uma parede falsa no armazém do meu pai. Demorámos quatro meses, embora trabalhássemos nela sete noites por semana. Terminámo-la em abril de 1942.

Outras pessoas estavam também a construir búnqueres. Alguns dos vizinhos contaram-me sobre os deles, mas mesmo se não o fizessem, ficaria a saber. Quando fazia as minhas corridas tardias para despejar terra na margem do rio, a calma da noite pontuava com o som de martelos a enfiar pregos na madeira.

Na primavera de 1942, regressei à minha família da quinta. Quando cheguei, um dos irmãos deixou escapar um grito selvagem, e as mulheres abraçaram-me e beijaram-me.

– Oh, meu Deus, estamos felizes por estares vivo; estamos felizes por estares vivo – soluçou a avó. – Vamos compensar-te pelo

inverno terrível que tiveste com beijos e com bondade.

– Meu Deus, estou feliz por estar aqui – exclamei, com lágrimas grossas de alívio a correr-me pelas faces. – Pelo menos aqui posso respirar, e não me preocupar com os alemães prontos para me matarem na próxima esquina.

No entanto, a vida tornava-se um pouco desesperada para alguns agricultores. Muitos homens estavam em prisões alemãs e as mulheres e crianças necessitavam de ajuda com o gado e o cultivo. As famílias à nossa volta começaram a contratar guerrilheiros russos para as ajudar. Os russos esqueléticos precisavam da comida, desesperadamente. Sem ajuda, a maioria do gado sofreria e o cultivo murcharia nos campos. Se isso acontecesse, as famílias das quintas provar-se-iam inúteis para o esforço de guerra alemão e seriam mortas a tiro.

Mas o acordo era perigoso, tão perigoso como ter-me a trabalhar na quinta dos Zbanski. Se os alemães encontrassem um judeu ou um russo a trabalhar para um agricultor, matariam toda a gente, porque era suposto os agricultores entregarem os judeus ou os russos. Mesmo assim, as famílias das quintas enveredaram por uma abordagem prática. Precisavam do trabalho feito.

Os Zbanski sabiam o que se passava, mas correram o risco e mantiveram-me. Vendiam porcos no mercado negro e faziam vodca. Tinham uma destilaria ao fundo do celeiro onde eu dormia. Ocasionalmente, ficava embriagado com os vapores, e cantava canções e cambaleava. Até dava uns goles de vez em quando, mas não muito.

Os Zbanski deviam ter laços mais próximos com o movimento *underground* do que eu suspeitava. Arranjaram-me um passaporte falso cinzento e preto que dizia que eu era ariano. Até tinha o selo do Terceiro Reich. Andava com ele, mas nunca tive de o usar.

Entretanto, quando visitava a minha família com sacas de comida, descobri que Jacob Wilder estava a construir uma parede falsa no armazém do sótão e uma parede dupla dentro do celeiro, a cerca de três metros da nossa casa.

Jacob construiu uma parede a noventa centímetros da parede real, com espaço para o máximo de cinco pessoas se deitarem. A porta era camuflada. Na casa, o búnquer estava escondido por uma sanita que podia ser retirada, revelando uma escada até ao quarto de dormir em baixo.

Os quartos escondidos salvaram a vida do meu pai. Ele contou-me que uma noite estava a passar furtivamente o arame para negociar com os agricultores. Um membro das SS apanhou-o e tentou prendê-lo. Prender significava morte certa. O meu pai encontrou uma tábua e bateu-lhe na cabeça, derrubando-o.

Quando o alemão recuperou a consciência, pediu reforços. Ele tinha uma arma, claro, e perseguiu o meu pai até casa. Por essa altura, o búnquer e as paredes duplas no armazém estavam terminados, assim como uns tetos falsos.

O alemão e os amigos procuraram pelo quarteirão inteiro. Toda a gente se escondia em búnqueres, tetos falsos e paredes duplas. Os alemães procuraram durante duas horas na escuridão, não encontraram o meu pai e desistiram.

Através dos seus muitos contactos, a minha mãe descobriu que existiam campos de morte. Ela dissera muitas vezes que a família da quinta onde eu trabalhava era genuinamente boa. Nesse momento, ela começou a dar joias, peças de vidro, lençóis, fronhas e roupas aos Zbanski quando eles iam à cidade. Queria que eles guardassem estas coisas por nós.

– Eu confio neles. Quem sabe se sobreviveremos a isto? Quero algumas coisas lá caso algum de vocês sobreviva – disse ela.

Um dia, quando regressei à casa da minha família, andei pelas ruas. Estavam pavimentadas, mas a calçada encontrava-se coberta de cadáveres e sangue. Não conseguia distinguir que pessoas tinham sido mortas a tiro e quais haviam morrido à fome. Nem queria saber. Passado um tempo, todos os corpos pareciam iguais, como se a última gota de vida lhes fosse espremida até o coração desistir – rostos encovados, dentes descobertos num sorriso medonho sob os lábios enrugados. As feições contornadas exibiam

a dor. O tom da pele era cinza, e eram sempre, sempre magros, assemelhando-se a sombras.

Vi um cadáver ali, dois acolá. Normalmente, ignorava os corpos inchados e biliosos porque se tornaram parte do cenário. Não podia pensar neles. Os vivos eram a minha preocupação. As pessoas passavam fome e adoeciam. Não tínhamos comida nem medicamentos. Quando isso acontece, o corpo encolhe, incluindo a cara, e os olhos esbugalham-se. Vi braços e pernas semelhantes a pauzinhos, crianças reduzidas quase à grossura de um pau de vassoura sem carne nos ossos.

A maioria dos corpos estava nua, porque os vivos lhes roubavam as roupas. Vi mulheres despidas, embora mortas. Uma visão que os meus pais me proibiriam sob quase quaisquer circunstâncias. Agora via-as e não me importava, não apenas porque morreram, mas também porque qualquer interesse sexual adolescente era oprimido por uma corrente de fome e indiferença maciça de ver cadáveres.

Os meus sentimentos não estavam completamente entorpecidos. De vez em quando, imaginava por momentos como aquelas pessoas tinham morrido, a lutar pela sobrevivência, por mais uma semana, um dia, uma hora. Mas tinha de reagir, pois a minha cabeça sentia-se como se fora aberta ao meio com um machado, e o meu coração parecia ter sido arrancado do peito. Não conseguia respirar. A única maneira de parar a dor era pensar na minha família, pensar em arranjar comida e sobreviver. Para a minha própria sobrevivência, não podia alongar-me a pensar na morte de estranhos.

Em vez disso, começava a pensar. Os meus pés eram vários tamanhos acima porque estavam inchados da inanição, embora as minhas mãos tivessem encolhido. Se bem que tivesse começado a comer bem na quinta dos Zbanski, estivera em casa todo o inverno. Havia muitas bocas para alimentar e pouca comida. A padaria continuava a ficar sem pão frequentemente. As idas do meu pai aos agricultores dificilmente nos proporcionava comida suficiente para

nos ajudar a sobreviver. Até quando estava com os Zbanski, conseguia olhar para baixo e contar as minhas costelas.

Ao caminhar para casa, sentia o corpo todo a abrandar, como um carro a ficar sem combustível. Estava ofegante, a sentir a dor da fome e as dores de cabeça, e o corpo a doer-me por todo o lado. Sabia que não estava longe de me tornar numa daquelas pessoas nuas deitadas na rua.

Capítulo Seis

MUITO MÁS NOTÍCIAS

Num dia em pleno verão de 1942, estava a esfregar os estábulos dos Zbanski quando o meu irmão Hymie entrou a correr. Fiquei chocado. Hymie nunca visitava a quinta sem avisar previamente. O rosto dele estava corado, e respirava ofegante. Os olhos esbugalhados. O rosto coberto de dor. Eu sabia que não queria ouvir o que ele tinha para me dizer, mas olhei-o.

– A nossa família foi levada para Treblinka. Escapuli-me da praça do mercado para onde eles transportaram toda a gente. Mas eles levaram a nossa família toda, a mãe, o pai, a Fay, a Rachel, o Benny e o nosso sobrinho Harry. Empurraram-nos para dentro de vagões de comboio com um odor a químicos. Iam empurrar-me também, mas fugi. A mãe gritou: «Corre, Hymie, corre. Tenta salvar-te. É o momento. Corre para o Joe.» Dispararam sobre mim, mas eu ziguezagueei e consegui escapar.

Colapsámos nos braços um do outro, e depois agarrámo-nos com força. Éramos duas das últimas pessoas restantes na nossa família. De repente, éramos órfãos. Estávamos agarrados um ao outro com tanta força que a roupa abafou o nosso choro. Sentia o corpo de Hymie com espasmos enquanto os seus gemidos bombardeavam os meus ouvidos. Tenho a certeza de que ele sentiu a mesma agitação, ouviu os mesmos barulhos, de mim.

O choro de dois rapazes assustados que de repente perderam os pais para assassinos sensibilizou até os normalmente plácidos cavalos, que interromperam o mastigar da aveia para nos olhar, admirados. Sentia o abanar de cabeça deles e o bufar. Quando olhei para cima, via que observavam com olhos levemente curiosos.

Depois de Hymie e eu soluçarmos durante o que pareceram horas, colapsámos no chão do celeiro, emocional e fisicamente esgotados. Passado algum tempo, ouvia a minha voz, tão sufocada de emoção e catarro que parecia os tons roucos de um cinquentão, perguntando a Hymie o que acontecera. Ele disse que os nazis empurraram e deram encontrões a milhares de pessoas para a praça do mercado.

– Os alemães abriram a porta de casa ao pontapé e começaram a gritar: *Raus, raus, raus*. Levaram toda a gente. Velhos, novos, doentes, saudáveis, homens, mulheres, crianças. Disseram-nos para mantermos as mãos na cabeça, e todos o fizeram. Havia centenas de soldados, e todos com espingardas. Não havia nada a fazer além de obedecer. Não tínhamos hipóteses – contou Hymie, antes de se desfazer em soluços longos e agudos, como se a sua alma estivesse a ser arrancada do corpo.

Segurei-o nos meus braços, sentindo o corpo dele a agitar-se e sabendo que tinha de me manter forte, porque era agora o homem mais velho na família. Senti esse peso tão profundamente como nunca sentira antes. Depois de parar de soluçar, Hymie continuou a sua história.

– Não nos conseguíamos mover. Estava um dia quente e suávamos tanto que começámos a tresandar. Cada vez mais pessoas eram empurradas para a praça, e os lamentos e o choro e os gritos aumentavam. Até as crianças e os bebés choravam. Toda a gente sabia que seria morta.

» Os nazis esperaram até encontrarem o máximo de pessoas que conseguissem. Depois corri. Finalmente, ao saber que estava a salvo, descobri um lugar para ver o que se passava. Os alemães puseram toda a gente a marchar para a estação, amontoaram as pessoas em vagões, e fecharam as portas. Os vagões abandonaram a estação em direcção a Treblinka.

Hymie e eu olhámos um para o outro em silêncio. Quase toda a nossa família estava morta, e nós podíamos ser os próximos.

Levei Hymie para a casa dos Zbanski. Os nossos rostos marcados com lágrimas e as roupas amarrotadas deviam ser elucidativos. Pedi à família que nos reuníssemos na sala. Tais reuniões familiares visavam apenas assuntos importantes. Os irmãos, que estavam lá nesse dia, e a avó olhavam para nós. Agarrámo-nos com força um ao outro, e eles empalideceram.

Fomos para a sala, onde Hymie contou a sua história. Vi os olhos deles humedecerem e lágrimas a formarem-se. Eles também começaram a soluçar. A família conhecia a minha mãe e adorava-a. Os irmãos conheciam o meu pai e respeitavam-no como um homem de honra.

Todos choraram. Os lamentos e o choro deve ter alcançado os vizinhos. Tais barulhos não eram incomuns agora, até naquela parte remota do território, por isso ninguém prestou atenção.

Um após o outro, a família abraçou Hymie, depois a mim, depois voltaram ao lugar, com o rosto nas mãos, a soluçar. Finalmente, Olszeck falou:

– Estamos entristecidos e sem palavras face à vossa perda – disse sombriamente. – Conhecíamos e adorávamos os vossos pais. Hymie, debes ficar aqui durante algum tempo para recuperares e fazeres os teus planos.

Hymie e eu ficámos aliviados. Ele não tinha sítio para onde ir além da nossa casa, e não havia lá ninguém.

Hymie estava incrivelmente angustiado. Sentia dor, e eu, até como o homem mais velho, nada podia fazer para que se dissipasse. Dias depois de ter chegado, Hymie ficou cada vez mais agitado. Abordou-me antes de eu ir trabalhar.

– Joe, tenho de ir – disse, com o rosto jovem parecendo velho e aturdido. – Não consigo descansar. Talvez um milagre tenha acontecido; talvez o nosso pai tenha sobrevivido.

Hymie partiu durante a parte mais escura da noite. Duas noites depois, voltou, pela hora de jantar. Por muito escura que fosse a noite, o seu rosto brilhava, atravessando-a. Estávamos todos à mesa, mas saltei logo que o vi.

– Está vivo, Joe. Está vivo – gritou, depois saltou para mim e enrolou os braços e as pernas à minha volta de pura alegria. Não conseguia acreditar. Após Hymie e eu nos abraçarmos e gritarmos de alegria, ele desenrolou os braços e as pernas, caindo numa cadeira de palha. Disse-nos que o nosso pai escapara, mas a alto custo.

– Os alemães comprimiram as pessoas em vagões como uma carga de patos assados. As pessoas gritavam e choravam ainda mais alto. Ele disse que os odores a químicos nos vagões eram tão intensos, e as pessoas estavam tão comprimidas, que passados alguns quilómetros os nossos irmãos mal respiravam. A mãe estava quase morta. Os seus olhos fecharam-se, a respiração era superficial, e não parava de tossir. O pai via que ela iria morrer antes de o comboio chegar a Treblinka. «Eu queria morrer, mas eu sabia que não podia deixar que isso acontecesse», afirmou o pai – contou Hymie, com lágrimas a encherem-lhe os olhos.

Chorámos ambos e chorámos ao pensar na nossa mãe, inteligente, linda e carinhosa. A vida dela a esvair-se como um porco doente no meio de imundice humana, miséria e vapores químicos.

O pai contou a Hymie que odiou deixar a mãe e o resto da família, mas estavam quase mortos. Por isso, partiu uma janela a cerca de um metro e meio do chão do vagão. A janela estava revestida com um pedaço de metal fino, mas sem vidro. Deu-lhe um murro, e de alguma forma passou-a enquanto o comboio se movia nos carris. Depois saltou e estava a salvo.

– O pai olhou para mim e disse: «Temos um futuro sombrio pela frente, Hymie. Não o podemos ignorar nem livrarmo-nos dele. Temos de viver cada dia e esperar que possamos escapar às câmaras da morte para vivermos o dia seguinte.» Hymie chorou. Sentia os ombros dele a agitar-se enquanto o agarrava.

O meu fim é o próximo, pensei. Mais tarde ou mais cedo, descobrir-me-ão e morrerei com uma pilha de gente numa câmara de gás. Deus, qualquer que seja a minha morte, faz com que seja rápida.

Não me atrevi a expressar tais pensamentos com Hymie. Depois de pararmos de chorar, Hymie disse que o pai atravessou pela floresta de volta à nossa cidade para que os alemães não o detetassem.

Quando o pai viu Hymie de volta, agarraram-se e abraçaram-se, chorando e rindo ao mesmo tempo. Depois de o pai contar a Hymie o que acontecera, fixou-o com um olhar que deixaria a maioria das pessoas em pedra.

– Vai ter com o Joe – ordenara-lhe o pai. – Fica na quinta. Afasta-te da cidade. Eu devo ficar. Talvez mais alguém tenha sobrevivido por milagre, e eu devo ficar aqui por eles.

Os Zbanski choraram por nós os dois, e pelo alívio de saberem que o nosso pai estava vivo.

– Hymie, vamos encontrar-te um trabalho temporário – disse a avó, com um olhar severo no rosto. Hymie conseguiu trabalho, mas apenas por causa dos Zbanski. Os filhos continuavam a determinar quanta comida cada agricultor concedia aos alemães. Ninguém queria estar mal com eles.

Por estarmos em pleno verão, a maioria do trabalho já tinha sido feito nas quintas. Hymie arranjou trabalho por influência dos Zbanski. Em setembro, depois de o trabalho na quinta onde vivia ter acabado, Hymie regressou a casa para ficar com o pai.

Senti que tinha de seguir.

– Tenho de o ir ver, de saber como está. Regressarei assim que puder – disse à avó.

– Tens de fazer o que tens de fazer. É o teu pai. Nós entendemos – respondeu, abraçando-me. Embalou um saco de pão e queijo para mim e para a minha família. Parti nessa noite.

Entrar no gueto seria difícil, ainda estava cercado, com a polícia judaica e os soldados alemães a vigiar toda a circunferência. A minha rota do costume pela floresta e pelo rio permitiu-me entrar em casa sem ser detetado.

Quando entrei pela porta desgastada da nossa casa, o pai estava de costas.

– Pai? – sussurrei. Ele virou-se, viu-me, e correu para mim mais rápido do que alguma vez o vira mover-se. Abraçámo-nos. Ele chorava, e eu chorava com ele, os nossos peitos arfavam quase ao mesmo tempo, de alívio por nos termos um ao outro, mas também numa expressão de perda profunda, agora que a mãe e a maioria da família morrera. Depois de ficarmos esgotados e sem lágrimas, o pai disse que Yudel estava a viver ali.

Alguém do Conselho foi ter com Yudel e disse-lhe que deixasse a casa. Yudel não levou nenhuma da sua mobília, apenas o que era portátil. Considerando a riqueza dele, era bastante. Carregou roupas, rolos de pano, sapatos, almofadas e cobertores.

Yudel era um homem esperto. Ele e a família esconderam-se na cave do armazém de cerdas durante as detenções. E era também muito rico. Juntamente com todos os bens caseiros, conseguira trazer um tesouro de dólares, peças de ouro, libras esterlinas, e até várias caixas de cerdas, que se tinham tornado de novo bastante valiosas.

À noite, o meu pai, Yudel e eu escavámos um buraco atrás da casa para esconder o que Yudel trouxera. Dias depois de Yudel se ter mudado, o seu filho Morris fez o mesmo, assim como Sara e Rachel, as filhas, juntamente com as suas duas filhas e Jacob Wilder. Os alemães já tinham apanhado a esposa de Yudel e outra filha, Liche.

Um pouco mais tarde, Yudel salvou-me a vida. Podia ter cinquenta anos, mas tinha a constituição de um barril. Numa noite, estava a arrancar placas de madeira de fábricas a um quarteirão da nossa casa para usar como gravetos. De repente, no luar cor de limão, ouvi um polícia judeu gritar-me, e os seus passos a bater. Larguei as tábuas e fugi para casa.

O polícia correu atrás de mim, com avidez e raiva no olhar. Yudel estava dentro de casa, de fato e gravata. Vestia-se sempre de forma elegante. Quando era um homem de negócios internacional importante, usava fato e gravata como sinal da sua riqueza e

proeminência. Não via razão para deixar as circunstâncias degradantes a que os nazis nos forçavam ditar o que deveria vestir.

Yudel saltou para a frente e meteu-se entre mim e o polícia. A sua estrutura estava inchada, como a de um touro.

– Se tocar no meu sobrinho, esgano-o até à morte e enterro-o no estábulo – disse-lhe, com a voz rouca de raiva.

O polícia ricocheteou quando Yudel se meteu no caminho. Esse encosto mostrou o quão grande o meu tio era e o quão fortes eram os seus músculos. Yudel podia matá-lo tão rápido quanto partir um ramo.

O homem estava também com mais uma desvantagem: como todos os polícias judeus, carregava apenas um bastão, que seria tão eficaz quanto um mata-moscas contra Yudel. O polícia afastou-se rapidamente.

– Tudo bem, tudo bem, vou deixá-lo em paz – retorquiu e saiu pela porta.

Yudel e eu olhámos um para o outro, saboreando o pequeno momento de triunfo como se fosse o maior dos jantares.

– Obrigado, tio, por salvar a minha vida – agradeci, tão respeitosa e graciosamente quanto podia.

Yudel gesticulou com a mão com desdém, como se o que fizera fosse o que qualquer pessoa faria no seu lugar.

– És o meu sobrinho – respondeu, endireitando a gravata e enfiando a camisa solta para dentro das calças. – És sangue do meu sangue. Não tenho muitos dos meus restantes agora.

Após o meu pai ter chegado a casa, conversámos sobre o que fazer a seguir. O pai estava indeciso. Inicialmente, queria entrar na floresta e juntar-se aos guerrilheiros russos. Depois, quando a vida acalmou durante uns dias, e pensou que o perigo terminara durante essa altura, decidiu que devia esperar até à primavera. Estava mais quente na nossa casa durante o inverno do que na floresta.

Jacob Wilder continuou a trabalhar no búnquer e na parede falsa no armazém do sótão. Adquiri um novo respeito por Jacob. Fora capataz de Yudel e geria o negócio dos ovos. Era um homem com

bom aspeto, com quase um metro e oitenta e três. Sabia tudo sobre carpintaria e sobre fazer cerdas.

Era o fim do verão de 1942. Senti que era meu dever para com os Zbanski regressar e terminar o trabalho da temporada, e o meu pai concordou. Admito que não voltava apenas pelo dever. Sabia que algum dia iria ser apanhado. Mesmo assim, admirava os guerrilheiros russos e sentia-me emocionalmente ligado a eles. Acreditava até que me podia juntar um dia a eles. Além disso, a família Zbanski adorava-me como se fosse filho deles.

Tenho de voltar para o campo. Se esperar no gueto, tudo o que me aguarda é Treblinka, pensei. Não me atrevia a proferir tais palavras egoístas ao meu pai ou a Yudel. Amavam-me ambos o suficiente para pensar o mesmo.

Quando contei ao meu pai e a Yudel que estava de partida, ficaram tristes, mas perceberam. Ambos concordaram.

– Faz o que tiveres de fazer. Salva-te se puderes – disse o pai.

Quando voltei, contei aos Zbanski o que acontecera. Eles disseram que havia ainda mais agricultores a contratar guerrilheiros russos para fazerem as coisas que eu fazia para os Zbanski.

Passava por gentio, mas, mesmo assim, a ameaça da descoberta estava sempre presente. Dormi no palheiro, nos estábulos, atrás dos montes de palha. Fiz um buraco na cerca de trás onde os alemães não me viam se tivesse de fugir. Às vezes o tempo estava tão seco e quente que levava um cobertor para os campos de milho mais altos e dormia lá.

Havia talvez cerca de oitenta quintas perto da dos Zbanski. As que empregavam os guerrilheiros localizavam-se ao longo da floresta, para onde os russos podiam fugir caso vissem uma patrulha alemã. Os guerrilheiros trabalhavam nas quintas durante o dia, e à noite regressavam à floresta.

A maioria dos guerrilheiros não parecia capaz de carregar um saco de trigo, muito menos transportar o cultivo. Os olhos deles afundavam-se nos globos oculares, e tinham braços e pernas

fininhos, mas conservavam um olhar determinado que queria dizer que levavam aquilo a sério.

Os alemães também. Relembrou que quem abrigasse um judeu ou um guerrilheiro russo seria morto a tiro, mas muitos agricultores não tinham escolha. Ou estariam financeiramente arruinados e os alemães matá-los-iam de qualquer forma.

Os guerrilheiros são como os judeus, pensei. Se os alemães nos encontrarem, matar-nos-ão e também as pessoas para quem trabalhamos.

Numa tarde, levava o gado de volta à aldeia, quando, de repente, ouvi um estalar na quinta ao lado. O marido era prisioneiro na Alemanha. A mãe, as suas duas crianças pequenas e uma avó vivam ali. Havia pedido recentemente a um guerrilheiro que as ajudasse com o cultivo. Depois ouvi estalos mais intensos.

Cuidado. Alguém está a disparar ali. Cuidado. O que quer que seja, não durará muito tempo, disse para mim mesmo.

Ao aproximar-me, vi um camião a afastar-se rapidamente, deixando pequenas nuvens de poeira. Pelas nuvens, vi o que pareciam sacos multicoloridos caídos à entrada. Quando me aproximei mais, vi a família toda: a avó e a filha e as crianças estavam deitadas com os braços e as pernas esticados.

Vi cor-de-rosa e apercebi-me de que as cabeças deles tinham sido explodidas com apenas um tiro a curta distância. Os alemães levaram-nos para fora de casa e executaram-nos à entrada. Ironicamente, o russo escapara.

Estava em choque. Agora compreendia por completo o perigo em que os russos e eu nos encontrávamos.

É apenas uma questão de tempo. Vou acabar da mesma forma que as pessoas do lado. Sei que há um Deus no céu a olhar por mim, mas durante quanto tempo, quanto tempo?, lamentei.

Cheio de pânico, desamparo e desespero, vomitei repetidamente. Estava com tanto medo que senti o impulso descer para as minhas calças. Aguentei-o, mas os vômitos não pararam.

Durante todo o tempo em que vomitava, continuei a pensar:
Estou a viver no medo. Sei que serei morto.

Quando a náusea acalmou, sentei-me na berma da estrada perto dos corpos dos meus vizinhos. Formou-se-me uma lágrima no canto do olho e rolou-me pela cara. Sabia o que tinha de fazer, e partia-me o coração.

Capítulo Sete

COMPAIXÃO RECOMPENSADA

A primeira coisa que fiz foi enxotar o gado dos aldeões de volta aos respectivos celeiros. Tinha quinze com que lidar, por isso era bom eles saberem o caminho de volta. Tinha dificuldade em ver através das lágrimas, e o meu corpo tremia.

Tomei o pequeno-almoço com a família, mas não lhes disse o que acontecera. Tentei controlar-me, embora me esgotasse por completo. Depois da refeição, convoquei uma reunião com todos os Zbanski. Reunimo-nos na sala de estar.

Olharam-me com espanto. Esperavam por algo importante. Não conseguia parar de chorar, e as lágrimas rolavam-me pelas faces. Mostravam angústia e preocupação. Aguardaram que parasse de chorar. Depois levantei-me. O meu rosto estava mais branco do que o leite fresco que via todas as manhãs. Queria recompor-me, mas sabia que balbuciaria. Mesmo assim, tinha de falar.

– A família nossa vizinha foi morta pelos alemães só por terem um russo a ajudá-la. Quem sabe se não regressarão amanhã? E se alguém dá com a língua nos dentes sobre mim? Poderão também morrer. Adoro-vos, e não posso deixar as vossas vidas em perigo apenas para salvar a minha – desabafei. Depois os meus olhos encheram-se de mais lágrimas, que voltaram a rolar como rios.

Pus as mãos na cara e senti os meus ombros a tremer. Sabia que a avó vinha na minha direção para me confortar, e mantive a mão no ar para a parar. Se sentisse o seu abraço quente, se sentisse o abraçar e beijar deles, nunca poderia dizer o que devia. Por entre as lágrimas, via que voltavam aos lugares. Senti-me como um rapazinho perdido, mas agia como homem. Clareei a cabeça, e recompus-me.

– A minha presença põe-vos em perigo – disse finalmente, numa voz rouca, chorosa e com medo. – Uma alma como eu é menos do que nove vossas. Não quero que morram. Aqueles assassinos idiotas podem apanhar-vos. Não devo ficar nem mais um dia. Tenho de ir para a floresta. Vejo muitos guerrilheiros russos na floresta. Não sei se me deixarão alistar-me, ou o que acontecerá. Se sobreviver, ficarão no meu coração pelo que fizeram por mim, pelos meus pais e irmãos – continuei.

Via a preocupação nos olhos deles, e sabia que era melhor completar o que queria dizer enquanto ainda tinha determinação para isso.

– Mostraram bondade para com outros seres humanos que estavam a ser destruídos e a morrer à fome. Revelaram que ainda há pessoas boas neste mundo. Se sobreviver, os meus sentimentos para convosco nunca se dissiparão. Não haverá uma hora em que, com a vontade de Deus, não pensarei em vocês.

Parei, emocionalmente esgotado. Instalou-se um silêncio atordado. Depois, todos choraram.

– Joe, o que vai ser de ti? Que acontecerá? És tão novo, tão querido, tão bondoso. Amamos-te muito.

No entanto, à medida que choravam, sentia não apenas o seu amor por mim e a sua dor, mas também algum alívio por eles próprios. Temiam que os alemães pudessem descobrir-me. Tinham um compromisso moral e emocional comigo, mas sabiam que a minha despedida colocaria as suas vidas em menor risco.

Depois, desatei a chorar. Sentia-me mal. Tinha dezasseis anos, e os meus pais ensinaram-me que os homens não choram. Mas os meus vizinhos haviam sido assassinados, e a maioria da minha família fora liquidada. Agora, a família que me tratara como mais um filho podia ser exterminada apenas porque eu vivia e trabalhava na sua quinta. Estava aterrorizado, mas não poderia carregar a vergonha e a culpa se aquelas pessoas maravilhosas morressem por minha causa.

Horas depois, parti. A avó deu-me um casaco velho e uma camisola. Preparou também um pacote pequeno com comida, incluindo pão, queijo e porco. Nunca fui um judeu tão melindroso que não comesse porco. Nesse momento, estava aliviado por ter algum para me alimentar.

Mergulhei no silêncio verde e frondoso da floresta. A minha cabeça girava para a esquerda e para a direita. Não me atrevia a olhar para trás por cima do ombro, pois começaria a chorar por causa da segurança e do calor que deixava. Mesmo assim, sabia que era a melhor decisão.

Enfiei-me por entre algumas árvores com troncos grossos e corri. Sabia o caminho depois de três anos na quinta e a pastar o gado. Corri mais e mais profundamente pelo coração da floresta, passando árvores e arbustos amplos, passando animais que se desviavam do meu caminho.

Sabia que, se fosse para o gueto, morreria como a maior parte da minha família. Isso era o que os alemães queriam. Uma vez, quando me escapei para a cidade, encontrei Hymie, o artista. Ia visitar Yudel. Ele contou-me que o meu pai se estava a esconder, e que a cada três ou quatro semanas, os alemães revistavam as casas e levavam pessoas para serem enviadas para Treblinka. «Seleções», chamavam-lhe, como se estivessem a cheirar pedaços de carne estragados para atirar ao lixo.

O único lugar a salvo era a floresta. Sabia desde o primeiro momento que tinha companhia. Via as manchas negras na pele e no casaco, e ouvia mosquitos a zumbir. Ao início, as mordidelas eram apenas irritantes, enquanto corria e andava cada vez mais para o que parecia ser a segurança da floresta.

Nessa noite, esgotado, adormeci encostado a uma árvore, a casca áspera contra a minha orelha. Na manhã seguinte, sentia comichão no corpo todo. Cocei-me com força, fazendo com que sangrasse das picadas. Tentei não coçar. Depois voltei a enfiar as unhas sujas e a coçar um pouco mais.

– Não posso sobreviver ao resto do verão assim – murmurei enquanto corria para mais árvores, mais arbustos. Sabia que os mosquitos não gostavam de fumo. Nas nossas conversas hesitantes, os guerrilheiros russos disseram-me que usavam lenha molhada para fazer fogueiras de modo a que o fumo afastasse os mosquitos.

Ingeri alguma comida no primeiro dia, e restavam-me apenas vários pedaços de pão. A minha religião ensinara-me que o suicídio era errado. Agora, não tinha destino. Sentia a sombra da morte a pairar sobre mim.

Talvez aconteça um milagre, pensei.

Pelo final do dia, sabia que estava em apuros. Os mosquitos atacavam em enxames, como bombistas alemães. Tinha altos sobre altos. Sangrava e estava dorido da cabeça aos pés. Era como se estivesse à deriva no oceano. Não importava onde estivesse, estava longe da costa e não havia ninguém para me salvar.

– Oh, Deus, que me acontecerá? – bradei na floresta vazia. Não houve resposta.

Na manhã do terceiro dia, o meu corpo estava quase inteiramente coberto de vermelho e picadas de mosquito inchadas. Doía-me tudo, como se tivesse sido coberto com furúnculos desde o couro cabeludo até aos sapatos. Finalmente, encostei-me a uma árvore e ergui os olhos inchados para o céu:

– Deus, o que Estás a fazer? O que Estás a fazer? Porquê a nós? – gritei, com a boca gretada e inchada. – Porquê qualquer um? Não tenho escapatória senão morrer.

O sol brilhava, salpicando até os cantos mais remotos da floresta. O meu espírito, no entanto, caiu no buraco mais escuro do desespero. Chorei. Todas as cidades estavam a ser limpas de judeus. Não havia lugar para onde ir além da morte.

Depois, vi a sombra de um cano de espingarda. Olhei e detetei três pessoas, cada uma atrás de uma árvore, usavam partes de uniformes russos: um calças; outro um casaco. O terceiro não tinha nada do uniforme senão sapatos outrora brilhantes: o resto era

roupa à civil. As peças do uniforme tinham linhas desfiadas e rasgões sujos. Os rostos eram camuflados por sombras.

– Quem és tu? O que fazes aqui? – ouvi uma voz gritar.

Cada cabelo na minha cabeça parecia ter sido eletrificado.

– Trabalho na quinta dos Zbanski – gritei, a chorar.

– Eu conheço-o. Ele deu-nos comida. Escondeu comida para nós. Se não fosse ele, alguns de nós teríamos morrido à fome. Ele ajudou-nos. Oh, meu Deus – gritou outro dos homens, enquanto dava estaladas na cara sem acreditar.

Apareceu Sasha, o russo que eu conhecera na floresta meses antes. Ele olhou para mim.

– Meu Deus, estás com ar terrível, tão mastigado que os mosquitos fizeram muitas refeições de ti.

– Posso juntar-me a vocês? – pedi-lhes. – Se for para o gueto, matam-me. Se continuar aqui, Krullur, o assassino, apanha-me. Aceitam-me? – Apercebi-me de que suplicava pela vida. Momentos antes, a minha vida parecia ter acabado. Ali, pelo menos, tinha uma hipótese. Ver Sasha foi como colocar uma alma nova no meu corpo.

O rosto redondo de Sasha enrugou-se.

– Não posso decidir isso, meu amigo. Isso cabe aos capitães, e sou um mero tenente. Vou falar com o capitão. Digo-lhe o que fizeste por nós. Não queremos muito acolher forasteiros. É a nossa regra. Volto dentro de algumas horas. Ainda é longe, mas verei o que posso fazer. Deixo aqui este homem para garantir que Krullur não te magoa.

A minha força, a minha vontade de viver, quase se esvaiu. Fiquei sem esperança. Sasha representava esperança. Se me matassem, não era mais do que aquilo que já estava pronto para fazer eu mesmo.

Passei o tempo à espera de Sasha deitado no chão húmido, exausto, quase inconsciente, contra uma árvore. A minha vida miserável estava pronta para desabar, e não queria saber. O soldado manteve-se ao meu lado, com os olhos a girar, garantindo

que Krullur não andava por ali. Disse-me em russo que não podia garantir se eu seria aceite.

– Na nossa companhia, a maioria deles são soldados. Sasha sabe como falar com o capitão e dizer-lhe o que fizeste pela sua gente. Talvez te deixem viver. Mereces pelo que fizeste por nós – afirmou, com uma empatia verdadeira nos olhos.

Deu-me um pequeno pedaço de pão. Tinha ainda algumas migalhas dos Zbanski no bolso. Disse ao guarda que apreciava o que Sasha e os outros tentavam fazer por mim.

– A nossa situação é igual à tua – declarou, cansado. – Tentamos sobreviver. O teu problema é que estás sozinho, sem armas nem comida. Se conseguirmos que entres no grupo, teremos de te treinar.

Sabia também que estava mais à vontade com o terreno do que eles. Os russos precisavam de mim para lhes mostrar onde adquirir comida, e como escapar das patrulhas alemãs. Tinha algo para oferecer. Esperava apenas que o reconhecessem. Depois adormeci, a cabeça a zumbir como se tivesse mosquitos presos entre as orelhas e não os conseguisse retirar.

De repente, senti um pé a tocar-me na cabeça. Olhei para cima. Era Sasha. Comecei a tremer. Pensava que era o fim. Rezei a Deus para me ajudar.

– És um sacana sortudo – disse, com um grande sorriso. – Vem connosco.

Caminhámos cerca de duas horas. O meu corpo, coberto de picadas, doía-me, mas estava vivo. Chegámos ao acampamento vigiado com oitocentos e cinco metros de diâmetro. Disseram-me que entregasse as minhas botas. Com cada centímetro do corpo coberto de dor e comichão, retirei-as. Tinha apenas um par de calças fininhas e uma camisola de algodão usada. Fiquei com vergonha de ver como as picadas me haviam deixado os pés vermelhos e inchados. Tentei manter-me sempre asseado. Agora, estava com dores e aspeto horrível, e sabia-o.

Deram-me roupas grossas usadas e deixaram-me lavar num balde. Serviram-me sopa e pão em pratos rachados. Depois de enfiar a comida, Sasha pegou-me pela mão.

– Agora vais aprender a ganhar o teu lugar aqui – disse.

Juntei-me a uma aula já a decorrer. Havia trinta e sete pessoas no acampamento, e, soldados ou não, todas elas treinavam constantemente. Nas horas seguintes, aprendi a disparar uma espingarda, a subir às árvores e a esconder-me na floresta. E a surpreender um inimigo ao esconder-me numa árvore, saltar-lhe em cima, agarrá-lo pela garganta e a sufocá-lo.

Era necessário saber como fazer estas coisas porque os alemães tinham armas melhores do que as nossas. Não conseguíamos vencê-los num combate armado, por isso tínhamos de os sufocar ou esfaquear. Tivemos uma rota de colisão para nos escondermos de quatro guardas numa ponte férrea, depois agarrá-los e matá-los um por um.

Finalmente, a aula terminara. Caí no chão perto do fogo, agradecido por estar vivo, pensando no que os meus pais achariam do filho a aprender a ser assassino, mas sobretudo a sentir a exaustão em cada parte do corpo.

Três horas depois, éramos abanados para acordarmos.

– Temos de fazer isto – sussurrou-me Sasha. – Deves aprender a operar com apenas algum sono caso os alemães nos encontrem.

Corremos muito com mochilas às costas. Cortámos arbustos, aprendemos a usá-los como colchões e a queimá-los para afastar os mosquitos. Aprendemos a abrir búnqueres e a camuflá-los com árvores.

Nos dias seguintes, ensinaram-me mais sobre os pontos essenciais de correr, esconder e escapar dos alemães. Fiquei a saber que, caso carregasse nove quilos de bagagem, munições e armamento, a frequência com que podia descansar dependia da minha cobertura. Na floresta, podia usar a sua camuflagem para descansar mais vezes. Num espaço aberto, teria de correr rápido e regularmente. Este conhecimento era fulcral, porque tínhamos de

ser velozes quando os nazis e a polícia polaca rodeavam a floresta. Tínhamos também corridas longas para nos assegurarmos de que possuíamos a velocidade e a resistência necessárias. Estava feliz por ser jovem.

Eu gostava em particular de praticar com armas. Aprendi a espetar uma faca entre as costelas de um homem, a apunhalá-lo ou a cortá-lo no pescoço. Durante os exercícios, tínhamos de gatinhar perto de guardas a fingir, depois agarrá-los pelo pescoço e bater-lhes na cabeça para que caíssem inconscientes. Dias depois de ter chegado, carregava armas – uma faca, uma granada de mão, uma submetralhadora, todas roubadas de esconderijos do exército polaco. Só esse facto garantiu-me que confiavam em mim inteiramente.

Sentia-me poderoso quando aprendia a disparar submetralhadoras, usando as árvores da floresta para praticar. Estávamos a dezasseis quilómetros de profundidade na floresta e tínhamos pilhas e pilhas de balas do exército polaco, por isso estávamos rodeados por quilómetros de árvores que abafavam o barulho, prevenindo que chegasse aos ouvidos dos alemães. E tínhamos potência de fogo suficiente para criar problemas aos nazis caso nos encontrassem.

Quanto mais praticava usando as minhas armas e habilidades de luta, mais poderoso me sentia.

– Se há algo que possa fazer para ajudar a destruir os alemães, e a matar Hitler, fá-lo-ei – disse a Sasha.

Senti uma ligação com os meus colegas soldados que nunca sentira nem com a minha família. Cada fibra dentro de mim encheu-se de poder. Tínhamos armas e lutávamos juntos pela sobrevivência. Se os alemães nos descobrissem, seríamos mortos.

Quando estava a aprender como matar alemães, perdi a noção do tempo, a minha dor passara, e senti um surto de excitação hormonal. Gostava daquele sentimento. Enchia-me de esperança, de poder. Os meus músculos cansados fortaleciam-se ao pensar apenas em afundar a faca num coração alemão.

Nunca mataria sequer uma galinha. Agora, estou pronto para executar centenas de alemães. Espero ter a oportunidade de matar os otários pessoalmente, pensei.

Se a tua mente pensa em vingança, não importa como a carregas. Quase abracei a arma e a faca como se fossem minhas amantes. Deram-me forças. Não temia morrer quando tinha as armas comigo. Os alemães lutavam por poder e glória. Nós lutávamos pelas nossas casas, as nossas famílias, a nossa vida. Os russos ensinaram-nos que tens de direccionar toda a tua agonia para a luta com o inimigo até à morte.

Durante o treino, via que Sasha era o homem que as pessoas admiravam. Era como um pai. Partilhava a comida; disse-nos sempre que verificássemos um alvo numa incursão, não apenas para correr cegamente contra ele. Informara os outros sobre como eu deixava comida e armas para eles.

– Não tinhas de o fazer, mas fizeste-o – disse-me, abanando a cabeça em aprovação, com um brilho nos olhos. – Havia sempre comida atrás do celeiro. Ninguém nos ajudou exceto tu. Fizeste a tua parte e muito mais.

Um dia, Sasha veio ter comigo e disse:

– Joe, tu conheces o terreno. Sabes ler os sinais na estrada, falas polaco. Precisamos da tua ajuda. Vem connosco.

Aquela era a minha oportunidade para mostrar o meu valor. Além de mim, Sasha levou mais sete homens. Saberíamos o propósito da incursão quando chegássemos ao destino. De repente, cercávamos uma esquadra polaca. Entrámos porta adentro e surpreendemos a polícia. Estavam a limpar armas, a polir os uniformes, a ver os registos – nas tarefas do dia a dia. Sasha sussurrou-me e eu gritei o que ele me pediu.

– Estamos aqui apenas para levar as armas. Qualquer um que salte será morto. Deixem-nos levar as armas e ninguém sairá magoado.

A polícia levantou as mãos de imediato.

– Levem-nas – choramingou um deles. Assim fizemos.

Levei muitas vezes guerrilheiros às estações da polícia polaca. Eu sabia onde as esquadras se localizavam, tanto nas pequenas cidades como nas aldeias. A primeira vez que dei um pontapé na porta de uma esquadra, empunhando uma arma, esperava uma enchente de tiros em resposta. Ao invés, a polícia, tal como antes, levantou educadamente as mãos e mostrou-nos onde estavam as chaves do depósito das armas.

Normalmente a polícia não mostrava resistência, e não matámos ninguém. Era um pacto silencioso. Conseguimos pilhas de espingardas, munições, pistolas e granadas sem derramar uma gota de sangue.

Os russos tinham planos, sobretudo sobre como arranjar comida. Um grupo estava sempre de saída a fim de vigiar os alemães ou em busca de algo para comer. Eu era adolescente, mas ia em missões que me fizeram crescer rapidamente. Sabia onde as pontes e as estações férreas eram, por isso levava-os lá. Normalmente, íamos pela floresta para cobrir os nossos movimentos.

A maioria desses ataques-surpresa repetia-se. Às vezes, os nazis eram nervosos, e tínhamos de ser extracuidadosos. Camuflávamo-nos com ramos e folhas, escolhíamos lugares perto de pontes ou de arbustos para nos mantermos escondidos até ao último minuto. Algumas noites eram gélidas, e tínhamos de nos deitar na neve.

Os alemães não eram estúpidos. Muitas vezes suspeitavam de algo e mexiam a cabeça como falcões vigilantes. Certas ocasiões, tínhamos de gatinhar durante a noite de modo a aparecer por trás deles, ou esperar que marchassem por nós.

Rastejávamos na escuridão total. Normalmente, arrastávamo-nos até perto de um alemão cercado-o por dois lados. Quando nos aproximávamos o suficiente, um saltava, punha uma mão na boca do alemão e arrastava-o para fora da estrada ou ponte. Muitos de nós rodeávamo-lo de forma agitada e dávamos-lhe facadas até à morte.

Quando ajudei a matar o primeiro alemão, senti-me bem. Queria vingança: queria provocar-lhes dor e morte, tal como tinham

causado dor e morte à minha família, amigos e cidade. Mesmo antes de fazer um movimento, hesitava. Ficava enjoado. Nunca o fizera, e Sasha disse-me que a primeira vez é a pior. Sussurrou-me: «Tens de o fazer. É pela nossa sobrevivência. Devemos infligir miséria neles.»

Ele estava certo. Aproximámo-nos de uma pequena ponte férrea que tinha apenas um guarda. Cheguei ao pé dele e saltei, agarrei-lhe na cabeça e não o soltei, enquanto ele me tentava afastar. Era grande, e eu não tinha a certeza quanto tempo conseguiria segurá-lo. Alguns dos russos começaram a apunhalá-lo, e vi o sangue sair-lhe em jato. Jorrou-lhe de mais de um sítio e encharcou a minha camisola.

Vi lâminas de facas a serem espetadas e a serem retiradas, e sentia o homem a esvair-se. Já não tentava sacudir-me com tanta força, nem responder aos outros. Finalmente, caiu, e eu aterrei sobre ele.

Os seus olhos reviraram-se, as feridas banhavam-lhe o corpo de sangue, e senti-me orgulhoso. Estava a vingar-me. Os alemães pagavam pelo que tinham feito à minha família e ao meu povo.

Às vezes disparávamos contra um guarda. Era mais fácil matá-los com uma bala se estivéssemos posicionados sobre eles. Apontar enquanto os alemães estavam em cima de nós tornava-se mais difícil.

Volta e meia, se feríssemos apenas o alemão, os outros agarravam no seu corpo agitado. Entretanto um enchia-lhe a boca de panos e tapava-a com fita-cola. Depois amarrávamo-lo e deixávamo-lo lá a morrer de frio. A perspetiva de ele morrer lentamente, os pulmões a encher-se de gelo e o corpo dormente, não me incomodava. Sentia-me bem. A maioria, no entanto, era logo assassinada.

Em outubro de 1942, com a chegada da neve, para nos aproximarmos dos guardas alemães, usávamos táticas ligeiramente diferentes. Roubávamos lençóis brancos dos estendais e cobríamo-nos com eles enquanto rastejávamos pelas montanhas e encostas.

Depois saltávamos para cima deles, tapávamos-lhes a boca e a garganta com uma mão, e esganávamos-os com a outra. E um ou dois do nosso grupo esfaqueavam-nos no estômago. Algumas vezes deixávamos-os viver, dizendo-lhes: «Diz aos teus superiores que isto é apenas o início do que vos iremos fazer.»

Normalmente, os outros guerrilheiros tratavam dos assassínios. Com um metro e sessenta e cinco, eu era leve e pequeno. Mas matei vários alemães sufocando-os por trás.

Uma vez rastejei por algumas valas – a nossa maneira favorita de surpreendermos os nazis – e saltei para cima de três alemães. Eu tinha uma arma e, disparando só uma vez, matei um; depois, esfaqueei os outros. Os meus companheiros desvalorizaram as feridas que lhes desferi, e bateram-lhes até à morte. Após matarmos os guardas e deitarmos os corpos numa vala, pusemos dinamite no que fosse que estivessem a guardar.

No entanto, habitualmente o meu trabalho era arranjar comida das quintas grandes. Havia cerca de sessenta na zona. Vivi com os Zbanski, e os irmãos iam a todas as quintas. Por ter ouvido as suas conversas, sabia onde se situavam, incluindo as grandes.

Por padrões locais, essas quintas em particular eram enormes. Possuíam talvez uma centena de cabeças de gado cada, duas centenas de porcos, e milhares de hectares. Havia polacos a trabalhar para eles. Os donos tinham fugido, e os alemães que viviam na Polónia apoderaram-se delas – como representantes dos alemães.

Os meus amigos russos e eu surpreendíamos os capatazes, que estavam sempre sozinhos. Escolhíamos alturas diferentes, para ninguém perceber quando atacávamos. Sabíamos que às nove da manhã os responsáveis pela quinta normalmente iam espreitar as vacas, os cavalos e os porcos.

O nosso aspeto era medonho – carregados de metralhadoras e bandoleiras de balas à volta do peito, granadas de mão nos cintos, e paus de dinamite próximos. Surpreendíamos os trabalhadores à noite e silvávamos:

– Não te vamos magoar. Queremos apenas saber quem é o teu capataz. – Eles diziam-nos avidamente. Depois esperávamos o capataz.

Eu falava alemão, assim como todos os capatazes. Como porta-voz, dava um passo em frente e olhava diretamente para os olhos do capataz. Por norma, eles eram vários centímetros mais altos e ficavam humilhados por ouvir ameaças de alguém tão baixo.

– Viemos roubar comida. Não te vamos matar – dizia-lhes em voz baixa mas firme. – Não estamos aqui para matar ninguém. Será mais fácil se colaborares. Mas se deres com a língua nos dentes, saberemos que o fizeste. Depois voltamos e cortamos-te a garganta e esventramos a tua mulher e filhos. Necessitaremos de comida sempre que viermos. Compreendes-me?

Não éramos os únicos guerrilheiros com quem se deparavam. Havia outros nessa zona. Normalmente, o capataz, aterrorizado, abanava a cabeça suada vigorosamente. Nessa altura, a maioria dos guerrilheiros tinha granadas de mão e espingardas, por isso as minhas ameaças podiam ser claramente apoiadas. Regra geral, resultavam. Pelo que podíamos notar, nenhum dos capatazes disse aos alemães o que nós andávamos a fazer.

Ao invés, com os capatazes a vigiar silenciosamente, levávamos alguns camiões e cavalos, bem como ovelhas, porcos, e cerca de dez pães de forma e batatas que guardavam para alimentar os trabalhadores. Dizíamos-lhes onde podiam apanhar o carrinho e o cavalo depois de passarmos.

Sacávamos comida nessas quintas tanto à noite como durante o dia. Às vezes levávamos três ou quatro ovelhas, sendo difícil conduzi-las, porque a maioria de nós éramos rapazes da cidade.

Notámos que ter os agricultores empobrecidos do nosso lado era bom para eles e para nós. Às vezes, levávamos uma ovelha ou um bezerro das quintas ricas, e também um dos animais para uma quinta pobre numa outra aldeia. Por ser o único que sabia polaco, era eu quem se aproximava do agricultor com uma ovelha ou com um bezerro.

– Sabemos que tens armas – dizia ao agricultor, que normalmente tremia ao ver aqueles homens armados à porta. – Não queremos levar as armas em vão. Queremos dar-nos bem contigo. Está escuro. Ninguém nos viu chegar. Por isso, toma esta prenda e em troca diz-nos onde estão as armas.

Às vezes até lhes oferecíamos porcos ou um cavalo, se pensássemos que conheciam algumas localizações especialmente boas. Um agricultor pobre ficou tão feliz com o porco que lhe demos, que nos disse onde os outros agricultores escondiam as armas. Era demasiado pobre. A casa tinha grandes buracos no teto, e as roupas dele estavam rasgadas. Por isso demos-lhe e à família comida e sapatos, pelos quais nos abraçaram.

Os guerrilheiros admitiam que assediavam, ameaçavam, intimidavam e subornavam para conseguir o que pretendiam. Mesmo assim, eram bondosos, e não magoavam civis. Parecia justo.

– Os alemães estão a fazer muito pior às pessoas – disse a Sasha.

Vi mais evidências de que a guerra podia ser conduzida em termos civis. Às vezes precisávamos de cavalos. Nesse caso, levávamo-los de um agricultor à noite e devolvíamo-los na manhã seguinte. Eu era muito bom com cavalos. Uma vez, bem cedo, os russos e eu cavalgávamos, quando ouvimos o ruído de alemães num camião guiado por dois cavalos. Puxámos os nossos para trás de umas árvores.

Os alemães passaram por nós, mas vi um deles virar a cabeça, e notei que estávamos a deixar sombras. O condutor alemão levantou o chicote e açoitou os cavalos. Os alemães temiam que os matássemos a tiro. Rimos, um tipo de zurrar histérico que ditou as emoções violentas que sentíamos por dentro.

Fiz alguns amigos. Semanas depois de me juntar aos guerrilheiros, encontrámo-nos com um rapaz mais novo do que eu. Esfarrapado e meio morto, começou a chorar. Tinha cerca de dezasseis anos e balbuciava ruidosamente qualquer coisa em

polaco. As roupas estavam rasgadas, e tartamudeou que esteve em Varsóvia e fugiu do comboio que o levava e à família para Treblinka. Falei com Sasha, que disse:

– Podemos acolhê-lo temporariamente. Vamos dar-lhe comida e devolver-lhe a boa forma. Depois tentaremos encontrar um grupo de guerrilheiros judeus para ele.

Sabia, através de pessoas com quem falara quando regressara à minha cidade, que havia vários grupos de guerrilheiros espalhados pela Polónia e pela Rússia.

Estava feliz por o miúdo ser salvo. Mostrei-lhe como subir às árvores e rastejar com a barriga. Não o levámos em incursões. Passadas algumas semanas, fui à cidade para ver a minha família, e quando regressei, ele já tinha partido.

Cerca de cinco semanas depois, encontrei um rapaz alguns anos mais velho do que eu que vivera perto dos pomares da minha mãe. Ele disse que saltara de um dos comboios da morte, que não tinha para onde ir, e que queria juntar-se ao grupo. Falei com Sasha de modo a persuadi-lo a deixar o rapaz ficar durante algum tempo. Permaneceu uma semana, e depois foi trabalhar para um agricultor próximo.

Havia pessoas que não tratávamos com tanta gentileza. Uma vez, um grupo nosso fez uma emboscada a um SS que ia de bicicleta ver a namorada. Os vizinhos dela disseram-nos o horário dele, e vigiámos a casa. Na altura certa, cercámo-la. Queríamos que ele soubesse que estávamos vivos e em perseguição dele e dos colegas. Não o íamos matar. Em vez disso, pretendíamos que levasse a mensagem de que mataríamos tantos da raça dele quantos mataram da nossa.

Pontapeámos a porta, e estavam os dois na cama. Tentou alcançar a arma no coldre, mas gritei-lhe:

– Se pegares na arma, matamos-te.

Ele levantou as mãos num gesto cómico. O lençol agarrado ao corpo dele e ao da namorada, enquanto agitava os braços nus. Ela era pobre, e ele deu-lhe provavelmente pacotes de comida ou

qualquer coisa. Muitas mulheres vendiam-se, tentavam apenas sobreviver, tal como nós. Não tínhamos nada contra ela. Ela correu para a sala de estar.

Fechámos a porta, agarrámo-lo pelos braços e puxámo-lo para fora da cama. Queríamos apenas enviar uma mensagem. Por isso estivemos com ele dez minutos, esmurrámo-lo, demos-lhe pontapés nos tomates, e ouvimos os seus gritos estrangulados. Havia sangue a sair-lhe dos olhos e ouvidos. Quando terminámos, o nosso chefe disse-lhe:

– Vai ter com os teus superiores, escumalha. Diz-lhes que este é o início deste tipo de medicina, e vamos dá-la a cada um de vocês.

Foi um prazer ver o cabelo loiro manchado de sangue e o medo nos olhos azuis arianos. Levámos a sua bicicleta. Ele rastejou, nu e em sangue, porta fora. Não fizemos nada à mulher. Rimo-nos durante horas por causa da figura deplorável que deve ter feito quando chegou ao acampamento.

Pouco tempo depois, fui à cidade visitar a minha família. Claro que não lhes contei sobre o que andava a fazer. O meu pai fora militar, e sabia o que era matar ou bater no inimigo. Mesmo assim, eram o meu pai e o meu tio. Conheciam-me como um rapaz gentil e educado. Estava a tornar-me rapidamente num homem, percebendo e fazendo coisas que eles nunca acreditariam que pudesse fazer. Fiquei apenas algumas horas, e voltei para o acampamento.

Uma semana depois, era a hora da minha vingança: o momento de pedir explicações a Krullur. Lembrava-me do que fizera à minha mãe, de como a agarrara e tentara levar ao quartel dos SS para a matarem.

– Quero apanhar aquele filho da puta – disse a Sasha e aos outros companheiros russos. Eles também queriam particularmente Krullur, responsável por matar muitos dos amigos nos búnqueres de inverno enquanto imploravam pela vida. Entregou muitos mais dos seus amigos aos alemães. Odiavam-no mais do que eu. Queríamos saciar o ódio com o sangue dele.

Andámos, quase corremos, para a cabana do Krullur. Não dissemos muito. Queríamos sentir as profundezas da nossa amargura contra ele, como encher uma garrafa com gasolina antes de lhe colocar um fusível, acender um fósforo e atirá-la. Cinco de nós rodeámos a casa e espreitámos pela janela. Gritámos para que saísse.

– Não, não vou – gritou com a sua voz estridente. – A minha mulher está aqui. Deixem-nos em paz.

Era mentira. Eu sabia que ele era solteiro. Que mulher decente o queria?

– Não tens hipóteses – gritou um dos nossos, e o soldado à frente da porta correu na sua direção, partindo-a com um estalar mortífero.

Krullur devia pesar quarenta quilos no máximo. Estava de roupa interior e parecia pequeno como um mosquito. Tinha uma espingarda de cano duplo pendurada no lado de dentro da janela. Quando correu para ela, gritei em polaco:

– Não toques nessa arma, ou és um homem morto. – Ele congelou, e atacámo-lo como uma matilha de lobos a atacar uma presa ferida. Batemos-lhe com força. Ele ricocheteava nas paredes, deixando para trás manchas de sangue.

– Isto é uma amostra. Se vires um de nós na floresta, garanto que estarás morto. Não há mais murros, nem mais avisos. És responsável pela morte dos nossos amigos. Da próxima vez, matamos-te – gritei-lhe enquanto o esmurrava na cara, partindo-lhe o nariz. Jorrou sangue.

– Eu não fiz isso. Não trouxe os SS e a Gestapo – gritou, histérico, entre murros. Era tão pequeno, que gritava como um porco.

Éramos demasiado espertos para acreditar nas declarações dele. Muitas das pessoas nos búnques que Krullur traíra viveram depois de baleadas e reconheceram a cara dele. Os alemães arrancavam os arbustos que cobriam o búnquer, viam os russos e disparavam. Os russos olhavam e identificavam-no.

– O nosso povo, aqueles que mostraste aos alemães, sobreviveram, seu otário de merda – gritou Sasha. – Sabem que o fizeste, viram-te. Cala-te, otário. Esta é a nossa vingança, e tu merece-la.

Quando terminámos, ele parecia um pequeno caroço mergulhado em sangue. Olhámos para ele com desdém. Os nossos olhos raiavam de ódio.

– Vou deixar que vivas, seu idiota, mas não durante muito tempo. Se incomodares algum dos nossos de novo, diremos a toda a gente. Se não te matarem, fá-lo-emos nós – gritou-lhe Sasha.

– És uma ameaça para a humanidade – disse em polaco. Os russos repetiram-no na língua deles. Krullur percebeu.

Olhei para Krullur e queria mergulhar as minhas mãos no sangue dele.

Podia ter sobrevivido se não fosse este otário. Podia ter ficado com os Zbanski. As pessoas da porta ao lado foram mortas por causa dele. Krullur é responsável pela morte deles. Ele respeitava os Zbanski, mas nunca se sabe quando um animal se vira contra ti. Este filho da puta matou o próprio povo, pensei.

Ele estava deitado no chão, a chorar, a sangrar e a gritar. Os russos tê-lo-iam matado, mas não eram assassinos, eram seres humanos, ao contrário dos nazis. Quando fomos embora, Krullur era um monte sangrento no chão.

No início de setembro, comecei a preocupar-me cada vez mais com o meu pai e com o meu irmão. Hymie continuava a ir e a voltar de uma quinta, fazendo trabalhos temporários. Certa altura, os meus chefes guerrilheiros russos foram para a cidade e conheceram o meu pai e ficaram com interesse na minha família. Eu também visitava os meus familiares ao fim de semana, por isso sabia que Hymie ainda estava no gueto. Queria vê-lo de novo.

Preocupava-me entrar e sair. O gueto estava cercado por arame farpado, com a polícia judaica a patrulhar dentro e os alemães a patrulhar o exterior. Sabia que o meu pai, o meu tio e duas das suas filhas ainda estavam lá, junto com Jacob Wilder. Jacob continuava a

trabalhar nos búnqueres, melhorando-os constantemente, tornando-os mais invisíveis. Fez o seu aspeto exterior tão natural que as entradas eram impossíveis de encontrar a menos que estivessem mesmo em cima do sótão. Fiquei espantado com o facto de ter construído os dois esconderijos que tínhamos discutido. No sótão, havia uma parede falsa que encaixava no lugar quando não era puxada para trás. Havia também uma parede deslizante.

Os guerrilheiros contaram-me que o meu irmão Hymie já regressara da quinta para o gueto. Quando entrei em casa, vi o meu pai no sofá, e os outros a alguns metros. Correram para mim, abraçámo-nos, beijámo-nos e chorámos. Yudel, também, embora normalmente não fosse emotivo. Juntámo-nos na sala e falámos sobre o que fazer a seguir. Falámos horas a fio. O tópico: como sobreviver. Nenhum tinha uma resposta.

– Talvez Hymie e eu possamos esperar até à primavera, quando está mais quente, e depois ir para a floresta. Podemos tentar juntar-nos aos guerrilheiros russos contigo – disse o meu pai. Mas o problema, como todos vimos, era que Yudel e as filhas não podiam sair. Estava demasiado frio e perigoso para as mulheres. Yudel era demasiado velho e tinha de ficar com os filhos e os netos. Jacob, que se casara com Sara, a filha mais velha de Yudel, não podia deixar a mulher e a filha para trás.

Dias depois, estava a cortar lenha para os alemães, substituindo o meu pai. Os alemães não nos olhavam de perto. Uma mulher que passava por gentia continuava a levar-nos comida à socapa.

– Sou judia – sussurrava-nos, depois deixava um pouco de comida e fugia. Saber que ela era judia confortou-nos. Um dos nossos garantia-nos o bem-estar.

De repente, ouviu-se a sirene de ataque aéreo, e toda a gente à volta começou a correr. Vi mil pessoas a fugir. A rapariga que nos trazia comida gritou:

– Tu pareces judeu; é melhor correres. – Disse-nos para nos dirigirmos aos correios. – Um homem decente trabalha lá. Encontrem o chefe – berrou.

Não queria ir em direção ao gueto. Sabia que os alemães se iriam amontoar lá e que seria apanhado. Corri para os correios, com mais quinze rapazes e raparigas da minha idade. Entrámos. O chefe, um homem idoso com corcunda e um uniforme militar alemão, estava no interior à porta. Enquanto nos empilhámos no vestíbulo escuro, chorámos

– Salve-nos, salve-nos, ajude-nos.

– Subam, vão lá para cima – gritou, apontando para uma escada na parte de trás dos correios. – Subam a escada. Eu trato de vocês – berrou.

Ele correu para a escada no vestíbulo, apontou para ela e disse-nos:

– Depois de subirem, puxem a escada. Isto passará daqui a alguns dias. Tentarei trazer-vos a comida e água que puder. Baixem a escada quando voltar. Caso contrário, não se mexam.

Depois deu a um de nós um balde para servir de sanita. Estávamos aterrorizados, mas sobretudo surpreendidos por um alemão nos ajudar.

Manteve a palavra. Três vezes ao dia, ouvíamos-lo assobiar-nos para baixarmos a escada, e trazia um balde de comida, com batatas e pão e um pouco de carne.

É um milagre, pensei. Quase me mataram de novo, e um alemão salvou-me. Isto é um milagre absoluto.

Todos nós usávamos o balde como sanita. À noite, quando os correios estavam vazios, descíamos a escada, e Morris, um dos filhos do tio Yudel, descia cuidadosamente, agarrando bem o balde malcheiroso. Despejava o conteúdo na latrina pública dos correios e regressava.

Os tiroteios e as buscas duraram três dias. Ao fim do terceiro dia, o homem idoso assobiou-nos mais uma vez. Baixámos as escadas e ele subiu com mais um balde cheio de comida.

– Corram, meus pequenos amigos. Corram. Escondam-se onde puderem. Por favor, mantenham-se vivos. Fugam daqui. Esta cidade é um cemitério.

Depois baixou as escadas e desapareceu.

Quando desci do sótão, fui para casa durante alguns dias, e de seguida regressei para junto dos guerrilheiros. Entretanto, ouvi que os alemães tinham apanhado o Morris e que ninguém o vira desde então. Alguns meses volvidos, fiz uma visita breve ao meu pai. Decorridos vários dias, decidi voltar para os guerrilheiros. Segui pelo percurso habitual. Depois caminhei pelas ruas até à entrada para a floresta onde os meus amigos russos se encontravam. Quando estava prestes a mergulhar na proteção frondosa das árvores, ouvi gritos tanto em alemão como em polaco, mandando-me parar.

Os soldados alemães e a polícia polaca tinham cercado a floresta. Vi espingardas e pistolas agitando devagar o reflexo do sol nos canos.

Um pensamento atravessou a minha mente: *Não posso parar. Se o fizer, vão prender-me e matam-me. Tenho de correr depressa. Se não o faço, morro. Eles matam-me onde permanecer.*

Disparei como um trovão pela floresta. Continuaram a disparar, e continuei a correr. Mas passados vários minutos, sentia as pernas a tornar-se borracha e o som dos soldados a gritar, cada vez mais perto e mais alto.

Capítulo Oito

CAPTURADO

– Para. Para. Para – gritavam as vozes atrás de mim, em alemão e polaco. Mas não parei, e ouvia o barulho da espingarda.

De repente, senti o meu braço esquerdo como se tivesse sido atravessado por uma flecha em chamas. Sentia o sangue quente a correr-me pelo braço. Ouvia o bater de muitos pés enquanto escapava pela floresta.

Continuava a ziguezaguear para que não me conseguissem balar de novo, mas sentia as pernas cada vez mais em borracha. A dor do braço consumia-me, e sentia o sangue agora a descer-me para as pontas dos dedos. De súbito, embora cada parte do meu corpo me gritasse para continuar, colapsei, sem conseguir respirar e com as forças a escapar pelo braço em sangue.

A polícia polaca e os soldados alemães cercaram-me, com espingardas e pistolas apontadas à minha cabeça loira. Podiam ter disparado na hora, e surpreendeu-me que não o fizessem. Ao invés, revistaram-me, depois puseram-me a fazer quase cinco quilómetros até uma esquadra de polícia da elite do exército alemão. Segurei no braço, ao qual atei um lenço, enquanto era despachado diretamente para o comandante.

– Procurávamos guerrilheiros na floresta. Isto foi o que encontrámos, *Herr Kommandant* – disse um dos polícias. O comandante tinha cerca de um metro e sessenta, nariz grande e cabelo preto ondulado. – Pensámos que talvez quisesse interrogá-lo.

– Entra – disse o comandante, com severidade. Entrei no seu gabinete, que consistia em duas salas com mobília de madeira escura finamente esculpida e cadeiras de pele grossa.

Pensei no pior: *Vou morrer hoje. Pessoas como eu são levadas para a casa Tisch à noite e baleadas até à morte. Porque seria diferente comigo?*

A ameaça era tão real que a polícia judaica ameaçava-nos agora que seríamos arrastados até ao pátio Tisch se não obedecêssemos às ordens deles. Sabíamos o que se passava por lá, através dos coveiros ou outros. E tínhamos medo.

– Quem és e aonde vais? E porque ias para lá? – perguntou o comandante numa voz estrondosa e autoritária.

– Voltava de ver o meu irmão e o meu pai. São as únicas pessoas que me restam na família – respondi.

Os meus lábios tremiam. Comecei a chorar. Não era falso. Estava cheio de medo, rodeado pelas polícias polaca e alemã. Via nos olhos dele uma emoção que nunca esperei de alguém num uniforme alemão: simpatia, até compaixão.

– Para onde ias? – insistiu.

Eu sabia que dizer que estava com os guerrilheiros me mataria. Por isso parei de chorar, recompus-me e respondi-lhe:

– Trabalho para uma família de agricultores perto da aldeia onde fui capturado: os Zbanski. – Depois, comecei a balbuciar, enquanto fazia barulhos: – Perdi a maioria da minha família. Quero viver.

Com o meu cabelo loiro e olhos azuis, parecia obviamente alemão. Deve ter ficado confuso. Olhou-me de cima a baixo enquanto o meu corpo se agitava de chorar, que saía do mais profundo da minha alma.

Finalmente, saiu do escritório e chamou um dos polícias que me levava:

– Encontrei algo de especial nele? Armas? Alguma outra coisa?

– Não, não encontramos nada – respondeu a voz de alguém que não conseguia ver. – Apenas uma pequena faca de pão e um lenço.

Voltou ao escritório. Ainda via a compaixão nos olhos dele.

– *Magst du leben?* – indagou. Em alemão, perguntou-me se queria viver.

– *Yes, leben, live* – respondi, balbuciando.

Foi até ao telefone do gabinete e quase partiu a mola do botão rotativo enquanto o ouvi a rodá-lo e largá-lo praticamente com um zumbido rápido.

– Olá, meu amigo. Precisas de um jovem, forte, trabalhador? – perguntou em alemão à pessoa do outro lado da linha.

Acenou e desligou. Ainda não sabia a resposta, mas sabia que todas as noites muitas pessoas como eu eram baleadas até à morte no meu gueto, ou até fora dele.

Abriu uma gaveta da secretária e devolveu-me solenemente o meu lenço, a minha faca pequena e os poucos *złoty* que tinha comigo.

– Dar-te-ei um bilhete para que ninguém te incomode quando vieres aqui – disse o comandante. Escreveu rapidamente algo na sua secretária. – O homem para onde te envio tem uma destilaria que faz vodca, cerveja e vinho. Ele tem trabalho para ti. Aqui estão as indicações – disse, escrevendo noutro papel e entregando-me os dois pedaços.

Não conseguia acreditar. Decidi não ir à casa de banho antes de sair. Precisava muito – as costas doíam-me de tanto me conter –, mas não queria passar mais tempo do que era obrigado ao pé dos alemães. Andei três quilómetros, lendo a anotação. Dizia: «Envio-te este homem. Dá-lhe trabalho.» Fiquei abismado.

– Ou é apenas sorte, ou há um Deus no céu. Penso que deve ser Deus. Devo acreditar – murmurei.

Ninguém me mandou parar, provavelmente porque era semelhante ao resto dos alemães. Parecia mais polaco ou alemão do que eles.

A destilaria localizava-se a apenas alguns quilómetros da cidade e da casa da minha família. Quando cheguei à zona, fiquei surpreendido. Soldados alemães corriam por todo o lado. Havia estábulos onde as pessoas ricas deixavam os cavalos, e existia todo o tipo de fábricas. Parecia uma autêntica cidade sob o domínio

alemão. Descobri mais tarde que o proprietário anterior possuía um jato privado, isto antes da guerra.

Tratava-se de uma área enorme que pertencera a uma das pessoas mais ricas da Polónia. Tinha cerca de dois quilómetros de largura e um quilómetro e sessenta de comprimento, rodeada de arame farpado. No interior, havia um palácio com perto de cem quartos. Não admirava que quase uma divisão alemã inteira estivesse ali abrigada. A família a quem pertencera fugira para Inglaterra. Ao olhar à volta, de repente apercebi-me de que era o mesmo local onde tratara de cavalos quando os alemães invadiram a minha cidade pela primeira vez.

Abri a porta para perguntar onde era suposto trabalhar e encontrei um homem de rosto pálido a meio dos sessentas que cambaleava e se arrastava. Conhecia o homem. O nome dele era Michalek. Já recebera a mensagem de que eu estaria a caminho. Odiava vê-lo. Ele odiava judeus e não tinha vergonha que todos o soubessem.

Costumava trabalhar para muitos dos judeus na nossa cidade, transportando bens. Os judeus conheciam-no e sabiam que ele era fanático. Davam-lhe trabalho porque era apenas um negócio. Eram muito ricos, e ele não tinha nada. Apesar da sua intolerância, empregaram-no porque era útil e porque não batia nas pessoas.

Quando Michalek falava com o meu pai, quase deitava fogo pela boca. Queixava-se que os judeus não pagavam o suficiente; guardavam tudo para eles próprios. Repetiu isto a muitas pessoas. Foi despedido várias vezes também, mas aceitavam-no de volta. Era tão deplorável que ninguém o levava a sério. Além disso, era velho e maltrapilho, e era impossível encontrar mais alguém disponível para tratar de cavalos e conduzir camiões. Toda a gente tinha uma negociata. Quando Michalek precisava de dinheiro, pedia desculpa. A desculpa não era real, mas as pessoas sentiam-se bem quando ele tinha de engolir as suas palavras.

Quando o vi de novo, pensei: *Saído da água a ferver para o fogo.*

Mas ao observá-lo de perto, concluí que era um homem cansado e desgastado. Eu era criança quando o vi pela última vez. Agora, perguntava-me pelo nome. Ponderei se deveria mentir-lhe ou não. Sabia que ele me conhecia. Se me reconhecesse e percebesse que lhe mentira, podia mandar-me agredir ou matar.

Além disso, eu tinha a carta, estava sob a proteção do comandante, e Michalek não se atreveria a desafiá-lo. Mas Michalek odiava tanto judeus, que até a carta podia não me salvar, especialmente se mentisse e ele mais tarde o descobrisse.

O que quer que seja para mais tarde, deixa que seja para agora, pensei.

Disse-lhe o meu nome real. Michalek pareceu não o reconhecer, e ocultei que o conhecia. Eu estava apenas interessado em saber no que consistia o meu trabalho e em executá-lo. Descobri rapidamente.

– Vais trabalhar comigo – disse Michalek com voz enferrujada e cansada.

Mostrou-me onde trabalhar e o que fazer. A sua função era enfiar batatas por uma comporta cheia de água corrente. A água lavava as batatas, que eram usadas para fazer vodca. As batatas eram trazidas de toda a parte por carros a cavalo e camiões. Voltei a olhá-lo de perto. Mal se mantinha em pé, quanto mais conseguir trabalhar, com as pernas magras. Apesar do seu antissemitismo, tive pena dele e ofereci-me para fazer o trabalho dele, assim como o meu.

– Sou jovem. Sente-se e relaxe, e eu faço a maior parte do trabalho – disse.

Não lhe guardava rancor. Tinham-me enviado para executar uma função, e eu tencionava cumpri-la. Que mais podia fazer? Ele era demasiado velho e doente. Não tinha escolha. Se não fosse bom para ele, podia sabotar-me, e eu seria morto. Quando te estás a afogar, agarras-te ao que podes. Eu era bom para ele, mas ele não sabia os meus motivos.

Olhou para mim estranhamente, sem acreditar.

– Sim. Tudo bem. Podes fazê-lo.

E fi-lo. Em breve, fazia o trabalho todo dele, e o meu.

Dias depois, reconheci alguns aldeões que traziam as batatas. Pensei que talvez houvesse algum negócio que pudesse ser feito.

– Do que precisa? Talvez o possa arranjar – disse.

– Precisamos de cabedal para fazer sapatos – disse um deles.

Restava apenas uma fábrica de peles, de quase uma dúzia antes da guerra. Ouvi falar na fábrica e descobri que conhecia um dos homens que ainda trabalhavam lá. O irmão mais novo desse homem trabalhara para Yudel. Um dia, pedi a Michalek que cobrisse a minha ausência e fiz a curta caminhada até à cidade. Fui a casa desse funcionário e esperei. Quando ele regressou, levei-o para um canto.

– Senhor Tama, tenho uma proposta para si. Estou a passar por gentio. Posso usar cabedal. Se me der peles, arranjo-lhe manteiga, queijo, pão, e porco. Podemos fazer negócio?

– Claro, posso roubar muitas coisas, e a comida faz-nos falta. Do que precisas?

– De cabedal para sapatos e solas. De quanto queijo, pão, manteiga, ou porco necessita por pele suficiente para um par de sapatos?

– Seiscentos e oitenta gramas.

– Combinado – disse, e apertámos as mãos.

Era bom para ambos. Recebi um quilo e quatrocentos gramas de comida por pele suficiente para um par de sapatos. Dei metade ao Sr. Tama. Deixei uma parte com o meu pai e o meu tio.

Até me dava cada vez melhor com Michalek, que começou a gostar de mim. Ele vivia perto. Todos os dias, a mulher, uma senhora pequena e simples, trazia-lhe um pão de forma fresco e um pouco de sopa num pequeno recipiente. Um dia, ele disse-lhe: «Amanhã, traz alguma comida para este jovem rapaz. E uma camisola. E um pouco de sopa. Ele trabalha para mim. Mantém-me vivo.» Quase corou quando se virou e me viu. Ele sabia que eu provavelmente ouvira.

Também percebi como me proteger à noite. Dormia na pilha de batatas dentro de um armazém grande, onde guardavam milhares de batatas. Às vezes dormia no telhado, ou no estábulo com os cavalos, ou com as vacas nos campos. Acreditava que se dormisse todas as noites em sítios diferentes, seria mais difícil descobrirem-me e matarem-me.

Entretanto, o meu irmão Hymie encontrou trabalho a cortar lenha num depósito de madeira a pouco mais de um quilómetro da destilaria. Todos os dias, quando os agricultores entregavam as batatas, suplicava por comida.

– Apenas algum pão. O meu irmão e eu temos fome – sussurrava.

Levava o que me dessem, normalmente um pedaço de pão, e algumas batatas que roubava. Quando a noite caía, cortava as batatas e os pedaços de comida pelos quais trocara o cabedal e enfiava-os nas calças.

Depois de a destilaria encerrar, pegava na pequena trouxa e rastejava por um quilómetro de valas entre a destilaria e o depósito de madeira. Se fosse apanhado, seria baleado.

O caminho até ao depósito de madeira demorava uma hora. Saía quando ficava escuro e avisava Hymie antes de ir. Encontrávamo-nos num canto do depósito, mas não falávamos muito. Dava-lhe a comida, e olhávamos um para o outro com tristeza. Sabíamos, até enquanto partilhávamos esses momentos fraternais, que os alemães estavam a cortar o tamanho do gueto da nossa cidade quase diariamente.

Quando regressava à destilaria, descobria um sítio diferente para dormir. As noites eram gélidas, mas eu tinha uma grande vontade de viver. Usava também a sorte e o engenho para me manter quente. Quando dormia no telhado, com uma altura de dois metros e quarenta, deitava-me perto da chaminé, no lado onde não fazia vento. Usava palha e panos para me tapar. Escondia-me até na fábrica de fazer barris. Grande parte do tempo, não conseguia

dormir, não importava onde me deitasse, porque estava com demasiado frio.

Quando o tempo arrefeceu ainda mais, dormia normalmente no armazém de batatas. Até me enterrava nelas, para que os alemães não me encontrassem durante a noite. Era apenas eu, as batatas e um pouco de palha, procurando manter-me quente em temperaturas que pareciam ser de cinquenta abaixo de zero. Felizmente, dormir enfiado nas batatas envolvia-me numa camada de calor. Pensamentos vívidos do meu irmão passavam pela minha mente antes de adormecer.

Na que seria a minha última ida ao depósito de madeira, vi holofotes. Corri até ao arame farpado que cercava o depósito e espreitei. A cerca de vinte e três metros, vi mais de trinta rapazes em fila, incluindo Hymie.

Vi as mãos deles sobre a cabeça e lágrimas corriam-lhes pelo rosto. Estava atrás dos alemães, por isso via os rapazes. Vi também que os alemães tinham metralhadoras.

De repente, o trepidar metálico das metralhadoras irrompeu na noite. Vi algumas das caras dos rapazes transformarem-se em sangue. Em dois segundos, todos os corpos, incluindo o de Hymie, dobraram-se e caíram ao chão.

Agora não tenho mais ninguém vivo além do meu pai, pensei. Senti uma dor apunhalar-me o coração, uma ferida que nunca mais sarou desde que vi o meu Hymie ser morto a tiro. Que farei sem Hymie?

Durante alguns momentos, a minha dor sobrecarregou-me tanto que me senti como se me estivesse a afogar. Mas tinha de tomar conta de mim, e rastejei de volta pelas valas. Pelo caminho, parei para chorar, e sentia os ombros a agitarem-se enquanto ondas contínuas de dor me consumiam. Sabia que o Hymie não queria que eu fosse baleado. Estava de volta à destilaria passada uma hora.

Sabia que os coveiros levariam os corpos para o cemitério no dia seguinte. Passei por lá antes do trabalho, por volta das cinco e

meia. Andei por trás das casas e perto da margem do rio para não ser apanhado e executado. Esperei perto do cemitério, e os coveiros trouxeram Hymie e os outros passado cerca de uma hora.

Escondi-me atrás de uma árvore perto do caminhão enquanto os coveiros escavavam torrões após torrões. Viram-me, mas eles eram judeus, também. Percebiam porque estava ali. Vi nos seus rostos angustiados que lamentavam a minha dor, e que a minha dor era a deles. Os corpos foram empilhados em aglomerados planos e pareciam troncos com sapatos. Ninguém roubaria os sapatos: estavam cobertos de sangue em crosta e moscas. Os sapatos provavelmente absorveram também o odor de morte que permeava o caminhão.

Não conseguia ver o meu irmão. Depois de o som metálico das pás a bater na terra parar, os coveiros agarraram as mãos e os pés de cada cadáver. Numa contagem de três, atiravam cada corpo flácido, com os braços e as pernas a flutuar, para a vala comum, os rostos torcidos horríveis de se olhar.

Depois de os coveiros terem puxado alguns corpos, vi Hymie, com o rosto coberto de sangue, e parte do crânio explodido. Chorei sem vergonha. Lágrimas quentes rolaram-me pelo rosto e aterraram nos meus sapatos. Senti-me fraco e desamparado.

– Oh, Deus. Oh, Deus! – lamentei, enquanto olhava para o corpo de Hymie minutos antes de ser atirado para o espaço, apenas para aterrar numa pilha na vala. – Como pode um povo ser tão bárbaro para com outro? Por favor, Deus, deixa-me viver tempo suficiente para ver os nazis correrem pela vida.

Ao olhar para cima, vi um corpo na pilha a mexer a perna. Havia dois rapazes deitados sobre ele. Ouvi uma voz abafada murmurar: «Estou vivo. Estou vivo.» E uma perna moveu-se. Depois a outra perna e o outro braço. E a cabeça começou a mexer-se.

– Ajudem, ajudem. Estou vivo. Fui baleado no braço. Ajudem-me a sair do carro – gritou o corpo. Depois, quando os coveiros retiraram os corpos de cima dele, ele sentou-se. Reconheci-o como Simon Fleishbein, alguém da minha cidade. Vi que o sangue

coagulara à volta do seu ombro esquerdo, onde devia estar ferido. As suas roupas estavam molhadas, tendo os corpos largado sangue para o seu braço e para o resto do corpo dele. Simon parecia um boneco de carnaval mal pintado. Senti o meu sangue congelar.

– Estou vivo; estou vivo – gritou. – Estou a tentar chegar ao que resta do gueto.

Os coveiros aconselharam-no a andar por trás das fábricas onde ninguém o veria, e Simon mancou. Fui para casa contar à família sobre a morte de Hymie. O pai, Yudel, Rachel, Jacob, Sara, e até as crianças, todos choraram. Lamentos altos e choros encheram a nossa pequena casa. Hymie era um bom rapaz, e teríamos saudades dele.

A única notícia que tinham para me dar era que não havia mais judeus a serem enviados para a nossa cidade porque não restava espaço.

Quando regressei à destilaria, a primeira coisa que fiz foi acenar aos fabricantes de barris. Havia seis, todos judeus. Três eram irmãos. Deixaram-nos em paz porque eles sabiam fazer algo que os alemães queriam. Construía os barris para a vodca e as outras bebidas espirituosas ali preparadas.

Alguns eram meus vizinhos no gueto, e tornáramo-nos bastante bons amigos durante as quatro semanas que eu já ali estava. Pelo menos era um toque de casa. Tinham uma pequena cabana onde trabalhavam e dormiam. Eu costumava roubar batatas, e depois visitava-os. Eles cozinhavam as batatas numa pequena chapa elétrica e partilhavam-nas comigo.

Um dia, eram oito da manhã, um ucraniano que era o gerente da destilaria toda chamou os seis fabricantes de barris e a mim. Ele odiava judeus, mas isso não surpreendia. Os ucranianos são notoriamente antissemitas, e adoravam bater-nos. Ele despachou-nos para um armazém, onde vimos pilhas de trigo.

– Enfiem o trigo nessas sacas – disse, quase a sibilar. – E façam-no bem. Estarei de volta perto do meio-dia. Uma da tarde, no máximo.

Depois saiu e fechou as portas do armazém. Ouvimos o rodar de um fecho de metal para prevenir que fugíssemos.

Não estávamos preocupados. Trancar-nos era um procedimento normal, especialmente se nos deixassem sem vigilância.

As numerosas clarabóias providenciaram-nos bastante iluminação, e começámos a empacotar as sessenta sacas. Um de nós tinha um relógio de bolso, por isso sabíamos que acabáramos pouco antes do meio-dia. Esperámos que ele regressasse. Depois chegaram as duas da tarde. Depois, as três. Aguardávamos, descansando nas sacas de trigo.

Senti os poros começarem a jorrar suor. Via os outros inquietos de preocupação. Sabia que pensavam na mesma coisa.

– Pessoal, eu conheço os truques dos nazis. Isto não me parece nada bem – sussurrei, repentinamente preocupado que pudesse estar alguém lá fora. – Vamos empilhar as sacas até ao teto. Quando o alcançarmos, damos um murro no telhado, e depois corremos em direcções diferentes. Se correremos em grupo, seremos um alvo maior.

Começámos a atirar sacas contra a parede perto das portas. Supus que a parede aguentaria as sacas enquanto as empilhávamos cada vez mais alto. Passada uma hora, a pilha estava a cerca de cinquenta centímetros do telhado. Três de nós estávamos em cima da pilha. Disse aos outros dois que comessem a puxar tábuas da armação do telhado, e o espaço encheu-se com o barulho de tábuas a partir.

Um tinha um canivete; outro, um tipo de instrumento de esgravatar. Afiámos as pontas das tábuas. Depois, usámos todas as pontas esculpidas de cada tábua para empurrar o telhado. Resultou. Víamos o anoitecer pelos furos irregulares.

– Saltem em direcções diferentes – gritei. Movemo-nos para o ponto mais baixo do telhado, depois saltámos, aterrando ilesos.

Assim que aterrámos, a polícia polaca armada cercou-nos. Pelo sorriso deles, não havia dúvidas de que nos levariam para o pátio Tisch. Caía uma chuva miudinha fria. A polícia não disse nada, mas

gesticulou para que puséssemos as mãos atrás das costas. Depois ataram-nos e prenderam-nos uns aos outros. Apertaram-nos com tanta força que sentia as mãos a ficar dormentes.

Os nazis levaram-nos em marcha para o pátio, enquanto caía alguma neve misturada com chuva cinzenta. Eu estava no meio do nosso pequeno grupo. As minhas mãos cada vez mais dormentes. Via as mãos dos outros a tornarem-se pretas e azuis, e assumi que as minhas estariam da mesma cor. Havia polícia polaca por todo o lado.

Marchámos cerca de três quilómetros, e a dor a irradiar das mãos e dos braços era tão intensa que tinha dificuldades em respirar. Seguíamos pelo meio da rua, provavelmente como algum tipo de exemplo perverso para quaisquer judeus que nos vissem. Doía-me a cabeça. As minhas axilas ficaram moles.

Entrámos na cidade, e estávamos a dois quarteirões da praça da execução, aproximávamo-nos das portas do gueto. À medida que a chuva e a neve se tornaram em bátega e lama, vi uma pilha alta de roupa velha, roubada de judeus, ao lado das portas.

Passámos por um pequeno beco, e reconheci as costas largas de Lazar. Ele vivia a algumas casas de nós, e devia muitos favores ao meu pai. Agora, era a vez de os pagar de volta. Gritei-lhe tão freneticamente que ouvia a minha voz a guinchar:

– Lazar, Lazar. Vão matar-nos. Em dois minutos estaremos na praça da execução.

A cabeça de Lazar virava-se de um lado para o outro. Não demorou mais de um segundo a avaliar a situação. Chamou Heinrich, o agente da Gestapo, que coincidentemente estava a passar.

– Pare, Heinrich, pare – chamou Lazar.

O homem não estava com disposição para ouvir ninguém, mesmo o responsável pelo gueto, com quem era forçado a ter um relacionamento profissional para obter a quantidade de trabalho escravo de que necessitava.

– Vá-se embora, Lazar. Estes rapazes estarão mortos em três minutos.

– Oh, Heinrich, que desperdício – disse Lazar, usando a astúcia de ladrão para fazer uma cara que parecia estar a consolar Heinrich por algum tipo de perda. – Pense nas pilhas de roupa. É suposto ser roupa para ajudar a Alemanha. Foi talvez trazida pelos comboios de gente e despejada aqui. Se ficar a apanhar chuva, apodrecerá e depois de que servirá? Tem de a colocar nos vagões e enviá-la – rapidamente.

A cabeça de Heinrich estalou. Vi que pensava intensamente. Ele não queria ser o culpado de uma perda para a pátria.

– Tem razão. Tem razão – disse, soando surpreso de não ter pensado nisso.

Virou-se para os polícias polacos e começou a dar ordens:

– Ponham estes judeus idiotas a carregar os trapos para que a chuva não os arruíne.

A polícia polaca guiou-nos silenciosamente até às pilhas de roupa. Alguns judeus já trabalhavam ali, mas por essa altura a escuridão envolveu a cidade.

– Não há muito mais que possamos fazer agora – disseram os judeus que já lá se encontravam. – Está escuro e não vemos o que fazemos. Voltem amanhã e ajudem-nos.

Lazar continuou o seu caminho. Surpreendentemente, a polícia polaca acenou e abanou as armas na nossa direção para que fôssemos para casa, e depois cortou as cordas que nos prendiam as mãos. Tremia de medo, com as mãos pretas de terem estado demasiado tempo apertadas. Continuei a tentar usar uma para esfregar alguma circulação na outra, embora ambas doessem tanto que mal conseguia dobrar os dedos.

Quando cheguei a casa, abri a porta e o meu pai estava perto dela. Olhou para as minhas mãos pretas e apercebeu-se de imediato do que acontecera.

«Oh, Deus, Joe, oh, Deus, quase te perdi também» – choramingou, agarrando-me e puxando-me para si no abraço mais

querido que alguma vez me dera.

Sentia o seu peito agitar-se e a garganta prender enquanto chorava como um bebé. Yudel também estava lá, assim como as duas filhas e Jacob Wilder. Todos formaram um círculo à minha volta, e, durante um momento breve, senti-me como uma criança protegida dos males do mundo. Sabia que não duraria, mas o abraço do que restava da minha família fez-me sentir como não me sentia há muito tempo.

Capítulo Nove

QUEDA DA POLÍCIA JUDAICA

Tinha sentimentos ambíguos sobre ser resgatado por Lazar. Fora nosso vizinho muitos anos. Nessa altura, ia parar à prisão duas ou três vezes por ano por conduzir um círculo de burlas. E o meu pai enviava comida para a mulher de Lazar e para os dois filhos.

Ouvi muitas vezes Lazar falar sobre o esquema. As pessoas encomendavam algo que queriam, um casaco ou cerdas, e os homens dele roubavam-no. Nunca magoou ninguém, mas não se importava de liderar um círculo de ladrões.

– O teu pai era bom para a minha família – contou-me uma vez, com o braço sobre o meu ombro. – Sempre que estava na prisão, garantia que a minha família, mulher e filhos preciosos, era alimentada.

Era verdade. Todas as sextas-feiras, o meu pai regressava a casa com mais dinheiro depois de os comerciantes lhe pagarem pelo tabaco. Ele entrava pela porta da frente, com os bolsos cheios, e perguntava: «Alguém tem fome?»

O meu pai queria saber se algum vizinho não conseguia o suficiente para comer. Ele estava fora durante a maior parte da semana, e esta pergunta era das primeiras que fazia. Era um homem generoso. Se tivesse uma moeda, dava-a.

Dizíamos-lhe amiúde que a família de Lazar tinha fome porque ele estava na prisão. O meu pai garantia que eles e que outros que se encontravam demasiado doentes ou pobres tinham comida para o fim de semana. Frequentemente, eu entregava esses sacos de comida cheios.

Havia alguma vantagem para a generosidade do meu pai. Ele costumava trazer para casa muita mercadoria: tachos e panelas,

sabão, velas, juntamente com geleia, lâminas de arado, e também cigarros e charutos. Os comerciantes confiavam nele para vender os seus produtos e enviar-lhes o respetivo valor.

O meu pai ia para Varsóvia ou para cidades mais pequenas vender o que tinha. Muitos dias, o pequeno armazém da mãe ao lado do nosso *four-plex* estava empilhado com mercadoria até ao ponto de rutura. Mas Lazar nunca deixou que o seu gangue invadissem o nosso armazém. Era uma questão de honra, uma maneira de pagar ao meu pai por ajudar a família.

Quando Lazar saía da prisão, carregava uma arma. Claro que as pessoas temiam-no, mas ele nunca magoou ninguém. Quando via um membro da minha família dizia sempre: «Olá, como estás? Bom dia.» Era excruciantemente cortês, e sincero.

No entanto, essa cortesia de não nos roubar não se estendia ao resto da nossa família. Yudel contou-me uma vez que os ladrões de Lazar entraram no armazém dele e roubaram três mil dólares em bens, os quais Yudel teve de comprar de volta através de um mediador por oitocentos dólares. Ouvi muitas histórias semelhantes.

No entanto, esses mesmos bandidos foram os protetores da nossa cidade. Ninguém se atrevia a começar um massacre enquanto Lazar estivesse lá. Muitas vezes, ele e os seus homens perseguiram quem batesse num judeu fora da cidade.

– Se pensam que podem bater em qualquer um de nós, então eles julgam que podem bater em três ou quatro. Temos de os parar antes que comecem a achar que nos podem atacar quando quiserem – disse ele ao meu pai.

Contudo, este era o mesmo homem que agora, ocasionalmente, extorquia dinheiro das pessoas, ameaçando enviá-las para os campos. Era algo engraçado sobre Lazar. Fazia tanto o bem como o mal, e não havia uma maneira simples de olhar para ele.

O meu pai não dizia muito sobre o facto de Lazar me salvar de ser executado no pátio Tisch.

– Não aprovo o que Lazar faz – admitiu. – Mas salvou-te a vida, é educado connosco, e protegeu o nosso armazém.

Ele não via na atitude de Lazar uma retribuição pela sua generosidade. Tinha prazer em ajudar a família de Lazar quando ela precisava. Ignorava as pessoas que diziam que ele não devia alimentá-la.

– Lazar adora os filhos, e ninguém quer saber deles – dizia o meu pai. – Não é culpa das crianças que o pai seja como é. Porque devem ser forçadas a sofrer? São inocentes.

Mesmo que o meu pai não conseguisse reconhecê-lo, eu sabia que Lazar me salvara por causa da bondade do meu progenitor. Lazar tinha problemas maiores na cabeça do que a minha segurança. Ele respeitava o meu pai, por isso respeitava os filhos.

Alguns dias após ter-me salvado, Lazar e eu esbarrámos um no outro, e falámos sobre o seu resgate.

– És um miúdo sortudo por me encontrar lá naquele momento. O teu pai sempre garantiu que a minha família tinha comida, até quando não estava lá para o fazer. É um homem incrível, e eu devo-lhe a vida dos meus filhos. Estou feliz por ter feito isto por ele – disse, tanto com gratidão como com desdém na voz.

– Agradeço muito, assim como os seis rapazes que estavam comigo – respondi-lhe. Ele encolheu os ombros.

Numa tarde algumas semanas depois, olhei pela nossa janela e vi uma visão que me arrepiou até aos ossos: Lazar, com as mãos presas atrás das costas, rodeado por dois polícias judeus e os dois da Gestapo. Os da Gestapo tinham sacado as armas.

A polícia judaica contou mais tarde aos amigos e familiares que Lazar fora capturado e levado para a esquadra, onde prometera mostrar-lhes onde o seu ouro, diamantes, dólares e libras estavam escondidos. Conduziam-no para a esquadra quando o vi. Ouvi-o dizer. «Está algures por aqui. Está algures por aqui.»

Enquanto a polícia judaica procurava em várias casas, Lazar desatou a correr mesmo em frente da minha casa. Era um homem grande, e as suas pernas longas levavam-no longe e muito rápido. Os homens da Gestapo gritaram-lhe, mas estavam demasiado

abismados para disparar até ele se esquivar para uma casa e subir umas escadas. Não o conseguiram encontrar.

Frustrados, começaram a disparar cegamente para as janelas. Onde vissem alguém, disparavam. As pessoas espreitavam para ver o que era aquela agitação toda, e pedaços dos seus crânios voavam. Outros judeus, sem dúvida, esquivaram-se para os búnqueres, como ratos assustados. Heinrich e Dietrich eram particularmente viciosos. Não queriam saber quem ou o que matavam. Achavam que as pessoas na vizinhança tinham ajudado Lazar a escapar e queriam vingança. Para eles, matar era tão casual como acender um cigarro. O pensamento deles era que se Lazar escapara, todos os judeus deviam ser culpados de o ajudar.

Lazar estava no telhado de uma casa abandonada. Vimo-lo esconder-se atrás de algumas caixas. Finalmente, os agentes da Gestapo viram-no e balearam-no na cabeça, depois atiraram o corpo, ainda algemado, para o chão.

Entretanto, a polícia e os homens da Gestapo começaram um tiroteio. Sabíamos que seria uma chacina, e a nossa família correu para o búnquer. Meia hora depois, já não se ouvia nada. Os alemães não eram discretos o suficiente para parar o tiroteio a fim de nos enganar, de modo a que pensássemos que não estavam lá. Depois de um silêncio de vários minutos, nós e os vizinhos esgueirámo-nos para a rua para ver o que acontecera.

Vimos alguns corpos, incluindo o de Lazar. Depois voltámos para os búnqueres. Era inverno, e fechámos as persianas para que os alemães não vissem luz. Fomos dormir, exaustos.

Quando nos levantámos na manhã seguinte, a situação era mais sombria do que nunca. O corpo de Lazar desaparecera, claro. Não tínhamos comida, nem água, nem nos atrevíamos a sair. Tínhamos de esconder cada centímetro da nossa existência. O frio era tão glacial que fazia doer a cabeça.

Estávamos sempre alerta. Tínhamos também uma parede falsa no sótão, para onde podíamos correr rapidamente se o tiroteio recomeçasse. Jacob Wilder e eu ficávamos a vigiar todos os dias. A

família decidira há algum tempo que nos dividiríamos entre a parede do sótão e o búnquer. Se os alemães encontrassem parte do grupo, talvez os outros conseguissem sobreviver.

Pensei muito sobre a morte de Lazar. Salvara a minha vida e a dos seis fabricantes de barris. Não roubara, por questão de honra, um único rebuçado do armazém do meu pai. Mas era também um homem mau.

– Era um ladrão, um chantagista, e cooperava com os alemães – disse para mim mesmo. – Aposto também que Lazar nunca roubou nada do meu pai porque pensou que era uma boa maneira de garantir que o meu pai continuava a alimentar a família dele.

No fundo, Lazar era um homem que escolheu o banditismo e a chantagem como profissão. Era bom nisso, mas não significava que deveria sofrer por ele agora que estava morto. Como judeu e homem que salvou a minha vida, tinha direito a algum pesar pela sua morte, mas sentia-me também melhor por ele não poder denunciar mais pessoas.

Fui atingido por uma dor aguda, porque sentia tão pouco por um homem que me salvara a vida. Mas havia tanto pesar a ser feito por pessoas com as quais me importava realmente, que não havia tempo para alguém tão mau quanto Lazar.

Estávamos todos vulneráveis. As seleções ocorriam a cada duas semanas, e tínhamos de nos esconder. No entanto, precisávamos de água. Existiam dois poços disponíveis: perto do poço que a maioria usava havia cães e gatos vadios a correr. O outro ficava à frente da antiga sinagoga, que era agora a esquadra da polícia judaica. As pessoas não queriam utilizá-lo porque a polícia batia frequentemente em quem ia lá, ou apanhava-os e enviava-os para trabalho escravo. Uma das minhas tarefas era ir buscar água. Pensei que entre cães selvagens e a polícia judaica, preferia fugir da polícia.

Agora, não havia escolha. Com o outro poço fechado pelos alemães, tínhamos de usar o que ficava perto da esquadra. Decidi ir à tarde. Era a hora a que encerravam, e a polícia deveria ir lá

receber as ordens para o dia seguinte. Estariam demasiado ocupados na pressa de chegar à reunião.

Esperei até ver a polícia correr para o escritório antes de me aproximar do poço. Alguns deles olharam para mim curiosamente.

Retirei água para cada um dos meus baldes, e voltei pela rua. O escritório encontrava-se numa esquina. Passei por ele, de baldes na mão, e parei a fim de olhar para a montra de uma loja. Pelo canto do olho, vi três homens com casacos de cabedal no passeio do lado oposto à esquadra. Pareciam estar a descansar, mas era estranho. A permanência resultava em suspeita, e a suspeita em apreensão e interrogatórios. Nunca vira aqueles homens. Eram estranhos numa cidade pequena. Fiquei desconfiado.

Então, a reunião terminou. A polícia saiu e viraram todos para a esquerda. Era algo invulgar. Talvez fossem a um restaurante próximo. Não conseguia perceber. Os forasteiros, no entanto, esperaram até todos os polícias caminharem junto à parede da esquadra, bloqueando qualquer hipótese de fuga. Parei para descansar um momento. Estava a três metros da porta do escritório da polícia judaica. Aquela pausa pode ter sido a minha salvação.

Os forasteiros abriram os casacos de cabedal com uma mão e sacaram de submetralhadoras. Eram feias: suporte preto, canos pretos, cartuchos pretos. Então, cada homem colocou a outra mão debaixo da arma e disparou. Abanaram as armas, distribuindo balas. A polícia judaica estava sem defesas.

Em segundos, os polícias estavam deitados no passeio, num rio de sangue. Os três homens enfiaram as armas de volta nos casacos e andaram, sem correr, para longe. Tinham um carro provavelmente perto.

– Odeio matanças – gritei, enquanto olhava, quase entorpecido, para os mais de cem corpos à minha frente. – Odeio sangue.

Mesmo assim, sabia que a polícia judaica gostava do seu trabalho, e senti-me com seis metros de altura depois de ver o nosso povo a revidar. Não tinha qualquer sentimento em relação aos traidores que se tornaram polícias dos nazis.

Talvez algumas pessoas sobrevivam porque estes otários foram mortos. Não tenho pena deles nem das famílias, pensei.

Sabia que era a única testemunha, mas não me mataram porque era judeu. Era parte do povo dos executores e um jovem, sem perigo para eles. Podia ser um tronco de árvore. Não gesticularam para mim, foram-se apenas embora. Sabia que havia trezentas pessoas a esconder-se, três das quais estavam no sótão do quartel da Gestapo. Por haver polícias a serem executados, essas pessoas podiam viver.

Lembrei-me de que, algumas semanas antes dos assassínios, o meu primo Hymie, o artista, visitara a nossa casa com alguma comida.

– Onde está o nosso povo? – perguntava-me ele, com um olhar triste. – Porque é que ninguém nos ajuda? Porque não fazem nada?

Agora, o nosso povo ripostara, e o meu orgulho tinha um sabor doce.

O silêncio dos mortos gritava nos meus ouvidos. Depois, num momento, a maioria dos judeus que se escondiam, incluindo o meu pai, Yudel e o resto da família, veio a correr para ver a razão do barulho. Ficaram confusos, embora todos sentissem que os judeus que traíram o seu povo mereciam morrer. Vi muitos vizinhos cujo destino me questionava. O gueto foi ainda mais reduzido, e eu perguntava-me como sobreviveriam os que viviam no exterior. Enquanto convivia com pessoas que não via há meses, ouvi o mesmo sentido de renúncia a preenchê-los.

– Serão os próprios alemães a fazer as seleções – murmuraram alguns dos judeus. – Já estão a trazer os cães de guarda.

Dentro de dez minutos, todas as pessoas desapareceram da carnificina. Era tarde, e não era suposto sermos vistos na rua depois das dezassete.

Vim a descobrir por Hymie, o artista, que a Resistência de Varsóvia fora responsável pelo ataque. Hymie previu que, mais cedo ou mais tarde, os judeus de alguma parte ripostariam. Agora fizeram-no.

Hymie tinha também contactos no *underground* de Varsóvia, e foi através deles que soubera quem fez as execuções. Ele disse que os guerrilheiros queriam que a polícia judaica pagasse por trair o seu povo.

Embora odiasse os polícias judaicos e os considerasse traidores, foram também uma fonte valiosa de informação. Sabiam quando as incursões estavam iminentes, e avisavam os amigos e familiares. Ao vigiar essas pessoas, percebíamos quando ocorreria a próxima incursão.

Mesmo assim, restam poucos de nós. Nunca há boas notícias, apenas más, e estas espalham-se depressa, pensei, sombriamente.

Ouvia a polícia polaca a correr por todos os lados no exterior do gueto, e tinha a certeza de que escutavam o barulho. Depois de todos voltarem aos esconderijos, corri os cinco quarteirões até à minha casa e entrei no búnquer com os baldes de água. O meu pai, Yudel, as duas filhas e as crianças, mais Jacob Wilder, estavam lá.

Sentíamo-nos um pouco deprimidos naquele buraco negro que era o nosso búnquer. Deveríamos evitar que a luz se visse do exterior, de modo a que os alemães não nos encontrassem. Por isso, no escuro, exceto uma vela pequena, as nossas vozes falaram, aparentemente desapegadas dos corpos.

– Pelo menos temos um búnquer. Já nos salvou a vida algumas vezes – disse o meu pai, tentando animar-nos.

– Passados já quatro anos, espero que esta guerra termine depressa. Senão, a nossa vida acaba-se – desabafou Yudel, desesperado como nunca o ouvira.

Começámos todos a chorar. Toda a gente chorava no escuro, e imaginava apenas o quão contorcidas de medo e dor deviam estar as suas caras. *O que há por viver?*, perguntei-me. A única resposta era o choro, ampliado muitas vezes pela proximidade dos nossos quartos.

Nessa noite, ninguém dormiu. Não havia espaço para nos deitarmos todos, apenas para ficarmos sentados. O búnquer tinha dois metros e meio de comprimento, um e oitenta de largura, e um e

vinte de altura. Com sete pessoas lá dentro, só as crianças eram pequenas o suficiente para se esticarem e tentarem dormir.

Estranhamente, as execuções não me mudaram muito. Tornámo-nos dormentes aos assassinios e tiroteios. Aquele tinha um sabor diferente, no entanto. As pessoas eram traidoras; mereciam morrer.

A sensação de melancolia no búnquer era até mais sombria do que a noite. Sabia que todos calculávamos que a Gestapo encontraria o nosso búnquer e matar-nos-ia. Não havia para onde correr, nem onde nos escondermos, nem forma de sobreviver sem comida nem água, nem lugar onde dormir.

– Até os ratos, gatos e cães têm mais hipótese de sobreviver do que nós – disse para ninguém em particular.

Na manhã seguinte, os coveiros recolheram os corpos da polícia judaica. Os cadáveres foram tratados da mesma forma que o de qualquer outra pessoa. Despejaram-nos numa vala comum e cobriram-nos com terra.

Por essa altura, o meu primo Hymie vivia bem – na sua casa na baixa da cidade, na rua principal. Era transportado para várias cidades a fim de fotografar vitórias alemãs, documentando a chacina de dezenas de milhares de judeus e de outros. Era licenciado, e bem-sucedido.

Aparecia lá em casa a cada duas semanas, e sempre com sacos de comida: pão, manteiga, queijo, farinha. Estava disposto a partilhar. Ele, a mulher e os filhos podiam ter a comida que quisessem, dormir numa cama confortável e usar roupas boas. Nós invejávamo-lo, mas não o odiávamos. Ele não fizera nada de mal. Era boa pessoa, e os alemães não tinham mais ninguém para aquele trabalho.

Mantinha-nos também a par da guerra: onde os russos estavam, o que os alemães faziam. Contava-nos sobre como os judeus palestinianos lutavam ao lado dos ingleses contra os alemães. A comida e a sua conversa levantavam-nos um pouco o moral.

– Porque é que o resto do mundo não faz nada? Não levantam um dedo para ajudar os judeus – lamentava-se em quase todas as

visitas.

Algumas semanas depois da chacina da polícia judaica, a Gestapo procedeu a mais um tiroteio. Andava a expulsar as pessoas de casa e acorrentava-as umas às outras. Ouvíamos os tiros e os gritos ao longo de quarteirões. Quando se aproximavam da nossa zona, eu corria para o sótão da fábrica de solas em pele.

Estupidamente, uma vez fui para o telhado e escondi-me atrás de uma chaminé para assistir a tudo. Podiam ter-me visto, mas tive sorte. Vi e ouvi os alemães a prometer que poupariam a vida de quem que lhes dissesse onde podia haver judeus escondidos. Alguns abriram a boca. Mais de cem homens, mulheres e crianças foram levados dos telhados, dos sótãos, e de outros esconderijos, e baleados na rua.

No início, estremeci. Depois, apenas olhava, tentando arrumar as emoções nalgum lugar da mente onde não as sentisse. Sabia que o meu pai, Yudel e a família dele já se tinham refugiado nos búnqueres.

Ó Deus, por favor, poupa o meu pai e o meu tio. Por favor, poupa a família de Yudel, também. Deus, deixa a minha família viver, por favor, rezei.

Três horas depois, o tiroteio terminou. Olhei para as ruas e vi a calçada coberta de cadáveres ensanguentados. Senti uma tristeza indescritível.

Os dias tornavam-se cada vez mais difíceis. Continuava a sair à noite para partir tábuas de fábricas velhas para lenha; o meu pai trocava ouro, diamantes e dinheiro de Yudel por comida suficiente para manter sete almas vivas. Alguns gentios disponibilizavam-se para negociar uma vez por semana, e foi o que nos manteve vivos. O pai regressava com alguns pães, uma saca pequena de batatas, e às vezes manteiga.

Quando chegava a casa da destilaria, com Michalek a cobrir o meu turno, ficávamos a olhar pela janela. Agora, a cada dois dias, Heinrich e Dietrich vinham até à cidade, embebedavam-se e perseguiam e matavam qualquer judeu.

Desesperei: *Se vale a pena lutar pela vida, porque estamos tão miseráveis? Passámos tantos anos sombrios e horríveis a viver como animais. Durante quanto tempo mais é que isto – e nós – continua?*, pensei, amargamente. Não me atrevi a dizer isto em voz alta, a minha família já se deparava com melancolia suficiente.

Sabia que parecíamos ter perdido um pouco da fé religiosa que nos restava. Continuávamos a perguntar-nos o que aconteceria connosco. Queríamos sobreviver e contar aos filhos e netos as histórias do que acontecera, mas tínhamos a certeza de que não veríamos esse dia.

Um dia, bati no fundo.

Seria melhor morrer do que continuar a viver assim, pensei. Rezamos todos os dias para que alguns de nós possamos sobreviver para falar sobre o que aconteceu. Mas não há esperança, não há saída, não há esperança de todo.

Depois, baixei a cabeça e chorei.

SEGUNDA PARTE

Lutando pela Vida nos Campos

Capítulo Dez

APANHADO E ENVIADO

Até sem rádios, soubemos da revolta desencadeada no gueto de Varsóvia em abril de 1943. Os judeus iniciaram uma rebelião armada contra os alemães – que seria esmagada em três semanas. Alguns judeus faziam-se passar por gentios, e viajavam entre a nossa cidade e onde quer que estivessem a viver agora. Eles espalhavam as notícias.

Ouvimos falar sobre a sublevação aos primos Stein, que andaram comigo na escola. Eram sortudos: a família era rica e tinham cabelo loiro e olhos azuis. Viviam longe do gueto. Os pais pagavam provavelmente também por passaportes falsos. Quando os alemães começaram a levar miúdos judeus em 1942, os Stein conheciam muitos polícias judeus que garantiam que os primos seriam deixados em paz.

Eram duas das talvez cem pessoas que passavam por gentios na nossa cidade, a maioria dos quais eram mulheres. Eu não desgostava dos Stein. Eram bons colegas e inteligentes. Não era crime ter dinheiro. O meu primo Hymie Kronhartz também ouvira falar sobre Varsóvia devido às suas viagens a documentar as supostas glórias dos nazis a esmagar os oponentes.

As notícias de Varsóvia fizeram-nos tremer ainda mais. Tínhamos boas razões para ter medo. Pouco depois, uma noite ainda desse abril, os nazis cercaram por completo o nosso gueto com soldados. Ouvimos que isso poderia acontecer. A minha família enfiou-se no búnquer. De noite e durante todo o dia, ouvimos os alemães a bater nos tetos, nas paredes e no chão. Escutámos as batidas afiadas e fortes deles.

Eles não se importavam se faziam estragos na casa ou em nós. Ouvíamos-os a esgravatar no chão sobre as nossas cabeças. Quando Jacob construiu o búnquer, fez inteligentemente um chão falso sob o primeiro chão falso e colocou muita terra entre os dois. Quando os nazis encontraram o primeiro chão falso, e depois o levantaram, só viram terra. Ouvimos-os a dizer asneiras, a gritar e a berrar de frustração.

Mesmo assim, estávamos aterrorizados, a ponto de paralisarmos. Os meus primos tinham três meninas pequenas, com dois, três e cinco anos. As mulheres taparam-lhes a boca com as mãos, pois as crianças revelavam medo, e os seus rostos contorcidos mostravam-se prestes a chorar. Se o fizessem, seríamos descobertos num instante.

Não nos mexíamos. Até a nossa respiração quase parara. Só ouvíamos o separar, estalar e partir de tábuas. Sabíamos o que aconteceria se nos descobrissem.

Mas tínhamos pouca comida para partilhar: alguns pães e dois baldes de água. Não precisávamos de comer nem de beber muito porque estávamos demasiado quietos. Com o cair da noite, os nazis pararam de nos procurar, por isso usávamos a sanita quando não estavam por perto. Sabíamos que voltariam com a luz do dia.

Dentro do búnquer, depois de os alemães partirem, o meu pai e eu tivemos mais uma longa conversa. Decidimos que não podíamos fugir porque Yudel era demasiado velho, e as filhas e as três crianças não tinham energia para o fazer.

– Talvez aconteça um milagre – disse, em voz baixa.

– Talvez aconteça, se Deus quiser – corroborou o meu pai, nada convicto.

Por volta das cinco do dia seguinte, a 1 de maio de 1943, ouvimos um barulho. Eram os alemães, mas praguejavam e gritavam novamente. Dessa vez, não se deram ao trabalho de escavar. Chamaram-nos para que saíssemos. Quando não o fizemos, começaram a disparar pela casa.

Sentíamos o som do disparo de bala ampliado no nosso pequeno espaço. Magoava os ouvidos a ponto de rebentarem. Após alguns disparos, Yudel foi atingido no braço direito. Ouvimo-lo a clamar. Víamos o sangue a jorrar.

– Se não saírem, atiramos uma granada de mão para dentro do búnquer e queimamos a casa até ficar em cinzas – gritaram os nazis em alemão. – *Raus, raus, raus, Juden.*

Percebemos que eles sabiam que estávamos ali. Olhámos uns para os outros desesperadamente. Eu disse o que todos pensávamos:

– Não temos alternativa. Se não sairmos, matam-nos com tiros ou granadas de mão. Matar-nos-ão aqui ou em Treblinka. É o fim.

Vimos o rosto de Yudel a ficar cada vez mais branco. Pegámos em lenços e enrolámo-los à volta do braço ferido. Precisava de assistência médica. Yudel continuava a gesticular para que não nos entregássemos, mas sentimos que não havia escolha.

– Filhos – gemeu Yudel. – Este é o nosso fim.

Abrimos o teto do búnquer e os alemães entraram e apanharam-nos. Puxaram-nos para o que parecia ser o quarto dos meus pais. Nesse momento, vimos Nachem, um dos nossos vizinhos, de pé, a tremer, cercado de alemães, com a cabeça a pender de vergonha.

Nachem não residia ali, vivia fora do gueto, mas quando a tia e o tio dele foram levados para Treblinka, ele mudou-se. E fazia pequenos favores aos alemães em troca de um pão extra ou de um saco de açúcar. Ele e a namorada mudaram-se para o nosso *four-plex*. Ouviram-nos a escavar e viram-nos a carregar terra, por isso sabiam que tínhamos um búnquer.

Ouvi os nazis a falar com ele em alemão, a dizer-lhe que podiam deixá-lo viver se encontrasse mais búnqueres. Ele disse aos alemães que lhes mostraria mais alguns.

Entretanto, fomos levados em marcha até à praça do mercado, onde já havia cerca de setecentas pessoas sentadas no chão. Pouco depois, forçaram-nos a deitar de barriga e a colocar as mãos por cima da cabeça. Os guardas apontavam as espingardas e

pistolas a todos nós. Fomos quase os últimos a chegar. Na hora e meia seguinte, apanharam mais dez ou quinze de nós. Os recém-chegados sussurraram-nos que os alemães mataram Nachem, apesar das traições.

Depois, obrigaram-nos a caminhar até à rampa do comboio que a minha família e centenas de outros foram forçados a construir – a menos de cinco quilómetros, mas alguns não chegaram lá.

Talvez oito dos tradicionais judeus ortodoxos, com quipás pretos na cabeça, recusaram-se a marchar e saíram da linha. Sabiam que iriam morrer, e queriam ficar com os seus no cemitério da família. Não sei se pensavam que alguém lhes daria um enterro apropriado, mas os alemães fizeram-lhes o favor, balearam-nos e deixaram-nos na estrada. Os restantes foram forçados a marchar.

Durante esse tempo, os cerca de quarenta e cinco a cinquenta guardas que nos rodeavam, muitos deles adolescentes, estavam visivelmente nervosos. Os dedos no gatilho tremiam e continuavam a gritar ordens com vozes estridentes e ásperas. A rebelião de Varsóvia mantinha-se, e muitos alemães foram mortos. Estes alemães eram os responsáveis por liquidar guetos, e estiveram em Varsóvia dias antes. Receavam que os atacássemos. Os olhos deles nunca pararam de se mexer.

Não que precisássemos de grande vigilância. Éramos esmagadoramente constituídos por mulheres, crianças e homens idosos. Os homens com idade para trabalhar já tinham sido levados. Éramos apenas o que sobrava. Cerca de uma hora depois, chegámos à estação. Os soldados saltaram para a rampa e abriram as portas de vagões encardidos. Entrámos lentamente, mas eles empurravam-nos e comprimiam-nos: jovens, idosos, doentes, saudáveis – não importava. Lá dentro, não havia nem comida nem sanita.

Os carros estavam cheios de poeira, agitada pelos muitos corpos. Pairava um odor rançoso a estrume de vaca, urina, suor, pó e palha. Não éramos diferentes das vacas. Sentámo-nos como animais – sessenta e cinco pessoas tão comprimidas que não sobrava sequer

espaço para nos deitarmos. As pessoas gritavam: «Ajudem-nos. Quem nos ajudará? Onde está Deus?»

Está de férias, pensei, chocado com a minha blasfémia. Não havia água, e o ar quente do verão mais o cheiro a medo tornavam o pivete ainda mais azedo. Esperávamos morrer.

Ouvíamos os soldados a subir ao telhado e o clicar de travões de segurança nas submetralhadoras. As minhas axilas jorravam. Quando o comboio começou a andar, os guardas dispararam para os vagões, e tentámos esconder-nos atrás uns dos outros. Duas pessoas ao meu lado foram mortas. Encolhi-me, assim como o resto da minha família, e questionei-me se viveria para ver o dia nascer.

Passado um tempo, os disparos pararam. Era noite. O meu pai deu um pontapé numa janela de metal, como o fizera antes, e os barulhos foram camuflados pelo som dos carris.

Ouvi-o a sussurrar-me: «Joe, segue-me e encontramo-nos à entrada da cidade.»

Depois, atirou-se da janela com o comboio em andamento. Muitas pessoas saltaram dos vagões e os guardas continuavam a disparar. Assim que cheguei à janela, e prestes a saltar, os travões chiaram. Os alemães iam parar o comboio e disparar. Não havia forma de conseguir saltar. O meu pai partiu quando os guardas ainda não estavam preparados. Agora tinham recuperado. O tiroteio parou, e a locomotiva deu um solavanco em frente.

Ouvia o estalar de tiros, enquanto os guardas no telhado – alemães, ucranianos e lituanos – voltavam a disparar impiedosamente para dentro dos vagões. Dois dos meus vizinhos estavam feridos. Os gritos encheram-me os ouvidos. As pessoas amontoaram-se como proteção, agachando-se o máximo que conseguiam. Mesmo assim, o sangue à volta dos meus pés parecia que me ia afogar os sapatos.

Parecia um autêntico inferno – o cheiro de pessoas a morrer e a soltar a bexiga e as entranhas, o som de gritos e lamentos. Seis ou sete de nós foram mortos, e o dobro feridos. Senti-me dormente,

mas nunca me tocaram. Deitei-me entre os mortos e os feridos, à espera que os alemães disparassem de novo.

Fizeram-no, e os gritos e o jorrar de sangue continuaram. Por esta altura, as pessoas estavam deitadas umas em cima das outras. O homem esticado nas minhas pernas gritava, caindo bruscamente, morto. O que estava encostado ao meu ombro também foi baleado.

É este o fim, pensei.

Depois, o tiroteio terminou, e o comboio mergulhou na escuridão até à luz do dia. Pensámos que íamos para Treblinka. Parámos a meio da viagem, durante dez minutos, sem razão aparente. Mais tarde, descobri que os nazis estavam a matar tanta gente em Treblinka que os comboios paravam a quilómetros. Divergimos para Majdanek.

Verificou-se mais um pouco de sorte. Se tivéssemos seguido para Treblinka, seria executado antes de o dia acabar. Ao invés, em Majdanek, pude viver. Quando o comboio ali parou, aqueles de nós que tínhamos sobrevivido e não estávamos feridos carregámos com os mortos e os feridos.

Os feridos e até alguns dos ilesos gritavam aos alemães: «Bandidos, criminosos, assassinos.» Não interessava se estavam em silêncio ou não. Iam matar-nos de qualquer maneira. Duas das pessoas atingidas na perna imploraram que as matassem. Em vez disso, foram carregadas num carro e levadas para um crematório.

Os alemães puseram em marcha quem ainda conseguia andar mais alguns quilómetros até ao campo. Nunca ouvíamos falar de Majdanek. Aprender um pouco sobre aquele lugar ia custar-nos muitas vidas.

Estávamos todos alinhados, cinco lado a lado. A nossa família encontrava-se toda na mesma linha. Vi alguém que conhecia da minha cidade, e surpreendi-me. Ele tinha desaparecido três anos antes, e pensámos que tinha morrido. Tentei falar com ele pelo canto da boca. Ele fez o mesmo.

– O que se passa aqui? – perguntei.

– Estão a gasear pessoas todos os dias, trazem-nas de toda a parte. Se fores para a direita, vives. Se fores para a esquerda, morres. Mesmo que vivas, podes não sobreviver. Vim para aqui com cinquenta dos meus camponeses. Só resto eu.

Vi vários carros com pessoas feridas à porta das câmaras de gás. Tivéramos conhecimento das câmaras de gás através de fugitivos de Treblinka. Sabia o que lhes estava a acontecer. Os feridos choravam, gritavam, pediam que os baleassem. A chaminé do crematório disparava chamas, como o fogo do inferno, e cheirava a *bacon* frito – mas eu sabia que era a carne humana.

– Este é o fim – disse Yudel. Estava quase sem palavras. Tremíamos de medo.

O SS na cabeceira da fila acenou para que Jacob Wilder e eu fôssemos para a direita. Sabia o que isso significava. Via as mulheres, as crianças, os idosos e os doentes a serem levados para a esquerda, a caminho dos crematórios.

As filhas da Sara e da Rachel choravam. Por mais pequenas que fossem, sabiam o que viria. Viam os rostos pálidos das mães, e tinham medo.

Olhei para Jacob e disse, com alma:

– Temos de nos manter juntos. Agora somos só eu e tu.

– Absolutamente.

A câmara de gás e o crematório ficavam no meio do campo. Havia duas filas. Uma ia diretamente para a câmara. Vi o meu tio e a família a entrar.

– Tio, não sei o que dizer, nem o que será de nós todos. É o fim da linha – gritei.

Yudel estava atónito, bem como as mulheres, os primos sabiam que era o fim. Yudel, Rachel e Sara baixaram a cabeça. Então, entraram no edifício.

Fui levado para uma estação de despiolhamento, que ficava também a meio do campo. Deram-nos um pouco de água para beber em baldes sujos. Ali, eram só homens e rapazes dos catorze

ou quinze anos aos quarenta e cinco. Os guardas mandaram-nos tirar as roupas, exceto os sapatos.

Entrámos no edifício e o nosso cabelo foi cortado com tesouras de tosquiar. Vimos muita lenha à volta. Os mais velhos disseram que era de casas de apenas uma família.

– Eles perseguiram os judeus, e agora estão a demolir as casas para construir abrigos. Hitler prepara-se para colocar aqui muita gente – disse um deles. – De vez em quando, encontrarás aí alguns livros judeus.

Ainda aguardávamos ordens. Esperámos tanto tempo no calor, que já estava quase a desmaiar. Uma hora depois de ver Yudel e a família entrar no outro edifício, o crematório vomitou mais fumo preto. Sabia para onde a minha família tinha ido, e fiquei enjoado.

– Quase todos os meus familiares estão a desaparecer. Restam poucos de nós, nem sequer sei se o meu pai está vivo ou não. Os meus irmãos estão mortos. Agora, posso ser o último homem, o último da fila – disse a Jacob.

Deram-nos camisolas às riscas com cruzes nas costas, tornando-nos num alvo fácil caso corrêssemos. As calças tinham uma risca vermelha grossa de lado, sendo bem visíveis se fugíssemos. Entregaram a cada um de nós um retalho com um número para cosermos na roupa, e agulhas e linha.

Cada retalho tinha um símbolo no meio e um número à direita. Um triângulo a apontar para baixo era o básico. Um triângulo vermelho significava que um prisioneiro estava lá por razões políticas – comunista ou socialista. Os judeus tinham uma estrela de seis pontas, representando a estrela de David. Os marcados como antissociais tinham um triângulo preto. Alguns assassinos gentios tinham um triângulo verde. Em breve, descobriria mais sobre os assassinos.

Quando veio a escuridão, marchámos para dentro dos abrigos verde-azeitona. Deveríamos ocupar o beliche que conseguíssemos.

Às quatro, era hora de levantar. Os guardas acenderam a luz, depois gritaram: «Levantar, levantar, levantar.» Fomos levados às

sanitas e aos chuveiros e voltámos. O pequeno-almoço consistia numa pequena porção de uma matéria cinzenta servida numa tigela e numa imitação de café, maioritariamente água. O café estava num barril grande. Alguns prisioneiros mergulhavam chávenas no café, e davam-nos o líquido. Tínhamos de comer enquanto caminhávamos.

Geralmente, o almoço não era mau – uma sopa verde grossa feita de uma erva ou planta e servida numa tigela pequena. Confortava um pouco.

O jantar era talvez um terço de um pedaço de pão, às vezes com um pouco de salame por cima. As pessoas que nos serviam nunca diziam uma palavra. Tínhamos de pegar na comida e comer rápido. Para comida de campo, as refeições eram boas.

Durante o primeiro pequeno-almoço, no entanto, descobri que alguns dos prisioneiros não eram como nós. Eram assassinos, e insultavam os judeus. Gritavam: «Judeus, agora vão morrer.» E apontavam e riam-se.

Havia centenas, talvez milhares. Violaram, roubaram, e até mataram, e foram postos na prisão por causa disso. Um registo que marcava algumas pessoas como criminosos e lixo quase em qualquer outro lado era uma raça de primeira classe para os nazis. Os assassinos consideravam-nos material a ser morto. De certo modo, já tínhamos sido desumanizados. Chamavam-nos apenas pelo nosso número, e usávamos os números designados pelos alemães para chamar qualquer prisioneiro que não conhecêssemos pelo nome – um sistema igual em todos os campos por onde passei.

Os assassinos eram diferentes de nós. Eram sobretudo ucranianos, mas também havia alemães e polacos. Eram com frequência capatazes ou *Kapos*. Um *Kapo* estava encarregado de um grupo de trabalho de cinquenta a cento e cinquenta prisioneiros. Muitos capatazes sob um *Kapo* garantiam que os homens trabalhavam, e batiam-lhes sempre que se lhes deparasse uma oportunidade. Os assassinos eram *Kapos* ou capatazes.

Os *Kapos* e os capatazes dormiam à entrada dos abrigos. Os seus privilégios incluíam comida suficiente, melhor roupa, e não

serem espancados. Havia vinte e cinco a trinta pessoas a embalar, a separar e a desinfetar roupa no campo. Os *Kapos* e os capatazes podiam escolher roupa dessa. Na teoria, o resto era enviado para a Alemanha.

Embora os *Kapos* e os capatazes tivessem apenas esses privilégios garantidos, estes asseguravam-lhes a sobrevivência.

Os *Kapos* eram responsáveis pelos prisioneiros que trabalhavam, recebiam ordens quanto a quem era selecionado, enviavam os relatórios ao SS sobre quem morria e quem cometera suicídio. Também tinham de garantir que os prisioneiros marchavam pelo portão da guarita de manhã.

O capataz era o segundo em comando. Os *Kapos* responsáveis por menos de cem homens tinham apenas um capataz; acima de cem, tinham dois.

Estranhamente, talvez dez por cento dos *Kapos*, capatazes e outros responsáveis pelos prisioneiros eram judeus. Metade eram verdadeiros idiotas e ainda mais cruéis do que os alemães, apenas para provarem a sua lealdade aos nazis. Batiam-nos com uma estaca ou com um chicote com mais força ou mais frequência do que os gentios.

Por norma, o responsável por outros prisioneiros era alguém que subira na vida através de assassínios, espancamentos e sadismo. Os *Kapos* e os capatazes tinham o mesmo trabalho: atirar os judeus ao chão e matá-los.

Após o pequeno-almoço, alguns de nós éramos mandados para o trabalho. Tinham sorte. Os restantes eram levados para uma terra de ninguém entre duas cercas de arame farpado. A faixa tinha mais ou menos um quilómetro e sessenta de comprimento e dois metros de largura, e arame farpado elétrico à volta. Depois, os assassinos – havia cerca de trinta – formavam duas filas com mais de oitocentos metros de comprimento. Cada pessoa ficava a trinta metros da outra, e cada uma tinha um poste com pregos ou uma tábua de madeira.

Agrupavam-nos em aglomerados de vinte a cinquenta, entre o corredor com as duas filas. Os assassinos começavam a praguejar: «Judeus de merda, malditos hebreus, vamos matar-vos», e outras coisas que tais. Depois, gritavam: «Corram.» Tínhamos de atravessar o corredor. Às vezes, caíamos uns em cima dos outros ou enredávamo-nos nos pés de alguém e estatelávamo-nos.

Quem estivesse no topo era agredido. Cada um de nós tinha de se desembaraçar e continuar a correr. Muitos desmaiavam. Aquando da primeira vez, exaustos, chegávamos ao fim do corredor, tínhamos uma surpresa. «Corram de volta, judeus de merda», diziam-nos. E fazíamo-lo. Isto demorava cerca de vinte e cinco minutos, se sobrevivêssemos.

Os homens altos sofriam mais do que os baixos. Eu era tão pequeno que me podia esconder atrás das outras pessoas grande parte do tempo, sem me acertarem. Mas até eu levava. Sentia a dor de um prego a perfurar-me a pele. Havia uma espécie de zumbido quente, como fogo, quando o prego se impalava na carne. Depois o zumbido recomeçava quando o prego era arrancado. Jorrava sangue de todos nós, sobretudo dos altos, deixando a relva do corredor a parecer uma tapete vermelha manchada.

Durava três horas. A maioria dos homens desmaiava, e eles eram fortes. Alguns eram veteranos da revolta do gueto de Varsóvia. Saía-lhes sangue dos olhos, da boca. Os idiotas continuavam a apontar-nos para a cabeça. Isto acontecia quase todos os dias, várias horas ao dia, durante semanas.

Meu Deus, durante quanto tempo teremos de sofrer assim? Durante quanto tempo teremos de correr pelo corredor, a ziguezaguear, espancados até à morte? Vejo sangue a jorrar da boca deles, dos olhos, das orelhas, dos braços e das pernas. Deus, como podes Tu fazer isto?, gritei dentro da minha cabeça.

Não havia resposta às minhas súplicas.

Ocasionalmente, alguns de nós tínhamos descanso. Éramos poucos os levados para construir abrigos para o exército. Havia lá edifícios judeus, casas de uma ou duas famílias – algumas apenas

com dois ou três anos – que pertenciam aos judeus até há pouco tempo. Havia grupos de trinta e cinco a quarenta e cinco prisioneiros a partir os edifícios, a fim de usar a madeira nos abrigos. Ou empilhávamos a madeira ou transportávamo-la. Não se conseguia saber quem era escolhido para este trabalho. Indicavam apenas vinte e cinco ou trinta, e mandavam-nos para o local.

Não representava uma grande pausa do corredor. Os assassinos e os guardas batiam-nos ferozmente enquanto trabalhávamos, e regressávamos com o nariz em sangue, orelhas rasgadas, nódoas negras e cortes na cabeça.

Um dia, estavam a agredir-nos, mas não severamente. Então, três SS e alguns assassinos decidiram tentar um jogo diferente. Vinte dos nossos foram chamados para uma parte do campo onde os abrigos deveriam ser construídos. Um assassino tinha um tubo de metal, com cerca de dez centímetros de diâmetro e quatro metros de comprimento. Mandaram-nos a todos endireitar algumas pilhas de madeira, e percebi que algo iria acontecer. Fomos divididos por cinquenta pilhas, um por pilha.

Também lá se encontravam alguns SS. De repente, um dos assassinos saltou sobre um prisioneiro e derrubou-o. Depois, ele e outro assassino pegaram no tubo e forçaram-no sob o queixo do prisioneiro, na direção da garganta. Colocou-se um de cada lado do tubo, mexendo-o para a frente e para trás, enquanto aumentavam a pressão.

O rapaz berrava, mas esse som transformou-se num gorgolejar à medida que o tubo lhe esmagava lentamente a traqueia. O grito deixou-me surdo. Agarraram no prisioneiro à frente da pilha seguinte e fizeram-lhe o mesmo. Por vezes, os SS organizavam turnos para segurar no tubo. Os que não participavam aplaudiam, riam-se, divertiam-se. Agiam como se fosse um jogo.

Quando via isto a acontecer, movia-me para mais longe. Quando começaram a matar pessoas, passei a ficar a uma ou duas pilhas de distância. Sempre que agarravam num prisioneiro, desviava-me por trás das pilhas, mantendo três ou quatro pilhas de distância.

Uma vez, vinham na minha direção, mas pensei que havia outros prisioneiros e pilhas de madeira entre nós. De repente, olhei para cima e vi que só estavam três prisioneiros antes de mim.

Assim que ouvi as vozes vir na minha direção, o barulho da sirene do almoço soou. Fiquei maravilhado. Os assassinos e os SS pararam simplesmente o que estavam a fazer, largaram o tubo e caminharam para o refeitório. Nada disseram. Tudo o que ouvi foi um riso satisfeito com o entretenimento matinal.

Quando tive a certeza de que se tinham ido, ajoelhei-me e rezei. «Deus, Deus, Deus, por favor, não deixes que voltem. Não deixes por favor que me encontrem.»

As minhas preces foram atendidas. Eles não regressaram. Eu e os outros prisioneiros que sobreviveram encontrámo-nos em minutos. Não dissemos nada. Olhámos apenas uns para os outros e soubemos que aquele não era o fim da nossa miséria. Inspeccionámos o campo à nossa frente – corpos partidos, rostos negros, línguas de fora, olhos salientes, braços e pernas com nódoas negras e partidos. Sabíamos que ninguém escaparia vivo.

Não nos juntámos nem falámos. Estávamos em choque perante tamanha brutalidade. Esperámos, num pequeno grupo, mas sentados afastados uns dos outros, até a sirene das dezasseis soar.

Enquanto esperava, olhei para a área cercada e vi o que pareciam figuras familiares a mover-se. Semicerrei os olhos: eram fabricantes de cerdas da minha cidade. Eram amigos e vizinhos.

Fiquei espantado. Mais tarde, depois do jantar, fui buscar água numa latrina e encontrei Morris, o filho de Yudel. Julgava-o morto. Contei-lhe o que acontecera ao pai e ao resto da família, e ele disse-me que ele e os outros estavam ali desde que os alemães os levaram da nossa cidade. Ele e os nossos antigos vizinhos faziam cerdas para escovas, pentes e outros utensílios alemães. Mais tarde, descobri um atalho para a área deles.

Quando, finalmente, lá cheguei, encontrei tudo em desordem. O portão para o campo estava aberto e sem guardas. Podia refugiar-me ali algumas horas por dia. Os alemães tinham levado tantas

peessoas para aquele lugar, que tinham dificuldades em vigiar todas. Assim se vê a eficácia alemã.

Noites depois, os guardas disseram-nos que alguns de nós seríamos levados para um trabalho especial.

– Todos os judeus, apresentem-se na enfermaria amanhã de manhã – disse um guarda, com escárnio.

Queria sair dali, e estava pronto para fazer quase tudo. O campo situava-se junto de uma autoestrada. Tentei, muitas vezes, chegar perto dela. No entanto, aquele local estava rodeado de pastores-alemães malnutridos, de propósito. Os cães seguiram-me quando me aproximei demasiado dos limites do campo. Se tivesse tentado escapar, ter-me-iam desfeito em mil pedaços.

No dia seguinte, havia uma mudança acentuada no campo. As pessoas andavam a ser despejadas de Varsóvia e de toda a Polónia e arredores. Quando cheguei, o campo tinha capacidade para cerca de vinte mil. Agora, albergava cerca de cem mil. Disseram-nos que estavam ali porque Treblinka se encontrava sobrelotado.

Eu não tinha tanta certeza. Mesmo assim, as mudanças eram impressionantes. Se não tivéssemos trabalho, ainda corríamos pelo corredor, mas apenas duas ou três horas por dia. Se tivéssemos trabalho, continuavam a bater-nos, embora não tanto como dantes.

Os guardas e os assassinos mitigaram o abuso por algumas razões. Por um lado, a população expandira-se; portanto, os guardas e os assassinos já não estavam em maioria suficiente para nos torturar. Por outro lado, iríamos passar por exames físicos. Foi-nos dito que formássemos filas. Depois, médicos com batas brancas e estetoscópios à volta do pescoço, examinaram-nos. Estávamos nus, mas calçados. Os médicos apalparam-nos os músculos e analisaram a nossa pele para garantir que era clara. Puseram-nos um dedo no reto, e observaram-nos a boca e os olhos com uma lanterna.

Os médicos inspecionavam-nos a cada dois dias, demonstrando sempre o mesmo interesse, como se fôssemos ovelhas ou porcos. Mas a decisão sobre quem ainda estava apto para o trabalho

especial cabia aos SS e à Gestapo. Sabíamos-lo porque os contemplados eram reunidos num grupo e mandavam-nos voltar no dia seguinte. Os SS diziam quem era rejeitado individualmente: «Não tens de voltar.»

O grupo para uma tarefa especial foi reduzido sucessivamente: a cinquenta mil; quarenta mil; vinte e cinco mil; dez mil; cinco mil; e mil. À medida que o grupo diminuía, os exames físicos tornavam-me mais minuciosos. Os médicos olhavam para as nossas pernas, orelhas, ponta dos dedos.

Após cada ronda, os prisioneiros rejeitados desapareciam, talvez fossem enviados para campos diferentes. Nunca mais os vimos. Os que ainda podiam ser escolhidos eram levados para outra ronda de corrida pelo corredor durante duas a três horas.

Graças a Deus, graças a Deus, dizia para mim, de todas as vezes que permanecia no grupo. Falávamos uns com os outros, e percebíamos que eles deviam enviar-nos para lutar em Estalinegrado. Ou talvez para uma fábrica de armas supersecreta.

– Até podem querer enviar-nos para a Lua. Nem quero saber – disse a um dos meus colegas sofrendores durante a nossa especulação interminável sobre onde e que tarefa poderia ser. Entendemos que, o que quer que fosse, não seria pior do que onde estávamos. Essa pequena réstia de esperança por si só ajudava aqueles que continuavam a olhar em frente em relação ao nosso destino.

Jacob e eu estávamos juntos. Falámos sobre fugir dali, e outras fantasias. Entretanto, descobri que o meu pai morrera. Um dia, a sobrinha do marido da minha irmã Fay veio ter comigo. Trabalhava nos campos de legumes de Majdanek. Às vezes, os homens eram levados por essa zona. Quando passava por lá, ela reconheceu-me. Vigando os guardas, sussurrou-me, a chorar:

– Joe, Joe, tenho notícias terríveis para ti. O teu pai morreu.

O meu coração apertou-se, a minha cabeça doeu-me, fiquei zozzo. Senti sempre que podia contar com o meu pai, que tê-lo como chefe de família era reconfortante. Senti o peso de ser o

homem mais velho uma vez, e um milagre tirou-me esse peso dos ombros. Agora, sentia-o de novo.

Falou comigo rapidamente.

– Vi o teu pai a coxear de volta para a vossa casa depois de terem sido capturados. Ele disse que saltou do comboio e que os alemães o capturaram uma segunda vez. Depois, saltou de novo. Apanharam-no pela terceira vez. Quando saltou pela última vez, acertaram-lhe com um tiro na perna. Os alemães fizeram nova incursão dias depois, quando me apanharam, o teu pai estava tão ferido, que não escapou deles e dos cães. Claro que não conseguia trabalhar, portanto provavelmente mataram-no – pronunciou ela, a chorar.

A minha cabeça começou a latejar. Sentia o corpo todo a pulsar. Os ombros estavam como se tivessem uma tonelada de pedras em cima. Os meus olhos enublaram-se.

– Sou o único que resta neste mundo. Sou o último homem da minha família. Graças a Deus, a Sara escapou para a Rússia, mas não sei se estará viva ou morta – disse à rapariga.

Ela acenou, e voltou ao trabalho.

Quando me deitei, as lágrimas escorriam-me pelas faces e pelo nariz. O meu cobertor fininho movia-se ao ritmo do choro, lamentando por dentro a perda da família, a perda da minha inocência, e a provável perda da minha vida. Ninguém me confortou. Embora, teoricamente, vivêssemos juntos nos abrigos; na verdade, cada um de nós estava sozinho. Cada dia era um dia tenebroso na nossa vida. Tínhamos de viver esse dia solitariamente.

No fim de junho de 1943, os médicos fizeram a última inspeção. O exame não era tão minucioso como muitos pelos quais já tínhamos passado. Viram-nos as mãos, apertaram-nos os músculos, puseram lanternas nos nossos ouvidos e olhos, e foi só.

Após tantas examinações, percebi que os alemães procuravam homens jovens com boa condição física. As pessoas no grupo eram agora quatrocentas e sessenta e cinco, contei-as. Sempre fui curioso, e não havia muito exercício mental com que me entreter.

Éramos maioritariamente homens, só cerca de vinte mulheres no fim da adolescência ou com vinte e poucos anos. A maioria, lutadores do gueto de Varsóvia.

Vamos ser especiais, muito especiais. Pergunto-me o que farão connosco, meditei.

Após a última inspeção, ninguém foi retirado do grupo. Imaginei que os alemães não queriam admitir que podiam estar enganados. Fizem-nos uma inspeção superficial, apenas para confirmar que tinham razão ao escolher-nos. Escreveram os nossos nomes e números numa prancheta. Um médico reuniu-nos e disse:

– Vão ter de esperar mais um dia para descobrir o que vem a seguir.

Olhámos uns para os outros com curiosidade. Não conseguíamos imaginar o que aconteceria. No dia seguinte, um prisioneiro de cada abrigo chamou os nomes dos selecionadas para o grupo de elite. Algumas centenas eram do meu abrigo. Depois, membros de outras partes do campo foram levados em marcha até ao meu abrigo, porque tínhamos muitos prisioneiros nesse grupo.

– Serão trazidos até aqui amanhã à tarde – disseram-nos. – Estejam preparados.

Perguntava-me ironicamente se estavam preocupados com a nossa bagagem. Afinal de contas, nenhum de nós tinha mais do que as roupas, um facto sobre o qual brinquei com Jacob Wilder. Fui dormir com um sorriso no rosto.

Na tarde do dia seguinte, marchámos até um chuveiro, e fomos autorizados a lavar-nos durante dez minutos, quase o triplo do costume.

Enquanto nos ensaboávamos, perguntámos aos guardas para onde íamos.

– Não sabemos – responderam. – Sabemos apenas que vão para o comboio.

Não tínhamos toalhas, por isso tivemos de nos vestir molhados e ensaboados. E fomos forçados a deitar-nos nos abrigos com a roupa molhada.

De manhã, à uma, os guardas alinharam-nos. Esperavam-nos dez guardas. Um começou a falar comigo e com o rapaz ao meu lado.

– Para onde vamos? – perguntei, pelo canto da boca.

– É suposto ser um segredo – respondeu, quase num sussurro, mas com um sorriso perverso. – Vão para Auschwitz.

Senti o sangue congelar. Ouvimos falar de Auschwitz. Os alemães – ou o trabalho escravo – já tinham construído parte de Birkenau, o campo da morte de lá. Sabia que Birkenau era para onde eles enviavam os *intelligentsia*, os médicos, os advogados e os políticos.

Desta vez, tiraram-nos os sapatos. E deram-nos socas de madeira, do tipo que os holandeses usam. Enfiámo-las, mas eram apertadas e pesadas. Depois tivemos de correr mais de dezasseis quilómetros até à estação de comboios.

Os alemães foram de bicicleta e carregavam submetralhadoras, com as quais nos batiam se não corrêssemos mais rápido do que as bicicletas. Alguns estavam bêbedos. As bicicletas eram espaçadas a cada quinze metros, tornando impossível escapar a uma agressão.

Atravessámos a cidade local, Lublin, até à estação de comboios. As pessoas espreitavam pelas janelas para ver o que se passava. Estava escuro, mas via iluminação em algumas das casas. Os sapatos de madeira a bater na autoestrada acordaram os residentes.

Não sabiam quem éramos, nem parecia quererem saber. Abriam apenas a boca de espanto. Havia vários campos na zona, por isso provavelmente não era a primeira vez que viam tal coisa.

Os sapatos apertavam-nos tanto os pés, e o interior era tão duro, que o sangue nos pés começou a fluir como água. Corremos dezasseis quilómetros, desajeitadamente, tentando manter-nos em pé. De vez em quando, um tropeçava e caía, e os outros levantavam-no pelos cotovelos, mas continuando a correr. Ajudei três ou quatro pessoas desta forma. Procurávamos ajudar-nos uns aos outros tanto quanto podíamos. Felizmente, nunca caí.

Ficámos todos com os pés cheios de sangue. Os meus estavam também manchados com terra, e pequenos coágulos colavam-se às socas e aos dedos. Já parado, sentia a corrente de sangue, e via um pouco a sair pelos lados.

Olhei para os outros. Pela dor estampada nos rostos, e as poças carmesim à volta dos sapatos, via que estavam a experienciar o mesmo.

Os alemães, tão orgulhosos de como fizeram as coisas funcionar, aparentemente não conseguiam pôr os comboios a trabalhar a tempo. Tivemos de esperar cinco horas.

O comboio, composto por quinze vagões encardidos, aproximou-se por fim da estação. Lentamente, tanto, que quase deslizou. Depois parou. O motor bufava e disparava fumo negro. Era o desfile habitual.

De seguida, os guardas abriram as portas dos vagões.

– *Raus, raus, raus* – gritaram, batendo-nos com chicotes.

Os carros carregaram novamente carvão antes de chegarem até nós. Havia oito centímetros de pó de carvão no chão, mas estávamos tão exaustos que nos deitámos nele. O peso dos corpos levantou o pó, e quase nos sufocava. Encontrava-me ao lado de Jacob, e era um conforto. Um pouco de luz do dia invadiu-nos passada uma hora.

Não havia sanitas. Não tínhamos muito que beber ou comer. Era verão, e os pés a sangrar e os corpos suados tornavam aqueles vagões insuportáveis. A única parte aceitável era o som quase calmante dos carris.

Através da luz cinza, víamos como estávamos cobertos de pó de carvão, só os dentes eram brancos. Esperei que fazer parte daquele grupo melhorasse a minha vida.

– Pela aparência deste comboio, e dado estarmos quase a sufocar, parece que as nossas vidas estão a ficar piores, não melhores – disse a Jacob Wilder.

Mesmo assim, ninguém tentou escapar. Apesar de os guardas estarem em cima do telhado, falei com Jacob sobre fugir.

– Vamos partir a janela e saltar – sussurrei-lhe.

– Conseguimos ouvi-los no telhado. Não sabes como saltar. Mesmo que consigas sair, não conheces o terreno o suficiente para escapares deles. Eles têm nazis por toda a parte. Serás baleado.

Sentia-me zozzo e estúpido devido ao medo e à fadiga. Convocando a coragem, disse:

– Vou roubar um cavalo a um agricultor.

Jacob riu-se discretamente.

– Quando chegares ao agricultor, estarás morto.

Encolhi os ombros. Ele era das pessoas mais equilibradas mentalmente que eu conhecia. Estava tão atordoado que não pensava com clareza. Eu sabia que Jacob tinha razão.

Passadas cerca de dezoito horas, chegámos. Embora ainda fosse escuro, víamos claramente que cada um de nós estava pintado de preto, exceto nos dentes. Não tínhamos comida, nem água, e parecíamos sombras. Em breve, as portas dos vagões foram abertas, e vimos as pessoas do outro lado também com uniformes de prisioneiros. Começámos a falar iídiche uns com os outros.

– De onde são? – perguntaram-nos.

– Somos de Majdanek – respondi. – Onde estamos?

– Agora estás em Auschwitz-Birkenau – disseram sombriamente.

Era julho de 1943. Virei-me para Jacob e para os outros.

– Porra. Os alemães disseram a verdade. Estamos em Auschwitz.

A maioria desmaiou. Havia murmúrios, até choros, sobre o que seria o nosso destino.

Fomos levados para um balneário a fim de nos lavarmos. Tratava-se de um edifício enorme, de dois metros e quarenta de altura e feito de tijolos. Deram-nos barras de sabão que cheiravam a azeite e que pareciam cal. Esfregámo-nos e voltámos a esfregar-nos. Ficámos surpreendidos por nos darem tanto tempo, talvez dez minutos, e o sabão tirou o pó de carvão.

Após enxaguados e vestidos, alinhámo-nos no exterior dos abrigos, e depois deixaram-nos entrar, poucos de cada vez. Os trabalhadores perguntaram-nos a nossa ocupação. Adivinhei o que poderiam querer e disse ser mecânico. Jacob disse que era fabricante de cerdas. Aparentemente, eles chamavam ocasionalmente pessoas para ir para Auschwitz Número Um – um campo de trabalho.

No interior, três judeus franceses tatuavam números nos antebraços de toda a gente. Um começou a falar comigo em iídiche.

– De onde és? – perguntou, numa voz que dizia que não estava interessado de todo.

Disse-lhe que era da Polónia.

Os olhos dele aumentaram.

– De que cidade?

– Miedzyrzec.

– Os meus pais eram dessa cidade – comentou, com entusiasmo.

Depois passou-me um pedaço de pão por baixo da mesa de tatuagens.

– Vem ter comigo – sussurrou. – Irás para abrigos de quarentena, e são duros. Dar-te-ei mais alguns pedaços de pão. Passaste por Majdanek, por isso já enrijeceste.

Após termos sido tatuados, deram-nos meia chávena de sopa. Conhecemos o líder dos abrigos, um homem de educação francesa nascido na Polónia, filho de um rabino importante. Chamava-se Greenberg. Era surpreendentemente bonito. Era também o preso sénior do campo, o chefe dos abrigos. Os alemães levaram-no de França para Auschwitz. Ele reuniu-nos, cinco lado a lado no nosso abrigo.

– Não levistem sequer a vossa cabeça nojenta, *Juden* malditos – berrou-nos. Depois, com as cabeças devidamente curvadas, disse-nos como viver em Birkenau:

– Terão de fazer o que vos for dito. Ou serão chicoteados. Isto não é um sanatório, nem é um hospital. É um campo de concentração. Estão aqui para morrer – gritou.

Depois apresentou-nos ao seu *Stubendienst*, responsável pelo dia a dia dos abrigos, e disse-nos as outras regras:

– Quando for hora de dormir, depois de ouvirem dois assobios, é melhor irem para a cama. E não há idas à casa de banho durante a noite.

O *Stubendienst* segurou uma cana, e bateu com ela na cara de cada um dos homens da primeira fila.

– Mantenham-se em formação, *Juden*; mantenham a formação – gritou enquanto batia com a cana e aleijava prisioneiro após prisioneiro.

Os quartos de dormir eram beliches de três pisos sem cobertores. E tinham uma grossura de oito centímetros, a largura de um tijolo, material de que eram feitos, e talvez quarenta e cinco centímetros de altura. Podíamos-nos enfiar no beliche posicionando-nos na ponta e puxando-nos para trás. Quando entrávamos já não nos conseguíamos virar.

A nossa situação era típica, dentro dos abrigos havia dois géneros de oficiais que vigiavam os prisioneiros: prisioneiros antigos e *Stubendiensts*. O prisioneiro antigo do campo era o chefe. Havia apenas um destes por abrigo, e era responsável por assegurar que tudo estava arrumado, como os alemães gostavam. O preso sénior garantia a limpeza e que a comida era entregue a tempo. Às vezes tinham um colchão feito de lascas de madeira, o topo do conforto nos padrões dos campos de morte.

Sob o preso sénior estavam os *Stubendiensts*. Havia geralmente cinco ou seis, alguns, fiquei a saber, eram também judeus. Controlavam os abrigos e davam comida. Se um prisioneiro tivesse uma pergunta, era a eles que devia pô-la.

Os *Stubendiensts* anunciavam também os números das pessoas escolhidas para morrer. Conseguiam o trabalho da mesma forma que o preso sénior: ter sido atirado para o campo cedo, ser astuto e sortudo o suficiente para se manter vivo e ser promovido. Tinham os mesmos privilégios que os presos seniores. Ambos dormiam na

mesma secção que os *Kapos* e que os capatazes e tinham os mesmos privilégios.

Durante as quatro semanas da quarentena, os alemães levaram-nos para exercermos variados trabalhos. Às vezes tirávamos folhas das árvores para cozinhar. Ou varríamos a estrada ou apanhávamos lixo, à chuva e ao frio, e tudo enquanto éramos agredidos.

Cada abrigo tinha um barbeiro, e o nosso era um gentio polaco baixo que odiava judeus. Cuspia-nos, batia-nos com um pau, o que lhe apetecesse. O que podíamos fazer era baixar-nos e encolher-nos.

– Não importa onde estejamos, até na cadeira do barbeiro, somos o saco de pancada – disse a Jacob, que apenas acenou, sossegadamente.

Deram-nos sapatos velhos, mas não foi de grande ajuda. Descobrimos em breve que o chão estava contaminado com cal, que se infiltrava nos sapatos mal vedados. Sentia a picada da cal nos pés nus e sangrentos. Uma vez posto o sapato no chão, sentia-se uma tal sucção, que puxá-lo era uma tarefa complicada.

Entretanto, muitos de nós perdemos os sapatos na cal. O tempo estava frio e chuvoso, e a combinação do molhado com a cal tornou o solo pegajoso e queimou a nossa carne nua. Uma vez perdi um sapato, e tinha de correr. Se não corrêssemos quando o preso sénior o ordenasse, éramos espancados, com ou sem sapatos. As nossas roupas também estavam constantemente encharcadas e desfaziam-se como papel, apodrecido pela cal e pela chuva.

A única vantagem daquele tempo letal era que só nos forçavam a trabalhar algumas horas por dia. Mesmo assim, a tosse cheia de catarro nos abrigos era o testemunho da pneumonia, causada pelo clima frio e molhado.

Uma das poucas consolações que tive na quarentena foi o tatuador. Ele era um trabalhador especializado, por isso recebia mais comida do que a maioria. Tinha também tempo livre, e nessas ocasiões, encontrava-me e dava-me alguma comida, um pedaço de pão ou salame.

Poucos tinham tal sorte, e muitos morreram. Embora isso fosse triste para os mortos, era útil para os vivos. Quando descobríamos que mais um dos nossos expirava, tirávamos-lhe a roupa e os sapatos.

No início, repugnava-me despir os mortos, mas, em breve, os meus sentimentos ficaram dormentes, à medida que desesperava, reconhecendo que a sobrevivência significava fazer coisas impensáveis noutras circunstâncias.

Certa vez, arranjei sapatos de dois corpos, porque cada um tinha apenas um sapato de sobra, de tamanhos diferentes e nenhum me servia bem. Porém, era melhor do que ter só um ou, pior, não ter nenhum. Segui a lei básica da sobrevivência: quem encontrasse o cadáver ficava com as roupas. Eu, como toda a gente, queria viver mais um dia.

Não estou a fazer-lhes mal, dizia a mim mesmo. Estão mortos.

Por isso, roubar cadáveres ajudou-me a melhorar a roupa. Depois do roubo de sapatos bem-sucedido, jurei tentar arranjar um casaco ou calças. Mesmo molhados, podia secá-los ao sol. Nunca falei sobre este aspeto da vida no campo com os colegas prisioneiros. Todos tínhamos a mesma atitude: os mortos não precisavam da roupa. Não havia nada a discutir.

Entretanto, a comida continuou ao nível da subsistência. Aprendemos a encontrar minhocas na terra, ou a matar mosquitos, e atirávamo-los para a boca. Apanhávamos raízes e folhas para enchermos o estômago. Aprendi a retirar a casca das árvores enquanto me movia. Mas gostava mais de minhocas e de raízes. Pareciam ser mais nutritivas.

Mesmo assim, estávamos sempre com fome. No campo, conseguíamos pelo menos apanhar água dos barris, proveniente da chuva. Comida sólida, no entanto, era difícil de encontrar. Felizmente, a natureza providenciou uma resposta, embora não fosse fácil. Maioritariamente, os milhares de hectares onde trabalhávamos consistiam de relva, e os sons de rãs a coaxar

depois de uma chuva de primavera ou de verão nunca se afastavam da nossa consciência. Claro que desapareciam no inverno.

Os judeus franceses consideravam as pernas de rã uma iguaria. Vi um a colocar uma rã viva na boca e quase vomitei – até o meu estômago, a roncar, me dizer que qualquer comida servia. O judeu francês mostrou-me como lhe tirar a pele, até com a rã ainda viva. Depois de aprender, levava segundos a pelar uma rã inteira.

Só conseguia apanhar as pequenas porque era mais novo e tinha mãos pequenas. Os alemães, os franceses e os holandeses eram geralmente maiores e mais velhos. Apanhavam as maiores.

Aprendi também que não havia tempo para tirar a pele. Tinhas de colocar a rã na boca rapidamente, ou outro prisioneiro roubá-la-ia e comê-la-ia. Isso acontecia amiúde porque muitos prisioneiros não tinham forças para perseguir as criaturas.

Às vezes sentia-me bastante fraco. Recebíamos ainda menos calorias por dia, e às vezes sentíamos-nos demasiado débeis até para sair da cama. O meu coração batia com tanta força, que parecia um carburador a chupar gás. Colocava a rã viva na boca, mastigava-a e engolia-a. O sabor era amargo. Pensava mais no sabor do que nas rãs, que assumi que eram asfixiadas antes de chegarem ao estômago.

A nossa dieta era mais equilibrada quando comíamos relva. Retirávamos também raízes de árvores e cascas. As raízes eram amargas, e a casca sabia a madeira, prendendo-se quase à garganta. Tentávamos encontrar árvores pequenas porque a casca era mais suave e podíamos mastigá-la. Partíamos-la em pedaços pequenos para nos passarem pelo esófago mais facilmente. Por causa da chuva constante, a terra estava quase sempre viva com minhocas longas, com doze centímetros. Estas, também as apanhávamos e engolíamo-las, sem mastigar. Comíamos desesperadamente qualquer coisa que encontrássemos.

Os espancamentos eram constantes. O assistente do preso sénior açoitava-nos com uma cana de acordo com os seus caprichos. Fui agredido muitas vezes.

Acabei por encontrar alguém que não esperava: Morris Tisch, filho da família Tisch, cuja casa era usada como quartel-general alemão na minha cidade e cujo pátio era palco de tantas execuções. Conheci-o num domingo enquanto nos lavávamos na latrina. Ficámos ambos surpreendidos.

Passadas as quatro semanas de quarentena, cerca de quatrocentos do nosso grupo ainda estavam vivos. Quando o isolamento expirou, mudaram-nos para abrigos que tivemos de construir. Construámos abrigos sem o benefício das estradas; o chão era de terra, quando chovia, ficava encharcado. O único aspeto positivo era que havia apenas quinze a vinte centímetros entre os beliches. Isso significava que muitas pessoas ficavam frequentemente em qualquer espaço. Isso compactava a terra, tornando-a menos lamacenta depois das chuvas.

Após mudarmos para os novos abrigos, fomos levados para um campo grande com cerca de vinte quilómetros quadrados. Só víamos relva e árvores durante quilómetros, tudo verde e molhado. Os capatazes e os guardas estavam de pé em formação. Um deles saiu e apontou para o grande espaço à nossa frente e sorriu.

– É aqui que vão trabalhar. E aqui morrerão. Não esperem sobreviver a isto. Trouxemos-vos para aqui a fim de trabalharem até à morte. Nenhum sobreviverá.

O nosso silêncio atordado foi apenas pontuado pelo coaxar interminável de rãs por aquela terra succulenta, onde muitos derramariam o sangue e perderiam a vida.

Capítulo Onze

CONSTRUÇÃO PARA A DESTRUIÇÃO

Depois da nossa tortuosa introdução no sítio onde nos forçariam a trabalhar até à morte, os guardas mandaram-nos marchar durante mais de quatro quilómetros até à estação de comboios. Havia já lá alguns homens a descarregar paredes prefabricadas. Ao ver um número de paredes a serem colocadas umas contra as outras, percebi.

Meu Deus, vamos construir mais abrigos, muitos mais. Vamos construir um maldito campo inteiro, pensei.

Ouvi outros prisioneiros a murmurar. Concluíram o mesmo. Podíamos constatar que o trabalho seria enorme. Cada parede de madeira tinha à volta de trinta centímetros de altura, dez de espessura e sessenta metros de comprimento, pesava mais de duas toneladas, e eram necessários cinquenta ou sessenta de nós para a carregar. Disseram-nos que teríamos de carregar cada parede durante quatro quilómetros, até uma área a cerca de quilómetro e meio do sítio da construção.

As paredes eram assassinas – literalmente. De cada vez que carregávamos uma, perdíamos alguns dos rapazes. Transportávamo-las aos ombros, mas alguns homens escorregavam ou estavam tão exaustos que caíam e eram esmagados. Era raro pegarmos numa sem a deixar cair pelo menos uma vez, prendendo ou esmagando alguns de nós. Percebi cedo que, quando uma parede caía, era mais frequente serem os da frente a perder o controlo. Se me colocasse atrás, num dos cantos, podia recuar ou correr para qualquer lado porque não era encurralado.

Um grupo de cerca de quarenta pessoas da minha cidade uniu-se, incluindo Jacob Wilder, e também Hymie e Nuftul. Antes, não os

conhecia bem. Agora, encontrávamo-nos juntos em Birkenau, e dependíamos uns dos outros para sobreviver. Vira-os em Majdanek, mas não tivéramos grande oportunidade para conversar.

Hymie e Nuftul tinham rostos bonitos. Nuftul fora especialista em demolições no exército polaco. Os pais vendiam peixe. Nuftul ia a casa todos os anos de licença, usava o uniforme de soldado, e ajudava os pais. Nuftul tinha cerca de vinte e dois anos, era quatro anos mais velho do que eu. O pai de Hymie trabalhara num cinema, onde Hymie, com mais sete anos do que eu, aprendera a ser eletricitista. Eu ia amiúde ao cinema onde Hymie trabalhara.

Sabíamos instintivamente que, num campo de concentração, precisávamos de ser o mais próximos possível. Só podíamos confiar nas pessoas que conhecíamos da nossa cidade e nos familiares. Ocasionalmente, Hymie, Nuftul, Jacob e eu descobríamos comida para todos, e cada um tentava também olhar pelos outros.

Depois do trabalho, encontrávamo-nos durante um bocado para conversar e perceber como durar mais um dia. Eu era sempre o otimista, e dizia-lhes: «Pessoal, deem o que puderem. Vamos conseguir.» Acreditava nisso, e a minha positividade parecia alegrá-los.

Trabalhava no turno que começava às cinco e trinta da manhã, fosse em que estação do ano fosse. Não tínhamos aquecimento, e, no inverno, as noites pareciam chegar aos vinte graus negativos. Quando nos levantávamos nos abrigos, que albergavam quase mil homens, o frio no interior forçava-nos a movimentos rápidos.

Estávamos trémulos de fome. No entanto, os guardas começaram a cortar uma porção maior para eles; portanto, ainda recebíamos menos do que as porções alocadas.

Aprendemos depressa qual era a ordem hierárquica. Mais uma vez, os alemães chamavam-nos pelos números, e nós dirigíamo-nos aos colegas prisioneiros da mesma forma, a menos que os conhecêssemos bem. Claro que tratava o Jacob Wilder pelo nome, mas a maioria eram números para mim e para toda a gente.

Os *Stubendiensts* acordavam-nos com o raiar do dia. Não tínhamos de procurar muito pelas roupas: dormíamos com elas vestidas, tanto para nos aquecermos como para não serem roubadas. Quando despertávamos, alinhávamo-nos em formação e marchávamos para as casas de banho.

Se precisássemos de ir à casa de banho durante a noite, tínhamos à disposição barris com cerca de um metro e cinquenta de altura e noventa centímetros de diâmetro. Havia um banco de madeira ao lado de cada barril. Para urinar, ficávamos de pé no banco e despejávamos para dentro do barril. Se tivéssemos de evacuar, sentávamo-nos no banco, virávamos as costas, baixávamos as calças e ficávamos suspensos sobre o barril. Surpreendentemente, o barril não era muito malcheiroso – talvez devido ao frio intenso – e ninguém caiu lá dentro, que eu soubesse. Usávamos o que encontrássemos para nos limpar, papel, panos, qualquer coisa. Um *Stubendienst* esvaziava o barril todas as manhãs.

As instalações sanitárias normais para o campo todo localizavam-se no meio do recinto. A casa de banho tinha cerca de sessenta metros de comprimento por dezoito de largura, e cerca de cento e cinquenta sanitas em duas filas separadas. As sanitas eram tábuas de pinho longas com buracos. Davam-nos três minutos para fazer o que tínhamos para fazer. Havia prisioneiros cujo trabalho era garantir que as latrinas eram limpas e que não ficávamos lá muito tempo.

A casa de banho tinha uma vala por baixo, com água a correr constantemente. Do outro lado das sanitas, no mesmo edifício, estava uma parede. De lado a lado de cada parede, havia lavatórios de metal a cada sessenta ou noventa centímetros. Tínhamos dois minutos para nos lavarmos. Se não fôssemos despachados, os vigilantes batiam-nos. Vi alguém ser espancado até sangrar por demorar muito tempo na sanita. Entendi a mensagem, e os outros prisioneiros também a reteram. No lavatório, tirávamos a camisola e lavávamo-nos onde podíamos, rapidamente. Alguns de nós

tínhamos pequenos pedaços de sabão, do tamanho de um quarto de uma barra de chocolate.

Depois, devíamos marcha de volta para os abrigos, normalmente em cinco minutos ou menos. Dormíamos numa tábua com um cobertor por cima, mas sem colchão, nem almofada. A cama deveria ser feita de forma precisa: direita e com cantos de hospital, sem pontas irregulares. Depois, os soldados passavam e davam ao *Stubendienst* um aviso se alguma das camas estivesse em desalinho. Isso significava que o *Stubendienst* batia de imediato no judeu desgraçado que não fizera a cama corretamente.

Ato contínuo à inspeção, alguns prisioneiros traziam um barril de água com cor de café. Três homens tiravam conchas, cerca de três quartos de chávena por pessoa. Depois reuniam-nos em formação para marcharmos duas vezes em grupos pelos portões do campo.

Os alemães queriam rigidez militar em quase tudo. Capturaram uma banda judaica de Paris, completa, com instrumentos e tudo. A banda tocava músicas de marcha alemãs a um ritmo acelerado. Ao ritmo deles, cada grupo de trabalho dava passos de ganso pela guarita, enquanto os *Kapos* chamavam o seu próprio nome e o número dos prisioneiros com eles. Os grupos podiam ser de dez a duzentas pessoas, dependendo do trabalho. Levava menos de uma hora para vinte mil pessoas marcharem pelos portões. Se não o fizéssemos rápido ou corretamente, podíamos ser agredidos. Por puro terror, aprendemos a marchar melhor do que os SS.

Os alemães estavam extasiados por terem uma banda militar, podendo marcar o tempo para a ida e a vinda dos grupos. Ouvíamos a banda e os seus tons de latão, a bateria e o som da tuba, soando um «zum, zum, zum», pelo local de trabalho – e de novo quando regressávamos.

Têm um ótimo trabalho, pensava amiúde. Tocam uma vez de manhã, outra à tarde, e não têm mais nada que fazer o resto do dia. Quem me dera tocar a tuba.

Não tenho dúvidas de que era apenas um entre dezenas de milhares que pensavam no mesmo enquanto marchávamos para o

trabalho, a viagem demorava uma hora ou mais. Até muitos quilómetros fora dos portões, ainda conseguíamos ouvir o «zum, zum, zum» da banda.

A maioria de nós usava roupas inadequadas às condições climáticas – sapatos leves de verão que deixavam entrar água quando pisávamos as poças da chuva. Para prevenir isso, forrávamos os sapatos com sacos vazios de cimento.

Regra geral, tínhamos uma camisola e calças fininhas, e um casaco de verão. Se a roupa não estivesse molhada da chuva, estava encharcada da neve, que caía sobre nós quase todos os dias. Abríamos também um buraco nos sacos de cimento para enfiar a cabeça e os braços. Mesmo assim, muitos tinham frieiras devido ao frio glacial, que podia chegar abaixo de zero. Não tínhamos luvas, por isso esfregávamos as mãos para as aquecer.

A comida estava sempre na nossa mente. A meio do turno, dois rapazes apareciam carregados com cubas com grandes alças de metal. De quando em vez, chegavam numa carroça puxada a cavalos, isto se estivéssemos longe do campo. Trazíamos pratos de metal pendurados nos cintos e usávamos uma chávena para verter a sopa no prato. *Kapos* e capatazes comiam o que queriam, claro. Às vezes, os mantimentos eram escassos, e as pessoas no fim da fila já não recebiam nada. A sopa ora estava quente, ora estava fria, e era noventa e oito por cento composta por água, com granulados de batata ou cevada. Depois de a comermos, a fome persistia.

Os rapazes maiores tentavam empurrar os prisioneiros mais pequenos para fora da fila. Os russos, geralmente os mais altos, eram particularmente beligerantes, e tive de os enfrentar várias vezes para que amigos meus pudessem receber a parte deles.

O trabalho em si consistia em construir estradas, colocar carris e dormentes de madeira, erigir cercas elétricas, construir abrigos, e também escavar sepulturas e esgotos. Os outros prisioneiros embalavam roupas retiradas dos cadáveres.

Quando o nosso trabalho se atrasava, éramos espancados. Os *Kapos* e outros usavam uma cana ou chicotes de borracha.

Levantavam os braços o mais alto que podiam, e depois baixavam-nos rápido e com força, cortando-nos com o chicote. Quanto mais nos batiam, mais eram recompensados com os melhores trabalhos e comida. Os capatazes eram os piores, para serem promovidos a *Kapo*.

Por fim, quando o turno acabava, marchávamos duas vezes de volta para os abrigos, até a uma mesa com comida, apanhávamos a nossa parte, e continuávamos. Não havia tempo para conversar ou perguntar por segunda ajuda. Recebíamos também uma fatia de pão, metade serradura, metade farinha. O pão era de vinte por quinze centímetros, mas depois era partido em quatro fatias. No entanto, os *Kapos* cortavam uma fatia do meio para eles. No pão, havia um alto de margarina feita sobretudo de carvão. Às vezes recebíamos um pedaço pequeno de salame de carne de cavalo.

Tínhamos algumas hipóteses de conseguir comida extra. Perto do fim de 1943, fui chamado à cozinha com alguns rapazes para descascar batatas. Sabia o que fazer. Inclínava-me com força no descascador de metal, para garantir que haveria muita batata em cada casca, que atiraria para a boca. Sussurrei para os outros o tentarem; eles fizeram-no. As cascas não sabiam bem, mas alimentavam.

Na vez seguinte, já estávamos preparados. Atámos a bainha das calças, assim que chegámos à cozinha e começámos a trabalhar, abrimos as braguilhas e, garantindo que ninguém nos via, começámos a atirar as cascas pelas calças abaixo. Os cozinheiros e os ajudantes estavam lá, mas demasiado ocupados a comer para nos vigiarem.

Os guardas também não nos prestavam muita atenção. Tinham comida suficiente, andavam num vaivém constante, e era de noite. Aprendi a comer dentadas de batata crua, e mostrámos aos outros como o fazer – um pouco convencidos de que conseguiríamos escapar com quase tudo daquela cozinha, se fôssemos cautelosos. Numa noite, tivemos uma surpresa: os SS estavam à nossa espera à porta da cozinha.

– Parem, porcos judeus – gritou um deles quando saíamos da cozinha. Depois, um por um, puxaram os fios das pernas das calças, e todas as batatas e cascas caíram.

– Porcos. Judeus aventos e idiotas – berraram. Com paus e canas, conduziram-nos para trás de um abrigo, onde nos esmagaram a cabeça e o corpo, com força suficiente para nos arrancar a pele em pedaços. Esse espancamento durou uma hora, e eu quase desmaiei de dor.

Os alemães não eram os únicos a atacar-me por causa do roubo das batatas. Numa noite, regressei ao abrigo, e dois prisioneiros russos atacaram-me e tentaram levar todas as cascas que eu tinha. Começaram a gritar-me, embora não muito alto, porque não queriam atrair a atenção do preso sénior. Dei um pontapé nos tomates de um deles, paralisando-o. De seguida, empurrei-o. Ao outro, agarrei-o pela traqueia até me implorar que parasse.

Após a luta terminar, desatei as pernas das calças e deixei cair as cascas.

– Venham apanhá-las – sussurrei às várias pessoas que me esperavam. Sabiam que as partilharia. Na verdade, já comera batatas cruas na cozinha. Estava cheio, e o meu estômago tinha dificuldade em digeri-las. Até deixei os dois russos comerem algumas.

Porque não? Não posso enfiar mais comida, e não a posso carregar comigo. Estão a tentar não passar fome, tal como o resto de nós, pensei.

Os russos e os amigos nunca mais me incomodaram. Eram os típicos valentões. Quando aprendiam que revidavas, deixavam-te em paz.

Após o jantar, podíamos ir à latrina e lavarmo-nos um pouco, antes das vinte e uma. Tínhamos de nos barbear. Os alemães insistiam que os prisioneiros fizessem sempre a barba. Alguns dos camponeses gentios recebiam lâminas de casa, e quando já estavam quase gastas, eu suplicava por elas. Era jovem e tinha uma barba suave, por isso não precisava de uma lâmina tão afiada

quanto os homens mais velhos. Encontrava também lâminas nas casas de banho, e usava pequenos pedaços de sabão que descobria para me ensaboar.

Os alemães não se preocupavam se cometíamos suicídio com as lâminas. Provavelmente gostariam que o fizéssemos. No entanto, nunca ninguém usou uma lâmina para se matar. Pelo menos, que eu conhecesse.

A maioria dos prisioneiros não se lavava após o jantar. Eu fazia-o todas as noites. Tirava a camisola, e lavava-me do tronco para cima. A seguir, secava-me com a camisola. Depois, tirava as calças – claro que não tinha roupa interior – e lavava-me da cintura para baixo e secava-me, usando as calças. Quando terminava, estava meio seco. O calor do corpo secava o resto pela manhã.

Manter-me limpo era importante. Os alemães gostavam de limpeza, e era bom para o moral e aproveitava-se para conversar. Conheci assim algumas pessoas. Falávamos sobre tudo, em particular de comida. Raras vezes a morte era mencionada – todos sabíamos que aquele era um campo da morte. A comida garantia viver mais um dia e enganava a morte, lançando até a esperança de se subsistir até se ser libertado.

Comecei a ter sonhos. Neles, eu seria alguém – com esposa e filhos, e um negócio, e muitas pessoas a trabalhar para mim. Acreditava que sairia e teria um futuro do qual me orgulharia, e acreditava que alguns dos meus amigos também o conseguiriam.

Por isso insistia para que eles aguentassem mais uma hora, mais um dia. Ninguém no seu perfeito juízo pensaria que qualquer um de nós sairia dali vivo, mas eu pensava-o. Na altura, não contei nada a ninguém. Sabia que achariam que enlouquecera.

Entre as vinte e trinta e as vinte e uma, éramos obrigados a ir para os beliches. Ninguém tinha dificuldades em adormecer, de tão exaustos, e tínhamos apenas cinco horas para dormir.

Tratava-se de uma das poucas alturas em que os alemães nos deixavam em paz. Os espancamentos durante o dia e pela noite fora imperavam. Os *Kapos* batiam em cada um de nós no mínimo

uma vez por semana. Os *Stubendiensts* também nos batiam, e os SS atacavam-nos.

Era um lugar onde os fortes sovavam os fracos até à morte, e isso acontecia também com os prisioneiros. Eu tinha menos de um metro e sessenta e cinco. Os prisioneiros gentios altos e bem musculados da Rússia, Ucrânia e de outros lugares batiam-me duas ou três vezes por semana. O pior eram os ucranianos e os polacos que viviam perto da fronteira alemã e que eram extremamente leais a Hitler.

Eu não era dos piores prisioneiros. Tinha algum respeito. Os prisioneiros, judeus e não judeus, vinham ter comigo pedir conselhos. Admiravam-me.

– És tão resistente. Como sobreviveste? – perguntou-me Hymie uma vez.

– Nos guetos, tínhamos de o fazer. Sofremos todas as coisas monstruosas possíveis e imaginárias. Há muitas pessoas decentes com medo de Deus, aqui, também. Talvez Ele trate disso – contei-lhes. Omiti as partes sobre os guerrilheiros e de ter passado por gentio – razão principal pela qual eu era resistente, mas dizer o que fosse a qualquer pessoa tornava-se perigoso.

Também pensávamos noutras coisas, como mulheres. Pensar era o mais longe que ia. Alguns dos homens trabalhavam com mulheres a empacotar roupas e sapatos velhos. Às vezes víamos mulheres e falávamos com elas brevemente. Mas não te podias aliar a elas, muito menos fazer sexo. Era proibido.

Às vezes, quando íamos para certos serviços, via uma mulher cujo pai trabalhou na fábrica de Yudel. Seguíamos em direções diferentes, por isso trocávamos algumas palavras.

Um amigo meu tinha ali uma namorada da minha cidade. Ele era um prisioneiro polaco judeu que fora despejado na minha cidade junto com outras pessoas. Havia sido oficial no exército polaco. Um dia, confidenciou-me:

– Mal posso esperar para ver a minha namorada. O que posso fazer, Joe? – indagou-me, pelo canto da boca.

– Conheço o capataz dos *Leichenkommandos*. Vou perguntar-lhe se vai ao campo das mulheres buscar mortos.

Fui ter com o capataz e perguntei-lhe se iria ao campo das mulheres.

– Queres que vá, Joe?

– Não, um amigo meu quer ir. Fazes-me um favor? Ele tem lá a namorada. Está ansioso por a ver. Vai morrer, assim como ela. Consegues-lhes um encontro?

– Claro, Joe. Para ti, o que quiseres.

Quando contei ao meu amigo, ele pulou de alegria. Horas depois, estava a ajudar os *Leichenkommandos*, cujo trabalho era apanhar os cadáveres dos campos de trabalho, e puxar o carro até ao campo das mulheres.

Ele regressou várias horas depois.

– Obrigado, Joe, salvaste-me a vida – sorriu, dando-me um grande abraço. Contou-me que se abraçaram, beijaram, choraram juntos, e, sem dúvida, fizeram sexo.

– Duas raparigas vigiaram à porta do abrigo para garantir que a cabra SS com o chicote não aparecia – disse ele.

Mesmo assim, Birkenau continuava como de costume. Tínhamos pouca comida, pouca água, e éramos espancados todos os dias. As pessoas morriam diariamente às centenas, chegando aos milhares. Birkenau era um ponto para a distribuição da mão de obra. Das pessoas para ali transportadas, um terço era autorizado a viver com o objetivo de ser enviado para os campos de trabalho. Os outros dois terços eram gaseados e queimados.

Contudo, o número dos permanentes expandia-se. Os alemães fizeram-nos construir mais abrigos, mais campos, mais estradas. Havia mais *Kapos* e *Stubendienst*s. O número de cercas elétricas multiplicara-se, assim como a nossa miséria.

Alguns mal podiam esperar para que os alemães os matassem. Numa manhã, encontrava-me deitado no beliche, e as pernas latejavam-me de dor porque estavam inchadas quatro vezes mais do que o normal. Virei-me para falar com alguns dos meus amigos

sobre isso, olhei para as filas de camas em cima e em baixo, e vi que faltavam vários deles. Senti um desespero como nunca sentira. Sabia o que acontecera, até antes de ver os corpos pendurados nas cercas elétricas no exterior do abrigo.

– Não conseguiam ir mais longe. Foi a maneira mais rápida de o fazerem, em vez de serem gaseados. Mas eram meus amigos, e dói-me porque não estão aqui – contei a Hymie e a Nuftul. Eles acenaram com a cabeça. Eventualmente, cerca de dez por cento optaram por esta saída.

As pessoas começaram a falar mais abertamente sobre o suicídio.

– Qual é o sentido de viver? O corpo dói-me todo, e não há qualquer perspetiva – diziam-me.

À medida que os dias passavam, logo pela manhã, eu via dois, cinco, dez, às vezes vinte corpos de amigos caídos na cerca.

– Não faças isso – suplicava-lhes quando falavam em suicídio. – É assassínio. A nossa religião di-lo. Matares-te é assassinar parte de Deus, porque Ele criou-te. Além disso, Deus pode fazer com que um milagre aconteça. Temos apenas de nos aguentar. Não te mates. Basta aguentar até amanhã. Suporta o dia.

A maioria deles, até Morris Tisch, Hymie e Nuftul, abanava a cabeça.

– És um rapaz querido, Joe, o melhor. Mas és ingénuo, e louco. Um milagre? O único milagre é termos vivido este tempo todo. Isto é um campo da morte, filho. Mais cedo ou mais tarde, morremos todos.

Continuei a tentar convencê-los a lutar. Disse-lhes que sabia que estavam fartos, esfomeados, e desesperados e que provavelmente morreríamos. Mas insistia para tentarem mais um dia; talvez tudo mudasse.

No entanto, a minha situação deteriorava-se a olhos vistos. As pernas inchavam-me o dobro do tamanho normal, e eu estava preocupado. As pessoas que não podiam trabalhar eram logo gaseadas.

As nossas condições agravaram-se. Passámos a receber menos pão à medida que os presos seniores e os *Stubendiensts* começaram a cortar pedaços ainda maiores para eles. Todas as manhãs encontrava mais beliches vazios, os corpos pendurados na cerca elétrica.

Tivemos um pouco de sorte. Cerca de trinta de nós estávamos a abrir uma vala. As temperaturas rondavam os zero graus. O chão era duro e o trabalho difícil, e, como de costume, recebíamos pouca ou nenhuma comida. A cerca de cento e quarenta metros de nós ficavam os abrigos dos guardas. A comida tinha um aroma rico, como a da minha avó. Eles dispunham de tanta comida que punham barris da que não comiam no exterior a fim de ser devorada pelos cães ou levada como lixo. Analisei a situação. Notei que, após as refeições da tarde serem entregues e de os guardas comerem, reinava algum sossego, e os guardas faziam uma sesta – depois de deixarem de parte a comida que restasse para os cães e porcos.

Calculei que os guardas comiam meia hora depois de receberem a comida, e que tinham uma hora para descansar. Havia arbustos perto dos abrigos deles, e eu aproximei-me calmamente.

Numa tarde, esgueirei-me para perto dos barris da comida. Rezei. Por toda a gente estar tão esfomeada, apenas Deus nos podia ajudar. Levei a tigela do meu cinto e enchi-a de sopa e feijões verdadeiros, com batatas e carne. Voltei para onde os outros prisioneiros se encontravam, e todos comeram do meu prato.

– Vão, um de cada vez – disse-lhes depois. – Eles estão a dormir nos abrigos.

Rastejámos até lá à vez, enquanto os guardas dormiam. Cada homem enchia o prato. Era como uma alma nova no nosso corpo, ter carne e batatas – a mesma comida que os assassinos tinham. Via a diferença em nós, mais rosados, e os olhos perderam um pouco do baço. Apenas aquele prato cheio de comida fez-nos voltar à vida.

Mas o triunfo era temporário. Geralmente, todos nós estávamos a morrer à fome. Comecei de novo a sonhar o meu sonho: quando a

guerra acabasse, teria esposa, filhos e um negócio. Todas as noites sonhava o mesmo. Durante o dia, visualizava estas esperanças vezes sem conta. Era a minha natureza pensar desta forma – que a minha vida iria além de cercas elétricas e de chaminés a largar chamas alimentadas por cadáveres. Era uma esperança a que me agarrava, acontecesse o que acontecesse, e eu acreditava. Acreditava em milagres.

Tinham passado três semanas desde que começáramos a carregar as paredes, e tanto Jacob Wilder como eu sofriamos. E também um homem chamado Frank. Eu gostava do Frank, era quase da minha idade.

– Não podemos continuar assim – disse aos dois. – Não sei o que fazer. Se não conseguirmos trabalho onde não sejamos espancados, acabamos no crematório.

A perna de Jacob estava mais inchada do que a minha. Nessa noite, um milagre aconteceu, pelo menos para Jacob. O *Stubendienst* chamou o número dele. E ele voltou a sorrir.

– Joe, sou capaz de ter trabalho em Auschwitz Número Um. Ele perguntou-me se era fabricante de cerdas. Quando disse que sim, informou-me de que serei levado para lá amanhã de manhã – cantou, tentando não parecer feliz. Frank e eu continuávamos em mau estado. Podíamos morrer a qualquer momento.

No dia seguinte, Jacob foi de novo chamado pelo *Stubendienst*. Abraçámo-nos, e ele foi-se embora. Mais tarde, ouvi que ele conseguiu o trabalho de fabricante de cerdas.

Entretanto, Frank e eu ficámos mais fracos. A minha perna inchou ainda mais e tornou-se esponjosa. As pernas de Frank, também.

Os dias eram difíceis de suportar. Mal me podia mexer. Numa noite, olhámos para os corpos lamentavelmente magros um do outro, e as pernas enormes, e assustámo-nos.

– Joe – disse Frank –, se não fizermos nada em breve, os alemães vão gasear-nos.

Capítulo Doze

LUDIBRIANDO OS NEGOCIANTES DA MORTE

Estávamos desesperados. Todas as manhãs, depois de as equipas de trabalho passarem a guarita a caminho da labuta diária, cerca de cinquenta *Kapos* e homens SS formavam uma linha, ombro com ombro, desde as traseiras do campo até à guarita. Quem encontrassem, era enviado para o crematório.

As varreduras apanhavam vinte ou trinta pessoas diariamente, mas à medida que a guerra continuou e que as condições pioraram, esse número subiu. Mais tarde, as varreduras estenderam-se ao trabalho. Os SS, *Kapos* e a Gestapo cobriam toda a largura do campo, com as mãos estendidas para os lados, quase a tocar-se com a ponta dos dedos.

Quem apanhassem deveria andar, coxear, ou rastejar à frente deles, como ovelhas a caminho do matadouro. A esmagadora maioria não conseguia mover-se. Na melhor das hipóteses, coxeavam, mas rastejar era algo que se recusavam, a menos que o corpo estivesse demasiado esgotado. Em vez disso, seguravam-se com os braços à volta uns dos outros, os condenados cambaleavam de pé com as pernas finas, usando a última gota de força para perder a vida com dignidade. Eram empurrados dos portões e conduzidos para o hospital – a cerca de quatrocentos metros. Aí, os prisioneiros eram resgatados por camiões e levados para serem gaseados.

Uma exceção à varredura da morte era o pessoal do turno da noite, que trabalhava numa área chamada Canadá. Juntavam comida e bagagem e ajudavam a descarregar vagões quando os comboios da morte chegavam. Dormiam numa área especial dos abrigos, e nenhum dos SS ou da Gestapo se atrevia a incomodá-

los. Os *Stubendiensts* controlavam quem entrava e saía dessa secção, por isso os guardas não tinham razões para ir lá.

Tinha informações sobre Canadá, e que ninguém conseguia arranjar trabalho lá porque se encontrava sobrelotado. Grande parte das pessoas dessa área parecia ser comerciante, incluindo pedreiros, canalizadores, e eletricitas. Conheciam aquele tipo de refúgio, haviam ajudado a construí-lo para serem nomeadas para lá rapidamente. Descobri também que o hospital tinha os melhores trabalhos.

Depois, tivemos sorte. Vimos Hans Eistenstein. Hans era um anjo de ouro, um *Kapo* judeu. Tinha reputação: se não conseguisses arranjar um trabalho, ias ter com ele. Ele tratava de ti. Tinha muitos contactos e parecia alemão. Devia ter as mulheres todas atrás dele antes de ter ido parar ao campo. Conhecia muitas pessoas em Birkenau e compadecia-se de jovens como eu. Tinha mais quinze anos do que eu – um homem grande com um grande coração. Mais tarde, foi despromovido, passou a apanhar lixo, talvez por ser demasiado mole.

Quando lá cheguei, estava ali há um ano, e fizeram-no *Kapo* temporário para tirar pedras da estrada perto do hospital. Frank e eu desesperávamos por outro trabalho. Nesse dia estávamos a passar perto do hospital, com muitas outras pessoas, tão magras e cheias de dor quanto nós. De alguma forma, evitaram também a varredura matinal da morte. Hans levantou o braço para que nos aproximássemos dele.

– Preciso de pessoas extra para ajudarem a limpar o hospital e os abrigos. Durante dois dias. Estão interessados? – perguntou, com um sorriso que continha os dentes mais brancos que já vira e um olhar de compaixão. Ele sabia que seríamos gaseados se não encontrássemos um trabalho seguro.

Aprendi, durante o trabalho sob a orientação de Hans, que havia uma agitação repentina de atividade. Muitos abrigos foram construídos rapidamente perto do hospital, e eu ajudei nessa empreitada. Cerca de metade deles com trinta a quarenta beliches

com três camas. Os outros tinham capacidade para setecentas e oitocentas pessoas. Os grandes eram para os moribundos. Os mais pequenos destinavam-se aos que tinham alguma hipótese de viver. Foram erguidos em oito semanas.

Agora, todos sabiam que o hospital estava a ser construído e que Josef Mengele se mudaria para o nosso campo. Ouvi muitas histórias sobre Mengele a partir de alguns dos *Kapos*, que o conheciam de Auschwitz Número Um. Sabiam o tipo de monstro que ele era.

Ouvi que Mengele era a razão pela qual tinham sido construídos novos escritórios e um laboratório em Birkenau. E também muito sobre o resto do campo. Novas equipas de construção eram trazidas depois de o meu grupo chegar.

O que vi durante os poucos dias que trabalhei perto do hospital assustou-me. Estivera rodeado de pessoas mortas várias vezes até ali, mas aquela era uma experiência nova. Sabia que estavam lá apenas gentios. Os judeus e os ciganos não eram enviados para o hospital. Os alemães não gastavam o valioso espaço das camas ou os medicamentos com eles.

Quando os assassinos não estavam a olhar, corríamos para o hospital para urinar, e olhávamos em redor como animais a farejar por comida. Vi professores, advogados, profissionais de colarinho branco, todos de nacionalidade europeia. Aquelas pessoas, a maioria na meia-idade, não estavam habituadas àquele tipo de vida. Quando regressei para voltar a usar a sanita, muitos tinham morrido.

Vi também que eles recebiam pacotes de comida, e que eram mandados para o lixo. Os judeus já não tinham membros da família com eles. E ninguém sabia onde estavam; portanto, mesmo que tivessem estado no hospital, nunca receberiam comida. Que descoberta! Tentei tirar comida desses pacotes, mas os alemães vigiavam de perto. Pelo menos, sabia que os pacotes estavam lá.

Enquanto trabalhei perto do hospital, continuei à procura de uma tarefa fixa. Sabia que aquela era temporária. E vi um destacamento a trabalhar nas estradas do hospital.

Perguntei aos rapazes em que abrigos estavam e quem era o *Kapo*. Ocupavam o Abrigo 8 e o *Kapo* era um checo idoso. Vi-o uma vez a cambalear apoiado numa cana. Não me aproximei, nem lhe disse nada. Ter-me-ia matado. Mesmo assim, percebi que queria estar no grupo dele.

Passados vários dias, Hans disse a Frank, a mim e a muitos outros que tinha más notícias.

– Odeio dizer-vos isto, mas o trabalho temporário terminou. Tenho de contratar pessoas que já conheço para a equipa permanente. Sinto-me mal com isto, de verdade. Mas sabem como funciona aqui dentro. Primeiro, tens de salvar quem conheces.

Todos concordámos, baixando o olhar. Aquilo podia significar voltar para o tempo ventoso, a neve, a chuva. Podia ser a nossa morte.

Tenho de encontrar algo para Frank e para mim. Temos de nos manter vivos, pensei.

Tínhamos de encontrar uma ocupação que não nos expusesse ao frio, à fome e aos espancamentos. Sabia que alguns prisioneiros trabalhavam nos abrigos, limpando e carregando as panelas da sopa.

É isso que podemos fazer. Um trabalho no interior. Sem chuva, sem neve, sem espancamentos, e talvez consigamos tirar um pouco de comida, devaneei.

Depois senti-me inspirado. Havia prisioneiros que limpavam as estradas, o lixo, os papéis, e as roupas que ocupavam o chão todos os dias. Iam para o trabalho depois das varreduras da morte. As pessoas que tinham trabalho estavam nos edifícios ou nos abrigos, por isso estavam seguros.

Vi um carrinho de mão, duas pás e uma vassoura que ficavam todos os dias atrás da guarita. Supostamente, os rapazes que as usavam deviam ir limpar depois de a fila passar. Deixavam normalmente o equipamento deles nesse lugar.

Elaborei um plano. No dia seguinte, Frank e eu chegámos à guarita antes da fila e pegámos no carrinho de mão e nas pás.

– Temos de fazer isto para durarmos mais um dia. Sem perguntas – disse a Frank. Sentia o meu coração a bater com tanta força que pensei que me ia saltar do peito. Que ninguém descobrisse que Frank e eu não tínhamos um trabalho. Todos os dias rezava: «Deus ajuda-nos. Olha por nós. Esta é a nossa última hipótese. Se formos apanhados, estamos a minutos da morte. Deus, por favor, atende às minhas preces.»

Quando os SS, Gestapo e *Kapos* nos viram, largaram as armas, criando um espaço entre eles para passarmos. À medida que o fazíamos, eles acenavam e diziam «olá», pensando que pertencíamos ao trabalho. Depois andaram à nossa volta.

Assim que passámos a fila, caminhámos o mais rápido que pudemos, sem chamar a atenção, até um beco, e depois em direcção à guarita. Por essa altura, a fila já se tinha separado. Não havia janelas atrás da guarita para alguém nos poder ver, por isso devolvemos o carrinho de mão, as pás e a vassoura ao lugar onde pertenciam, na mesma posição em que as encontrámos. Pouco depois, os prisioneiros que deviam usá-las apareceram.

Havia um senão. Nos trabalhos, os alemães traziam-nos o almoço, por pouco que fosse. Ali, não tínhamos comida, por isso precisávamos de a encontrar. Mas por esta altura já sabia que havia os pacotes de comida no hospital.

Agora que o truque do carrinho de mão e da vassoura resultara nesse primeiro dia, Frank e eu estávamos livres para fazer o que precisávamos: encontrar comida.

– Vamos ao caixote do lixo – disse eu a Frank. – Quem sabe? Talvez tenhamos um banquete internacional.

Havia apenas um caixote do lixo, com cerca de um metro e oitenta de altura, quinze de comprimento e três metros e setenta de largura. Frank e eu apanhámos o lixo do chão, chegando lentamente ao pé do caixote. Muitos alemães passaram sem dizer nada. Quando nos viam a trabalhar, pensavam que nos havia sido atribuída uma tarefa. Apanhámos lixo durante cerca de meia hora. Sabíamos que o lixo era levado logo de manhã, e queríamos chegar

à camada de cima enquanto ainda era recente, e sermos os primeiros a pilhá-la.

Depois de olhar em redor, para garantir que ninguém via, saltámos lá para dentro. O odor bateu-nos na cara. Deu-nos tantos vômitos, que tivemos de tapar o nariz e a boca.

A maioria da comida estava coberta de bolor verde. Quando abrimos o pão, havia alguns pedaços que não tinham ficado verdes. O odor quase me queimou os olhos, mas isso não me podia impedir. Atei um lenço à frente da boca para refrear os vômitos e continuei a esgravatar o lixo.

A comida estava normalmente embrulhada em papel castanho e manchado. Comemos cada migalha sem bolor que descobrimos: pão, cascas de batata, carne que sobrara da mesa dos guardas. Empurrávamos as migalhas para a boca enquanto procurávamos por mais. Eu babava-me, tossia e lambia os dedos.

Sabia que não podia comer o bolor. Sabia a veneno e queimava a boca. No entanto, ingeri a maioria das coisas. Experimentei um pedaço de pão com salame. Estava lá há tanto tempo que tinha larvas, a colar os pedaços. Devorámos até a comida que estava congelada e pegajosa. A maioria tinha larvas. Sacudimos as larvas.

Pensava na minha mãe e no quanto desaprovava as minhas maneiras à mesa. Mas sabia que me compreenderia agora. Sabia também que me afundara o máximo que me podia afundar só para sobreviver.

– Se me tornei apenas um pouco melhor do que um animal, valerá a pena salvar a minha vida? – confidenciei ao Frank. – No que me tornei? Quanto mais posso sobreviver desta maneira? Alguém vai perceber o truque do carrinho de mão ou que, se estamos no caixote do lixo, não pertencemos ao campo, que devíamos estar nos trabalhos dos destacamentos. Durante quanto mais posso sobreviver desta maneira sem ser gaseado?

Enquanto nos engasgávamos e ganhávamos raízes no caixote do lixo, sabia que deveríamos encontrar um trabalho diurno permanente. Caso contrário, era desencadear a suspeita e a morte.

Surgiu-me outra ideia. Os pratos daquele campo eram lavados todos os dias, mas mesmo assim havia uma falta constante de pratos lavados – ou pratos de qualquer tipo. Encontrei um *Stubendienst* responsável pela limpeza do nosso abrigo e de arranjar comida. Perguntei-lhe se tinha pratos para lavar. Notei também que no meu abrigo havia falta de pratos.

– Precisa de ajuda ou de mais pratos de metal? Quer que lavemos os pratos? – perguntámos-lhe.

– *Ja, ja*, precisamos de pratos. Estão sujos, empilhados, e até quando os limpamos a todos, não chegam – disse. – Os sacanas nunca nos dão os suficientes. Se conseguirem arranjar pratos, dar-vos-ei sopa e um pouco de pão.

Comecei a lavar os pratos, sentindo as mãos e os braços regelarem-se na água fria, que o meu calor corporal tornou quente. Entretanto, Frank foi ao abrigo seguinte e, quando ninguém via, roubou vinte e cinco pratos de metal lavados. Quando o *Stubendienst* viu que todos os pratos velhos estavam limpos e que havia novos, ficou impressionado.

– Aqui têm alguma sopa. Fizeram-nos um grande favor – disse ele, apontando com a mão magnanimamente para as caldeiras de sopa.

No dia seguinte, fizemos a mesma oferta a outro abrigo. Depois, Frank roubou os vinte e cinco pratos que levou no dia anterior para o nosso abrigo. Os abrigos estavam a cerca de seis metros um do outro. Enquanto eu lavava os pratos, garantia-me também que o *Stubendienst* no abrigo onde Frank roubava os pratos não aparecia.

Esta rotina durou seis ou oito dias. Recebíamos sempre a mesma resposta. O *Stubendienst* ficava tão agradecido por ter os pratos lavados e por adquirir uns quantos mais que nos dava sopa e um pouco de pão. Uma vez, quando falava com um *Stubendienst*, recebi um grande bónus. Perguntei-lhe se ele precisava de pratos, e se me podia ajudar.

– De onde és? – perguntou, com os olhos semicerrados. Naquele campo, aprendias a não revelar as emoções.

- Polónia.
- De onde na Polónia?
- Não iria conhecer.
- Do Este?
- Sim.

Ele começou a tremer.

– Os meus pais foram levados para o Este da Polónia, para uma cidade perto de Treblinka. Diz-me alguns nomes.

Esmiucei alguns, depois disse:

– Miedzyrzec. A minha cidade.

– Ó Meu Deus, tu és dessa cidade? – insistiu. Vi os olhos dele a aumentar, e o cabelo quase ficou em pé. Os olhos humedeceram.

– Sim. Nasci lá. Porque lhe mentiria?

O seu rosto forte suavizou-se, e a voz fraquejou.

– Toda a minha família acabou nessa cidade. Puseram-na nas sinagogas, nas fábricas, levaram judeus de toda a parte. O que aconteceu por lá? – indagou, com voz ferida. – Nunca mais os vi. O que me podes dizer?

Então contei-lhe a história da minha cidade, como os alemães a ocuparam, como o gueto diminuía continuamente, e como os judeus que não tinham onde viver foram apertados em sinagogas, fábricas, armazéns, como pedaços de carne ou pilhas de roupa. Como os judeus desenraizados iam de porta em porta pedir apenas uma migalha aos que tinham casa lá.

Contei-lhe que lhes dávamos o que podíamos, embora soubéssemos que não era suficiente e que mais pessoas iriam bater-nos à porta no mesmo dia. E como, apesar de estarmos todos em circunstâncias desesperadas, nos tratávamos com dignidade, através da dor. E como a maioria era eventualmente caçada e enviada para Treblinka ou Majdanek, e gaseada dentro de uma hora. Contei-lhe tudo.

– Agora sei o que lhes aconteceu – disse ele, suavemente, com gotas de humidade à volta dos olhos, e os ombros a vergar. Depois, tirou um pedaço de pão do bolso esfarrapado. Não podia fazer mais

nada por mim, no entanto. Não tinha nada para trocar. Se não tivesses nada para trocar, poucas pessoas levantavam um dedo por ti.

Dias depois de ter montado o truque do carrinho de mão, vi dois dos meus amigos serem apanhados nas varreduras. Samuel e Benjamin, ambos com quase a minha idade, vieram de Majdanek comigo. Tinham integrado a minha equipa de construção. Carregaram as paredes comigo. Quando ainda estava capaz de marchar para o trabalho, Samuel dizia: «Joe, estás com bom aspeto.»

Doía ouvi-los. Sabia que se encontravam dez vezes pior. Eram esqueletos esfarrapados e sujos. Nesse dia, estavam tão doentes, tão cansados de tentar sobreviver mais alguns dias, que só conseguiam apoiar-se um ao outro. Eu observava à medida que a fila da varredura os forçava para cada vez mais perto do hospital e para os camiões da morte. Ao passarem a esquina, via-os a agarrar-se um ao outro, cambaleando, chorando, mas determinados a não rastejar ou implorar. Foram tratados como animais, mas eles, como muitos outros, escolheram morrer como homens.

Rezei: «Deus, deixa-me viver só mais uns dias. Talvez um milagre aconteça.»

No momento em que as chamas dos crematórios dispararam, como o fogo do inferno, pensei de novo em Samuel e Benjamin. Senti um desespero intenso e amargo, e chorei, sossegadamente.

«Talvez Samuel e Benjamin estejam melhor assim. Quanto a mim, continuo a lutar. Algum dia os alemães apanhar-me-ão, e junto-me a Samuel e Benjamin. Porque deixas estas coisas acontecerem, Deus? Porquê? Porquê? Porquê?»

Observei os fogos a apunhalar o céu cada vez mais alto, como se pudessem quase chamuscar Deus. Depois, afastei-me.

Capítulo Treze

A RUTURA DOS CINQUENTA DÓLARES

Duas semanas após ter começado a vasculhar o lixo, vi um verde opaco que não era bolor. Parecia-me familiar. Eu tinha um tio em Detroit que nos enviava dinheiro durante a Depressão, por isso vira dinheiro americano.

Aquele pequeno pedaço de verde assemelhava-se a isso. Rastejei por maçãs, pão e batatas podres. Com o odor a subir-me ao cérebro, agarrei na pilha de onde aquela alusão de verde quase me piscava o olho. Apanhei-a. Era uma nota de cinquenta dólares americanos.

Quase chorei, embora soubesse que não podia revelar tal emoção, até com Frank. Aquele dinheiro seria roubado se alguém tivesse conhecimento dele. Fui para o Abrigo 8, onde estavam todos os bons trabalhos. Falei com os responsáveis. Um rapaz era da Eslováquia – um *Stubendienst* no meu abrigo, mas vivia no Número 8. O tal cujos pais acabaram na minha cidade. Eu sabia que ele conhecia a maioria dos presos seniores do campo, e se alguém me podia ajudar, era ele. Puxei-o à parte, e ele olhou para mim suspeitosamente.

– O que posso fazer por ti? – questionou, sabendo, com o sentido de alguém a querer vencer o jogo da sobrevivência em Birkenau, que esta conversa não acontecia acidentalmente.

– Posso confiar em ti? – perguntei.

– Claro – disse ele, mostrando-me um pequeno sorriso. – Deste-me paz com os meus pais. Agora sei o que lhes aconteceu. – As lágrimas correram-lhe por uma das faces. Ficou emocionado.

Era a minha vez de chorar. Estava chocado por sentir o peito a palpar, os olhos a pingar, e a voz cheia de soluços.

– Podes ajudar-me, por favor? Quero ter um bom trabalho. Quero estar no grupo do hospital. Conheces o checo?

– Morris, o Hasid, conhece-o bem, Morris é o preso sénior do campo. Ele fala com o checo todos os dias. O *Kapo* é um assassino. Está aqui há anos, não apenas em Birkenau, mas em muitas outras prisões. Trouxeram-no para nos bater e matar. Falarei com o Morris e verei o que posso fazer. O que tens em troca?

– Posso confiar no Morris? Tenho cinquenta dólares americanos. Quero metade de um pão de forma, uma barra de margarina, um salame inteiro, um trabalho no hospital, e quinze dólares em troca. Conheces bem o Morris?

Sabia que se estivesse a pedir muito, não o teria, porque havia pouco pão e salame para roubar. Tinham o suficiente para eles próprios, mas não para extravagâncias. Se pedisse mais do que podiam dar, não haveria negócio, e batiam-me e roubavam-me o dinheiro. Mesmo assim, ouvi coisas boas sobre Morris.

Ele concordou, e os seus olhos mostravam um novo respeito.

– Falo com o Morris hoje à noite.

Nessa noite, embora exausto, mal dormi. Mantive a nota no forro das calças. Sabia que aquele pedaço de papel, feito e impresso a milhares de quilómetros, era o passaporte para me manter vivo. Se o perdesse, estava perdido. Tinha também confiança.

Tenho jeito com as pessoas. Trabalho quando querem que trabalhe. Nunca paro. Mantenho-me limpo. E este rapaz precisa de bons trabalhadores para que possa parecer bom e manter o trabalho. Consigo fazer o trabalho dele e ser mais esperto do que ele, também. Tenho fé que, se Deus quiser, isto acontecerá, pensei, com a esperança de que não tivesse excesso de confiança. Ser demasiado confiante num campo da morte podia revelar-se uma forma de alucinar para afastar a realidade. Se outra pessoa descobrisse os meus cinquenta dólares, estaria morto.

No dia seguinte, fui ter com o *Stubendienst* depois do trabalho. Ele apresentou-me a Morris, o Hasid. Morris fora ladrão em Lodz, mas em Birkenau era um respeitado preso sénior. Sentia um

formigueiro na coluna, a bexiga a pulsar e o suor a jorrar. Se não resultasse, a minha esperança de vida era curta. E o que os impedia de me roubarem apenas o dinheiro?

– Talvez me possas ajudar – disse a Morris, com uma voz quase rouca do medo. – A situação é a seguinte: tenho cinquenta dólares americanos. Gostaria de receber um trabalho bom com o checo, um pão, alguma margarina, um salame e quinze dólares em troca.

Morris concordou com a cabeça.

– Está bem, vem ter comigo amanhã. Falo com o checo hoje à noite.

Fui de novo para a cama esperançoso. Mas qualquer coisa podia correr mal.

Fui ver Morris no dia seguinte. O truque do carrinho de mão e da vassoura voltou a resultar, e perdia mais horas no caixote do lixo. Morris não sabia de nada disso. Olhava para mim, pensativo.

– Falei com o checo – disse Morris, sem emoção na voz. – Tudo o que disse foi «vamos ver». Vem ter comigo amanhã à noite.

Fui-me embora e senti o meu coração a pairar. Se o truque funcionasse apenas mais um dia, pensava que o negócio aconteceria. O checo não conseguia lutar contra Morris. Morris controlava a comida, e isso significava que todo o salame extra, pão, qualquer coisa extra que o checo quisesse comer, Morris podia dar-lho – ou não. Morris tinha uma reputação de fazer bem por pessoas que fizessem bem por ele.

De manhã, Frank e eu acenámos aos SS e aos agentes da Gestapo, como de costume. Quase corremos de volta ao sítio onde deixávamos o equipamento, e depois mergulhávamos no caixote do lixo, limpando larvas da comida e procurando por algo que não estivesse coberto de bolor. Não contara a Frank sobre a nota de cinquenta dólares.

Nessa noite, o meu corpo sentiu-se como se fosse líquido. Tentei durante todo o dia não pensar em Morris. Não podia pagar o luxo da esperança, mas ofereci várias preces. Quando fui finalmente ver Morris, o seu rosto esguio abriu-se num sorriso.

– Temos negócio – disse. – Dá-me os cinquenta dólares.

Pus a mão no forro das calças para tirar a nota, que enrolei numa bola mais pequena do que um comprimido. Dei o dinheiro a Morris. Ele levou-me até um saco pequeno nos abrigos do canto. Nele, estava um pão de forma, uma barra de margarina e um salame bulboso. Deu-me também quarenta *reichsmarks* trocados. Olhei para a moeda. Tudo o que fosse alemão era considerado inútil, porque tinha sido desvalorizado frequentemente.

– Não posso ficar com a moeda alemã. Não serve para nada. Preciso de dólares – disse, olhando-o nos olhos. Sentia-me frenético. Ele sentia a minha hostilidade e o meu desespero.

Olhou para mim sombriamente e disse com alguma impaciência na voz:

– Olha, acabei de te dar comida e um bom trabalho. Vais comer, não tens de ir para o exterior do campo, e não serás tão agredido. Não há nada mais importante aqui. Nada.

Ele tinha razão. Não havia nada que eu pudesse fazer. Encolhi os ombros e pus os *reichsmarks* no bolso. Dei algumas mordidelas na margarina, no salame e no pão, e escondi-os. Tinha de me livrar da comida, porque qualquer pessoa que a cheirasse roubá-la-ia. Dei o resto da comida ao Frank e ao Noah – que me estava sempre a pedir conselhos –, e também ao Morris, e a mais cinco ou seis pessoas.

– Rapazes, vá. Tenho uma coisa – disse-lhes.

Já o tinha fatiado para o poder esconder. Puxei o salame e a margarina para fora das calças e da camisola.

– Como conseguiste? – perguntou-me um deles.

– Não faças perguntas – respondi, com alguma impaciência na voz. – Vou trabalhar dentro do campo.

– E nós?

– Estarão lá em breve.

– O que aconteceu?

– Um tio da América enviou-me uma coisa. Agora vão comer para algures. Se alguém vos apanha, rouba-vos – sussurrei.

Esconderam-se atrás de esquinas e dos beliches, e em cinco minutos desaparecera tudo. Guardei duas fatias para mim.

No dia seguinte, mudei-me para o Abrigo 8. Não havia muito para mudar, apenas eu e os meus bolsos vazios. Disse adeus ao Frank. Não podia contar-lhe como se dera aquela mudança de sorte. Senti que ele podia fazer algo estúpido, e se alguém descobrisse, eu podia sofrer. As pessoas transformavam-se em animais.

Tive de o abandonar entretanto. Eu agora tinha um trabalho fixo e ele teria de aprender a sobreviver sozinho. Via que estava feliz por mim, mas aterrorizado.

Estávamos no fim de 1943. Cheguei ao novo trabalho a sentir que me libertara e que a vida seria mais fácil. Puseram-me a trabalhar com uma marreta a partir pedras tão grandes quanto barris. Os pedaços de pedra eram encaixados para construir estradas para o hospital.

Pelo menos estou a escapar às varreduras. Se tivesse de continuar a usar o truque do carrinho de mão, eles descobririam eventualmente, e eu acabaria no crematório. Pelo menos estou a salvo de momento, pensei, mas não podia deixar de me preocupar com o Frank.

Descobri que o nosso *Kapo*, o assassino checo, andava com uma cana porque tinha uma hérnia dupla. Embora fosse coxo, a cana servia também como arma. Ele sentava-se num pequeno reboque com uma chapa de cozinha e um radiador. Tinha também uma janela por onde olhava para nós. Alguns de nós estávamos sempre demasiado exaustos para trabalhar. Deitavam-se, com os braços e as pernas esparramados como borracha.

Quando o checo via isso, saltava da cabana mancando, e ato contínuo movia-se rapidamente na direção do ofensor. Levantava a cana e batia, usando um punho redondo e grosso de latão na ponta que rachava a cabeça. Ao bater, a cana emitia o som de um chicote. Volta e meia, ouvíamos um baque surdo, quando a cana atingia a cabeça de alguém, talvez até o nariz ou os olhos – vezes sem conta. Víamos o sangue a fluir da cabeça da vítima, deixando um

trilho semelhante ao de uma cobra. Às vezes o agredido morria com o crânio desfeito, com os olhos tão protuberantes que o branco parecia bolas de golfe.

Todos os dias, três ou quatro rapazes eram agredidos, e o sangue fluía, enquanto o checo levantava a cana e chicoteava com uma raiva que não seria de esperar de alguém que parecia tão velho. Embora ele andasse pelos quarenta e cinco anos, parecia o avô de alguém. Tinha talvez um metro e sessenta e sete, era magro, e o rosto, de tão branco, parecia drenado de sangue.

Vestia-se como se fosse a um funeral: chapéu de malha pesado sobre o cabelo preto e roupas pretas. Estava sempre muito direito, embora a hérnia o fizesse dar passos cautelosos. A história rezava que, quando os alemães invadiram a Checoslováquia, o encontraram numa prisão. Como muitos outros, tinha um bilhete de saída: agredir e matar judeus. Desde que fizesse o trabalho, os alemães ficavam felizes, e ele comia e dormia bem.

Felizmente, eu não era agredido de todo. Em primeiro lugar, percebi que se estivesse a noventa metros do outro lado do local de trabalho, com cento e vinte pessoas no grupo entre ele e eu, os checos, não me veriam bem. O local tinha cerca de oitocentos metros quadrados, com várias ruas no interior. Quando ele cambaleava do pequeno reboque, tentava manter ainda mais pessoas entre ele e eu.

Havia outra razão pela qual não era agredido – descobri logo como partir pedras. Na quinta, aprendi a calcular a maneira mais rápida de fazer um trabalho. Agora, descobria depressa que cada rocha tem um veio que, se fosse batido, fazia a rocha explodir. Fazia-o melhor do que qualquer outro. A maioria balançava os martelos e conseguia apenas lascas pequenas, enquanto as minhas rochas se transformavam em pedaços e pedrinhas com uma martelada.

Muitos rapazes notaram, e mostrei-lhes o truque de bom grado. Sentia pena deles. Eu mostrava às pessoas que trabalhavam perto de mim como agarrar no martelo para obter a máxima força e como

encontrar o veio. Depois, essas pessoas mostraram a outras. Em breve, toda a gente no nosso grupo de trabalho sabia como partir rochas. Descobri que o checo sabia que eu era o responsável por aquela explosão de produtividade, e estava satisfeito.

Devido ao meu tempo em Majdanek e noutros grupos de trabalho, aprendi como me manter em movimento para não parecer cansado ou doente. *Continua a mexer, faz alguma coisa, algo que pareça que estás a trabalhar para que ele não te bata*, dizia repetidamente.

Mas estávamos todos cansados, senão exaustos. Às vezes, um dos rapazes sentia-se demasiado esgotado para se mexer, nervoso pela possibilidade de o checo lhe poder bater até à morte. Reparei que um homem chamado Josef me prestou atenção, seguia as minhas ideias, e começou a pedir-me conselhos. Josef era um gentio polaco, sossegado e bem-comportado, e eu não o achava antissemita. Ele trazia um pouco de comida de casa, embora os pais fossem pobres. E partilhava-a de boa vontade comigo, sem importar o quão pouca era. A comida era geralmente desidratada, para prevenir o bolor, e era difícil de mastigar. Ainda assim, era comida. Eu estava a aprender a confiar nele. Mais tarde, ele iria ajudar-me a executar um plano arrojado.

Durante este tempo, reparei em Max Stein, o secretário do checo. O trabalho dele era garantir que o grupo de trabalho atingia sempre os cento e vinte. Se as pessoas fossem apanhadas por seleções, ficassem doentes e as levassem para as câmaras de gás, ele tinha de encontrar substitutos. Notei que Max, como eu, tentava não estar muito ao pé do assassino.

Os rapazes iam constantemente pedir conselhos a Max. Era um homem bonito, uma grande personalidade. Era um convertido. Os pais tornaram-se católicos, e ele sabia pouco sobre o judaísmo. No entanto, o facto de ter nascido judeu fora suficiente para os nazis o mandarem para Birkenau. Ele nunca praguejou nem bateu em ninguém, tentava apenas acompanhar a mão de obra. Questionei-me sobre se me ajudaria tornar-me amigo dele.

Max já reparara em mim. Uma vez que estivera perto do assassino, ouvira Max dizer: «Este miúdo Joe é o melhor. Ele mostra às pessoas como trabalhar, está sempre limpo, faz o trabalho dele.»

Fiquei em êxtase. Tinha a sensação de que havia algo de especial em Max. Fiquei feliz por ele gostar da maneira como mantinha o moral e a produtividade em alta. Dois dias depois, Max atravessou propositadamente o local de trabalho para falar comigo.

– De onde és, Joe?

– Polónia – disse, usando a resposta concisa que todos os prisioneiros aprenderam a usar. Dizer mais do que o absolutamente necessário a alguém que mandasse podia significar trair segredos que não querias trair.

– Sou da Polónia. Vivi em Cracóvia.

Ele fez-me mais algumas perguntas – como estava e quando fora parar ali. Depois foi-se embora.

Alguns dias depois voltou.

– Quero perguntar-te como vieste aqui parar – disse ele, com os olhos a não traírem nada além de curiosidade. Não podia imaginar porque estava ele tão interessado.

Contei-lhe que trabalhara numa quinta, fora capturado, estivera na destilaria, e que depois fora apanhado numa seleção maciça. Não lhe contei sobre ter estado com os guerrilheiros. Esse era um segredo perigoso até mesmo ali.

Max não estava satisfeito com uma resposta curta. Ele insistia:

– E depois? E depois?

Passados alguns minutos, deixou-me, mas sabia, com os meus instintos de sobrevivência afiados para sobreviver a Birkenau, que Max tramava alguma, embora não imaginasse o quê.

Depois disso, Max passava por mim frequentemente durante o trabalho. Não dizia muito, apenas acenava com a cabeça. Um dia, puxou-me à parte. Queria saber mais sobre onde trabalhara no campo. Onde estiveste? Trabalhaste no hospital? Nos abrigos? Tinha uma espécie de olhar irónico, mas ao mesmo tempo sério.

– Quero falar contigo sobre como conseguiste chegar tão longe – disse ele.

Contei a Max de novo sobre o trabalho na quinta, e como substituíra o meu pai no inverno porque o amava. Sobre o dia em que a família da quinta ao lado fora assassinada. Continuei sem lhe falar dos guerrilheiros. Disse-lhe apenas que corria pela floresta.

– Quer dizer que não te juntaste aos guerrilheiros polacos ou judeus? – perguntou, com olhar severo.

Eu não queria responder, mas não via forma de escapar.

– Não exatamente – respondi.

– Outros guerrilheiros?

Respirei fundo.

– Bom, havia russos na floresta. Dei-lhes comida quando estava na quinta. Quando estive na floresta, eles ajudaram-me. – Não lhe contei que os russos eram guerrilheiros.

Durante cerca de duas semanas, Max teve imensas conversas comigo, pressionando-me para lhe dar mais detalhes. Finalmente, parou de perguntar e começou a trazer-me um pedaço de pão ocasional.

Porque está este homem tão curioso sobre mim? Algo se passa, mas vou descobri-lo, pensei.

Entretanto, tive finalmente a oportunidade de ajudar alguns amigos. O checo forçava para ter as estradas prontas. Um dia, Max veio ter comigo e perguntou-me:

– Conheces alguém? Pessoas que trabalharão arduamente como tu?

– Conheço várias. Estão em trabalhos maus, muito maus. – Escolhi Frank, Noah, Hymie e Nuftul. Dias depois, consegui que Morris Tisch e outros dois homens fossem transferidos para o nosso grupo.

Mais tarde, Samuel, que notara que Max conversava muito comigo, perguntou-me o que se passava. Disse-lhe que, verdadeiramente, não sabia. Samuel e o filho estavam no grupo do checo há mais tempo do que eu. Ele era um homem alto com cara

esguia e amigável, e o filho parecia-se com o pai. Eram boas pessoas. Sondei-os, mas eles também não faziam ideia.

Cerca de uma semana depois, Max queixava-se a mim do assassino.

– Não posso fazer muito com ele, Joe. Tento apenas manter-me o mais longe possível dele.

Um plano começou a formar-se. Era ousado, e precisaria de muito boa ajuda. Samuel e o filho eram os ajudantes perfeitos, mas não tinha a certeza de que aceitariam. Vários dias depois, Samuel abordou-me:

– Joe, és perito em manter as pessoas fora de sarilhos. Aquele sacana do assassino vai matar-nos a todos. Tens ideia de como nos aproximarmos dele para que possamos evitar ser agredidos até à morte?

Era a minha altura. Já tinha o plano, e agora Samuel queria ouvi-lo.

– Tenho uma ideia – disse. – Não sei se funcionará, mas vamos tentar. Pior, não podemos ficar.

– O que tens em mente, Joe?

O plano era simples: encharcá-lo de bondade. Era uma pessoa amarga. Percebi que não saberia o que fazer se as pessoas de quem ele abusava, de volta, o tratassem bem. Pensei em Michalek, o antissemita na destilaria. Vi a partir dessa experiência que, se tratasse bem as pessoas, elas tratar-me-iam bem. O assassino era mais duro do que Michalek, mas valia a pena experimentar.

Sabia que o resto do grupo não ia pensar que me virava contra eles ao bajular o checo. Eu era tão amigável com toda a gente, as pessoas gostavam de mim e respeitavam-me. Sentia que, embora estivéssemos a passar por maus momentos, tinha de manter alguma humanidade.

– Ele tem uma deficiência – sussurrei ao ouvido de Samuel. – Não consegue apanhar lenha quando está frio, por isso vamos buscar-lhe lenha. Damos-lhe água fresca. Um homem daquela idade, com uma hérnia dupla, precisa de ajuda. Não pode fazer

muito. Além disso, ele quer manter este grupo unido para continuar como *Kapo*.

Samuel concordou.

Executámos o plano por fases. Primeiro, carreguei a água para o checo num balde pequeno. Depois, através de um amigo de Samuel, encontrei algumas batatas na cozinha. Quando dei a água ao checo, os olhos dele arregalaram-se. Ofereci-me para lhe ir buscar lenha para o fogão. Ele pareceu surpreso, mas agradado. Abanou a cabeça em assentimento.

Uma semana depois, perguntei ao assassino se gostaria de um corte no cabelo. Tinha um par de tesouras para cortar o cabelo das pessoas. Depois usavam as tesouras para cortar o meu. Ele acenou com a cabeça. Custava-lhe agradecer-me. Abanava a cabeça de um modo que dizia: «Parece-me bem.» Comecei a cortar-lhe o cabelo. Por esta altura, já não suspeitava tanto de mim.

Enquanto lhe cortava o cabelo, vi que era limpo e brilhante. Queria mergulhar a tesoura na garganta dele, mas resisti. Pensava em Michalek, e continuava a cortar e a pentear.

Duas semanas depois, Samuel e eu perguntámos ao assassino se lhe podíamos arranjar sopa. A nossa área de trabalho fora ampliada. Além de partir rocha, levávamos comida da cozinha do campo principal em caldeiras de aço inoxidável para os pacientes do hospital.

Enquanto estávamos no hospital, Samuel e eu enchíamos os bolsos com batatas, e levávamos as suficientes para dar algumas ao assassino e a muitos dos nossos amigos no grupo.

– Vamos pôr as batatas atrás das pilhas de cadáveres – disse a Samuel. – Ninguém vai encontrá-las lá.

A pilha correspondia a locais de trabalho longe de Birkenau, incluindo as minas, onde os corpos eram despejados. Os cadáveres eram empilhados até os camiões os retirarem. Não era um lugar onde alguém se voluntariasse para ir. Portanto, esconder comida ali fazia sentido. Embrulhámos as batatas em papel de jornal, e

colocámo-las atrás de um cadáver que tinha um sorriso particularmente horrível.

A pilha correspondia a uma montanha com corpos, tinha cerca de dois metros de altura, talvez setenta e seis de comprimento, e trinta de largura. Os cadáveres estavam comprimidos como arenques, e as moscas juntavam-se em enxames negros reluzentes. O odor, sobretudo no verão, era rançoso, exigindo um lenço ou um pano sobre o nariz para prevenir o vômito. Às vezes vomitava-se mesmo. Os cadáveres não se importavam. Nunca se queixavam.

No dia seguinte, recuperámos algumas batatas e levámo-las à cabana do assassino. Na placa elétrica, fiz-lhe sopa de batata, que se tornou a sua favorita. O assassino sorria-me um pouco, com os cantos da boca a enrugar-se.

A língua checa era semelhante o suficiente à polaca para podermos falar um pouco. «Obrigado, obrigado, obrigado», dizia enquanto eu ficava na cabana dele meia hora, a fazer sopa e a limpar. Ao sair, deixava-lhe água quente para se lavar mais tarde. Depois, começámos a fazer-lhe chá e a roubar mais comida da cozinha para ele.

Semanas depois, Samuel, o filho dele e eu passámos a engraxar os sapatos do checo e a limpar o pequeno chuveiro que ele tinha na cabana. Um mês depois, tratávamos-lhe da roupa. O checo costumava lavar a roupa para ter sempre um par a mais de calças, camisolas e roupa interior. Agora, um de nós os três lavava-lhe a roupa de sobra, e pendurávamo-la numa corda sobre a chapa elétrica para a secar.

Cada necessidade de que nos lembrássemos, providenciávamos-lha. Pensei que, com tantos confortos na cabana, não queria sair dela, por isso não ia andar por ali a bater nas pessoas até à morte.

Notei que a campanha funcionava: as pessoas estavam esparramadas no trabalho. Toda a gente sabia que o checo bateria em qualquer um que não trabalhasse; agora não acontecia nada. Contei aos outros sobre a nossa campanha, e eles podiam ver que resultava.

No entanto, estávamos a ficar sem estrada onde trabalhar. O nosso grupo corria o risco de ser dissolvido, e a maioria seria gaseada, e o checo não seria um *Kapo*. Alarmado, puxei Max à parte.

– Max, temos um problema. Não há trabalho suficiente. Se não tivermos trabalho, sabes o que vai acontecer. O que fazemos?

Max acariciou o rosto durante alguns momentos. Eu acreditava que ele era um homem esperto. Agora, ele confirmava as minhas suspeitas.

– Tenho pensado nisso. Mas deixa-me falar primeiro com o checo.

No dia seguinte, o checo conversou comigo à parte.

– Tu e os outros rapazes tentem encontrar alguma tarefa no hospital – sussurrou. – Estiquem o trabalho das estradas o máximo que puderem. Continuem a mexer-se, e não pareçam que não estão a fazer nada, ou serão agredidos. Entretanto, limpa os abrigos, trabalha no hospital, mantém-te ocupado.

Havia agora outra razão para o checo não nos bater nem tão amiúde nem com tanta força, embora esteja convencido de que sofrera uma sincera mudança no coração. Ele batia-nos para que o trabalho acelerasse, mas agora queria atrasá-lo. Espalhei rapidamente a palavra – o checo deixava-nos fazer praticamente qualquer trabalho, desde que estivéssemos ocupados, porque assim continuaria a ser *Kapo*.

Vários dias depois, materializou-se outra oportunidade para reduzir os espancamentos. Andava a olhar para o número na minha camisola, e a estrela judaica tornava-me um homem marcado. Conhecia os guardas, os *Kapos*, toda a gente que se considerava acima de mim, embora eu fosse um alvo para cada insulto que passasse pela sua mente.

Apesar de a raiva do checo estar agora domesticada, continuava a ser agredido regularmente. Ajudaria alterar um pouco a minha identidade. Tinha cabelo loiro e olhos azuis. Era bem-comportado e

não gritava nem praguejava. Pensei que as pessoas assumiriam que eu era um gentio se não tivesse a estrela judaica à mostra.

Numa noite, olhei para a camisola de prisioneiro. Voltei a coser o meu número por cima do bolso do lado esquerdo, mas longe dos botões, junto à axila. Se conseguisse encontrar roupa com lapelas largas, estas quase cobririam o número.

Havia muitas lapelas largas disponíveis. Engenheiros, advogados, médicos, usavam-nas, pois estavam na moda. Essas pessoas tinham muita educação, mas não trabalharam em quintas nem lutaram com os guerrilheiros. Não aprenderam a arte de sobreviver a mais um dia. Portanto, via-as morrer à minha volta nos abrigos. Constatei que a insígnia deles estava tapada, mas o número não. No dia seguinte, pela porta do abrigo, vi os cadáveres de quem morrera durante a noite. Tínhamos de encontrar trabalho, por isso carregámos os corpos para a pilha. Um apresentava o rosto amarelo enrugado e não tinha dentes, mas usava um casaco de lapelas largas mais quente do que o meu.

Nem sequer tive de me prevenir de vomitar. Tirei-lhe o casaco com uma mão. Com as lapelas largas, passei a ser agredido com metade da frequência. Os alemães, no entanto, ainda me batiam. Sabiam quem eu era.

As agressões não me impediam de procurar outros trabalhos, como o checo nos dissera. Sabia que o hospital tinha os melhores trabalhos, por isso comecei a ajudar a levar panelas de sopa até lá. Os *Stubendiensts* tiravam conchas de sopa. Depois, quando carregávamos a panela de volta para a cozinha, dobrava-me e tirava o que sobrava com os dedos. A postura não era elegante, mas arranjava sopa.

Obtinha mais comida quando limpávamos os pertences dos mortos. Deixavam pacotes que continham pão de centeio – era rijo mas comestível. Quando conseguia um pedaço de pão ou batata ou quaisquer sobras que encontrasse, saía do hospital, embrulhava tudo em papel de jornal, e punha-o atrás da pilha de cadáveres. Os olhos mortos e os sorrisos vazios nos rostos amarelos de doença,

ou pretos e azuis dos espancamentos, ou ambos, nunca me incomodaram.

Ninguém encontrava a comida ali. Depositava-a entre cadáveres, e depois tombava outro cadáver sobre ela. Sabia exatamente onde ficava, mas era impossível que outra pessoa a descobrisse. Se não a escondesse, roubá-la-iam, por isso imaginei que os mortos me estivessem a fazer um favor.

Recuperava a comida por volta das dezasseis e trinta. O Samuel e eu comíamos-la, junto com outros amigos. Eu dava sempre muito do que arranjava. Gostava do trabalho na cozinha, era limpo, não me agrediam, e podia roubar sopa das panelas. Comecei também a carregar cadáveres dos camiões para a pilha.

Além disso, ajudava com os mineiros. A cada dois dias, os alemães levavam homens esgotados das minas e deixavam-nos na ponta mais afastada do campo, perto da pilha de cadáveres. Apropriadamente, ali era o fim da linha, cercado de tábuas. Ajudávamos alguns mineiros a descer, outros caíam, e outros saltavam. Havia um camião para cada mina. Os alemães esperavam até ser tarde, e depois eu e os outros, incluindo Frank, ajudávamo-los a ir para os camiões para serem gaseados.

Cerca de um quarto do tempo ocupava-o nas estradas, e talvez em quinze por cento ajudava com os mineiros. Mas trabalhava sobretudo à volta do hospital – um conjunto de edifícios que se assemelhavam a uma pequena aldeia. Mengele tinha o gabinete perto das enfermarias.

Uma tarefa de hospital particularmente depressiva era o *Schrott*. *Schrott* significa sucata. Eu e outros tínhamos de mover os doentes que as enfermeiras e os médicos consideravam em estado terminal até aos abrigos, para ali morrerem. Muitas vezes morriam antes de os movermos, por isso levávamo-los diretamente para a pilha.

Não importava o quão nojentas eram as nossas tarefas, precisávamos de comer. Procurávamos no hospital cascas de batata sujas. Não havia água disponível, por isso não eram lavadas, e mandavam-nas para o lixo com terra agarrada. Continuava a

vasculhar o lixo, junto com o Frank, o Hymie e o Nuftul. Descobrimos que podíamos comer os ossos macios das galinhas ou dos porcos. Os pacientes comiam a carne, e depois os ossos eram deitados no caixote. Gostávamos também de cascas de maçã e da ocasional cabeça de peixe.

Às vezes conseguíamos comida intocada. No hospital, normalmente, os pacientes eram os *intelligentsia*: padres, médicos, advogados, engenheiros... Conseguíamos perceber quem eram os padres. Falávamos com eles, dávamos-lhes água e algumas migalhas, e depois começavam a falar sobre Deus.

Aquelas pessoas tinham vivido vidas delicadas e não aguentavam as dificuldades de um campo da morte. Mas tinham pacotes de comida, por isso dizíamos-lhes que lhes íamos buscar água, mas em troca de comida.

Tratava-se de água da chuva conservada em barris que se encontravam no exterior do hospital. Na verdade, os barris destinavam-se para os doentes urinarem lá dentro, mas estes estavam acamados com tifo, pneumonia, e outras doenças, e urinavam na cama. Por essa altura, quando oferecíamos água, os pacientes não tinham muito para trocar. Normalmente só um pedaço de pão, talvez um pouco de sopa. Alguns ofereciam um cigarro.

Os abrigos do hospital eram tão grandes quanto os abrigos normais, mas com menos pessoas. Os pacientes estavam demasiado fracos para subir aos beliches, por isso havia apenas uma cama por espaço. As enfermarias por si só eram sinistras, envoltas num silêncio quase mortal. Os pacientes nem forças tinham para gemer ou chorar. Ficavam à espera da morte.

No verão, os três médicos que Mengele treinava dissecavam corpos de gentios – não consideravam tocar em judeus nem em ciganos –, durante uma ou duas horas por dia, para aprenderem anatomia. As mesas de autópsia eram no exterior, frente ao gabinete de Mengele. O checo estava nervoso porque o nosso trabalho escasseava. Vi que as mesas de autópsia ficavam bem longe da cabana do checo.

Os alemães odeiam o desleixo e a bagunça. As autópsias são sujas e têm um odor que enche o ar e não se dissipa. Adorariam que lhes tratassem dessa bagunça, pensei.

Era uma bagunça. Os cadáveres eram cortados em pedaços. Havia pilhas deles nas mesas de madeira, que tinham cerca de três metros e meio de comprimento e um metro e vinte de largura, salpicadas com numerosos entalhes manchados de sangue. Pensei que usaria uma escova rija para esfregar o sangue.

Contei o meu plano a Josef, o gentio polaco. Ele continuava a partilhar a comida, e eu pensei que podia confiar-lhe o meu plano. Além disso, precisava de ajuda com os cadáveres. Trabalhara com Josef nas estradas. Após conversarmos, começámos imediatamente a limpar as mesas de autópsia, situadas a cerca de noventa centímetros da janela do gabinete de Mengele. Sabia que ninguém iria contestar.

Tratava-se de um trabalho difícil. O odor a podre de braços, pernas, fígados e cabeças do que antes eram seres humanos causava-me náuseas repeditamente. Mas não podia arriscar que os alemães pensassem que não conseguia fazer o trabalho. Enfiava as partes dos corpos em sacos de papel à prova de água, e depois punha-os na pilha de cadáveres. Era excelente neste tipo de tarefa – um perfeccionista. Aliás, quando me meto numa tarefa de limpeza, o que limpo sai a brilhar, sempre perfeito.

Dias depois de Josef e eu começarmos a esfregar as mesas de autópsia, os jovens médicos elogiaram-nos, em alemão. Depois ouvi-os a falar com Mengele sobre o quão fabulosos éramos.

Passaram-se alguns dias. Um alemão magro num uniforme particularmente brilhante foi ter connosco enquanto esfregávamos. Estivera a olhar pela janela do gabinete, observando a zona de autópsias.

Eu sabia que era Mengele. Através de Max Stein, aprendera muito sobre ele. Um dos amigos de Max era o seu secretário. Um dia, Max mencionou o «Anjo da Morte.»

– Tem cuidado com a tua vida ao pé desse homem – dissera Max. – Balear-te-ia sem pestanejar. – Agora o monstro em pessoa estava quase colado a mim.

– Limpem as janelas, arrumem o gabinete, lavem o chão, engraxem as minhas botas e as dos meus três médicos. Esvaziem os lixos – ordenou em alemão.

Entendi-o, mas eu não queria que ele soubesse que eu compreendia a língua dele. Fingi-me de estúpido e respondi-lhe em polaco. Pôs-se a pantomimar. Basicamente, fiz com que Mengele agisse como um fantoche a tentar mostrar-me o que queria que fosse feito. Adorava a sensação de o fazer passar por estúpido, mas sabia que não devia abusar da sorte. Fingi que a pantomima dele funcionara.

– *Jawohl, jawohl* – disse-lhe. Toda a gente no campo sabia que *jawohl* significava «sim» em alemão, por isso não estava a demonstrar o meu conhecimento profundo da língua.

Eu sabia que aquele jogo era perigoso. Queria manter-me ocupado, e permanecer no hospital, para poder apanhar algumas migalhas de comida. Aquele era um trabalho fixo, pelo menos. De certa forma, escolhi deliberadamente trabalhar para Mengele. Eu tinha um certo charme, bem como o meu amigo Josef. Eu era bom a adivinhar o que ia na mente de uma pessoa e o que faria de seguida.

– Não tenho medo de Mengele – disse a ninguém em particular. – Ele está aqui para nos matar. Vou morrer de qualquer maneira. Uma vez que tenha isso aceite, o que me pode fazer?

Era outubro de 1943. Quatro meses após ter sido levado para Auschwitz-Birkenau para construir o campo da morte, trabalhava para Josef Mengele, o próprio. Nos dezoito meses seguintes, em 1943 e 1944, trabalhei para ele. Durante vários meses, cumpri os mesmos deveres básicos que me ordenou no dia em que me chamou e a Josef para o seu gabinete. Limpei as janelas por dentro e por fora, limpei o pó, lavei o chão, engraxei-lhe as botas para que brilhassem. Lavei também o telhado e as paredes dentro e fora do

gabinete. As autópsias terminavam por volta das catorze. Depois ainda limpava os abrigos e carregava os mortos para a pilha.

Mengele falava num ritmo lento e deliberado. Ainda assim, sempre que ele, ou os médicos, ou qualquer dos alemães, me chamava na língua deles, eu agia confusamente. Falavam-me em polaco *pidgin* quando me queriam dizer alguma coisa. Caso contrário, dirigiam-se-me em alemão, como se não fosse nada.

Comecei a gostar dos médicos que Mengele treinava. Eram jovens e ingênuos. Não nos batiam nem praguejavam. Quando chegávamos, davam-nos os bons-dias. Os jovens médicos usavam uniformes militares alemães. Eles e Mengele eram cordiais. Mengele apontava para a mesa ou para as janelas do gabinete, ou para o que quisesse limpo, e nós cumpríamos. Quando acabávamos, ele dizia: *Danke schön*.

No entanto, os três assistentes não falavam muito, nem comigo nem com ninguém. Para eles, um judeu tinha quase o mesmo valor que um rato. Na verdade, um rato tinha mais hipóteses de sobreviver porque se podia esconder.

Josef e eu começámos também a garantir tarefas no hospital. O checo, querendo muito permanecer *Kapo*, deixava-nos ser nomeados para o hospital. A parte boa era que todos os médicos e estagiários gostavam de nós. Éramos asseados, tínhamos a barba feita, e não cheirávamos mal. Como contrapartida, mostravamo-nos cordiais, e parecíamos arianos. Fazíamos o trabalho sem comoção. Agradeciam-nos, embora nunca nos dessem comida.

Continuávamos a levar sopa ou água aos doentes. E também a carregar os mortos do hospital ou de onde calhasse. Os outros cadáveres vinham diretos das mesas de autópsia de Mengele. Esses eram empilhados à parte. Tínhamos de meter os cadáveres desmembrados em sacos separados – para pernas, pulmões, fígado e estômago. Esses corpos eram tão leves que não era difícil movê-los.

Sabíamos quando era a hora de limpar as mesas. Passávamos pelos médicos várias vezes durante a tarde, para determinar quando

acabavam. Tínhamos de ser rápidos, porque as moscas aglomeravam-se à volta dos corpos quase de imediato.

Não importava de onde vinham os corpos, tínhamos de os carregar para a pilha. Uma vez por semana, chegava um camião. Depois despejávamos os cadáveres, inteiros ou nos sacos, nas traseiras.

Isto é um bom trabalho, pensei. Recebo um pedaço de pão e escondo-o sob pessoas mortas. Ninguém me bate, e os médicos, incluindo Mengele, são bons para mim.

No entanto, o Pai e as suas boas graças eram a comodidade mais valiosa. Todos nós que trabalhávamos dentro ou à volta do hospital tínhamos uma razão para agradecermos pelo Pai. Tinha a constituição de um barril atarracado, com cerca de um metro e cinquenta e dois, e cento e dez quilos, com mais papada do que um buldogue. Tinha apenas quarenta e cinco anos e era uma das pessoas mais doces. Os braços rechonchudos estavam sempre à volta de alguém, de tão bondoso que era. Andava pelo campo o dia todo, a olhar pelas pessoas.

– Afastem-se dos arames – dizia-nos. Ou: – Sei que têm fome, mas serão agredidos. Tenham cuidado – aconselhava.

O Pai era um socialista e não acreditava em ditaduras, nazis ou outras. Devido a essa heresia, os alemães mandaram-no para a prisão. Ele usava o distintivo vermelho de preso político. Era também alemão e médico. Na verdade, ele e Mengele andaram juntos na escola.

O Pai administrava o hospital por Mengele. Via-o falar imenso com ele. Quando conversavam, Mengele acenava com a cabeça enfaticamente, e por vezes até tocava ao de leve no Pai. Era evidente que Mengele tinha um respeito e afeição consideráveis por ele.

O Pai levava ali uma boa vida. Tinha quarto próprio e, pelo que demonstrava o seu peso amplo, bastante comida. Era basicamente responsável por garantir o funcionamento do hospital.

Tinha razões para não pôr em risco a sua situação, mas fazia-o. Era um homem amável que olhava sempre por quem trabalhava no hospital, garantindo que não nos batiam.

Passado um tempo, reparei que o Pai, o secretário de Mengele e Max se encontravam com brevidade algumas vezes por semana. Na primeira vez que notei, a reunião demorou cerca de dois minutos.

Deus, o que poderá ser isto? Algo se passa, e é claramente suposto ser um segredo, pensei.

Depois, apercebi-me.

Meu Deus. Talvez estejam com a resistência.

TERCEIRA PARTE

Pé Ante Pé Numa Lâmina: o
Underground e Mengele

Capítulo Catorze

CURA COM FACA DE MANTEIGA

Normalmente o domingo era um dia de folga, por isso as pessoas podiam visitar-se ou conversar. Mas certo domingo, os *Stubendiensts* e o preso sénior do campo apareceram e disseram: «Hoje não vão a lado nenhum. Têm de ficar aqui.»

Olhámos uns para os outros, amedrontados. Agora os alemães cortavam-nos o único dia de descanso, e tínhamos a certeza de que não era para nos darem rebuçados. Pelas onze da manhã, os *Stubendiensts* e o preso sénior voltaram. Desta vez, mandaram-nos tirar a roupa e fazer filas de cinco pessoas.

– Os que forem seleccionados, serão gaseados hoje à noite – disse-nos o preso sénior.

Senti os joelhos a tremer, embora tentasse não deixar escapar nenhuma emoção.

A primeira vez foi como as muitas que se seguiram. A seleção decorria durante três horas. Os judeus – os não judeus não passavam por seleções – tinham de formar filas no exterior, cinco lado a lado. Seiscentos a setecentos dos mil homens nos abrigos eram judeus. Tínhamos de nos despir e deixar a roupa no chão. Até no inverno deveríamos permanecer uma hora em temperaturas muito abaixo de zero. Num gesto que Mengele considerava compaixão, às vezes deixavam-nos ficar com os sapatos calçados.

Desta vez, como ocorria amiúde, cada fila de cinco tinha de dar um passo em frente para um espaço a noventa centímetros dele, com os antebraços esticados para mostrarmos os números tatuados. Mengele apontava o dedo àqueles que seleccionava. O secretário, ao seu lado, empunhando uma caneta e uma prancheta,

apontava rapidamente os números. Passaram pelo nosso abrigo em minutos.

Após ter passado, todos nós caímos. Mengele fora tão rápido que nem tínhamos a certeza de quem escolhera para morrer, mas estávamos preparados. No fim de contas, não era como se alguém tivesse cancro ou problemas de coração e estivesse a escondê-lo. Tínhamos sido enviados para Birkenau para morrermos.

– Toda a fome e os espancamentos, e agora temos de lidar com isto – gemeu Nuftul.

Eu sabia; todos sabíamos: iríamos morrer. Mas nunca sabíamos quando ou como. O *suspense* juntava-se à agonia. A resposta nessa tarde chegou quando ouvimos o ranger das engrenagens do camião no exterior, e o *Stubendienst* chamou:

– Estes números avancem e alinhem-se.

Chamou os números. Começámos a tremer das mãos e a abraçar os que seriam gaseados. Tinham de se mover rápido, por isso abraçar os amigos e os companheiros deveria ser breve. Foi essa brevidade que doeu tanto. Tão rápido, e depois foram-se.

Olhámos uns para os outros com olhos vazios e desesperados.

– Deus nos livre que o mesmo nos aconteça da próxima vez. Ou da seguinte. Nunca sabemos quando, mas está a chegar – disse.

– Talvez seja o melhor para eles – respondeu alguém, com um chiar engasgado na garganta. – Pelo menos os espancamentos e a fome acabaram.

Passados vários minutos de murmúrios, fomos dormir, afundados profundamente no buraco mais negro da depressão.

À medida que o tempo passava, os que sobreviviam às seleções compreendiam como funcionavam. Eram conduzidas a cada duas ou três semanas. Às vezes, Mengele passava pelas filas de prisioneiros, ou mandava cada fila dar um passo atrás, em vez de as obrigar a dar um passo em frente. No entanto, vestia-se como se fosse a uma receção estatal formal – botas engraxadas, pala do chapéu e coldre a reluzir. Eu sabia o quanto brilhavam porque os

polira. Ele fazia a barba para a ocasião, e cheirava ao sabão perfumado que os oficiais usavam.

A minha sensação era sempre a mesma: *Quem sabe se vou escapar disto? Quem sabe se estarei vivo amanhã? A minha família desapareceu quase toda, e eu posso tornar-me cinzas, também.*

Mesmo assim, não tremíamos nem agitávamos, embora tivéssemos medo. Mantínhamo-nos direitos que nem uma vara, por mais doentes que estivéssemos, e esperávamos o melhor enquanto Mengele olhava para nós.

Da primeira vez, perdemos talvez trezentos e cinquenta ou quatrocentos. A rotina de pós-seleção era normalmente a mesma. Depois de Mengele terminar, o secretário dava os números ao *Stubendienst*. Quando anoitecia, o *Stubendienst* chamava os números, com a voz tão vazia de emoção como se lesse uma lista telefónica. Um dos privilégios de ser *Studendienst* era não ter de passar por seleções, mesmo que fosse judeu.

– Número cinquenta. Número oitenta – chamavam.

Os homens selecionados formavam uma fila única. Não choravam. Não tínhamos mais lágrimas. Não havia como dizer: «Não quero ir.» Num segundo, os guardas partiam-lhes os ossos, e atiravam-nos para os camiões.

Ouvíamos o guinchar dos travões dos camiões. À medida que os homens marchavam, escutávamos os passos monocórdicos deles. Depois, o gemer de um camião a partir, enquanto outro chegava para levar a carga condenada.

Às vezes, por as câmaras de gás estarem tão próximas, os prisioneiros selecionados tinham de caminhar. Cerca de duas horas depois de marcharem tristemente pela porta, sentíamos o odor a carne queimada.

As seleções eram piores do que ser espancado até à morte ou levar com uma bala na cabeça. Nunca sabíamos quem iria. A maior tortura era ficar de pé à espera. Pelo menos, os espancados até à morte não eram avisados, pereciam geralmente em minutos. Nas

seleções, aqueles de nós que restavam sentíamos-nos mal, por nós e por eles. O moral estava quase sempre no zero.

Pouco depois do início das seleções, tive uma hipótese de sair de Birkenau. Um *Stubendienst* anunciou no nosso abrigo que iríamos para as minas de carvão em vez de ficarmos ali. Morris veio ter comigo.

– Joe, temos de sair daqui. Aqui, é apenas uma questão de tempo até morrermos. Vou agarrar esta oportunidade – disse. – Vou morrer aqui. Não pode ser pior, talvez consiga escapar – contou-me, com os olhos a cintilar de esperança.

Vira o seu espírito decair. O seu passado privilegiado ia contra sobreviver a esta vida. Eu, também, queria sair de Birkenau. Partes do meu corpo doíam-me quase todos os dias das agressões, da fome e do trabalho. Fiquei na fila para me inscrever nas minas. Mesmo assim, tinha uma sensação má. Vira os restos enrugados dos mineiros mortos, e ajudara os vivos a ir para os camiões em direção aos crematórios.

Lembrei-me também de quando trabalhara pela primeira vez para os alemães a tratar dos cavalos. Tinha de alimentar o forno com carvão, e vira como era sujo. Recordei-me do quão negros todos nós, os que viemos de Majdanek, saímos passadas todas aquelas horas dentro de um vagão com pó de carvão. Vira os mineiros moribundos. Não queria morrer no frio e na escuridão.

Trabalhar no escuro, com tanta poeira a voar, não serei capaz de respirar. Morrerei da mesma maneira que morreram aqueles destroços patéticos da mina que ajudei nos camiões, pensei.

Saí da fila. Morris, que estava atrás de mim, ficou chocado. Eu disse-lhe apenas:

– Não gosto de trabalhar no escuro. – Achei que não precisava de lhe dar mais explicações.

Morris tentou persuadir-me.

– Vamos sair daqui. Isto é o inferno. É insuportável – suplicou-me.

– Mas não sabemos o que há lá. Não pode ser melhor. Com os alemães, piora sempre – retorqui, com os olhos a doer do

sentimento de abandono estampado no rosto dele.

Nesse dia, Morris foi para as minas. Fiquei preocupado por nós os dois. Pensei se nos voltaríamos a ver, e em que condições estaríamos se isso alguma vez acontecesse. Por essa altura, viver apenas mais um dia era toda a esperança que conseguia reunir.

De repente, o meu sonho voltou de novo, e alimentou-me as esperanças. Agora, os outros prisioneiros estavam tão desencorajados que comecei a contar-lhes o meu sonho. Claro que declararam que eu era louco – disseram-no a brincar, disseram-no carinhosamente, mas disseram-no – e acho que alguns acreditavam parcialmente nele. Às vezes, até eu me questionava um pouco.

Aprendia também mais regras de sobrevivência. Uma era que ninguém falava com o Sr. Mengele. Bom, quase ninguém – exceto o Pai, os médicos assistentes e o secretário dele. Mengele desempenhava as suas tarefas cruéis de forma profissional. Se não estivesse lá, estava na rampa, a decidir quem vivia e morria.

Tinha medo de falar com Mengele pela razão mais invulgar: não queria que me saíssem palavras em alemão. Se elas saíssem, ele descobriria que eu entendia as discussões que tinha sobre anatomia ou política, com os médicos assistentes.

Comecei a conversar com o secretário de Mengele, um homem alto e com bom aspeto que fora diplomata no Governo polaco. Ele tinha o total do número de pessoas que morreram e das respetivas nacionalidades. Andava pelo campo livremente durante as seleções. Ia ter comigo e contava-me algo sobre ele. Licenciou-se na Universidade de Cracóvia com Max Stein. Disse-me que foram juntos para a universidade e que eram próximos.

Estranhamente, o Pai tinha agora mais interesse em mim. Parava e perguntava-me: «Como está a correr?» ou «Como estás?» Claro que costumava ver-me constantemente com Max, e eu via Max e o secretário de Mengele a reunir-se brevemente com o Pai. Questionava-me sobre o que planeavam para mim.

Tive uma lição de como os alemães se referiam aos muçulmanos, ou *Muselmänner*, em Birkenau. Chamavam-lhes «magros, escuros,

sujos, e com a barba por fazer», e a maioria deles eram selecionados para serem gaseados quase de imediato. Percebi que não me parecer com o que os alemães pensavam dos muçulmanos me dava mais probabilidades de sobreviver.

Ser magro era um sinal particular de problemas. Significava que poderias ser demasiado fraco para trabalhar. Se tivesses um pouco de carne sobre os ossos, e um brilho no olhar, tinhas hipóteses de viver mais uma semana.

As dores e o tormento da fome ocupavam-nos os pensamentos. O meu estômago sentia-se frequentemente como se alguém tivesse posto as mãos à volta do meu intestino e o apertasse com firmeza. Alguns de nós estávamos tão esfomeados que não conseguíamos andar, porque as nossas pernas estavam demasiado inchadas. Vivíamos com o equivalente a duas fatias e meia de pão por dia, feito de serradura misturado com farinha. Mesmo assim, partilhava o que tinha com os amigos.

Apesar destas circunstâncias, aprendi uma coisa fundamental: não podias deixar de ter esperança. Caso contrário, sentias-te condenado, e em breve, estarias condenado. Se te lavasses, terias melhor aparência. Se tivesses um bom trabalho, não serias tão agredido e comias melhor. Isso ajudava, também. Mas a esperança significava que não tinham abatido o teu espírito, e esse facto fazia apenas parecer-te mais vivo e vital quando chegava a hora das seleções.

Eu tomava conta de mim há muito tempo. A minha mãe iniciara o negócio quando eu era novo, e nós, crianças, tínhamos de ser disciplinadas e bem-comportadas porque, como os nossos pais nos disseram, estávamos a ajudar a dar à família uma vida melhor. Tinha uma imaginação ativa, e até nessa época visualizava como a nossa vida podia ser melhor: com móveis melhores, mais roupa, muita comida. Agora, a minha imaginação alimentava-se com outros sonhos.

Um dia serei alguém, disse para comigo. *Um dia terei pessoas a trabalhar para mim. Terei uma fábrica, uma casa, mulher e filhos, e*

um carro. Como antes, era um sonho que ainda me alimentava a alma, sem importar o quanto desafiava a realidade sombria que me rodeava.

A minha rotina consistia em limpar os escritórios de Mengele e engraxar os seus itens pessoais durante as primeiras duas horas. Sabia também que o checo fazia uma sesta depois do almoço. Isso significava que teria de me ocupar antes de limpar as mesas de autópsia, por isso andava pelo campo à procura de trabalho. Precisava de parecer que tinha um propósito, ou os alemães pensariam que não tinha trabalho. Portanto, ia até ao hospital e dava aos pacientes um pouco de água ou um cigarro.

Trabalhar no hospital abriu-me outra porta. O hospital ficava ao lado do campo dos ciganos, por isso comecei a negociar com eles. Estavam aprisionados com as famílias num complexo próprio, e todas as manhãs havia uma pilha de mortos no exterior da cerca deles. Por essa altura, tinha a gestão do campo, e podia ir quase aonde queria.

Os ciganos iam para a cerca que rodeava o campo deles e propunham, em alemão, que lhes comprássemos cigarros. Muitos de nós tínhamos agora marcos alemães, trazidos pelos engenheiros civis, que eram polacos gentios. Possuíam normalmente malas de viagem porque tinham de estar fora durante semanas, a inspecionar o território para construírem mais campos. Na mala, geralmente, havia roupa, uísque e pedaços de salame.

Os alemães não incomodavam os engenheiros, a quem os guardas respeitavam. Se algum dos guardas perguntava o que estava nas malas, os engenheiros sabiam o suficiente para dizer que era uísque e que planeavam bebê-lo.

A primeira vez que passei perto das cercas do campo cigano, ouvi «psssssssst. Psssssssssst».

Um cigano chamava-me. O campo encontrava-se cercado por arame farpado eletrificado, mas a eletricidade só era ligada à noite. Estava a cerca de quatro metros e meio do arame. Olhei à volta para garantir que não havia ninguém a ver, e depois fui ter com ele.

– Temos cigarros se tiveres marcos – disse ele suavemente.

Ainda tinha o troco que Morris, o Hasid, me dera pela nota de cinquenta dólares. Ao que parecia, afinal, o dinheiro alemão tinha valor. Paguei o equivalente a dois dólares por um maço de talvez uma dúzia de cigarros alemães com o símbolo de uma águia e uma suástica à frente. Os alemães deram aos ciganos vinho e cigarros, embora eu nunca tenha percebido porquê.

Eu não fumava de todo. Quando voltei ao abrigo, contei aos meus amigos o que tinha. Hymie e Nuftul eram fumadores, assim como outros, que davam a alma por um cigarro. Eles abraçaram-me, felizes.

Uma vez por semana, comprava um maço de cigarros e uma garrafa de vinho para os meus amigos, embora o vinho soubesse quase a água. Passávamos a garrafa uns aos outros depois de as luzes serem apagadas. Habituará-m-se a que tivesse cigarros.

– Joe, estou a morrer por um cigarro. Tenho de fumar – diziam-me Hymie e Nuftul.

– Estou a morrer por um cigarro. Ajuda-me, por favor – imploravam os outros. Eu socorria-os.

Usava também os cigarros para comprar pão. Dependendo do tamanho, podia custar vinte cigarros ou dez marcos. Frequentemente, usava os cigarros para comprar um pão, que partilhava com os meus amigos.

Não me esquecia de fazer coisas boas por mim. Se tivesse dinheiro ou cigarros, as pessoas que empacotavam as roupas vendiam-te peças. Comprei camisolas de manga comprida algumas vezes, e também um casaco.

Não era sempre uma troca justa. Um dia, estávamos a abrir um esgoto com uma mulher alemã, também prisioneira. Ela disse que tinha pão que trocava por cigarros. Fizemos negócio.

Às vezes os guardas deixavam-nos ter alguns minutos para irmos à casa de banho. Ela deixou o pão quando foi para lá, e eu deixei os cigarros em trapos numa pilha de rochas quando fui para a casa de banho. No regresso, cada um apanhou o que trocámos.

Sentia o estômago a rosnar e a boca a salivar. Habitualmente, era melhor não pensar em comida, mas não resistíamos muito tempo. Tirei o trapo, à espera de atacar um pão grande e fofo. Vi um tijolo.

Senti as dores da fome a disparar no estômago. Ali estava: um tijolo. Ela traiu-nos. Agarrámo-nos todos ao estômago e à cabeça. O nosso estômago latejava da falta de comida, e havia um martelar dentro da nossa cabeça pela mesma razão.

– Nada acontece como devia – disse a Nuftul. – As pessoas estão a tornar-se animais. Toda a gente pega no que pode, e não há justiça. Se tens um pedaço de salame ou um cigarro, alguém o apanha. Não me surpreende. Estamos a passar fome como animais. Não admira que muitos de nós ajamos como animais.

Pouco depois da traição por causa dos cigarros, senti-me doente. O frio de setembro estava a instalar-se, e eu tinha dificuldades em engolir. A minha garganta doía tanto que tinha dificuldade até com a mínima porção de água.

Isto continuou semana após semana. O frio agarrou-nos com mais força. Era irónico o facto de trabalhar no hospital, mas não poder ter tratamento médico. Finalmente, a garganta inchou-me tanto que pensei que sufocava. Não conseguia engolir água e tinha de lutar por cada porção de ar.

Tive de ir ao médico. Havia instalações médicas para nós. O campo possuía até uma ambulância, embora fosse para inglês ver caso a Cruz Vermelha nos inspecionasse. Ocasionalmente, os alemães usavam a ambulância para levar prisioneiros a umas urgências improvisadas no fim de uma fila de abrigos, aonde iam os mais saudáveis dos prisioneiros doentes. A sala tinha cerca de um metro e oitenta por dois metros. No interior, tinha uma mesa pequena com um metro e cinquenta de comprimento e um metro e vinte de largura e duas cadeiras. Havia uma lâmpada pequena. Os prisioneiros tinham de ir ali durante o dia, porque fechava à noite.

Quando fui à sala pouco iluminada, um homem levantou-se. Ao lado dele, numa gaveta, vi duas facas pequenas, um pouco de gaze e algodão. O médico, que era também prisioneiro, falava húngaro, o

qual percebia apenas um pouco. Mas ele sabia alemão, que eu percebia. Mostrei-lhe as minhas amígdalas.

– Meu Deus, meu Deus – disse em alemão. – Fecharam a tua garganta por completo. Se não cortares isto agora, as tuas amígdalas explodem como uma bomba e matam-te.

O homem puxou da gaveta aberta uma faca de manteiga desgastada. Depois, fez barulhos, cujo significado me escapou. Ato contínuo, fez gestos pantomímicos que entendi como ele precisar de um fósforo. Eu tinha alguns. Nós, prisioneiros, éramos peritos em caçar coisas, e tinha sempre um fósforo ou dois para acender os cigarros dos amigos que fumavam. Dei-lhe um fósforo.

Ele raspou-o na mesa até fazer chama. Colocou a faca de manteiga no fogo cerca de um minuto, esterilizando-a. Depois fez outros gestos, apontando para a única mesa na sala, e agarrando-a com um aperto de morte. Sabia que me dizia que tinha de me agarrar à mesa com força, muita força. Depois, mostrou-me nele próprio como deveria abrir a boca amplamente, de modo a poder inserir a faca e cortar-me as amígdalas. Pela careta dele, sabia que a operação ia doer muito, mas sabia que ele não tinha anestesia nem um bisturi. Não queria saber do que ele não tinha. O que ele tinha era uma faca mais ou menos esterilizada, e rezei para que tivesse uma mão firme.

– Vai em frente. Tira-as. Não sobrevivo mais dois dias neste estado. Vá, porra, vá – disse asperamente.

Então, pus as mãos na mesa, abri bem a boca, inclinei-me para a frente e fechei os olhos. Depois, imaginei-me numa fábrica, a minha fábrica, a mostrar à minha mulher e aos meus filhos o que conseguira.

– Deus, Deus, por favor, deixa-me viver – supliquei-lhe mentalmente.

Sentia o cheiro da minha carne a queimar, a subir-me pelas narinas. Sentia a faca a cortar-me profundamente na garganta. Não conseguia respirar, porque a mão dele bloqueava o ar, e estava

numa posição tão má que mal tomava alento pelo nariz. Queria gritar, mas não podia.

Tudo o que ouvia sair de mim eram guinchos baixos, e sentia o sangue a jorrar para a boca, enquanto ele o ia absorvendo com algodão e gaze. Por fim, disse-me roucamente:

– Está feito, meu amigo. Está feito.

Desmaiei.

Acordei alguns minutos depois, e o médico deu-me mais gaze e algodão para levar comigo. Sabia pelos outros prisioneiros que a recuperação levaria um dia ou dois. Depois, voltei para o Abrigo 8.

Que pena não haver um serviço de táxi disponível, pensei, com o meu humor habitual. *Dava provavelmente ao condutor uma boa gorjeta.*

Semanas depois, voltei a adoecer. O buraco no meu bíceps direito, onde fui baleado quando tentava fugir da polícia polaca na floresta, infetou. Tinha apenas um lenço para colocar à volta. Ficou vermelho e com pus. Latejava tanto que parecia que havia um tambor a bater dentro do braço. Mais uma vez, regressei à sala de urgências, com um casaco vestido.

Estava lá um rapaz polaco. Ele era jovem, a rondar os trinta e cinco anos. Disse que era um médico ou estagiário; não me recordo. Examinou o meu braço durante cerca de dez minutos.

– Este braço está cheio de pus – disse-me. – Se não o cortar agora, vai espalhar-se para o teu corpo todo e mata-te.

O meu sentido de humor, por alguma razão, entrou em cena.

Na mesma onda que o outro que me tirou as amígdalas, pensei. *Quase desejo que me dissesse algo novo. A vida num campo de concentração é tão monótona que dói. Pelo menos gostava de ter alguma variedade nos meus problemas médicos.*

Em voz alta, disse ao rapaz que me cortasse a infeção, e tirei o casaco.

O rapaz apontou para a mesa arranhada. *Não me digas. Deixa-me adivinhar. Vais dizer-me para me agarrar àquela mesa e segurá-la firmemente*, pensei, sorrindo um pouco para mim mesmo.

– Agarra nessa mesa e segura-a bem – disse o rapaz. – Isto vai doer muito, porque não tenho anestesia.

Não podem pensar em algo original para dizer?, meditei, enquanto o rapaz encostava o fósforo a uma faca curta, mas muito afiada.

– Quem me dera ter alguma anestesia para te dar, mas vês com o que tenho de trabalhar: nada. Apenas uma pequena faca e algum algodão. És jovem. Se te deixarem viver, podes sobreviver a isto.

Mais uma vez, cheirei o odor da minha carne a queimar enquanto a dor me latejava na cabeça e flamejava no braço e mergulhava no resto do corpo. Ouvi-me a gritar. Saltitava enquanto me agarrava à mesa.

Por mais que o meu corpo todo se sentisse assolado por picos de ferro quente, não me atrevi a gritar muito alto. Se os alemães descobrissem que não estava bem, podiam gasear-me.

– Pronto, está feito – disse ele.

Mais uma vez, desmaiei.

Desta vez, fui acordado com um arrepio. O rapaz tinha uma bacia de água e salpicava-me o rosto. Olhei para o meu braço, e tinha um trapo limpo enrolado à volta. Nada de especial, e o sangue estava com certeza a manchá-lo. Pelo menos, a operação estava feita.

Regressei com o casaco vestido para que os guardas não notassem as ligaduras. Não podias contar nada a ninguém, com medo de que os alemães o descobrissem, por isso não me lavei durante três ou quatro dias, até a dor acalmar. Depois, durante vários dias, lavei-me, evitando o braço. Reparei que estava com cerca de cinquenta e dois quilos.

Várias semanas depois, o checo acenou para que Samuel, o filho dele e eu entrássemos na sua cabana. Ele tinha um olhar sério mas quase angélico. Não parecia o mesmo homem.

– Daqui em diante, não vou mais magoar-vos, nem a ninguém do grupo – disse, fazendo uma pausa para inspirar profundamente e reprimir o que podia ter sido um choro. – Tornei-me num assassino.

Era a ovelha negra da família, e matei pessoas antes da guerra. Na Checoslováquia, meteram-me na prisão pelos meus crimes.

Fez nova pausa, com as linhas no rosto a tremelicar, enquanto a luta dentro dele tornava o seu rosto num cinzento e cor-de-rosa alternados. Recompôs-se, e continuou:

– Depois Hitler apareceu, tirou-me da prisão e levou-me para o exército. Quando me aleijei, trouxeram-me para aqui. E continuei a matar. Mas nunca mais, nunca mais – chorou. Depois, a sua compostura começou a desmoronar-se, e acenou para que saíssemos. Quando fechámos a porta, conseguimos ouvir o seu choro.

Um dia depois, Max puxou-me para um canto.

– Joe, vejo que te dás bem por aqui. Conseguiste dominar o assassino, embora como pensaste em enchê-lo de bondade me ultrapasse. Foi uma ideia brilhante, e tornou a minha vida mais fácil. A tua, também, e a dos outros homens. Achamos que és um rapaz esperto que consegue pensar com os pés bem assentes. Do que podemos ver, podes fazer muitas coisas.

Calou-se durante um momento, olhando à volta para garantir que ninguém ouvia, e olhou-me nos olhos. Ele tinha óculos. Nunca notara, mas os olhos dele tinham uma gradação roxa.

– Podes trabalhar connosco? Tens de conseguir pensar rápido e saber lidar com situações perigosas – disse ele. A voz estava calma, mas tingida de ameaça. Ambos sabíamos as consequências se um de nós fosse apanhado.

Inspirei profundamente. Fazer parte do movimento *underground* podia salvar-me a vida – ou matar-me mais cedo. Não havia escolha. O meu povo estava a ser morto pelo crime de ter nascido judeu. Sentia-me zangado com o mundo, com judeus e não judeus, que ignoravam o que nos estava a acontecer.

Queria que o mundo soubesse o que se passava ali, por mais pequena que fosse a minha contribuição. Max era um ser humano dedicado e doce. Ele também não gostava do assassinio que via.

As minhas amígdalas e o meu braço estavam quase cicatrizados, e podíamos ambos ver a nossa respiração no ar enquanto falávamos. Era bom o facto de aqueles bafos de vapor não formarem palavras para as pessoas lerem, ou estaríamos mortos.

– O que queres que faça? – perguntei, surpreendido com a ânsia na minha voz.

– Como sabes, todos os dias enviamos *Leichenkommandos*, os esquadrões da morte, para apanhar os cadáveres dos homens que morreram dos espancamentos ou da fome ou do que quer que seja, no trabalho.

Concordei. Vira os destacamentos da morte saírem todos os dias com um carro de quinta, com cerca de três metros e meio. Sete ou oito homens puxavam o carro. Os alemães não providenciavam cavalos. Quando os prisioneiros regressavam, o carro era uma pilha de braços, pernas e cabeças. Ninguém lhe prestava atenção. A indústria ali era a morte, e todos o sabiam.

– Uma vez ou mais por semana, vamos enviar-te na patrulha dos cadáveres. Diremos ao comandante que estarás lá para os ajudar.

Concordei novamente. Até ali, fazia sentido. Era quase uma aventura. Iria para um destacamento fora do campo, mas não correria o perigo de ser baleado ou espancado até à morte. Era quase entusiasmante ter esse tipo de liberdade.

– Antes de ires, vamos dar-te uma carta dentro de um preservativo. Pões o preservativo no traseiro. Dir-te-emos o lugar onde deves deixar a carta. No mesmo sítio, haverá outra. Metes essa carta no preservativo e trá-la de volta.

– Parece-me fácil. Além disso, bem preciso de exercício e ar fresco, desde que os cadáveres não se importem de não os atender durante um pouco – ri-me do meu humor macabro.

– Mais uma coisa, Joe – disse Max, rindo-se um pouco. – Se fores apanhado, não nos conheces, nem nós a ti. Estás por tua conta, meu amigo. Não seremos capazes de te ajudar.

Senti as entranhas e a bexiga estremecerem. Esta era a parte difícil. A proteção, como membro do movimento de resistência, iria

até certos limites. Assim que os alemães me detetassem, estaria morto em minutos – depois de me torturarem primeiro para descobrirem quem eram os cúmplices.

Mesmo assim, não havia escolha. Manter a vida como estava, esperar que os alemães decidissem quando e como me matar, era inaceitável. Se me juntasse ao movimento, pelo menos a minha vida – e a possível morte – teria um propósito. Os rostos dos meus pais mortos, dos meus irmãos, tios e sobrinhos, percorreram-me a mente. Algo que o meu pai me disse surgiu na minha mente.

– Isto será uma guerra difícil contra Hitler – dissera ele. – Passei por uma guerra antes, mas esta é pior. Aconteça o que acontecer, faz o que tens de fazer.

Fiz a primeira viagem na semana seguinte. Max chamou-me.

– Encontrarás uma carta no segundo projeto de trabalho, a noventa centímetros do lado sul. Verás uma rocha e um pouco de terra. A rocha estará ao lado de duas pedras e numa árvore com ramos à volta do tronco. Procura debaixo do quinto ramo, e encontrarás madeira com lixo. A carta está no lixo – sussurrou-me. – Adoro-te. Se Deus quiser, seremos libertados em janeiro ou fevereiro. Mas quem sabe o que nos farão entretanto?

Deu-me um preservativo.

Quando apareci para a viagem às sete, os meus colegas *Leichenkommandos* cumprimentaram-me calorosamente.

– Precisamos de ti. Estamos felizes por te ver. Amarra-te bem e vamos. Há muito a fazer para todos – disse o líder, mais alegremente do que esperava.

Percebi rapidamente o porquê. Os prisioneiros eram os cavalos, e nós éramos os amarrados nos arreios. Tomei o meu lugar, amarrei-me, e começámos a andar, comigo a tomar o seu lugar. Agora, o líder não precisava de agir como um cavalo, por isso caminhou ao meu lado.

– Como conseguiste vir ajudar-nos? Quem conheces?

– Trabalhava no hospital. Apenas faço o que me dizem – respondi. Não lhe ia dizer nada em concreto, especialmente porque

era a única pessoa nomeada para aquele destacamento em *part-time*.

Chegámos à primeira paragem, um sítio de construção de esgoto. Numa pilha, havia vários cadáveres com as cabeças esmagadas. Um de nós agarrava na cabeça, enquanto o outro pegava nos pés. Depois, baloiçávamos a forma na direção da traseira do carro, dizendo: «Um, dois, três.» Aos três, deixávamos o corpo voar, e o impulso aterrava-o no carro numa pilha desfigurada.

Habituar-me àquele trabalho não foi difícil. Os campos de morte eram fábricas de matar pessoas, por isso a morte era fácil de aceitar. Comíamos e dormíamos com ela. Levávamos cerca de vinte e cinco cadáveres por dia.

Andávamos de paragem em paragem, seguindo um mapa. Encontrávamos sempre um ou dois cadáveres espancados até à morte pelos *Kapos*. As cabeças estavam desfeitas, com o sangue normalmente a sair dos olhos ou do nariz ou da boca. Com frequência, as pernas ou os braços estavam partidos em ângulos estranhos. Fazíamos cerca de sete paragens por dia, dependendo da carga e de quão longe tínhamos de andar. Descobri que o campo tinha quilómetros. Por mais que andássemos para recolher os cadáveres, nunca saímos dos limites do campo.

A cada paragem tínhamos um descanso de quinze minutos para nos aliviarmos. Depois, fizemos uma pausa e descobri a pequena pilha de lixo debaixo de um ramo esticado de árvore. Mexi no lixo e lá estava, um pacote com cerca de dois centímetros quadrados embrulhado em papel à prova de água.

Puxei as calças e defequei. O preservativo saiu. Antes de colocar a carta lá dentro e de o inserir de volta no reto, li-a. A escrita, pequena e precisa, ocupava os dois lados.

Dizia: «Daqui em diante, encontrarás uma mensagem aqui ou noutro local designado. Vamos dar-te todas as informações que temos sobre como a guerra está a correr. Em troca, queremos saber por ti quantas pessoas são mortas todos os dias. Quantas crianças, idosos, e mulheres. Queremos também saber quantas pessoas são

enviadas para campos de trabalho. Envia-nos com a maior frequência que consigas.»

Estava tão feliz que quase podia gritar. Iríamos saber o que se passava na guerra.

As pessoas que morrem aqui ficarão conhecidas. Talvez não pelo nome, mas pelo menos as suas mortes serão contabilizadas. Talvez, talvez, até serão vingadas, pensei, com visões da minha mãe, do meu pai e de todos os meus irmãos a correrem-me pela mente.

Sabia que não podia ficar com o preservativo, ou os alemães descobri-lo-iam. Estavam sempre a vistoriar os prisioneiros, à procura de armas, ouro, dólares, e outros bens valiosos.

Dois dias depois, saí com uma carta embrulhada num preservativo no reto e ordens para a deixar num sítio e apanhar outra duas paragens depois. A mensagem que saía dizia: «Receberão as mensagens constantemente. Queremos saber o que se passa. Até Deus parece não saber.»

Quem quer que a tenha escrito tinha um sentido de humor curioso. Depois disso, com uma letra muito pequena e precisa, havia uma lista de quantas pessoas tinham sido mortas, abrigo por abrigo. Incluía também um rol das transportadas para campos de trabalho, uma lista de roupa suja de morte, moribundos, e escravatura.

A mensagem de resposta entusiasmou-me. Dizia que os russos estavam perto de Lublin e que marchavam a caminho de Varsóvia. Listava quantos carros de combate, camiões e aviões os russos, polacos e checos tinham.

Meu Deus, meu Deus, os Aliados estão a empurrar os malditos alemães. Estão a bater nos sacanas. Podemos estar a vencer, regozijei-me. Claro que nunca poderia contar a ninguém o que sabia. Os alemães tinham espiões por todo o lado. Faz-me sentir bem pensar que estou a magoar esses sacanas alemães. Não devolve o que me fizeram e à minha família, mas é alguma coisa.

Após recolher a primeira mensagem, sabia que os Aliados estavam a libertar a Polónia. Falei com Hymie, com Nuftul, com

quem quisesse ouvir. Sabia que contar-lhes como o sabia era demasiado perigoso, mas tentei animá-los.

– Tenham fé. Temos uma hipótese. Cuidem de vocês. Façam o que tiverem de fazer. Lutem. Sobrevivam – dizia-lhes, embora muitos estivessem já tão desencorajados que falavam de suicídio.

Percebi que as cartas eram deixadas por engenheiros, dos quais havia cerca de trinta. Odiavam os alemães. No entanto, estes nunca deixaram de ter inspeções para fazer porque Auschwitz era suposto hospedar um milhão de prisioneiros depois de os alemães ganharem a guerra.

O local de esconderijo era quase sempre debaixo de uma árvore ou arbusto marcado com um corte de machado. Max dizia-me onde o encontrar. Enquanto os *Leichenkommandos* faziam a sua pausa, eu dizia: «Tenho de fazer chichi» ou «Tenho de ir à casa de banho.» Ninguém fazia perguntas.

Ia ao sítio que Max designara. Dependendo do dia, deixava uma mensagem, apanhava uma, ou ambas as situações. O papel usado era à prova de água, por isso não tinha de o deixar num recipiente. Era só dobrá-lo num quadrado muito pequeno.

Apesar do meu envolvimento com o movimento de resistência, a minha vida em vários aspetos continuou a mesma. A fome arranhava-me as entranhas. Recebíamos agora apenas cem gramas de pão por pessoa, à noite. Guardávamos esse pão durante a noite, habitualmente, para termos algum combustível para começar a manhã. Guardávamo-lo no chapéu de prisioneiro, de algodão, que colocávamos na cabeça enquanto dormíamos. O chapéu mantinha-nos quentes, e o pão púnhamo-lo perto da cabeça, para sentirmos o movimento se alguém o tentasse roubar.

Numa noite, acordei e vi que o meu pedaço de pão desaparecera. Vi um rapaz que não conhecia ao lado, a comê-lo. Não me consegui controlar. Comecei a chorar.

– O meu pão foi roubado; o meu pão foi roubado – lamentei. Fiquei surpreso por ouvir tal dor sair-me da boca. Agia como uma

criança pequena, mas não me podia impedir. Aquele pedaço de pão era a minha salvação.

O homem que roubou o meu pão sussurrou:

– Não chores. Não chores. Vou resolver isto. – E depois desapareceu na meia-luz misteriosa do abrigo, enquanto os guardas alemães vigiavam no exterior. Havia mil pessoas lá dentro num sono quase mortal da exaustão. Quando ele regressou, vi que tinha um pedaço de pão na mão.

– Aqui tens uma porção de pão. Come – disse.

Ficar com aquele pedaço de pão seria uma traição a um colega prisioneiro. Outra pessoa seria privada do seu alimento porque aquele prisioneiro o roubara para mim. Havia luz suficiente no abrigo para eu ver os olhos dele. Olhei bem para eles.

– Isto não está certo – disse-lhe. – Mostra-me de onde tiraste este pão.

Vi os olhos dele aumentarem com descrença. Rastejámos os dois até onde um rapaz entre doze outros estava deitado. Abanei-o até ele acordar.

– Vê se tens a tua porção de pão – sussurrei.

Ele tentou senti-lo, mas só encontrou um espaço vazio. Começou a gritar. Pus-lhe uma mão sobre a boca e devolvi-lhe o pão com a outra. Senti as lágrimas dele salpicarem-me a cara.

– Não tens de quê – disse ao mais novo. – Morria de vergonha se comesse o pão de outro homem.

Senti-me um pouco virtuoso pelo que fizera. O mesmo não podia ser dito por um amigo meu. Um dia, um prisioneiro foi trazido de volta das minas de carvão. O cabelo dele estava pegajoso, e o rosto manchado de pó de carvão. Os olhos estavam escavados, e os dentes partidos. Vi-o esparramado numa das camas do hospital.

– Morris? – perguntei, a voz presa na garganta.

Ele olhou para mim com os olhos quase vazios de esperança.

– Joe, eu conheço-te – sussurrou. – Tu tornas possível o impensável. Sabes que venho de uma família abastada. Podes ajudar-me?

– Morris, todos nós vamos morrer aqui. Não sei se te vão levar e curar – disse.

Eu sabia que ele seria gaseado. Apenas não tinha coragem para lhe dizer. Mal o conseguia reconhecer, e decerto não podia ajudá-lo. Assim que os alemães decidissem que te gaseariam, nada os podia deter. À medida que os guardas o carregavam, chorei.

Capítulo Quinze

UM HOMEM DAS ENTREGAS FELIZ

Passados três meses a trabalhar para o movimento *underground*, vi uma mudança assustadora na forma como Mengele conduzia as seleções. A mudança era em relação a mim. Da primeira vez que a notei, tive de apertar a bexiga e os músculos anais para me conter. Quando Mengele passou por mim, fez-me um meio sorriso. Depois, o secretário dele piscou-me rapidamente o olho enquanto passava também por mim.

Estão a gozar comigo?, pensei.

Senti os dedos dos pés a ficarem frios. Mengele e o secretário pensavam talvez que estavam a tranquilizar-me, mas aquela rotina era estritamente um negócio para Mengele; porém, era a vida e a morte para mim.

Não podia falar sobre isso com os amigos. Como explicá-lo sem lhes dizer que estava no movimento *underground*? Tinha de manter segredo, e questionar-me porque se dera aquela mudança bizarra. Eu percebia porque tentava o secretário tranquilizar-me. Afinal de contas, estava também no movimento de resistência. Mas Mengele? Questionava-me apenas.

As minhas ligações no movimento foram-me úteis de outras formas. Continuava a comprar cigarros aos ciganos, mas, como toda a gente, sabia que, se o SS ou a Gestapo nos vissem, nos batiam. Ocasionalmente, o Pai via-me e ia ter comigo.

– Tem cuidado. Ou vão bater-te até à morte – avisava-me numa voz tão baixa que apenas eu conseguia ouvi-lo. Eu não era o único prisioneiro que ele tentava ajudar. Era bem conhecido e amado pelos prisioneiros como alguém que passava uma palavra de encorajamento, aqui, uma dica de como nos mantermos longe dos

espancamentos, acolá. Ele tentava apenas que as pessoas não se magoassem.

Claro que o Pai não nos podia salvar das seleções. Tornaram-se uma rotina monótona, senão aterrorizante. A cada duas ou três semanas éramos chamados para permanecermos nus, com as roupas numa pilha ao nosso lado, enquanto Mengele nos olhava de cima a baixo. No inverno, era especialmente mau. Às vezes havia trinta centímetros de neve entre os abrigos, onde tínhamos de ficar.

Fosse qual fosse o tempo, era Mengele quem fazia o trabalho. Aparentemente, gostava demasiado de se armar em Deus para delegar. Sempre que passava perto de mim, dava-me aquele meio-sorriso torto.

Após trabalhar para ele durante tanto tempo, o mínimo que devia era dar-me um sorriso inteiro, pensei, na brincadeira. Custa-lhe provavelmente demasiado fazer o esforço.

Suspeitei também que, mesmo que Mengele me seleccionasse, o secretário não apontaria o meu número. Todavia, não sentia conforto ou certeza. Lembrei-me do que acontecera a Lazar, e o som molhado que o corpo dele fez quando aterrou na rua depois de os alemães o atirarem do telhado. Eu não confiava em ninguém. Quando as seleções decorriam, estava tão apavorado quanto os outros.

Claro que, de modo a dar-me a melhor hipótese de sobreviver às seleções, garantia que Mengele me conhecia e que gostava de mim. Quando passava pelos gabinetes dele, por mais rápida ou lentamente que fosse, ou por menos ou mais que estivesse a fazer, dava-me sempre um grande sorriso, como se me cruzasse com o empregador mais benevolente para quem já trabalhara.

Obviamente, Mengele via-me a tomar conta do interior dos gabinetes, porque ele e os três jovens médicos viviam quase lá. Eles conheceram-se lá e comiam lá. Por usarem tanto aquela zona, eu endireitava constantemente as mesas e as cadeiras, limpava as janelas, e esfregava o chão de madeira até brilhar. Ele deixava as botas para serem engraxadas, com o topo e os dedos praticamente

alinhados como soldados. As botas deveriam ser um espelho perfeito.

Eu sabia que tinha de trabalhar rápido e bem. A recompensa era que ele não me dizia nada. Se falasse sobre o meu trabalho, seria uma queixa, e uma queixa de Josef Mengele podia ser fatal. Ele sorria, mas apenas com uma inclinação ascendente de um dos cantos da boca. Depois, acenava com a cabeça e franzia os lábios em aprovação.

Os três jovens médicos exclamavam palavras em alemão, que significavam «Limp. Está muito limpo.» Mengele nunca disse nada. O olhar de satisfação era tudo o que eu queria. A recompensa que recebia era o seu pequeno sorriso peculiar.

Os outros não eram tão afortunados. Com tão pouco para fazer e com a vida a depender de cada seleção, os que superaram várias perceberam que vinte a vinte e cinco por cento de nós éramos escolhidos para sermos gaseados de cada vez. Calculámos que as nossas hipóteses de as ultrapassar durante a guerra inteira não eram risonhas.

– Mais cedo ou mais tarde chegará a nós – dizia Hymie, com a cabeça bem baixa para que o preso sénior e o *Stubendienst* não o vissem a falar.

– Para alguns de nós, acabou tudo. Para os restantes que continuam aqui, é apenas uma questão de tempo – respondia Nuftul, com a grossura da voz a trair a tristeza, embora tentasse não a mostrar.

– Ninguém pode evitá-lo – acentuava eu. – Isto é um campo da morte. Quem estiver doente ou magro é enviado para aqui. Recebemos pouco para comer; as pessoas no campo de trabalho recebem muito mais. São valiosos, e nós não somos precisos. Mesmo assim, pode acontecer um milagre. Talvez consigamos ultrapassar isto. Continuem a lutar, persistam.

Olhavam para mim com os olhos bem abertos, depois sorriam e abanavam a cabeça. Achavam-me o eterno otimista. E era. Mesmo assim, vivíamos em tortura constante. Pensava que se não

fôssemos escolhidos para aquela seleção, seríamos apanhados na seguinte ou morreríamos no trabalho.

A cada três ou quatro meses, havia uma seleção maciça na qual cerca de cento e cinquenta judeus eram escolhidos como *Sonderkommandos*. Ao início, esse trabalho parecia ser agradável porque significava que podias vasculhar os bolsos dos mortos por comida ou pertences. Passado algum tempo, descobrimos que ser *Sonderkommando* significava que irias morrer dentro de meses.

Tinham boa comida porque recolhiam o que as pessoas mandavam para o lixo ou o que encontravam nos cadáveres. Melhor ainda, podiam ficar – se ninguém os apanhasse – com qualquer tesouro que desencantassem nos bolsos e na roupa interior dos mortos, ou em qualquer outro sítio onde alguém tivesse colocado uma joia, dinheiro, ou pão, desde que um guarda não o roubasse. Para um campo da morte, isto era viver de forma suave. Tudo o que tinham de fazer era extrair os corpos das câmaras de gás.

Lembro-me de que, antes de Mengele chegar, os prisioneiros lutavam para serem *Sonderkommandos*, porque a vida era boa. Entretanto, percebeu-se que as equipas eram gaseadas de tantos em tantos meses, apesar de os alemães intercalarem os *Sonderkommandos*, para que as equipas não conseguissem prever o seu fim.

Os alemães não deixavam as pessoas saber que iam integrar os *Sonderkommandos*. Sempre que precisavam de um novo turno, o preso sénior juntava toda a gente dos abrigos e dizia: «Atenção. Os seguintes números ficarão do lado direito da minha mão, de manhã. Vão para outro trabalho.» Ninguém sabia que trabalho era até ser tarde demais.

Os *Sonderkommandos* tinham uma tarefa terrível: retiravam os cadáveres das câmaras de gás e levavam-nos para os fornos. Cada uma das quatro câmaras ficava a cerca de três metros do respetivo crematório, como um par de gémeos malvados. Cada par estava ligado por várias tábuas inclinadas para baixo das câmaras, para facilitar a transferência dos corpos.

Os *Sonderkommandos* rolavam os cadáveres pelas tábuas até à boca dos fornos. Quando havia mais tempo, pegavam-lhes pela cabeça e pelos pés, atirando-os como sacos de lixo para os crematórios.

Uma vez, em outubro de 1943, alguns dos meus compatriotas foram escolhidos. Vi-os no abrigo dos *Sonderkommandos* no dia seguinte. Conversava com eles ocasionalmente perto do arame farpado, quando ninguém estava a ver, e foi assim que descobri o que era ser *Sonderkommando*.

Uma das piores partes, pelo que eles me contaram, era que as pessoas nas câmaras de gás trepavam umas por cima das outras, na tentativa de ir para a frente do que esperavam ser ar não contaminado. O resultado era um efeito em pirâmide: uma multidão em baixo e um aglomerado mais pequeno de cadáveres a chegar ao topo.

Naturalmente, na agonia do terror e da morte, perde-se o controlo das funções corporais. No entanto, revelaram-me, um químico erradicava do ar o odor das entranhas, da urina e do suor.

O complexo dos *Sonderkommandos* encontrava-se isolado do resto do campo. Consistia em dois abrigos, um para dormir, o outro para necessidades pessoais como tomar banho. Estava quase todo envolto em arame farpado, e os soldados guardavam cada centímetro quadrado do perímetro. Portanto, supostamente o que acontecia lá dentro permanecia secreto. Era inútil. Todos sabíamos. Quando as pessoas vivem tão próximas umas das outras, guardar tais segredos é quase impossível.

Mesmo assim, os nazis tentavam. Em outubro de 1943, quatro *Leichenkommandos* fugiram. Eram daquela zona e pensavam que podiam escapar-se. Os alemães odiavam prisioneiros que se evadiam, por várias razões. Primeiro, os fugitivos podiam divulgar o que se passava nos campos. Penso que muitas pessoas sabiam, mas os alemães pensavam que qualquer coisa que quisessem manter secreta, assim permaneceria. Foram decerto bem-sucedidos relativamente à Cruz Vermelha.

Em segundo, as pessoas que escaparam foram mais inteligentes do que os nazis, um facto incompatível com a sua suposta superioridade racial. Em terceiro, as fugas deixavam mal toda a gente – do comandante aos guardas –, fazendo-os parecer incompetentes e estúpidos nas mãos dos humildes judeus. Em quarto, se alguns prisioneiros fugissem, então os outros podiam ter a mesma ideia. Um fluxo constante de fugas podia perturbar a ordem arrumada que os alemães impuseram em Birkenau.

Os quatro foram capturados em poucos dias, trazidos de volta para o portão principal da guarita, e colocados numa plataforma de madeira. Os soldados alemães puseram cordas à volta do pescoço dos prisioneiros e puxaram-nos. Observei-os à medida que as cabeças tombavam, depois de os pescoços se partirem. Os rostos ficavam negros, as pernas pontapeavam o ar, os olhos inchavam, e as línguas ressaltavam da boca como cobras compridas e cor-de-rosa.

Por fim, aquietaram-se. Foram executados antes de o turno da manhã chegar. Os corpos ficaram suspensos até depois de milhares de trabalhadores passarem por ali. Eventualmente, os corpos foram retirados e despejados num crematório.

– Todos os dias quero escapar, mas ver o que aconteceu a estes rapazes revolve-me as entranhas – sussurrei para Nuftul, com a voz repleta de tristeza. – Estas pessoas conheciam o território, sabiam para onde correr, e os alemães trouxeram-nas de volta. Somos patrulhados tão de perto que nem um rato escaparia.

Mesmo assim, duas conversas que ouvi encheram-me de felicidade. A primeira ocorreu quando Mengele estava no seu gabinete a discutir política com os três médicos. O cenário acontecia quase todas as manhãs. Eles tinham acesso a jornais diários, que liam religiosamente.

Aquela área de aposentos era constituída por quatro quartos com aproximadamente três metros e meio por três metros e meio, cada um com uma mesa retangular feita à mão, várias cadeiras de madeira, e livros. Mengele sentava-se de um lado da mesa no seu

gabinete, e os médicos sentavam-se do outro lado, bebendo café em chávenas de metal. Os jovens inclinavam-se para a frente, ouvindo atentamente. Mengele agia como se estivesse a ter uma conversa casual com amigos, discutindo política, as rotinas diárias, qualquer coisa.

Quase todos os dias os médicos perguntavam a Mengele o que se passava na pátria. Liam nos jornais sobre as perdas impressionantes de militares, e estavam preocupados.

Mengele acalmava-os, dizendo-lhes que Hitler tinha planos especiais, que estava a deixar que os russos pensassem que iam ganhar a guerra ao deixá-los capturar alguns países, mas os cientistas encontravam-se a trabalhar em armas novas e terríveis que mudariam miraculosamente o curso da guerra.

Ouviam respeitosamente, mas mostravam-se cétricos.

– Como é que os canadianos, os franceses e os ingleses nos estão a atacar desta forma? Como não conseguimos proteger o nosso povo? – perguntavam.

– Deixámo-los fazer algum estrago. No fim, serão derrotados. Nunca mais bombardearão a pátria – respondeu Mengele, presunçosamente. Eu sabia, através das mensagens do *underground*, que o Reino Unido já tinha bombardeado a Alemanha duas vezes.

Mantinha-me frequentemente perto durante essas discussões, porque Mengele continuava a achar que eu não percebia alemão. Numa manhã, entrei para limpar os gabinetes. Eles estavam a tomar as habituais chávenas de café, e os médicos perguntaram a Mengele porque é que os ciganos, os maçons, as raças eslavas e os judeus eram eliminados. Um dos médicos chegou a questioná-lo:

– Porque matamos os judeus? Nunca nos fizeram nada. Têm os melhores engenheiros, artistas, cientistas, médicos, músicos. A Alemanha foi construída com ruas com nomes de judeus.

Mengele olhou por cima do ombro para garantir que ninguém estava a ver nem a ouvir. Depois, inclinou-se na cadeira e olhou para o médico que fizera a pergunta. Ele dirigia-se a eles como

Meine lieben Kinder (Minhas queridas crianças). Os médicos adoravam isso. Sempre que Mengele os chamava assim, eles agiam quase como cães a esfregar as costas para que o estômago fosse acariciado.

Ele tratava-os com uma tal afeição paternal que frequentemente não os deixava acompanhá-lo quando ia fazer as seleções. Em vez disso, pesquisavam, pelo que podia perceber nos fragmentos de conversas que ouvia. Que tipo de pesquisa, nunca descobri. Escutara comentários sobre os ensaios de Mengele, mas nunca vi nenhum. Ouvi que Mengele os parara depois de se mudar para Birkenau. De qualquer modo, tudo o que vi foram corpos autopsiados.

– *Meine lieben Kinder* – disse Mengele aos três médicos. – Os judeus, não importa onde estejam, tornam-se os melhores do mundo. Sim, tem razão. Têm todo o tipo de medicina, música e descobertas científicas. – Depois, descreveu o quão ricos alguns deles eram, incluindo os Rothschild, e como os franceses beneficiaram dos judeus para que o país pudesse manter uma guerra. – Não pode haver dois povos espertos no mundo. Vamos ganhar a guerra, para que apenas a raça ariana permaneça.

Um médico colocou uma questão, à qual Mengele respondeu:

– O meu pai combateu na Guerra Austro-Prussiana, ao lado do czar. Em mil novecentos e catorze, quando começaram a lutar, e continuámos a vencer. Depois, os Estados Unidos entraram, e passámos a perder. Agora, o mundo todo está envolvido contra nós e somos apenas noventa milhões de pessoas. – Mesmo assim, Mengele disse que os alemães tinham alguns franceses e italianos do seu lado. – Não nos apercebemos de que os judeus iriam lutar – afirmou, lenta e deliberadamente, sem paixão.

– Onde estão a lutar? – perguntou um dos jovens médicos.

– Aqui mesmo, ao lado do campo, há todo o género de fábricas de químicos. Vejam. Trabalham ao pé de nós, esses pilotos judeus. Muitos foram abatidos. Vejam. Todo o tipo de nacionalidades estão a

lutar, os ingleses, os indianos, os paquistaneses. Há até brigadas judaicas a lutar contra nós.

Muito do que ele dissera estava correto. Muitas vezes, quando saía com o carro da morte para apanhar os cadáveres, víamos e falávamos com pilotos ingleses e americanos. Até encontramos alguns pilotos judeus. Sob os alemães, eram obrigados a construir fábricas. Viviam nos campos de trabalho que rodeavam Auschwitz.

Atento, continuei a limpar as janelas, a lavar o chão e as mesas, e a engraxar botas.

– Olhem – disse Mengele. – Até os russos lutam contra nós. Trouxeram pilotos, enfermeiras e médicos judeus. Toda a gente se está a juntar contra nós. Não pensámos que isto fosse acontecer desta forma.

– O que vai suceder nesta guerra? – perguntou um dos médicos.

– *Meine lieben Kinder*, o que posso dizer-vos? Agora encontram-se a par da situação. Está tudo em aberto. Não há nada a esconder.

Depois, Mengele levantou-se e disse algo que me fez querer agarrá-lo pelo pescoço e esmagar-lhe a garganta, pontapear-lhe os tomates até virarem geleia, e pisar-lhe a cara.

– Na verdade, nunca tivemos nada contra o povo judeu. Mas são mais espertos do que nós. Hitler queria ser mais esperto do que o resto do mundo. Portanto, fomos obrigados a eliminar os judeus. Na realidade, nunca nos fizeram nada. Nem sequer têm um país deles com que lutar contra nós. Temos de os eliminar. Só pode haver um povo esperto, e somos nós. Estamos a vencer a guerra. O nosso *Führer* sabe o que faz.

Um dos médicos abanou a cabeça, e Mengele proclamou de novo que a pátria estava a trabalhar na arma mais destrutiva do mundo, que mudaria tudo da noite para o dia. Os jovens olharam para ele com pena. Sabiam que era uma causa perdida. Então, a conversa terminou. Era a hora de Mengele e os médicos fazerem a ronda, para verem rápida e eficientemente quantos judeus estavam a ser mortos.

Aquele sacana louco, aquele sacana, pensei. Era o início de 1944; sabia que o fim da guerra estava longe. Claro que nenhuma sílaba de qualquer um destes pensamentos me escapou pela boca. Ele ter-me-ia gaseado sem hesitação.

Depois de a conversa terminar, o meu amigo Josef perguntou-me o que fora dito. Mas fingi-me de burro, também. Continuámos a limpar outra coisa.

A segunda conversa que me alegrou decorreu enquanto limpava o gabinete de Mengele enquanto os três médicos se encontravam lá sozinhos. Discutiam sobre como a guerra decorria, e corria mal.

– Não esperávamos que os *Juden* de todo o mundo trouxessem pessoas com educação para esta luta. Pilotos, capitães de navios, oficiais: todos eles estão a lutar contra nós – disse um médico.

– O que esperavas? As pessoas têm de lutar pela vida. Podes ver quantos prisioneiros apanhámos, pessoas com educação. Agora estão a destruir as nossas cidades e a matar o nosso povo.

– Não nos apercebemos de que havia tantos judeus em Inglaterra. Estão a bombardear-nos e a destruir as nossas cidades – revelou outro.

Um deles olhou sombriamente.

– Bom, estamos a pagar pelo que fizemos até agora. Porque haveriam de se deitar e morrer? Vejam o que estamos a fazer aos *Juden*.

Outro inclinou-se para a frente na cadeira, com a testa enrugada.

– Porque matamos os judeus? O que é que nos fizeram? – perguntou. – São as pessoas mais espertas do mundo, e também o povo mais rico. Têm bancos. Vejam o que estão a fazer em Inglaterra. Os Rothschild deram-lhes todo aquele terreno para abrirem novas bases para a força aérea. Só para lutarem contra nós. Os sacanas não dariam essa terra antes.

Percebia o que queriam dizer. Era a propaganda nazi habitual – que os judeus controlam tudo e que são avarentos, ricos e egoístas, por isso estavam a ter o que mereciam. Mas entusiasmava-me ouvir o quanto os alemães estavam a perder.

Só porque se debatiam com problemas militares, não significava que a maneira como nos tratavam tivesse suavizado. Os alemães estavam a ser bombardeados sem pausa nem piedade. O dogma nazi dizia que a raça mestre era invencível e que a Alemanha nunca seria bombardeada. No entanto, mães, esposas, namoradas, filhos e filhas daqueles soldados e médicos estavam a ser mortos, mutilados, levados à inanição, e sem abrigo, devido aos ataques repetidos.

Os alemães tinham dificuldade em atacar o problema. Ia além de qualquer coisa que haviam sido levados a acreditar. O mundo deles estava a explodir, uma bomba de cada vez.

Pouco depois, chegaram alguns dos prisioneiros mais deploráveis que já vira durante todo aquele tempo. Os gregos foram derrotados, e um grupo de judeus de lá foi enviado para Auschwitz. Falavam hebraico. A maioria eram baixos e magros, sem estrutura para combater o congelamento até ao tutano do inverno polaco. Por serem magros e estarem acostumados a um clima quente, tinham uma esperança de vida, até para os padrões da prisão, particularmente curta.

Mesmo que não congelassem, iriam passar fome. O seu tamanho colocava-os numa grande desvantagem em relação aos prisioneiros mais altos, fortes e beligerantes. Vi muitos dos gregos a andar com pão e um pedaço de salame que lhes tinham sido dados, mas os prisioneiros russos esmurravam-nos e forçavam-nos a dar-lhes a comida. Sempre que isto acontecia, as lágrimas inundavam os olhos dos gregos, enquanto se deitavam no chão, com os olhos e o nariz a sangrar e inchados das agressões.

Pareciam tão frágeis e desamparados, que tinha de fazer alguma coisa por eles. Viver num campo da morte significava estar perto de pessoas de muitos países a falar numerosas línguas. A sobrevivência dependia, pelo menos em parte, da comunicação com os outros prisioneiros. Os meus conhecimentos de grego eram suficientes para falar com um deles. Sabia em particular a palavra

para «comer». Sempre que via um grego com comida na mão, corria até ele.

– Não fiques com comida. Come-a ou roubam-ta – dizia na minha versão fraturada da língua deles. Era o bastante para perceberem. Os gregos olhavam em volta para os numerosos russos e outros prisioneiros mais altos. Enfiavam instantaneamente a comida na boca. Com as bochechas cheias e a saliva exposta, tentavam sorrir com gratidão.

– Não tens de quê – dizia. – Temos de nos ajudar uns aos outros.

Olhavam para mim com estranheza. Dado o seu tamanho convidar pessoas a dar-lhes bofetadas, não estavam acostumados a que alguém os ajudasse. Mas eu era tão baixo quanto muitos deles, mas menos magro. Isso fez-me parecer um aliado. Eu assentia com a cabeça em reconhecimento, e continuava a andar. Não precisava de muito agradecimento.

No entanto, queria desesperadamente escapar, e parecia que o portão talvez pudesse vir a abrir-se. Meses depois da revolta no gueto de Varsóvia, circularam rumores de que os alemães queriam voluntários para limpar os destroços ali amontoados.

Posso ir para Varsóvia e fugir assim que chegar lá, pensei. Conheço o terreno, e talvez consiga viajar os duzentos quilómetros até aos guerrilheiros russos. Posso fazê-lo. Posso fazê-lo. Posso sair daqui.

Os rumores eram verdadeiros. Voluntariei-me. Normalmente, os guardas escolhiam as pessoas a dedo, mas daquela vez quem quisesse podia colocar-se na fila. Mandaram-nos ir lavar, mas não queria perder o lugar. Depois um dos alemães olhou para mim.

– És um judeu polaco. Judeu nojento. Pensavas que não descobríamos que és da Polónia? Porco estúpido. Volta para o teu abrigo.

Nunca soube como descobriram, mas senti-me mais em baixo do que alguma vez me sentira. *Este lugar vai ser o meu cemitério. Tive uma oportunidade de sair, e foi-me roubada*, pensei, desesperado.

O meu coração afundou até aos pés, enquanto ouvia o grupo que ia para Varsóvia começar a marchar.

Um dia, enquanto o gelo do inverno se agarrava às árvores e aos tijolos, e tornou a neve escorregadia, regressei do trabalho e reparei num tanque enorme cinzento do tamanho de uma piscina grande. Continha químicos tão crus que o cheiro quase me rompeu os seios nasais. Sabia que estava a ficar com uma gripe grave.

É assim que acabamos? Numa banheira de químicos que nos fará gritar e tremer de dor antes de morrermos?, pensei.

Caminhei até ao interior do abrigo. Antes de termos a oportunidade de comer ou de fazer o que quer que fosse, o *Stubendienst* gritou:

– Hoje vamos desinfetar. Só os judeus.

Nessa altura, já não me importava muito. Os gentios tinham morrido em grande número; portanto, a maioria dos prisioneiros eram judeus. Tivemos de marchar para fora dos abrigos e alinharmo-nos a oitocentos metros de distância.

– Tirem as roupas. Agora. Tudo exceto os sapatos.

Despimo-nos. O vento lançava leves lufadas de neve e fazia com que o gelo sempre presente escurecesse.

– Agora, apertem os atacadores à volta da roupa para a encontrarem mais tarde. Agora, atirem a roupa para o tanque.

Os alemães estavam sempre com medo de doenças, por isso mantinham uma distância entre nós e eles de um metro ou metro e meio. Os químicos eram tão fortes que matariam os piores germes que os alemães poderiam imaginar.

Fomos forçados a ficar de pé com os sapatos sem atacadores durante uma hora e meia, enquanto o vento e o frio fizeram a nossa carne inchar e ficar com pele de galinha. Muitos começaram a espirrar e a tossir. Passado um pouco, ouvi o som áspero de pessoas com catarro, mas tínhamos de nos manter em formação.

Quando por fim nos deixaram recuperar a roupa, as calças, as camisolas e a roupa interior estavam todas agarradas umas às outras. Não havia tempo para cada um encontrar a própria roupa,

portanto, cada um teve de agarrar no primeiro pacote que conseguiu encontrar e vesti-lo rapidamente. Claro que a roupa estava saturada de químicos. Voltámos aos abrigos e os uniformes congelaram no nosso corpo.

Naturalmente, não havia aquecimento nos abrigos. Com temperaturas que pareciam cair bem abaixo de zero, corremos todos à procura de alguém que tivesse a roupa com o nosso número de prisioneiro. Demorou várias horas até todos termos o nosso uniforme de volta.

Espirros e tosses brônquicas tornaram-se uma melodia irregular que tocava todo o dia e durante a noite. Muitos morreram de pneumonia.

Eu também estava afetado. Dois dias depois, a minha cabeça parecia querer abrir-se ao meio como um melão maduro. Latejava. O meu corpo ficou tão febril que, durante a noite, subi ao telhado do abrigo para o manter frio enquanto dormia. Para me proteger do vento e do frio, usava um casaco de verão; enchia sacos de cimento para pôr à minha volta e enfiava sacos vazios dentro dos sapatos.

Não resultava. De manhã, quase não conseguia sair do telhado, embora tivesse dormido ao lado de uma chaminé quente. Tinha de continuar com as minhas tarefas, mas pedi que me dispensassem de levar mensagens para o exterior. Mal me aguentei com o trabalho no hospital. Vi prisioneiros esqueléticos a gemer e a sangrar na cama, e quase os invejei. Pelo menos o sofrimento deles estava prester a terminar.

A dor intensificava-se, e as forças esgotavam-se. A cabeça parecia que explodia a cada minuto. Não era dor. Era um pensamento tão claro como o gelo ameaçador que cobria o campo.

– Vou morrer. Se este martelar na minha cabeça não parar, morro.

Capítulo Dezasseis

MENGELE SALVA UMA VIDA

O martelar na minha cabeça fez com que o meu corpo sentisse que se iria abrir ao meio e que o meu pulso latejava até aos dedos dos pés. Tinha o corpo tão quente que continuava a dormir no telhado do abrigo. As pernas estavam demasiado fracas para trabalhar, e a mão sentia bolhas quando verificava a temperatura na testa.

Ao lado do hospital havia um barracão que abrigava as bombas de água que aqueciam o edifício. Subi ao telhado durante o dia, escondendo-me atrás de uma chaminé aquecida pelas bombas. E que também bloqueava a visão dos guardas que varriam o campo todas as manhãs, e o lado onde me escondia ficava perto de uma cerca, por isso ninguém me via.

Mesmo assim, não conseguia trabalhar, e não tinha para onde ir. A minha cabeça latejava tanto que se sentia pronta a separar-se do corpo. Não tinha muito tempo.

Fui ver Max Stein.

– Max, não posso desempenhar as minhas tarefas. Acho que vou morrer. A minha cabeça troveja e estou a ferver. Tenho dormido num telhado durante o dia, estou com tanta febre. Estarei morto em breve.

Se alguma coisa perturbava ou afligia Max, ele não o demonstrava. Mas dessa vez os olhos dele praticamente saltaram. Via os meus olhos fechados quase como fendas. Ele pôs a mão na minha testa e tirou-a de imediato. Sabia que era sério.

– Tenho-te vigiado, Joe. Sei onde te tens escondido, mas não pensei que era assim tão grave. Deixa-me falar com o Pai – disse ele, a preocupação a enublar-lhe os olhos.

No mesmo dia, mais tarde, o Pai procurou-me, com o corpo rechonchudo quase a saltar. Quando o vi, comecei a chorar. Ele examinou-me a cabeça e os olhos. Depois, a preocupação enrugou-lhe a testa.

– Tem calma. Deixa-me ver o que consigo fazer por ti, Joe. Posso mais logo. Amanhã no máximo – disse-me, com a voz baixa e apaziguante.

Não tinha a certeza se aguentaria mais um dia. Escondi-me ao lado da chaminé, na esperança de que nenhum guarda visse que estava doente. O Pai encontrou-me quando eu saía do meu poleiro quente.

– Vais para o hospital. Apresenta-te lá às sete e trinta – disse-me, com os olhos a brilhar.

Fiquei abismado. Permaneci de pé com a boca aberta. Toda a gente sabia que os judeus nunca eram tratados no hospital.

– Chega a horas – frisou o Pai, e afastou-se.

Nessa noite, passaram-me vários pensamentos pela cabeça. O Pai devia ter falado com Mengele. Apenas Mengele podia dar permissão para ser tratado. Mengele conhecia-me e gostava do quão limpo eu era, e como fazia bem toda a limpeza e engraxava as botas dele até brilharem. Mas ser tratado no hospital? Isso era muito mais do que podia alguma vez esperar.

Sei o que aconteceu, pensei. O Pai foi ter com Mengele, e não lhe disse que sou judeu, mas também não disse que não sou judeu.

Mais tarde, o Pai disse que contou a Mengele que eu era um rapaz que ele conhecia, o que lhe fazia as limpezas.

Quando me apresentei no abrigo particular do hospital que o Pai me tinha indicado, conseguia cheirar um antisséptico. Depois, um assistente levou-me até uma cama.

O que vai acontecer? Será que os sacanas me vão bater? Vão forçar-me a olhar enquanto torturam um de nós?, pensei, febrilmente.

O meu medo aumentou quando o assistente regressou, na minha direção, com uma lâmina nas mãos. Ir-me-ia cortar a garganta? Ou

o olho? O que iria fazer? O que me fez foi rapar por completo o cabelo, as madeixas loiras a cair como pedaços de ouro.

Depois, fui levado para a sala de operações. Olhei para cima, e os meus olhos quase me saltaram do rosto. Sob as máscaras cirúrgicas estavam Josef Mengele e os três assistentes. Sentia o medo a aumentar na garganta. Eu ouvira falar nos ensaios de Mengele.

Como pôde o Pai trair-me desta forma?, chorei para mim.

Então, foi-me colocada uma máscara no rosto, e administrado o aroma doce da anestesia. Não me importei. Estava com tantas dores que os rostos dos meus pais e irmãos passaram-me à frente dos olhos, e já não quis saber se morria. Aparentemente de longe, ouvi o bater de um martelo, o esgravatar de um escopro e o partir de um osso. E apaguei-me.

Quando acordei, cinco horas depois, a minha cabeça estava envolvida num pano branco. Conseguia ver de um olho, mas o outro estava coberto com um tipo de ligadura que circulava à volta da cabeça.

– O que aconteceu? Onde estou? – choraminguei.

Com os vapores da anestesia a desaparecer, apercebi-me de que estava numa cama de hospital. Tudo o que sabia era que Josef Mengele me operara, e que continuava vivo. As dores na cabeça permaneciam, mas já não era o martelar febril que tinha antes. Era de alguma forma mais limpo, claro, mais esperançoso, embora a minha cabeça ainda sentisse como se alguém estivesse a tocar o badalo de um sino grande.

O que aconteceu? O que aconteceu? Nenhum judeu que conheça foi deixado aqui, disse para mim mesmo.

Então lembrei-me que Mengele e os médicos dele me tinham operado. Senti um arrepio percorrer-me o corpo todo. Conhecia a reputação de Mengele, por isso corri as mãos pelo corpo para garantir que tinha as partes todas. Até agarrei no pénis e no escroto. Toquei em tudo. Abanei até. Estava tudo no sítio. Inteiro. Fiquei atónito.

Foi Mengele a fazer a operação. Sei que foi. Ele nunca faz nada por judeus, e podia certamente ver o meu pénis circuncidado. Deve ter sido o Pai. Mais ninguém poderia conseguir isto, pensei, na escuridão.

Horas depois, os guardas trouxeram um prisioneiro e colocaram-no na cama ao meu lado. As restantes quinze camas da enfermaria estavam ocupadas, e algumas tinham duas pessoas. Era a minha vez de ter um companheiro.

O homem gemia.

– Quem és? – perguntei em alemão.

– Sou um judeu alemão – respondeu, com voz pastosa.

– Judeu? Como? Não há judeus neste hospital.

– Encontrava-me escondido em Berlim. Nasci lá e tenho amigos. Eles estavam a esconder-me, mas tive de ir ver um amigo que também estava escondido. Apanharam-me na rua. Alguém deu com a língua nos dentes, acho, e tive um ataque.

Ele gemeu de novo. Eu não sabia se o ataque dele era de estômago, vesícula, ou o que era. Continuou a contar que, quando o capturaram, o levaram para Birkenau. Disseram-lhe que não sabiam se ele era judeu ou ariano, e tiveram de o examinar. Entretanto, puseram-no ao meu lado.

Ele olhou para mim com os olhos perturbados e a cara a tremer.

– O que acontece aqui?

– Eu e tu não vamos estar aqui hoje à noite – disse-lhe. – Estás em Birkenau, e, aqui, eles gaseiam cinco mil a dez mil pessoas por dia. Judeus, ciganos, maçons. Toda a gente.

– Estás louco – retorquiu ele, sibilando. – O meu povo, o povo alemão, nunca faria isso.

– Logo verás. Hoje à noite, eu e tu vamos sair daqui – disse com um tom desagradável de que mais tarde me arrependeria. Eu sabia o que lhe aconteceria; ele não. Talvez as suas últimas horas devessem ter sido passadas no conforto da ignorância. Mesmo assim, a proteção dele para com os alemães chateou-me, por isso espetei a última adaga.

– Não regressarás – afirmei.

Por volta da meia-noite, foram buscá-lo. Mas, surpreendentemente, não me levaram.

– Para onde vou? – gritou ele para os guardas.

Fui eu a responder-lhe.

– Vais morrer, assim como eu – disse-lhe, desta vez com compaixão. Via pelos seus olhos abertos e narinas dilatadas que agora compreendia por completo a verdade do que eu afirmara. Nunca mais o vi.

No dia seguinte, Mengele e os três médicos visitaram-me. Imaginei que tivesse chegado a minha vez de morrer. O que quisessem fazer-me, faziam. Viram os meus olhos muito abertos, e foram na minha direção, incluindo Mengele. Queria muito urinar.

Os médicos jovens foram cordiais.

– Olá, como estás? – perguntaram, com grandes sorrisos. Fazer uma cirurgia num corpo vivo era uma mudança entusiasmante para eles. Normalmente, tinham apenas a oportunidade de cortar cadáveres.

Mengele olhou atentamente para o prontuário médico, e depois para mim. Falou comigo em alemão, embora pensasse que eu não percebia. Perante os jovens médicos, e à cabeceira do paciente, tentava demonstrar alguma humanidade.

– Fizemos uma operação ao mastoide – disse-me. Não fazia ideia do que isso era. Sabia apenas que tinha quase um metro de ligaduras à volta da cabeça.

Depois, os médicos desenrolaram as ligaduras, que traziam pedaços de pus cinzento e amarelo agarrados. Esse pus saía das minhas feridas como água de uma torneira a pingar.

– *Ja, ja*. Sim, é bom. Está bom. Muito bom. Muito bom – comentou Mengele, olhando para os resultados da sua própria cirurgia e aprovando com a cabeça.

Então, chamou um assistente, alguém que já vira no trabalho, mas com quem pouco falara. Ele conhecia-me porque eu me movia

muito pelo hospital. Mengele olhou ríspidamente para o assistente e disse com firmeza:

– Dê-lhe farinha com leite, margarina e pão branco.

Eu não tinha sequer visto, quanto mais ingerido, tal comida desde que a guerra começara. Teria de subornar ou de matar alguém para a conseguir. Agora, o próprio Josef Mengele mandava dar-me esse alimento delicioso e impulsionador de vida. Era demasiado ridículo.

Ou pensa que sou uma criança, ou vai adotar-me, ri dentro da minha cabeça, meio tonto de medo e da percepção de que poderia viver.

Recompus-me rapidamente. Entendia que o Pai era capaz de me salvar porque Mengele conhecia-me, e eu era uma parte familiar da sua rotina, tal como lavar os dentes. Mengele adorava ter uma rotina, sem mudar a forma como andava, comia, ou que quer que fosse. Eu tornara-me, estranhamente, uma parte dele. Por ser um membro do movimento *underground*, o Pai fora capaz de me salvar.

Estava atónito por a minha vida ter sido poupada. Pensei: *Parece que não é quem conheces, mas quem está a olhar por ti. Eu conheço o Max, o Max conhece o Pai, o Pai conhece Mengele, Mengele conhece-me. Tão simples quanto isso.*

Voltei a adormecer, mas o assistente acordou-me. Abri os olhos, surpreendido. Vi uma tigela de farinha a nadar em leite, pão branco, manteiga autêntica. Quase atirei a comida pela garganta.

Pouco depois, o assistente trouxe-me pão branco e pedaços de queijo para o almoço. Os meus olhos quase saltavam dos globos oculares. Em quatro anos de guerra, nunca tivera um lugar tão quente onde dormir, nem uma comida tão nutritiva. O jantar nessa noite foi uma sopa espessa de legumes.

Estou acostumado a raspar o fundo dos caixotes do lixo por comida, e agora olha o que me está a ser trazido em pratos verdadeiros, pensei. A comida não era difícil de digerir, por isso até o meu estômago paralisado conseguia suportá-la.

Na maioria dos dias, lutava para me manter vivo. Agora, sentia o corpo a ser afogado em vitaminas e calor e sono, e sentia-me a ficar

tenso – sabia o suficiente para desconfiar das coisas boas que me acontecessem num campo da morte. Mas ninguém me incomodava, dormia bem, e tinha boa comida. Até me davam água numa panela pequena e uma toalha para me lavar.

Deve haver um Deus no céu, pensei. Há dias estava pronto para morrer. Agora, os alemães tratam-me como um ser humano e o underground protege-me. Deve haver um Deus no céu.

Mesmo assim, não era tratado da mesma forma que os gentios. Era deixado num canto, a quinze metros de toda a gente. Era praticamente o único paciente do meu lado. Entendi que Mengele sabia que eu era judeu, mas que fazia um grande favor ao Pai. E também deixava que os jovens médicos fizessem uma cirurgia num corpo vivo. Penso que era esse o seu entendimento de uma boa ação.

À minha volta, havia morte e doença. Durante o dia todo e a noite toda, quando não estava a dormir, ouvia o catarro a atacar as pessoas, com infeções profundas nos pulmões, gemendo e gritando. Embora aquela fosse uma enfermaria para as pessoas mais saudáveis entre as doentes, algumas morreram, e via-as a serem levadas.

Quanto a mim, era bem cuidado. Ninguém nos abrigos tinha um lençol ou uma almofada, e eu tinha os dois. Um assistente veio ter comigo e mostrou-me silenciosamente o antebraço: a sua tatuagem azul continha a mesma série de números que a minha.

– Passámos por Majdanek juntos – sussurrou-me. – Sou de Varsóvia.

Vários dias depois disso, ele trazia-me uma chávena de água, ocasionalmente, perguntando:

– Como andas a dormir? Como te sentes?

Ele sabia que eu era algum tipo de celebridade, que devia haver alguma coisa de especial neste pequeno judeu.

– Graças a Deus, graças a Deus – era tudo o que me saía.

Max visitou-me algumas vezes. Ele brincava:

– O que estás aqui a fazer, Joe? Preciso que voltes para lá. – Depois brincava sobre o facto de estar tão longe dos outros pacientes. Eu sorria, ele sorria, e conversávamos um pouco. Nunca falávamos sobre o movimento.

Cerca de cinco dias volvidos, Mengele e a sua comitiva voltaram. Um dos assistentes desenrolou as ligaduras para mostrar os resultados da cirurgia. Mengele observou a ferida e disse, docemente:

– Bom, bom, bom. – Depois pediu que me mudassem as ligaduras, e os quatro médicos foram-se embora.

Fiquei no hospital nove dias, engolindo farinha, quase me afogando em leite, pão branco e margarina. Todos os dias estava encharcado de suor, com medo de que adoecer significasse ser gaseado a qualquer momento.

Disse para mim mesmo: *Isto tem de ser uma fantasia. Isto tem de ser um sonho*, mas sentia o alto atrás da orelha direita e sabia a verdade.

Um dia, o assistente que passara por Majdanek veio ter comigo, com ar triste.

– Vais ser despejado, Joe. Já tens a tua roupa, mas se quiseres uma nova, eu arranjo-ta. E terás o teu trabalho de volta. Alguém está a olhar por ti, e fico feliz por isso – disse-me.

No dia seguinte acordei, espreguicei-me, e olhei para a fila de prisioneiros doentes nas camas ao longo da parede oposta. Esperei até o pequeno-almoço ser servido. Comi lentamente o leite com a farinha, deixando cada gole demorar o máximo de tempo possível a passar-me pela garganta.

O sabor doce teria de permanecer comigo durante o que esperava ser um longo, longo tempo. Assim como o sabor do pão branco e da margarina. Barrei o pão, e cortei-o em pedaços pequenos. Comi cada pedaço, mastigando-o lentamente e deixando o sabor rico navegar pelo esófago, saboreando-o até ao último segundo.

O assistente tirou as ligaduras que restavam e colocou uma ligadura pequena sobre a cicatriz. Depois, deu-me a roupa. Vesti-a e fui-me embora. Não tive de confirmar a saída; não tinha conta por pagar. Despedi-me do assistente que me ajudou.

Os pacientes do outro lado da enfermaria olhavam para mim com curiosidade. Não faziam ideia de que doença estranha eu poderia ter para me isolarem. Nem me preocupei em explicar que era apenas judaísmo, e que não era contagioso.

É bom ter amigos, pensei, apercebendo-me de que sem o *underground* já estaria morto. Compreendi também que era a ligação entre o movimento de Birkenau e o mundo exterior. Entregava as mensagens de e para cada lado. Se não fosse eu, ninguém no exterior saberia os horrores que aconteciam ali. No meu reto levava a esperança para o *underground* dentro do campo. Carregava as notícias do quão longe os Aliados avançavam, e do quão longe os alemães eram afastados.

Sou um instrumento valioso para eles, pensei. *Precisam de mim, e estou entusiasmado por isso*.

Fui direcionado para um capataz judeu, um homem miserável. Ele estava com o checo há vários meses. À medida que o tempo passava, espancava cada vez mais pessoas até à morte, até o checo renunciar às agressões. A partir daí, o capataz teria de ser cuidadoso.

Sem uma palavra, foi ter comigo e começou a agredir-me. Ele gostava especialmente de me bater na cabeça. O meu cabelo ainda não tinha crescido, e as cicatrizes da cirurgia sobressaíam como sangue numa ligadura. Os guerrilheiros treinaram-me como me defender. Sabia o que fazer, mas o meu corpo estava demasiado fraco para o fazer.

Depois de me bater e pontapear durante um bocado, levantou-me e atirou-me para a lama, que estava parcialmente gelada porque o inverno ainda agarrava o campo. Vi os assistentes que tinham vindo originalmente comigo para Auschwitz a espreitar pela janela do

hospital. Vi-os a enrugar-se de raiva enquanto me levantava da lama empapada.

Tive a minha vingança. Meses depois, ainda mais seguro de que o *underground* me poderia proteger, fui ter com o capataz. Ele era vários centímetros mais alto do que eu, mas eu estiquei-me até ao ouvido dele e sibilei-lhe: «Se te meteres comigo outra vez, corto-te as mãos, e ninguém me fará nada. E sabes o que os alemães te fazem se os teus braços forem cotos e não conseguires trabalhar.»

O olhar que ele me devolveu, numa mistura de surpresa e medo, fez-me sentir quase tão bem como no momento da primeira colherada de farinha no hospital. Era alimento para a alma.

Eu ganhara coragem. Todas as semanas saía com os *Leichenkommandos*, e todas as semanas Max dava-me a mensagem e o preservativo. Tínhamos conversas curtas, como se fôssemos desconhecidos. Geralmente, encontrávamo-nos no hospital ou entre abrigos. Ou então na latrina depois do trabalho, e ele apertava-me a mão e perguntava-me: «Olá, como estás?» Então, sentia o papel oleoso bem dobrado na palma da mão.

Ninguém incomodava Max onde quer que ele fosse. Era secretário, por isso não trabalhava. Vestia-se bem e tinha roupa de inverno como botas e casacos, sem buracos. Tinha sem dúvida o suficiente para comer porque a cara dele era ainda roliça.

Quando nos víamos, ele passava pelo ritual usado com todas as pessoas que conhecia. Apertávamos as mãos e dizia: «Graças a Deus estás vivo.»

Era assim que nos comportávamos em Birkenau. Fazer amizades era difícil, porque sabíamos que qualquer um de nós podia ser apanhado pela rede dos nazis a qualquer altura. Mas não podíamos sobreviver sem o companheirismo, por mais temporário que fosse. Ali, a amizade significava quase tanto como a comida. De certa forma, era alimento para o espírito. Frequentemente, era o que nos impedia de enlouquecer ou de nos atirmos para os arames.

No entanto, Max e eu tínhamos algo especial. Quando nos víamos e apertávamos as mãos, ou ele me passava uma nota ou eu

passava uma a ele. A nossa exuberância não era notável ali, onde ver apenas alguém que conheces passado alguns dias é um pequeno milagre, uma bênção, uma luz numa existência sombria e ameaçadora.

Capítulo Dezassete

MORTE E MUDANÇA DE EMPREGO

As mensagens entre o movimento *underground* e o exterior eram como um raio de luz na minha vida. Lia-as antes de as colocar no preservativo, e depois no reto. Queria saber o que se passava no campo. As notícias eram sempre deprimentes, mas fazia-me sentir bem saber que a morte daquelas pessoas – muitas delas do meu povo – seria dada a conhecer ao mundo, não importa o quão pouco, através dos números naquele pequeno pedaço de papel.

O que me encorajava eram as mensagens que descreviam os bombardeamentos repetidos que os alemães faziam. Um dia, estive cara a cara com a prova de que a guerra estava a correr mal para os alemães. Passava por um campo de trabalho perto de Birkenau durante a tarefa de apanhar cadáveres. Andava por ali há tanto tempo que ninguém me incomodava muito. Alguns dos campos tornaram-se em instalações de prisioneiros de guerra, e eu passava perto da cerca e perguntava-lhes qual a sua nacionalidade. Era espetacular: tratava-se de pilotos judeus vindos dos Estados Unidos e da Inglaterra. Alguns falavam iídiche. Um disse que era de Nova Iorque. No início da guerra podiam ser espancados até à morte. Agora, os alemães deixavam-nos em paz porque a Cruz Vermelha Sueca vigiava-os de perto.

– Agora, os malditos *Krauts* correm pela vida – disse o de Nova Iorque com um som nasalado. – Estamos a bombardeá-los forte e feio.

Ele assegurou-me que se nos aguentássemos mais um pouco, seríamos libertados.

Nesse momento, o líder *Leichenkommando* chamou e tive de voltar para a minha tarefa, mas as notícias entusiasmaram-me.

Por essa altura, no inverno do início de 1944, sabia que os soviéticos andavam a encerrar os alemães ao longo de toda a fronteira polaca. E também que os Aliados estavam a vencer batalhas importantes. Sonhei que a minha Polónia pudesse em breve livrar-se daqueles vermes. O meu sonho pessoal continuou, também.

Um dia, serei livre. Terei esposa e filhos, e o meu próprio negócio. Consigo fazê-lo. Os milagres acontecem. E estão a acontecer, quase cantei para mim.

Debatia-me com um turbilhão de sentimentos. Visualizava amiúde o meu sonho – normalmente quando tinha frio, estava molhado, ou com fome, e chovia ou nevava. Depois, agarrava-me à realidade. Deitava-me sossegado e pressionava a carne entre o polegar e o indicador, apercebendo-me de que tinha tão pouca carne que a pele parecia uma folha de papel a envolver os ossos. Desesperava, e começava a refletir nas mensagens sobre a guerra que lera, e atrevia-me a pensar que a guerra poderia acabar em breve, e que eu sobreviveria.

Terei uma educação. Sou tão bom quanto os alemães, e até melhor. Há ainda muita terra por comprar. Construirei. Vou criar fábricas e construir casas, pensei.

Às vezes, deixava a minha fantasia ir ainda mais longe. Via-me com dois ou três dos meus amigos, talvez Hymie, Nuftul e Frank, formávamos uma empresa e vivíamos bem, com boas casas, mulheres, crianças e carros. Imaginava a minha casa como um palácio, com arbustos e flores a crescer numa profusão de cores.

Enquanto a minha alma era recheada de esperança, os espíritos de muitos dos meus compatriotas esgotavam-se. Dia após dia, acordava e encontrava a cama de alguém vazia. Talvez duas ou três camas.

Sabia logo quem faltava ao olhar apenas para cima e para baixo das filas aparentemente intermináveis. Além disso, aproximava-me da porta do abrigo, onde permanecia o barril. A porta estava sempre

entreaberta, e via a cerca eletrificada, que se mantinha como uma cobra silenciosa no amanhecer.

Desse ponto vantajoso, visualizava corpos flácidos, a cabeça pendurada, as pontas dos sapatos a tocar no chão, envoltos em arame. Por dia, havia geralmente de um a quatro. Muitos de nós íamos regularmente até ao barril de manhã para ver quem se suicidara na noite anterior. Durante os meses seguintes, só do meu abrigo, terei visto talvez trezentos cadáveres balançando levemente na cerca. De tão magros, os corpos dobravam os arames apenas um pouco.

Depois do trabalho, molhados, cansados, esfomeados, e após inúmeros espancamentos, durante um turno de doze horas, os homens falavam frequentemente em matar-se. Quase sem comida, e sendo as roupas esfarrapadas uma proteção insuficiente contra as noites geladas, olhavam para mim e diziam:

– Joe, a vida aqui é intolerável. Porquê esperar? Porquê ser torturado? Ninguém resiste a tanta miséria, tanta agonia. Estaremos todos mortos em pouco tempo, de qualquer maneira. Qual é o objetivo?

Claro que todos os que falavam assim eram judeus. Os abrigos tinham alguns gentios, mas estes não passavam por seleções, e recebiam pacotes de roupa e comida. Desesperei. Os Aliados podiam andar a ganhar batalhas, mas o mundo esquecera-se de nós.

Somos judeus. Não temos casa, nem comida, nem amigos, nem familiares, nada para nos ajudar. As pessoas desistiram de nós. Alguns estão demasiado ocupados a fazer milhões e outros nem querem saber. O presidente Roosevelt não parece pretender saber muito, pensava frequentemente. Se ele se importasse, muita coisa podia ser feita para acabar com as atrocidades. Eu espero e rezo para que o mundo alcance a paz, e tudo o que vejo à volta são barbaridades. Onde estão os nossos companheiros judeus? Onde estão os americanos?

Ocasionalmente, dizia isto aos amigos mais próximos. Tentava, na maioria das vezes, manter o espírito das pessoas em alta por mais um dia. Queria, com o que eu sabia, acalmar as dores, a agonia e o desespero dos que me rodeavam. Mas isso significaria a minha morte.

Tudo o que podia fazer era conversar com eles. Durante os meus sete anos na *Yeshivá*, aprendi que, quer na religião judaica quer na cristã, as pessoas que se suicidavam estavam a cometer sacrilégio. *Se te matares, deitar-te-ás ao lado da parede do cemitério, não com a tua família.*

– Não tens o direito de destruir a vida que Deus te deu. Podemos todos enfrentar a câmara de gás – dizia aos prisioneiros, suplicando. – Em breve, todos nós podemos desaparecer. Há sempre a hipótese de um milagre acontecer de novo. Mantenham-se vivos mais uma hora. Podemos viver para ver aqueles sacanas afogados no seu próprio sangue.

– És louco, Joe – respondiam-me. – És um homem doce. Nunca ninguém tentou mais intensamente fazer com que as coisas melhorassem para nós. Mas isto é um campo da morte. Aqui morre-se. Mais tarde ou mais cedo.

Eu próprio estava quase morto. Era praticamente um esqueleto. Pesava talvez trinta e seis quilos, e antes tinha sessenta e oito.

Sobreviverei a esta guerra? Conseguirei fazê-lo? Continuo a sonhar que serei alguém. Mas talvez, em vez de ser alguém importante, seja apenas alguém que está morto, pensei. Depois, senti um calafrio.

Na primavera de 1944, quanto a comida, a nossa situação melhorou um pouco. Os nazis ocuparam a Hungria para prevenir que o Governo húngaro acordasse a paz com os Aliados. Meses depois, o Executivo começou a deportar os judeus para Birkenau. Os alemães disseram aos judeus que iam trabalhar para Auschwitz, por isso a delegação húngaro-judaica enviou grandes quantidades de ervilhas e feijões ensacados para alimentar o povo.

Embora muitos dos húngaros não se mantivessem em Birkenau, os alemães, de certa forma, disseram a verdade. Nessa altura, homens saudáveis até aos quarenta anos e mulheres até aos trinta ou trinta e cinco foram autorizados a ir para a Alemanha ou para campos de trabalho.

No entanto, as ervilhas e os feijões recebidos juntamente com os húngaros ficaram em Birkenau. Portanto, comemos um pouco melhor durante algum tempo. Depois, a pressão internacional da Cruz Vermelha, do Vaticano e dos Aliados fez com que o Governo húngaro parasse com as deportações, isto apenas algumas semanas depois de começarem. Eu sabia o que acontecera, claro, porque lia as mensagens do *underground*.

Na primavera de 1944, um rapaz judeu da Hungria chegou a Birkenau. Estava em boa forma física. O seu Governo permitira-lhe que fosse alimentado decentemente. Tinha uma estatura média, dezassete anos, o cabelo castanho-avermelhado e alguma carne sobre os ossos. Veio ter comigo porque percebeu que o podia ajudar.

– Joe, os húngaros perderam a batalha na nossa frente e os alemães começaram logo a deportar-nos. Os judeus estão a ser levados para a frente, mas sou demasiado novo. O que acontece por aqui?

Por ele me ter dado algumas notícias, forneci-lhe algumas dicas e informei-o do que se passava ali. Ele agarrou-se a mim, mas foi esperto o suficiente para conseguir trabalho na rampa. Ajudei várias pessoas a arranjar um trabalho: Frank, Noah – o prisioneiro que estava sempre a pedir-me conselhos – e mais dois homens.

Finalmente, houve mais doze homens transferidos para a minha área. Havia algumas pessoas a quem não podia ajudar, mas que conseguiam cuidar bem delas próprias. Em meados de 1944, chegou um transporte de judeus vindo do Norte de Itália, onde os alemães ainda lutavam contra os Aliados. Entre eles, estava Checo, um pugilista campeão. Checo só falava italiano. Eu não sabia bem a língua, mas ele tinha um amigo com ele que falava também servo-

croata. Eu conhecia o suficiente dessa língua para o entender, e o pugilista e eu comunicávamos através do amigo dele.

Havia já um gangue de sete ucranianos no campo. Eram antissemitas. Tinham também um pugilista amador entre eles. Disseram ao intérprete de Checo que, se ele não lutasse, o matavam. Checo recusou-se, mas, após várias ameaças, cedeu. Embora eu nunca o apanhasse a fazê-lo, suspeitei que o *Stubendienst* insistisse com os ucranianos.

Três semanas após a chegada de Checo, os dois pugilistas defrontaram-se. A luta aconteceu num domingo entre os abrigos 8 e 9. Instalara-se uma atmosfera quase de Carnaval. Devia haver cerca de mil e duzentas pessoas, bem apertadas. Toda a gente esticava o pescoço ou ia para a fila da frente.

Foi uma festividade deprimente. O odor de corpos por lavar empestou o ar, e as roupas, já de si esfarrapadas, ficaram em tiras, a da maioria de nós. Muitos perderam os dentes, e estávamos cobertos de cicatrizes e sangue endurecido. Por fim, um espaço com cerca de vinte e quatro por trinta metros foi esvaziado no meio deste grupo patético e esfarrapado. Os dois pugilistas, despídos até à cintura, deram um passo em frente. Um *Stubendienst* com um apito e um relógio era o árbitro.

– Vamos ter uma luta – anunciou em alemão. – Não sabemos quem irá ganhar, mas é tudo grátis. Há dez rondas, e cada uma será de cinco minutos – berrou.

A multidão à volta dos homens era decerto o grupo mais diverso quanto à religião e à nacionalidade que já vira no campo. Quem chegasse primeiro, instalava-se, por isso os judeus e os gentios misturaram-se aleatoriamente.

O apito soou para a primeira ronda, e Checo saiu do seu canto, a balançar e a saltar. Ele era atarracado, com músculos ondulantes, e a habilidade de se mover de um bailarino. Tinha cerca de um metro e setenta, e devia pesar oitenta e seis quilos. O ucraniano era talvez três centímetros mais alto, mas cerca de dez quilos mais magro.

O ucraniano estava claramente em desvantagem. Checo saltava, balançava e entrelaçava-se à volta dele, enquanto o ucraniano ficava de pé no mesmo sítio e mexia-se um pouco. Não tinha movimento de pés. Checo golpeava-o, e corria, e o som do punho de Checo a atingir a cara do ucraniano estalava no ar várias vezes por minuto. O rosto do ucraniano ficava cada vez com mais altos. No fim da segunda ronda, não havia dúvidas de como a luta acabaria.

O ucraniano estava cansado, os movimentos mais pesados. Por esta altura, Checo batia-lhe no rosto com cada vez mais força, sufocando-o com a agitação, enquanto o ucraniano cobria a cara e o estômago. Depois de o golpear umas cinco ou seis vezes, Checo afastava-se do homem, que se tornava cada vez mais inábil e desajeitado, à medida que a fadiga e o martelar dos murros de Checo lhe esgotavam as forças.

O ucraniano continuava a abanar a cabeça para clarear a mente. Após cada golpe, sacudia-a com mais força. Ocasionalmente, conseguia dar um golpe sólido na cabeça ou no estômago de Checo. Ouvíamos a carne a ser esmagada, mas Checo não cedia. À terceira ronda, o ucraniano era mais golpeado, ficava mais fraco e abanava a cabeça com mais força, a cada ataque. Checo quase dançava para dentro e para fora à vontade.

Estava obviamente a brincar com o oponente. A meio da quarta ronda, parou com as táticas semelhantes a um mosquito, e desatou a bater no rival com mais intensidade. Os seus punhos acertavam no alvo quase sem oposição. Os joelhos do ucraniano começaram a fraquejar, o corpo a tremer, os olhos a ficar vidrados, e parecia desorientado, movendo-se em várias direções todo desarticulado. Os gritos dos ucranianos aumentaram, ao aperceberem-se de que um judeu podia bater num deles.

Por fim, Checo decidiu acabar com o ucraniano. Bateu-lhe desferindo-lhe uma saraivada de golpes na cabeça, partindo-lhe o nariz com tanta força que o sangue começou a jorrar. Vimos muito sangue naquele lugar, mas era a primeira vez que o víamos quando

as regras se aplicavam. Com um golpe em gancho, Checo acertou no oponente, que voou e aterrou no chão com os braços abertos. Os ucranianos carrancudos levaram o pugilista inconsciente.

Os judeus aplaudiram o resultado, mas não agressivamente. Devíamos ser comedidos. Se tivéssemos gritado e dado palmadas nas costas uns dos outros, teríamos provocado uma revolta. Havia muitos *Kapos*, e também uma abundância de assassinos, com facas e soqueiras de latão. Se fôssemos exuberantes, teríamos sofrido bastante.

Os ucranianos estavam irritados com o resultado. Apontavam para o pugilista italiano e resmungavam, com os olhos a mostrar uma raiva de fanático. Um dia, os sete atacaram Checo e arrastaram-no para a rua. Até um espécime de esplêndida forma física como ele não conseguia revidar enquanto era atacado por muitas tábuas e soqueiras de latão.

Ouvimos o estalar e o bater das armas a atingir o alvo, e os ucranianos gritavam

– Vamos matar-te, judeu. Vamos matar-te.

Checo não entendia uma palavra do que diziam, mas gritava:

– Ajudem, ajudem, estão a matar-me – em italiano, pontuado por sons agudos e lamentos altos. Eu sabia o que ele dizia porque o intérprete dele estava ao meu lado.

Não o podíamos ajudar. Se o fizéssemos, perderíamos. Se o ajudássemos, a nossa vida estaria em risco. Se puséssemos um dedo num gentio, seria o fim. Sentíamo-nos terrivelmente.

O ataque durou cerca de dez minutos. Quando Checo voltou a cambalear, não o reconhecemos. O rosto estava inchado. Jorrava-lhe sangue dos olhos e da boca. Quase não havia um centímetro da boca ileso.

Os judeus irritaram-se com os ucranianos, mas não nos podíamos vingar. Muitos deles eram assassinos e *Kapos*. Iriam retaliar, à maneira deles, em nós, e não éramos capazes de os enfrentar tão bem quanto Checo. Fui ter com ele ao beliche e pus-lhe uma mão no ombro.

– Meu Deus, Checo, sentimo-nos tão mal com o que te fizeram. Mas se lhes fizermos alguma coisa, matam-nos – disse, com tristeza.

– Não te preocupes, Joe – respondeu ele entre dentes partidos e lábios inchados. Ouvia a respiração dele a raspar porque algo dentro do nariz dele fora partido. – Vou tomar conta disto. Ainda não terminei com eles. Vou morrer, mas eles vão estar mortos antes disso.

Cerca de três semanas depois, Checo apanhou quatro dos ucranianos fora dos abrigos. Dois médicos judeus que trabalhavam na ambulância disseram mais tarde que dois ucranianos morreram, e que os outros estavam meio mortos.

Perguntei a Checo porque o fez.

– Vou morrer de qualquer maneira. Agora, sinto-me bem. Eles deram-me cabo da cara, mas parti-lhes os braços e as pernas e avisei-os de que não vão escapar disto. Vão sobreviver porque são gentios. Eu sou judeu. Sou um homem morto. Mas até eles irem para as sepulturas, saberão que um judeu era um homem melhor do que eles.

Dias depois, vi o intérprete de Checo. Eu não via Checo há pelo menos trinta e seis horas.

– Onde está o Checo? – perguntei, a tentar esconder o medo.

– Não sei aonde foi. Não o vi. Acho que o levaram para o crematório porque estava com um ar tão desgraçado – respondeu o intérprete, com ar triste.

A brutalidade ali continuava a ser o pão nosso de cada dia. Em ocasiões raras, no entanto, tinha até um lado humorístico. Uma vez, os meus amigos e eu trabalhámos a noite toda, a fazer descargas na rampa. Eu e mais cento e vinte rapazes voltámos para o campo a marchar. Éramos a nata, a elite dos prisioneiros. Muitos de nós sobrevivemos em Birkenau durante quatro anos, onde a maioria não durava mais de quatro horas. Marchávamos tão bem quanto qualquer um dos alemães, e estávamos orgulhosos.

Nessa noite, um homem SS encontrava-se bêbedo que nem um cacho. E tinha um chicote, um daqueles com arames de metal no interior. Regressávamos um pouco mais cedo, e imagino que ele tenha pensado que nos estávamos a baldar.

Cambaleava, e as pernas dele curvavam-se. Ele não podia acertar em todos, mas veio atrás de nós com uma pá. Estávamos ao lado do portão, num descampado, a correr pela nossa vida.

Não podíamos correr para muito longe, ou seríamos baleados. Tivemos de nos manter ali. Ele provavelmente não sabia o que estava a fazer. Obrigou-nos assim a correr em círculo. O portão estava trancado e os guardas não nos deixavam entrar, e seríamos baleados se voltássemos para a rampa. Por isso tivemos de ficar lá, a correr em círculos. Ele uivava:

– Sacanas, seus cabrões burros. – Estava bêbedo, mas não demasiado para nos agredir. O chicote bateu repetidamente durante a noite.

– Judeus. Judeus, sacanas porcos – gritava. – Rastejem, gosma, rastejem!

Durante duas horas, o sangue fluíu. O estalar do chicote e os gritos de dor eram quase mais assustadores do que as câmaras de gás. Pelo menos lá, a morte era garantida. O alemão agitava o chicote de modo a que este rasgasse um pedaço da orelha de um homem, ou tirasse algum olho.

Ser baixo era uma grande vantagem numa altura daquelas. Andávamos todos de gatas, mas o meu tamanho permitia-me esconder atrás dos homens mais altos. A tira do chicote mal me tocou nas costas uma ou duas vezes. Estava quase sempre ao lado de quem era atingido, e ouvia o choro.

De repente, ouvi o nazi guinchar, e olhei para cima. Tinha um vergão enorme nos dois olhos, na face esquerda e na testa. Estava tão bêbedo que bateu nele próprio. Os olhos fecharam-se devido ao inchaço, e o resto da cara começara a insuflar.

– Vou apanhar-vos, sacanas. Acham-se no direito de revidar? Julgam que podem bater num dos homens do *Führer*? Pensam que

vos é permitido bater num ariano, judeus sacanas? Rugiu. A dor que sentia e a vingança que estava pronto a pôr em prática fizeram-me suar e estremecer, e escondi-me bem atrás de um homem alto.

O nazi estalou o chicote repetidamente, mas agora, além de bêbedo, estava cego. Escapámos bem às chicotadas. Sempre que estalava, o chicote virava-se e batia nele próprio. Ele rugia de dor e raiva, seguindo-se um guincho.

Por essa altura, já estávamos todos de pé e num semicírculo à frente dele. Assistíamos a um espetáculo glorioso, e ansiávamos ter o chicote nas nossas mãos em vez de nas dele. Mas ver um SS a chicotear-se, enquanto a sua cara ficava em sangue e a espuma lhe saía da boca, era um divertimento como nunca tivéramos.

Finalmente, o SS inclinou-se para trás, com uma força muscular que teria derrubado qualquer homem no nosso grupo, e chicoteou de novo o braço. O chicote enrolou-se, atingindo-o na cabeça. Ele caiu na pilha sangrenta no uniforme, encharcado do seu sangue e coberto de poeira. Era uma paródia nojenta do poder militar e da superioridade racial que Hitler reivindicava para si e para os alemães.

– Deus vingou-se deste homem – disse a Hymie, à medida que nos afastámos.

Um dia pouco depois deste incidente, levantei-me de manhã e pus-me a caminho do hospital. Passei pelo campo cigano. O silêncio era, de repente, como um manto. Não havia crianças a correr perto da cerca, e ninguém me tentava vender cigarros. Sentia o cheiro a carne chamuscada.

Passa-se aqui algo de muito, muito, muito errado, pensei, preocupado.

Passei a maior parte do dia a tentar imaginar o que podiam os alemães ter feito. Estava a trabalhar no hospital, e continuávamos a perguntar uns aos outros o que acontecera aos ciganos. De volta ao abrigo, um rapaz que eu sabia que tinha ligações com os *Sonderkommando* aproximou-se.

– Pessoal, adivinhem só? Acabaram-se os ciganos. Gasearam-nos a todos ontem à noite – disse ele.

Os Aliados aproximavam-se. Agora, sempre que apanhava as mensagens do *underground*, sentia a terra a tremer dos bombardeamentos, a não mais de sessenta e cinco ou oitenta quilómetros de distância. Sabia que os Aliados ganhavam terreno.

Imaginei que os alemães estivessem a entrar em pânico com a possibilidade de perderem a guerra, por isso exterminavam o maior número possível de pessoas indesejáveis que pudessem. Estávamos em maio de 1944, e cerca de quinze agentes da Gestapo começaram a assumir as rédeas de algumas seleções. Os Aliados invadiram Majdanek e Treblinka por essa altura. Mengele continuava a fazer a maioria das seleções. Ele gostava especialmente do turno da noite. Parecia absorver a escuridão.

– Somos a seguir – disse a Frank. – Vão-nos pôr o dedo na boca do leão, e teremos de esperar para ver quando o leão o vai arrancar.

Frank acenou com a cabeça, tristemente. Estávamos todos deprimidos. Eram tantas as pessoas que andavam a ser trazidas e gaseadas.

No dia após os ciganos serem gaseados, encontrei-me com Max para ir buscar a mensagem seguinte. Por essa altura, víamos o número de comboios a aumentar, e os alemães estavam a pegar em toda a gente de onde pudessem. Os prisioneiros saudáveis eram enviados para a Alemanha para trabalho escravo. O resto subia pela chaminé de Birkenau.

– O que irá acontecer-nos, Max? Os ciganos foram liquidados.

– Andam a enviar pessoas daqui para a Alemanha – respondeu Max por um dos cantos da boca. – Ou matam-nos aqui ou mandam-nos para a Alemanha, onde nos fazem passar fome até à morte. Sair daqui vivos não é opção.

– E quanto ao hospital?

– Vão provavelmente fechar tudo. Se mandam as pessoas para a Alemanha de comboio, não vão ter tempo de dar atenção médica a ninguém. Quem não conseguir trabalhar, está morto. As coisas

estão tão más que até os pacientes gentios podem acabar nos fornos.

Em breve, um dos médicos de Mengele puxou-me à parte, quando Mengele e os outros não estavam a olhar.

– Ouve, Joe, estás em perigo. Com o campo cigano fechado, o hospital será provavelmente o próximo. Vão evacuar todas as pessoas capazes para a Alemanha – sussurrou-me, e depois acenou para mim e saiu da sala.

Nos dias seguintes, vi o hospital esvaziar-se, à medida que os pacientes morriam, até mais rápido do que o costume – provavelmente por falta de medicamentos.

Os trabalhadores do hospital, cerca de cento e vinte de nós, estavam em pânico. Tentámos encontrar algo para fazer, de forma a justificar a nossa presença. À noite, ouvíamos as bombas a explodir.

Sabia que os russos tinham invadido Varsóvia. Pararam durante algum tempo, para se reagrupar, mas estavam de novo em movimento.

– O que vão fazer connosco na Alemanha? – perguntei a Hymie e Nuftul. – Vão matar-nos um a um, e entretanto passaremos fome. Sabemos que o fim da guerra se aproxima, mas ainda a passo demasiado lento.

Na noite seguinte depois do jantar, o *Stubendienst* gritou:

– Oiçam, tenho um anúncio a fazer. – Chamou muitos números, incluindo o de Hymie e Nuftul. – Estes números devem-se juntar à frente do abrigo amanhã e marchar até ao abrigo dos *Sonderkommando*.

Nem sequer tentavam esconder para onde nos iam enviar. Depois, chamou o meu número, o de Frank, e mais alguns.

– Amanhã, reportam a Canadá – disse.

Os rostos empalideceram. Hymie e Nuftul olharam para mim.

– Como é que nós acabamos no inferno, e tu ficas com Canadá? – perguntou Hymie.

Eu sabia a resposta, mas nem a Deus podia dizer.

– Não sei – disse, abanando a cabeça. – Eles chamaram o meu número e aqui estou.

Dentro da minha mente, pensava mais rapidamente do que conseguia correr. Não conhecia ninguém que tivesse sido enviado de Canadá para os fornos, por isso estava a salvo, por enquanto. Hymie e Nuftul estariam em breve nos crematórios.

Na manhã seguinte, assim que os números foram chamados, os *Sonderkommandos* partiram. Hymie e Nuftul iam de cabeça inclinada. Sabiam que tinham cerca de doze semanas. O ritmo das execuções aumentara dramaticamente, assim como o ritmo das execuções dos *Sonderkommandos*. Presumi que os alemães, sabendo que a guerra estava perdida, queriam matar o maior número possível de judeus e de outras pessoas que considerassem indesejáveis.

Era uma aposta segura, a de que todos os meus amigos morreriam em breve. Abracei-os e beijei-os nas faces. Todos nós chorávamos. Depois, tiveram de caminhar vinte e três metros para o outro lado da estrada, a fim de serem engolidos pela cerca de arame farpado.

A porta de um metro e oitenta do abrigo dos *Sonderkommandos* abriu-se e eles entraram. A porta bateu atrás deles.

Mais tarde, descobri que, nessa noite, os pacientes do hospital foram todos retirados. A maioria foi gaseada.

Os trabalhadores do hospital estavam agora de mãos atadas. Tinham os melhores trabalhos, mas nada para fazer. Os judeus iam para os esquadrões de *Sonderkommando*; os gentios eram enviados para trabalhar na construção. Mesmo face à derrota iminente, os alemães não pararam de construir.

– O que me vai acontecer? E ao resto de nós? – perguntei ao Frank. – Tenho medo.

Até pensei em matar-me. O medo era a subcorrente constante, e eu sabia que a minha religião me exigia que lutasse por ela.

Não, não vou ceder, disse para mim mesmo. *Vou lutar contra os sacanas até ao fim. Já se passaram quase seis anos. Sei que o fim*

está próximo. Talvez continue aqui para o ver.

Capítulo Dezoito

NA RAMPA

Escapei de novo da morte. Fui nomeado para limpar a rampa, e era um dos melhores trabalhos, especialmente desde que o hospital encerrara. Mas forçou-me também a testemunhar mais morte, desespero e medo do que algum ser humano deveria ver. Deixou-me a alma doente.

Trabalhava no turno da noite, das dezoito às seis da manhã. Cada turno era composto por cerca de cento e quarenta de nós. A causa nazi parecia pior do que nunca. Rommel fora derrotado no Norte de África, e os alemães estavam determinados em exterminar o maior número de judeus possível.

Os ruídos, as visões e os odores na rampa eram tão grotescos que os alemães tinham quatro turnos de seis horas a trabalhar lá. Não estavam preocupados connosco, por isso os prisioneiros tinham apenas dois turnos de doze horas.

O meu novo trabalho obrigava-me a vestir um uniforme especial – calças, camisola, casaco e um pequeno chapéu redondo, todos verde-escuros com riscas brancas. Usávamos este uniforme para que os guardas soubessem que se tratava de prisioneiros que não era suposto serem enviados para as câmaras de gás ou campos de trabalho.

Antes de irmos em direção à rampa para o nosso turno, devíamos fazer a barba e lavar-nos. Os alemães adoravam a limpeza, especialmente naquela situação desprezível. Queriam-nos apresentáveis, como se fôssemos para um dia no escritório.

Queriam-nos também rápidos e eficientes. Tínhamos de trabalhar depressa, porque havia quase sempre mais um comboio à espera com carga humana. Atrás desse, estava outro, e depois outro, numa

parada interminável da morte. Os prisioneiros eram quase sempre judeus, comprimidos em cada vagão como sardinhas em lata.

Alguns minutos após cada comboio vazio partir, chegava outro cheio. O processo completo – esvaziar o comboio e despachar os prisioneiros para o seu destino, descarregar cadáveres e bagagem – demorava trinta minutos. Claro que havia outras questões, como a saída de um comboio, a chegada de outro, assim como testar o acoplamento dos vagões, os quais contribuíam para estender a permanência de cada comboio para uma hora ou mais.

Cada comboio chegava a atingir os oitocentos metros. No nosso turno, passávamos por cerca de dez composições por noite. Isso significava que Mengele dispunha de dez mil a quinze mil homens, mulheres e crianças num só turno, aproximadamente a população da minha cidade natal.

Quanto mais a escuridão da noite cobria a rampa, mais assustador se tornava o sítio. Sempre que um comboio chegava, a expelir fumo preto e os travões a guinchar, o meu trabalho era saltar em frente e deslizar as portas dos vagões. Quando puxadas ao mesmo tempo, as portas formavam uma única dobradiça. A dobradiça tinha uma cavilha. Eu puxava a cavilha, que estava agarrada a uma das portas por uma corrente pequena de metal, para fora da dobradiça, e abria as portas, e saltava para trás.

Estávamos proibidos de falar ou tocar em alguém. Os alemães não queriam que os deixássemos em pânico, dizendo-lhes onde estavam e o que iria acontecer. Podiam revoltar-se, e depois os guardas teriam de os massacrar com disparos de balas. Esse método, embora emocionalmente satisfatório para eles, não seria tão ordeiro quanto levá-los para as câmaras de gás. A ordem era o que mais importava aos alemães.

Os prisioneiros eram despachados tão rapidamente que nem tinham tempo de entrar em pânico ou de criar uma revolta maciça contra os oitenta guardas. Mesmo com as espingardas alemãs que os guardas seguravam e as *Lugers* que os agentes da Gestapo e

Mengele carregavam nos coldres, os alemães estavam em grande minoria.

Contudo, não teria importância. Eram como moscas num elefante: matariam toda a gente num segundo. Foi por isso que nunca vi ninguém tentar fugir. Os prisioneiros estavam sempre rodeados de cercas elétricas, guardas armados e cães.

Os guardas vigiavam-me e aos outros trabalhadores da rampa a uma distância de três metros, para garantir que não falávamos com ninguém. Mesmo assim, quando viravam as costas para patrulhar outro vagão, as pessoas perguntavam-me, suplicando, em iídiche: «Onde estamos?» E eu aprendi a falar pelo canto da boca, para que os guardas não vissem. Com os lábios quase sem se moverem, sussurrava: «Auschwitz.»

A reação era tão previsível quanto dolorosa de testemunhar. Os rostos empalideciam e formavam-se lágrimas bulbosas. Punham as mãos na cabeça e começavam a estremecer e a chorar – especialmente as mulheres e os homens idosos. Sabiam que uma estrada curta se estendia à frente deles. A palavra era passada a todos.

Apesar de tal terror, o medo tornava o processo incrivelmente silencioso. O medo tem muitas variantes. As pessoas tinham medo de morrer, e de ser espancadas antes de morrerem, e medo de que, se chorassem, algo pior do que a morte lhes aconteceria.

Os SS tinham todos grandes bastões de madeira. Se alguém lhes fizesse uma pergunta, batiam-lhe. Se as pessoas fizessem barulho ou comesçassem a tremer, gritavam e batiam-lhes na cabeça, agredindo-as até desmoronarem no chão.

Além disso, tinham dez a quinze pastores-alemães atrelados e a rosar. Estranhamente, nunca vi os cães atacar uma pessoa que fosse. A sua função verdadeira era farejar alguém que se escondesse por baixo dos vagões depois de as seleções terminarem.

Só o rosar dos cães dissuadiria as pessoas de fazer barulho. No entanto, as agressões constantes bastavam. Depressa as pessoas

na rampa percebiam o silêncio que se exigia.

O resultado era um silêncio estranho e passivo, pontuado por guinchos e lamentos, logo abafados. Havia um som mais baixo constante disfarçado com lenços. Choravam sempre que podiam. Quase todos eles choravam quando viam os crematórios a lançar chamas, mas estavam demasiado aterrorizados para serem barulhentos com as emoções.

Tinham outras reações que não podiam, no entanto, ser suprimidas. Muitas vezes, quando as pessoas descobriam onde estavam, vomitavam ou perdiam o controlo das entranhas e da bexiga. Os resultados manchavam a rampa com pilhas sujas de várias cores. O cheiro envolvia-se com o odor a suor e a medo, criando uma mistura tão nojenta quanto assustadora.

As crianças reagiam tanto a esse cheiro como ao medo que sentiam nos adultos. No entanto, os guardas, com os bastões e cães, assustavam tanto as crianças que até elas eram dominadas. As crianças sabiam ao que iam e choravam, embora mais silenciosamente do que qualquer pessoa pudesse esperar. Jovens e idosos sabiam que eram bagagem em excesso para o Terceiro Reich.

Quanto à bagagem, e a outros pertences, era para isso que a minha equipa e eu estávamos lá. As pessoas carregavam quase sempre malas pequenas e desgastadas ou comida em sacos enrugados. Malas grandes não eram permitidas. Os alemães disseram a estas pessoas que seriam realocadas. Disseram também aos judeus que deviam deixar as malas grandes de viagem para trás, porque seriam entregues depois. Na verdade, seriam, mas não onde as pessoas esperavam.

Quando as pessoas ouviam que estavam em Auschwitz, largavam ou atiravam de imediato os pertences raspados e maltratados, e os sacos de comida. Às vezes, largavam-nos nos vagões, ou na rampa, outras em qualquer lado. Lidar com esses sacos e malas fazia parte do meu trabalho. Após as pessoas abandonarem o comboio, eu e os trabalhadores da rampa devíamos

correr para os vagões e limpar restos, fossem sacos de comida ou cadáveres. Fiquei impressionado quando entrei no primeiro vagão e vi grafitos nas paredes.

Esses escritos nos vagões enegrecidos pelo fumo e sujos eram a prova de que, embora os alemães tivessem dito aos judeus que seriam realocados, muitos deles não acreditavam. As pessoas rabiscavam nas paredes quem eram ou para onde iam. Tentavam deixar alguma marca, um sinal, para as pessoas que se preocupavam com elas virem a saber o que lhes acontecera. Numa fraca tentativa de encontrar alguma maneira de existir além da sua última paragem.

As pessoas ouviam falar destes três campos de morte. Sabiam que Treblinka e Majdanek ficavam para o este e que Auschwitz-Birkenau se localizava no noroeste. Por isso, escreviam *Treblinka*, *Majdanek*, ou *Auschwitz-Birkenau* nos vagões, dependendo de para onde pensassem que iam.

Às vezes escreviam os nomes, moradas e ocupação. A letra era normalmente tremida, como se rabiscada à pressa ou por uma mão doente. Uma mensagem típica dizia: «Este comboio entregou pessoas em Treblinka. É o fim da estrada. Façam o que puderem para se ajudarem.»

Algumas pessoas prestavam atenção ao aviso. Frequentemente, as janelas estavam partidas. A maioria dos vagões tinha um painel de vidro com noventa centímetros de altura por setenta e cinco de largura. Os ocupantes partiam-no. Quem fosse magro tinha melhor hipótese de sair pela janela, saltando quando o comboio abrandava.

Ao início, as mensagens emocionaram-me, mas revesti rapidamente os sentimentos com indiferença. Havia tantas anotações, e via tantas atrocidades todas as noites, que me endureci.

Era pura autodefesa. Resignei-me com a minha presença num campo da morte e com a certeza de que iria morrer. Sabia que não havia escapatória, embora as minhas fantasias ocasionais de ter

uma família e um negócio insuflassem o suficiente como um balão para apagar os pensamentos mais sombrios.

Amiúde, nós, os que trabalhavam na rampa, conversávamos sobre a nossa situação desesperada. Eu participava em muitas dessas conversas.

– Vamos morrer – dizia alguém, amargamente.

– O que podes fazer quanto a isso? Não conseguimos lutar contra setenta ou oitenta SS armados – respondia eu.

– Há fios elétricos à nossa volta. Não existe uma hipótese em vinte milhões de escaparmos.

– Porque nasci judeu? Estaríamos melhor se tivéssemos nascido ratos. Qualquer animal tem mais hipóteses.

– E era suposto sermos os *escolhidos*.

Eu dizia estas coisas todos os dias. Tinha sempre a esperança de ver os alemães a correr pela vida. Na realidade, aguardava apenas que a minha morte chegasse.

Até as pessoas nos comboios que desconheciam que o seu destino final era um campo da morte apercebiam-se dos factos pouco depois de terem lá chegado. As chamas das quatro chaminés apunhalavam o céu na noite, como velas gigantes a queimar com mais luz e mais desagradáveis do que as chamas do inferno. As chamas do crematório emitiam luzes amarelas e laranja consideráveis, embora ondulantes. A iluminação envolvia a rampa num brilho que tremia e dançava pelos rostos assustados na noite. A rampa era também pouco iluminada por lâmpadas nuas que pendiam de estacas, adicionando uma sensação fria e misteriosa aos fogos dançantes da chaminé.

O fumo era tão denso que os olhos pareciam queimar o crânio; às vezes fazia com que a luz das chamas brilhasse. Além disso, o cheiro a carne e a ossos queimados era tão nauseante que quem trabalhava no campo envolvia a cara com uma toalha para conseguir respirar. A toalha ficava solta, deixando os olhos expostos. Os alemães fastidiosos seguravam lenços brancos sobre a cara.

Ocasionalmente, quando o fogo diminuía um pouco e o fumo aumentava, as cinzas caíam sobre nós – flocos suaves, pretos e ondulantes do que eram seres humanos vivos apenas minutos antes. Tais visões e sons, acontecendo como aconteciam enquanto o campo estava envolvido na cobertura negra da noite, aterrorizavam-nos até à espinha.

No início, na rampa, dizia frequentemente a mim mesmo: *Este é o fim do mundo. Está a partir-me ao meio. Não aguento nem mais um minuto. Mas se não o fizer, morro, também.*

Sempre que chegava um comboio, Mengele estava lá, com as botas já não tão bem engraxadas. Até essa vénia à exigência pessoal de Mengele terminara após o hospital encerrar. Mesmo assim, Mengele vestia o uniforme completo, o casaco abotoado até ao pescoço. Os três médicos estavam atrás dele, e vários capitães SS com o peito coberto de medalhas ficavam por perto. A comitiva devia ter uma dúzia de pessoas.

Ele era temperamental, mas quando estava na rampa, tornava-se profissional. Lá, quase nunca me esboçava o seu meio-sorriso, embora os três jovens médicos me reconhecessem amiúde. Às vezes, eu até tinha breves conversas com eles.

Antes de o comboio chegar, Mengele perdia-se nos pensamentos, com os braços cruzados, observando a composição e os vagões a entrar na estação. Assim que abrandava, voltava a estar atento. Depois de o comboio parar completamente, as pessoas dentro dos vagões eram obrigadas a carregar os mortos e os moribundos, e a colocá-los numa pilha. Se houvesse demasiados mortos, o nosso grupo ajudava. Por essa altura, os guardas tinham tomado o seu lugar à porta de cada vagão.

Mengele permanecia em alerta, a seis metros do comboio. O que fazia, fazia-o lenta e metodicamente, com pequenos passos. Esvaziados os comboios, as pessoas eram alinhadas e postas em marcha até ele. Mengele nunca dizia nada. Apontava o dedo à pessoa no início da fila, e apontava outra vez, designando para que fila ela devia ir. Os guardas empurravam, ou às vezes carregavam, a

pessoa para a fila designada. Depois, a próxima seria apresentada para o julgamento.

Os prisioneiros dos comboios eram levados para uma de três filas: para a dos homens fisicamente capazes, normalmente entre os dezasseis e os quarenta e cinco anos; para a das mulheres fisicamente capazes, com a mesma idade, mas sem filhos. Os prisioneiros nestas filas eram forçados a mudar para uniformes da prisão, e eram enviados nessa noite, ou na manhã seguinte, para campos de trabalho escravo ou fábricas na Alemanha ou Polónia. A Alemanha precisava da ajuda extra. Os Aliados já tinham invadido grande parte da Polónia, Checoslováquia e da Rússia, libertando grandes ajuntamentos de trabalho escravo.

À terceira fila destinavam-se aqueles que não podiam trabalhar: idosos, doentes, mulheres com crianças, e as próprias crianças. Estes eram levados para as câmaras de gás.

Odiava estar na rampa, mas agradecia a Deus por ser protegido pelo *underground*. Eles olhavam por mim, mesmo que já não pudesse entregar relatórios secretos.

Podia ter sido pior. Podia ter sido um *Sonderkommando*.

Embora o *underground* se assegurasse de que eu não me tornava um, mantinha-me em contacto com o grupo *Sonderkommando*. Na rampa, os meus pensamentos levavam-me até eles, porque muitos eram meus compatriotas. Consegui arranjar lentamente a muitos deles trabalhos no hospital após pagar pela minha própria posição. Doía pensar na maneira como acabariam, especialmente Hymie e Nuftul.

Os pensamentos sobre os meus amigos eram frequentemente interrompidos pela realidade. Após Mengele despachar cada carga de comboio, continuávamos a limpar. Depois de termos recolhido os pertences, deveríamos embrulhá-los em pacotes para serem enviados para a Alemanha. Púnhamos chapéus numa pilha, cobertores noutra, e calças numa outra. De seguida, atávamos as pilhas e içávamo-las para camiões.

Odiava o levantamento. Era trabalho pesado, e eu tinha pouco para comer. Um grande benefício de trabalhar na rampa era podermos ficar com a comida que encontrássemos. Os guardas estavam constantemente a fazer-nos buscas, mas se descobríssemos alguma coisa para comer, eles não se importavam. Por norma, comíamos-la ali mesmo. Gostavam de nos ver a comportarmo-nos como animais, a agarrar na comida da lama e a metê-la na boca.

Apesar da fruta e do pão extra que encontrava, só conseguia comer o mínimo que me permitia subsistir. Sabia que se continuasse a fazer os levantamentos pesados exigidos na rampa, enfraqueceria e podia até aleijar-me, tornando-me um candidato à câmara de gás.

Odiava também o cheiro das pessoas. Muitos prisioneiros viajavam várias semanas dentro dos comboios. O odor era terrível. O pior cheiro com que me deparei foi quase no início da minha ida para a rampa. Chegou um comboio comprido vindo da Tunísia e de Marrocos. Sabíamos que países Hitler conquistara a partir da nacionalidade das pessoas. Aquele comboio em particular estava em circulação há mais de cinco semanas, e as pessoas não receberam nem água, nem comida, nada.

Quando abrimos os vagões, encontrámos quase toda a gente morta. De facto, alguns dos corpos tinham entrado em decomposição – cobertos de larvas e outras criaturas que víamos a rastejar. Alguns cadáveres já nem estavam inteiros, e carregámos cada braço e perna separadamente. O cheiro fétido deu-nos náuseas e fez-nos vomitar repetidamente, por isso tivemos de enrolar trapos e toalhas bem apertados à volta da cara.

Depois, alguns camiões subiram a rampa e agarrámos nos cadáveres inteiros – homens, mulheres, crianças – pelas pernas e pelos ombros e levantámo-los. Enquanto tentávamos pegar-lhes a carne decompunha-se. Atirámo-los para os camiões, que iam em direção ao crematório.

Até o cheiro de pessoas vivas que tinham estado nos comboios aqueles dias todos, e o cheiro a suor do medo, deixavam-me triste e

enojado. O choro abafado das crianças, no entanto, perfurava-me o coração e fazia com que a minha cabeça sentisse que ia explodir.

Estas crianças estão a meia hora de serem mortas, dizia para mim mesmo, tentando não chorar.

Para salvar a minha força e a minha sanidade, criei mais uma vez o meu próprio trabalho. Limpava as coisas de Mengele antes, e decidi fazê-lo segunda vez. Após aquela experiência inicial, mantive uma pá e uma vassoura escondidas nuns arbustos. Era a altura de ir os buscar de novo. Sabia que os alemães adoravam a limpeza e a ordem, e a rampa estava geralmente suja. Além disso, quando as pessoas nos comboios viam o que lhes ia acontecer, deitavam fora muita comida, incluindo pacotes de tomates, peras e ameixas.

Os guardas e os cativos moviam-se bastante, pisando muitas das frutas e dos legumes com sapatos rotos, pés sujos e botas de cano alto, tornando a rampa e a área adjacente manchadas. Os alemães odiavam tal sujidade.

A sujidade que mais odiava era a resultante de quando os prisioneiros perdiam o controlo dos intestinos ou vomitavam. Os pequenos montes na rampa empilhavam-se e começavam a tresandar. Decidi aproveitar-me da repulsa dos alemães.

Uma noite, recuperei a minha pá e a vassoura do esconderijo. Durante cerca de quinze minutos, carreguei os cadáveres dos vagões e coloquei as malas nos camiões. Depois, comecei a varrer, e aquelas manchas na rampa e no chão desapareceram. Mengele e a equipa dele adoraram.

Usei a rotina que estabelecera na primeira noite em que tentei este truque: gastei dez a quinze minutos a descarregar o comboio, e fui buscar a vassoura e a pá. Muitas vezes, Mengele e os acompanhantes afastavam-se dos restos para eu poder limpar.

Pareciam aliviados. Não queriam pisar aqueles detritos fétidos. Eu limpava aquilo, pensavam eles, para que não sujassem as botas. A minha limpeza apelava ao sentido de ordem dos alemães. Foi por isso que pensaram que a iniciativa de eu fazer aquilo fora ideia deles.

Continuava todas as noites a limpar a rampa; depois ia para a área ao lado, e, por fim, para o parque de estacionamento, onde estavam os camiões das câmaras de gás. À medida que mais pessoas se apercebiam do que lhes iria acontecer, também mais deixavam os pertences e a comida, e ainda mais perdiam o controlo das funções corporais. Nessa altura, entre os camiões, os cheiros, o fumo e as chaminés a cuspir fogo, essas pessoas não tinham dúvidas sobre o seu destino.

Eu tinha as minhas prioridades em mente. Tentava de todas as formas olhar por mim. Passei a rampa a pente fino por comida entre os pertences dos mortos. Depois, procurei por coisas que podia trocar por comida. Se encontrasse alguma coisa, partilhava-a com os amigos. Fui assim a vida toda. É a minha natureza.

As crianças eram a prioridade seguinte. A melhor parte desse trabalho é que havia sujidade em muitos sítios pelo campo, por isso era-me permitido ir aonde quisesse, uma liberdade que mais ninguém tinha. Aproveitei-a para salvar a vida de muitas crianças.

Após os primeiros dois meses na rampa, a política sobre as crianças mudou. Os alemães precisavam de cada vez mais trabalhadores nas fábricas e nos campos, porque estavam a perder mão de obra e a guerra. Mengele enviava agora as mulheres acompanhadas de crianças para os campos de trabalho, em vez de para as câmaras de gás. No entanto, continuava a executar as crianças.

Quando essa nova política se iniciou, as crianças eram levadas rotineiramente para fora da rampa e colocadas numa fila do outro lado do comboio. Não estavam autorizadas a voltar para as mães, que seriam enviadas para campos de detenção. Quando os alemães tinham pessoas idosas e doentes suficientes para serem gaseadas, as crianças eram misturadas com esse grupo e levadas para a morte.

As idades das crianças iam de bebé a meio da adolescência. A maioria sentia que algo de errado se passava. Após serem separadas das mães, ouvia-as a chorar e a gritar, ou a fazer apenas

barulhos semelhantes aos dos animais. Do outro lado do comboio, escutava os lamentos das mães cujas crianças lhes tinham sido retiradas. Ouvi-las chorar fez com que o meu coração e a minha cabeça doessem. Muitas noites, até agora, oiço os gritos assustados e os choros desesperados.

Decidi fazer alguma coisa. Uma noite, levei a vassoura e a pá para o lado onde as crianças estavam alinhadas. Quando cheguei, cerca de cinquenta crianças estavam misturadas com os idosos e os doentes. Os idosos lamentavam-se: «Este é o nosso fim», e seguravam-se uns aos outros.

Vi as caras retorcidas das crianças, os olhos cheios de lágrimas, e a minha pele começou a ficar com comichão. Os miúdos podiam sentir para onde iam. Muitos choravam:

- Quero ver a minha mãe. Quero a minha mãe.
- Vem – sussurrava. – Vou levar-te para a tua mãe.

Agarrava em três delas, entre os cinco e os sete. Punha a minha mão sobre a boca para lhes mostrar que deviam ficar em silêncio. Depois, fazia movimentos para que me seguissem. Como pequenos patinhos a nadar atrás da mãe, seguiam-me enquanto eu rastejava por baixo de um vagão. Saíamos do outro lado, onde as mulheres estavam.

Era a altura certa. Os SS tinham-se ido embora. O propósito principal deles era estar lá quando um comboio chegasse para forçarem os prisioneiros a irem para onde os alemães queriam. Depois de um comboio sair, não havia nada para os SS fazerem. Em breve, as mulheres seriam levadas para os campos de trabalho.

Cada uma das crianças encontrou a mãe. A maioria das pessoas da mesma rua numa cidade seriam agrupadas. Quando as crianças viam alguém que conheciam, sabiam também que a mãe estava perto. Não ficava para me agradecerem. Tinha de voltar para a vassoura e para a pá, de modo a que os alemães não suspeitassem de mim.

Todas as noites durante três meses, repeti a rotina. Fazia-o apenas uma vez por noite. Se os SS me vissem, matavam-me.

Tivera tantas oportunidades a fazer outras coisas, não podia arriscar mais do que uma vez por turno.

Levava deliberadamente crianças entre os cinco e os sete. Eram grandes o suficiente para se movimentarem e para seguirem instruções. Quando lhes dizia para ficarem em silêncio, ouviam. Eram também pequenas o suficiente para que as mães as escondessem nos comboios até chegarem aos campos de trabalho.

Lá, pelo menos, as crianças teriam uma hipótese. Os prisioneiros eram espancados e passavam fome, mas não eram executados sistematicamente. Estávamos no fim da guerra. Ouvira de Max Stein que Hitler montara Theresienstadt, uma combinação modelo de campo de trabalho e cidade na Alemanha, para mostrar à Cruz Vermelha.

Os nazis queriam poucas crianças nesses campos. Se fossem enviadas com as mães, pelo menos deixavam-nas em paz. Ouvi a mesma coisa de prisioneiros a serem transferidos de um campo de trabalho para outro.

O risco valia a pena. Se as crianças tivessem ficado na fila para serem gaseadas, não teriam hipótese. Mais tarde, ouvi que algumas crianças que ajudei sobreviveram, embora não tenha como o saber.

Fi-lo por mais outra razão. Todas as noites pensava: *Estas crianças podiam ser os meus irmãos*. Isto era apenas algo que eu tinha que fazer. Não as podia salvar a todas. Sinto-me mal por ter apenas podido salvar algumas.

À parte da comida e da oportunidade de salvar algumas crianças, havia outras recompensas por trabalhar na rampa. Encontrava bens valiosos. Uma vez, descobri um saco com bolos de cebola. Comecei a comer, quando os dentes bateram num metal. Era uma moeda de ouro. Então, mordi outro bolo e havia outra. Havia quinze bolos; cada um com uma moeda de ouro.

O que podia fazer? Os guardas faziam vistorias de dois em dois dias, por isso tinha de pôr as moedas em algum sítio. Por essa altura, os alemães já estavam a perder a guerra, e a Cruz Vermelha Sueca fazia ali visitas esporádicas.

Os alemães sentiam-se obrigados a melhorar as condições. Nunca tivemos colchões. Agora, os alemães tinham trazido sacos de lascas de madeira para nós dormirmos. Envolvi as minhas moedas de ouro em papel higiénico e meti-as dentro do colchão. No dia seguinte, desapareceram. Algumas pessoas a trabalhar no abrigo estavam provavelmente a ver. Pareciam sempre saber. Não fiquei chateado. Não era como se o dinheiro fosse roubado da casa dos meus pais. Ali, sabíamos todos que morreríamos em breve.

De alguma forma, a fantasia contínua de ter uma família e um negócio sustentava-me. Mas a cada momento acordado, via também a realidade. Continuei a ter estes sentimentos complicados durante o resto do meu tempo enquanto prisioneiro.

Noutra ocasião, estava a limpar e encontrei um anel de diamantes. Infelizmente, um capitão SS, um aleijado com uma cana, viu-me a apanhá-lo. Pisou-me a mão e tive de o largar.

– Dá-mo – rosnou-me. Não tive escolha. Essa não seria a última vez que me faria sofrer.

Além de Mengele, a maior ameaça à minha segurança pessoal era Hans, o *Kapo*, um judeu alemão. Hans era responsável pelos cento e quarenta trabalhadores da rampa no turno da noite. Media talvez um metro e sessenta e sete. Tinha manchas de varíola na cara. Gostava de nos bater com a cana-padrão, com cerca de três centímetros de diâmetro e um metro de comprimento. Hans gostava de fazer as pessoas sofrer e queria provar a lealdade para com o Terceiro Reich. Por essa altura, a Alemanha já perdia a guerra de forma tão óbvia que a maioria dos outros *Kapos* pararam de nos bater. Mas não Hans. Às vezes, quando regressávamos do trabalho, fazia-nos correr duas vezes mais rápido. Normalmente, conseguíamos ficar à frente dele, porque comíamos comida que encontrávamos perto da rampa e tínhamos energia extra. Mas se Hans apanhasse alguém, sova-lo-ia repetidamente com a cana, não precisava de desculpas para nos bater. Ele corria também por grupos, atacando quem estivesse no seu caminho.

O que Hans e muitos outros *Kapos* nos faziam era abaixo de comportamento humano, especialmente o que faziam aos compatriotas. Os *Kapos* polacos tratavam mal os polacos; os *Kapos* checos tratavam mal os checos. Tratavam-nos a todos como se fôssemos animais, tentavam tornar-nos animais, e agiam como se eles próprios fossem animais.

Assim que entrávamos no abrigo, no entanto, estávamos mais a salvo. Eu adquiri uma rotina após o trabalho que, estou convencido, ajudou a salvar-me a vida. Pelas sete, tínhamos de ir para os beliches. Ninguém se atrevia a desobedecer, mas não éramos obrigados a ficar ali o dia todo. Por isso, dormia durante algumas horas, ia para a latrina, a cerca de quatrocentos metros do abrigo. Procurava por lâminas de barbear descartadas e pedaços de sabão, e encontrava sempre um pouco de cada.

Usava o sabão para ensaboar a cara, e conseguia fazer a barba com uma lâmina velha. Lavava também a roupa, o corpo e o cabelo. Podia ser água fria, mas era água. Passava os sapatos por água e penteava o cabelo. Dessa forma, sentia-me fresco e limpo. Às vezes, pedia a um amigo que me cortasse o cabelo.

Muitos dos rapazes não se preocupavam em fazer a barba ou tomar banho, ou fazer algo por eles próprios. Manter-me asseado foi, estou convencido, uma das razões pelas quais sobrevivi. Os alemães não gostavam de um homem que cheirasse mal.

Senti que, desde que me mantivesse asseado e fizesse o meu trabalho, estava razoavelmente a salvo – isto se ninguém soubesse que era membro do *underground* ou que o trabalho de varrer era ideia minha e não de outra pessoa. A vassoura e a pá permitiam-me andar pelo campo quase à vontade.

Continuávamos a ter os domingos de folga – a menos que houvesse seleções – e podíamos andar por onde quiséssemos. Parecia-me irónico que os nazis descansassem no dia que muitas pessoas consideram ser para venerar a religião.

Eu até podia falar de forma relativamente livre com os *Sonderkommandos*, embora tal contacto fosse proibido. Sabia o que

se passava na parte deles do campo. Eles apanhavam os bens valiosos que pudessem dos cadáveres, e depois usavam-nos para subornar os guardas a dar-lhes álcool, comida, esse tipo de coisas. Pagavam também aos alemães para que lhes deixassem falar com outros prisioneiros através do arame farpado que rodeava o campo.

Por conhecer a maioria deste grupo, falava com eles e levantava-lhes o moral dizendo-lhes o quão mal a guerra corria para os alemães. A atmosfera no campo mudara. Por essa altura, o esforço de guerra alemão estava em tal descontrolo que os guardas falavam uns com os outros sobre isso abertamente, e claro que os ouvíamos. Os engenheiros, ainda a avaliar campos para a expansão da raça mestre em Auschwitz, conversavam sobre isso quando estavam no campo. E prisioneiros de países como os Países Baixos, chegando agora diariamente ao campo em trânsito para os campos de trabalho, falavam sobre como os Aliados estavam a vencer. O desmoronar da outrora grande máquina de guerra alemã era um segredo aberto.

Os *Sonderkommandos*, afastados como eram da maioria da humanidade, não se apercebiam. Embora eu já não pudesse entregar e trazer mensagens para o *underground*, o que sabia sobre o progresso da guerra era mais do que o suficiente. Uma vez, Nuftul perguntou-me novamente:

– Joe, como foste enviado para a rampa e nós acabámos a trabalhar no crematório?

– Foi sorte – respondi, seriamente. Deixá-lo saber o meu segredo era demasiado perigoso. Eu não o teria contado ao meu irmão.

Um dia, fiquei a saber que Hymie e Nuftul se encontrariam comigo na cerca dos *Sonderkommandos*, atrás do campo deles, às seis da manhã. Quando apareci, um deles abraçou-me e disse:

– Joe, vem connosco.

– Estás louco? Os guardas não me deixam entrar no vosso abrigo.

– Não te preocupes.

Nunca descobri o quanto lhes custou fazerem-me passar pelos guardas, ou subornar os do meu abrigo para ignorarem a minha ausência. Ao entrar, sentámo-nos entre dois beliches na parte de trás do abrigo. Os meus dois amigos começaram a beber tragos de vodka de uma garrafa, e passaram-ma. Dei um gole grande. Havia também pedaços de *bacon*, pão, salame, em folhas de papel, um banquete que podia ter alimentado o Abrigo 8 todo.

Hymie olhou para mim, triste e amargamente, com o rosto marcado pelo medo e por testemunhar demasiadas mortes. Lenta e relutantemente, disse:

– Esta é a última vez que nos vês. Dentro de uma, duas semanas, talvez três, estaremos mortos. Vão gasear-nos.

Olhei para eles em choque.

– O que queres dizer? Sabes bem que os *Sonderkommandos* estão autorizados a viver mais do que isso. Do que estás a falar?

Olharam ambos para mim com tristeza.

– É a última vez, Joe, porque vamos explodir um crematório – disseram os dois ao mesmo tempo. Começaram num frenesim de risos, choro, a comer e a beber. Fiquei impressionado. Depois do que pareceram vários minutos de silêncio, perguntei, numa voz estridente:

– Quando?

Estava frenético. Eles eram os meus últimos amigos próximos neste mundo. A ideia de desaparecer queimou-me o estômago e a cabeça mais do que possa descrever.

– Duas semanas. Precisamos da tua ajuda. Temos a dinamite e o detonador. Podes arranjar-nos os fios para o detonador?

– Definitivamente – disse. – Mas porquê? Porque vão fazer isto?

– Queremos que o mundo saiba o que acontece aqui. E mesmo que o mundo nunca o saiba, haverá menos um crematório – disse Hymie, numa voz sibilante como uma cobra prestes a atacar.

Bebemos e comemos. Falámos sobre as pessoas que conhecíamos da nossa cidade. Falámos sobre os guardas, sobre mulheres, sobre tudo, exceto o destino horrível que os esperava,

não importa como o plano deles resultasse. Passámos a maior parte do dia a falar, a beber, a chorar, a abraçar-nos e a beijar-nos uns aos outros nas faces. Esta, sabíamos-lo, seria a maneira de como a nossa vida chegaria a um fim.

Sou o próximo, pensei, sentindo-me muito sozinho.

Quando a festa acabou, várias horas depois, as minhas pernas estavam demasiado trémulas para me levantar. Não estava acostumado a comer, quanto mais absorver grandes quantidades de vodca. Hymie e Nuftul levaram-me até uma ambulância.

Chamaram um dos SS para ajudar. Os três carregaram-me até ao interior da ambulância e colocaram-me na mesa. Depois, a vodca foi-me bombeada do estômago. Quando voltei a ficar consciente, vi o homem SS a inclinar-se para mim.

– Uau, este gajo está mesmo bêbedo – riu-se ele.

Os SS e os da Gestapo tornaram-se mais amigáveis. Os alemães sabiam que o fim da guerra se aproximava, e não queriam que ninguém se lembrasse da sua brutalidade – como se alguém fosse esquecer.

Nessa noite, fui trabalhar. Os comboios carregavam pessoas de todo o mundo, e às vezes os pertences eram unidos por fio elétrico. Depois de a carga de prisioneiros ser despachada e de a equipa agrupar os pertences deixados, encontrava o fio elétrico, e de seguida desatava-o e escondia-o. Quando ninguém estava a ver, puxava a camisola para cima e enrolava o fio à volta da barriga.

Combinei com Hymie e Nuftul que, sempre que tivesse algum fio para entregar, iria à parte de trás do abrigo deles, caminhava casualmente, e, num lugar que acordámos, tirava alguma terra, deixava lá o arame aglomerado na minha palma da mão, substituía a terra, e ia-me embora. Os movimentos requeriam apenas segundos. Após seis entregas, Hymie passou a palavra de que já tinham fio suficiente.

À medida que a aparentemente interminável parada de locomotivas pretas subia a rampa, fiquei surpreso por ver quantas pessoas de guetos ou campos de concentração os alemães

andavam a reunir. Aquela mudança aumentou as oportunidades de retaliação, uma *chance* de nos vingarmos dos judeus e dos outros que se viraram contra os da própria raça para ganhar uma fatia extra de pão ou uma cama mais confortável. O exemplo mais flagrante que presenciei ocorreu em setembro de 1944, quando um polícia judeu da cidade polaca de Lodz foi trazido. Entre eles, estava Chaim Rumkowski, presidente do gueto, tal como Lazar fora na nossa cidade. Rumkowski receberia a mesma recompensa que Lazar: a morte.

O Conselho Judaico de Lodz, através da polícia judaica, entregara cerca de cinquenta judeus membros do *underground* em 1940. Esses homens foram bandidos, ladrões e vigaristas. Cometeram todo o tipo de crimes, exceto assassinios. Estranhamente, em Birkenau, eram um grupo muito unido e agradável. Alguns tornaram-se poderosos presos seniores, incluindo Morris, o Hasid, a quem paguei os cinquenta dólares para ter o trabalho com o checo.

Havia também Blackie, que tinha este nome devido à pele muito escura. Fora ladrão e vigarista em Lodz, mas ali era um homem cuja palavra era boa e que tomava conta dos seus. Era a Blackie que me dirigia quando queria um trabalho para alguém. Eu fazia-o tão frequentemente que ele uma vez olhou para mim e perguntou:

– Quem mais vais trazer para aqui? O teu tio? O teu primo? O teu sobrinho? Não tragas bebés, Joe. Ponho-te esse limite. São demasiado novos – dizia, com a pele escura a esboçar um sorriso brilhante suficiente para iluminar o céu.

Embora fossem normalmente boas pessoas, Morris, Blackie e os outros juraram vingar-se dos polícias judeus que os capturaram. Numa noite, os antigos ladrões tiveram a sua oportunidade. Viram o contingente da polícia judaica de Lodz a descarregar um dos vagões.

– Vamo-nos vingar – sussurrou-me Blackie. – Vamos gaseá-los.

Os polícias não sabiam que fila era qual. Mengele colocou-os no grupo que ia viver e ser enviado para os campos de trabalho.

Depois, dois do grupo *underground* de Lodz, incluindo Blackie, foi ter com a polícia judaica, olhou-os nos olhos, e apontou para a fila da morte. Os polícias, sem saberem a diferença, obedeceram humildemente e foram despachados para a sua morte.

Juntaram-se a Rumkowski, que era velho e coxo, e estava a ser levado para o crematório numa maca.

– Olha só – sussurrou-me Blackie. – Agora está numa maca. Enviou muitos de nós para os campos; vários foram foram gaseados. Chegou a vez dele.

Rumkowski não sabia o que estava a acontecer. Virou-se para mim, de entre todas as pessoas, e perguntou:

– O que se passa aqui?

– Não consegue cheirar? Não vê o fogo? – respondi, com raiva e vingança na voz pelo que fizera aos meus amigos.

– Onde estou?

– Auschwitz.

– Oh, meu Deus! – disse, batendo com a testa na palma da mão. Depois, começou a recitar uma oração judaica enquanto os dois guardas pegavam na maca para o levar.

Ali estava, um homem que fora rico e poderoso, responsável por uma cidade da qual eram vazados os produtos de fábricas enormes. Pensou que se poderia salvar ao obedecer aos alemães. Como fizeram com Lazar, os nazis tinham mais uso para ele morto do que vivo. Não sentia compaixão, nem dor. Rumkowski era um traidor e merecia a morte de um traidor.

Mais tarde, falei com Blackie sobre o que fizeram à polícia judaica de Lodz.

– Fizeste o que fizeste. Penso que tiveste de o fazer – disse-lhe.

– Fomos empurrados do gueto porque estávamos no *underground*. Eu não sabia de nada melhor. Considerei-o o meu trabalho, para o qual ia enquanto as pessoas dormiam na sua cama. Mas tínhamos coragem, e este gajo não – disse Blackie, com um olhar sombrio.

Numa tarde, em outubro de 1944, cerca de duas semanas antes de fazer a minha última entrega, o campo todo estremecia. Vimos uma grande nuvem de fumo sobre os crematórios. Depois, havia alemães por todo o lado, os apitos e as sirenes soavam, os cliques de metralhadora a clicar em posição.

Os alemães estavam vestidos de várias formas, até de roupa interior. Mesmo assim, correram para o crematório. Vi os guardas e os SS a rodear o abrigo dos *Sonderkommandos*. Depois, ouvi disparos de metralhadora pela tarde fora. Se alguém escapou, nunca o vi. Tenho a certeza de que Hymie e Nuftul, os meus amigos bravos e belíssimos, junto com muitos outros, foram executados de imediato, e levados para os fornos. Uma grande nuvem de fumo e fogo emergia de um dos crematórios, embora não tivesse lá estado nenhum comboio há uma hora. Os outros fornos, no entanto, pareciam intocados.

Adeus, Hymie. Adeus, Nuftul. Com pesar por dentro. Pelo menos estão a lutar. Pelo menos fizeram com que a vossa morte contasse para alguma coisa. Graças a Deus as pessoas estão a começar a fazer alguma coisa, mesmo que morram. Deixem que os alemães sintam o quão perto o fim da guerra está. Essa será a nossa vitória, porque quando a guerra terminar, estaremos mortos, pensei.

Fiquei sempre chateado por os Estados Unidos, a Inglaterra e a França não lançarem um ataque para destruir os crematórios. Tinham poder para o fazer. Pelo menos Hymie e Nuftul morreram heróis.

Pouco depois do motim do *Sonderkommando*, pensei que a minha vida estava em grande perigo. O esforço de guerra alemão deteriorava-se há algum tempo, e a Cruz Vermelha da Suécia e da Suíça inspecionavam o nosso campo periodicamente. Os alemães sentiam-se aparentemente pressionados a mostrar aos trabalhadores da Cruz Vermelha algo que podia passar como benigno, embora fizesse parte do seu plano maléfico.

Então, os nazis usavam algum trabalho escravo para construir uma nova câmara de gás perto das já existentes nas traseiras do

campo. Após a nova estrutura ser finalizada, um milhão de nós fomos forçados a alinharmo-nos no exterior à frente dela.

– Vamos dar-vos um banho – disse um dos guardas, soando quase contente.

Nós sabíamos o que isso significava. Sabíamos sobre as outras câmaras de gás, e que os chuveiros eram distrações. Vimos também o edifício ser construído. Sabíamos onde as válvulas do gás ficavam, e onde e como o gaseamento seria feito. Era parecido com os outros. Da forma como estavam a ir, se Hitler tivesse mais tempo, usariam aquele, também. Todos os outros andavam a ser usados na capacidade máxima.

Então, um dos soldados ordenou que marchássemos pelas portas da estrutura. Parecia como qualquer outra câmara de gás. Era feita de tijolo. Era uma sala grande, com cerca de quarenta e cinco metros de largura, sessenta de comprimento e quatro de altura. O chão era de cimento e as paredes de gesso branco, com oitenta ou mais chuveiros cada. A luz aumentava o nosso sentido de perigo. O edifício tinha apenas uma dúzia de lâmpadas de baixa potência cuja iluminação fraca envolvia a sala numa aura sombria, suja e ameaçadora.

Não vale a pena gastar muita luz em pessoas que não têm mais tempo para viver, pensei.

Sabíamos o que nos iam fazer. Muitos de nós sobrevivemos muitos meses, neste lugar, e não tínhamos ilusões.

– Vão para a sala extra, tirem a roupa, e deixem-na lá – ladrou um dos guardas.

Entrámos na sala e deixámos a roupa. Depois voltámos. Alinhámo-nos debaixo dos chuveiros.

Tínhamos a certeza de que a nossa altura chegara. Muitos de nós estávamos juntos há anos. Sabíamos que aquele momento seria o último em que nos veríamos. Começámos a tremer das mãos e a chorar.

– É isto – disse às pessoas. – Como os restantes de nós, vamos morrer. Chorem o que quiserem, mas não vai mudar nada.

As pessoas, que nem sequer tinham mais lágrimas, começaram a chorar. Ouvimos um sibilar prolongado. Depois, os canos no edifício começaram a roncar e a tremer. Sabíamos que a nossa hora chegara ao fim.

QUARTA PARTE

A Audácia e a Morte

Capítulo Dezanove

O ENFORCADO

Com os canos a tremer e milhares de nós prontos para morrer, algo milagroso aconteceu. A água começou a sair dos chuveiros de aço. Ao início, apenas algumas gotas, depois, num fio, e, ato contínuo, uma corrente pequena e limpa. Passado um minuto, a água jorrava.

Olhámos uns para os outros, chocados e incrédulos. Os meus olhos aumentaram para o dobro do tamanho normal. Farejei o ar. Olhei para as saídas de ar. Nem uma pista da nuvem letal era projetada. Senti a água frígida a tocar-me na pele. Era quase doloroso, porque não tomávamos um duche a sério há anos. Agora, no meio daquela câmara da morte, as partes de mim que nunca consegui lavar estavam a ser tocadas por água.

Toda a gente esperou com os olhos fechados, num silêncio fúnebre que quase fazia eco dele próprio. Quando ouvimos a água a cair, abrimos os olhos e olhámos uns para os outros, espantados. Estávamos preparados para morrer, e em vez disso o nosso corpo ia ser lavado. Vi marcas pretas no meu corpo e no de toda a gente a ficar beges, depois só riscas, e depois a desaparecer por completo.

Não havia sabão na câmara de gás. Num campo da morte, o que as pessoas possuíam, carregavam com elas. Alguns de nós corremos até às roupas e tirámos pedaços de sabão dos forros. Parti o meu em pedaços e partilhei-os. Os outros fizeram o mesmo. O facto de a água estar fria não importava. Estávamos vivos e a esfregar pequenos pedaços de sabão no corpo. Ensaboar-me e sentir tantas camadas de sujidade a sair foi quase como estar numa festa.

Alguns começaram a rir, o riso histérico dos condenados a quem foi dado um adiamento inesperado. Vários prisioneiros riam-se tanto que batiam nas paredes e no chão e agarravam-se às ancas. Os guinchos e os rugidos de risos desesperados saíam de rostos esqueléticos, revelando dentes amarelos e cinzentos e gengivas enegrecidas. Os sons que fizemos ricocheteavam nas paredes, soando como o zurrar de mil burros.

– Estes alemães loucos. Iam gasear-nos. E em vez disso, deram-nos um banho – disse um homem às gargalhadas, e muitos de nós juntámo-nos. Para pessoas que esperavam estar mortas, foi uma mudança de curso verdadeiramente hilariante.

O duche durou três ou quatro minutos. Depois, ouvimos uma ordem ladrada do outro lado da porta da câmara de gás:

– Apanhem a roupa. Vistam-se.

Enquanto inspecionávamos a sala onde a nossa roupa estava, alguns de nós sussurrámos uns aos outros, tentando perceber porque os alemães fizeram algo tão bom. A maioria estava em silêncio e confusa. Não tínhamos toalhas, claro, por isso secámo-nos com as calças e os casacos, que ficaram imediatamente empapados. Enquanto sentia a temperatura corporal a tentar secar a água do duche do meu uniforme, o raciocínio dos alemães atingiu-me finalmente.

– Eles queriam testar o duche caso a Cruz Vermelha Sueca o pretenda ver – sussurrei para Frank. Frank concordou, e pelo canto da boca, disse:

– Nunca me diverti tanto a fazer de rato de laboratório.

Sáímos para o exterior e alinhámo-nos em formação militar. Havia dois guardas, um *Stubendienst* e um *Kapo*. O *Kapo*, um judeu austríaco e homem decente, abanou a cabeça.

– Alguém aqui está louco – disse ele.

Depois, marchámos de volta para os campos, mas a maioria de nós ainda se ria de alívio histérico.

Apesar do motivo subjacente – testar o novo sistema de duche –, fiquei surpreso por os nazis nos deixarem ficar tanto tempo lá dentro

a ensaboar e a lavar o corpo. Para eles, isso era um comportamento benevolente, especialmente considerando o quão mal a guerra lhes corria. Sabia pelas notas do *underground* que levava para o campo que por essa altura as forças dos Aliados desembarcavam barcos em França, e que as forças soviéticas varriam a Roménia e a Polónia.

À medida que a máquina de guerra alemã se deteriorava, era uma época de extremos em Birkenau. Algumas coisas melhoraram. Outras agravaram-se. Era difícil absorver tantas mudanças. Antes, pelo menos a nossa vida, por mais curta que fosse, tinha alguma previsibilidade. Agora, era difícil anteciper o que podia acontecer.

Vi que o moral dos alemães estava em baixo. Comecei a ver terra no pescoço dos soldados. Os sapatos já não eram engraxados; alguns estavam até raspados. Os guardas costumavam usar as camisas abotoadas até ao pescoço. Agora, andavam com a roupa pendurada, esfarrapada e negligenciada. Claro que estavam a dormir na rua e a fugir dos russos e dos outros Aliados. A maioria dos guardas fora realocada das terras que os alemães ocuparam outrora: Polónia, Rússia, Ucrânia e Roménia.

Ao sentir a respiração quente da derrota, os alemães atacaram na única matéria sobre a qual ainda tinham controlo: a nossa vida. Isso foi uma das coisas que pioraram – bastante. Aumentaram as execuções. Aceleraram também a apropriação de trabalho escravo para as fábricas de bombas alemãs e para construir abrigos para o próprio povo.

Encontraram até mais uma utilização para o que tinha sido o campo dos ciganos. Cerca de uma semana depois de os liquidarem, construíram ali um andaime com cerca de um metro e vinte de altura e quatro metros e meio de comprimento. Na plataforma, havia dois postes na vertical, a suportar um poste de madeira na horizontal com dois metros e quarenta, dos quais estavam suspensas duas cordas de força. Várias escadas esperavam no chão próximo. Do campo, visualizava-se aquela área, porque eles queriam que os enforcamentos fossem uma lição.

Semanas após o andaime ser construído, vimos alguns homens serem forçados a subir as escadas, que depois eram puxadas. Os homens caíram como sacos de trigo, partindo o pescoço com o próprio peso. Os enforcamentos decorriam num horário regular, por isso sabíamos quando aconteceriam. Algo sobre os alemães: eram muito pontuais. Algumas pessoas queriam ver. Eu não. Quase sempre, eram pessoas que eu conhecia. Quase sempre, eram enforcadas porque tinham escapado.

Um sinal do quão extremo era o desespero alemão, e do quanto nos odiavam, residia no número de comboios a entrar no campo, deitando fumo preto enquanto guinchavam até pararem ao lado da rampa. A procissão parecia nunca terminar. Via os prisioneiros comprimidos nos vagões como vacas para o matadouro. Agora, começávamos a ver prisioneiros de outros campos.

Um sinal do desencorajamento deles era que os alemães já não nos vigiavam de perto, por isso os prisioneiros diziam uns aos outros de onde vinham. Alguns eram da Rússia, outros de toda a parte da Polónia. O que não mudou foram as regras: se eram idosos, novos ou doentes, eram colocados no antigo campo dos ciganos, agora usado como sala de espera, exceto a área de enforcamentos.

A necessidade de trabalho escravo ajudou a tornar a nossa vida um pouco mais tolerável. Os prisioneiros em espera durante uma semana ou duas eram enviados para a Alemanha ou para a Áustria como trabalho escravo. Os *Stubendiensts* e os *Kapos* tinham agora de se comportar de forma razoável. Por muito que gostassem de nos chicotear e bater, e de nos ver a correr, a encolhermo-nos e a sangrar, nós, prisioneiros, tornámo-nos valiosos. Precisavam de nós para assegurar o esforço de guerra a colapsar, por isso tínhamos de estar em boa forma. Bater num prisioneiro até à morte significava ficar sem um trabalhador útil, uma perda que os alemães agora não podiam pagar. Ainda éramos agredidos, mas com menos frequência e com uma força menos letal e esmagadora de ossos.

Enquanto essa parte da vida melhorava para nós, havia alguma ironia para outros. Nesta nova situação, os prisioneiros eram transportados de outros campos a um ritmo crescente. Quando os *Kapos* ou os *Stubendiensts* de outros campos eram enviados como prisioneiros, não tinham privilégios. Eu era mais bem tratado do que alguns deles; e tinha autorização para viver. Aplicavam-se-lhes as mesmas regras que eles tinham infligido aos outros. Se conseguissem trabalhar, eram trabalho escravo. Se estivessem demasiado doentes, seriam gaseados. Muitos tinham cometido atrocidades contra os prisioneiros com quem agora partilhavam o espaço em vagões, mas os prisioneiros tinham demasiado medo para os matar. Era irónico serem os alemães a fazer o trabalho.

Em parte, os gaseamentos produziam grande recompensa, sombria. Quando estive com os *Leichenkommandos*, a apanhar os mortos, vi armazéns enormes com trabalhadores a separar pilhas de roupa. A esmagadora maioria eram mulheres, algumas da minha cidade. Não as podia ignorar. Por isso, nas minhas viagens com os *Leichenkommandos* dava-lhes pedaços de pão. Os trabalhos eram leves, mas tinham de ser muito rápidas, se os queriam manter. Perder o trabalho significava morrer.

À medida que o ritmo das execuções acelerava, os armazéns de roupa tornaram-se ainda mais apertados. Havia armazéns para casacos de homem e para vestidos. Os alemães tinham armazéns separados para cada tipo de sapato: um para os dos homens, outro para os das mulheres. Ambos continham pilhas, dos sapatos mais desgastados a pele de alta-costura. Cada par tinha uma história e uma pessoa morta por trás. Eu não queria saber a história. Não tinha espaço na alma para mais dor.

No entanto, os alemães tinham também um armazém para sapatos de criança. Esse lugar partia-me o coração sempre que o via. Alguns dos sapatos eram tão pequenos, que os donos não teriam mais do que meses.

Tão inocentes, tão puros. Não fizeram nada para merecer isto. Nada. Mas eles gaseiam as crianças porque elas não podem

trabalhar, pensei, pesaroso. Num ponto tão baixo, gritei dentro da cabeça. Porque não nos salva o mundo? Sabem o que se está a passar. Eu carreguei as cartas dentro do meu reto até ao exterior. Sei que eles sabem. Onde estão? Onde estão?

A minha própria vida tornara-se um pouco mais sombria. Por estar na rampa, já não podia enviar mensagens, e até os *Leichenkommandos* deixaram de sair. O lado bom, no entanto, era que continuava a ver Max de vez em quando. Ele trazia-me boas notícias, e até palavras ocasionais de apreço.

– Continua com um ar limpo, Joe. Eles gostam disso. E oiço que continuas a tentar que as pessoas não sejam agredidas. Mantém o moral em alta, Joe – sussurrava calorosamente. – Sabias disso?

– Sim, Max, tento apenas manter-me vivo. Talvez um milagre aconteça. Talvez um milagre aconteça. – Eu não contara o meu sonho a Max. Sabia que ele iria rir-se.

– És um santo, Joe? Consegues prever o futuro?

– Não, tento continuar com esperança, Max. Tento continuar com esperança.

– As coisas estão a mudar, Joe – sussurrou-me. – Já podemos fazer muitas coisas que não podíamos antes. Estamos a olhar pelos nossos.

Depois ia-se embora, e eu sentia-me triste. Max era um dos poucos prisioneiros que mantinham o meu moral em alta. Eu tinha um respeito enorme por ele. Era um ser humano bom. Não havia muitas pessoas dessas a sobreviver ali.

Mesmo assim, dei o meu melhor a salvar algumas pessoas. Abe Blady foi uma delas. Ele foi enviado da Rússia. Parecia-se muito com o meu irmão Hymie, baleado no depósito de madeira. Numa noite, Abe foi ter comigo quando eu estava rodeado de outros prisioneiros, a maioria dos quais pedia-me conselhos ou falava comigo sobre vários assuntos. Abe tinha um olhar suplicante que eu vira com muita frequência em Birkenau.

– Ajuda-me. Ajuda-me, por favor. Tenho fome, acabei de chegar. Não tenho trabalho, e se não encontrar um hoje, acabo no

crematório – disse ele. Depois, caiu nos meus braços e começou a chorar. Fiquei tocado. Fui ter com Blackie.

– Tenho um rapaz que precisa de trabalho. Quero que lhe dê um.

– É teu irmão, teu primo? – perguntou-me Blackie, com um vestígio de exasperação.

– Não, mas a guerra está a chegar ao fim. Ele vai morrer.

– Já trouxeste o Frank, o Noah, e outros.

– Mais um não vai doer.

Olhei para Blackie. Ele olhou-me de volta.

– Quando vais parar? – questionou-me.

– Quando a guerra terminar.

Outro homem que salvei foi Hana. Ele viera de Lodz e seguia-me para todo o lado, a pedir conselhos. Trabalhou no hospital até ser encerrado. Tinha cerca de um metro e oitenta e cinco, e era considerado de boa educação porque concluiu o secundário. Gostava da minha pregação sobre como os milagres podem acontecer. Era muito religioso e gostava do meu estilo. Quando o hospital foi encerrado e eu fui colocado na rampa, ele queria seguir-me. Eu tinha os contactos, por isso fui ter com Blackie.

– Se este rapaz não tiver trabalho, amanhã está morto. Dá-lhe um trabalho – exigia.

Blackie olhava seriamente para mim, e depois começava-se a rir.

– Joe, se eu não tiver um olho em cima de ti, vais trazer-me todos os teus familiares – dizia-me, e depois ia-se embora, a rir da própria piada. Eu sabia que ele ia encontrar um trabalho para o meu amigo mais recente. Eu resplandecia.

Até em momentos triunfantes como esse, não podia deixar de me sentir abafado pela enormidade de Auschwitz-Birkenau. Parecia-me grande o suficiente para ser uma cidade pequena. Campos em cima de campos em cima de campos. Tantas filas de abrigos acondicionadas tão proximamente que, de um avião, pareciam talvez pequenas missangas num fio.

Este lugar é tão grande, como pode o mundo não saber dele?, gritei para mim mesmo. Nem uma pessoa levanta um dedo para nos ajudar.

Mesmo assim, a arrogância do Terceiro Reich estava visivelmente a ceder para a cautela, até o medo. Os alemães corriam assustados. Ouvi que os americanos tinham atravessado para território alemão pela primeira vez, perto de um lugar chamado Eupen.

Pouco depois disso, quase milagrosamente, os espancamentos pareceram terminar por completo. Um dos extremos nesta nova situação seria impensável até no mês anterior: Eu sabia que o *underground* tinha agora ligações com os SS e os guardas. Via-o. Antes, se alguém marchasse um cabelo fora do passo, os SS partiam esse homem com uma cana. Agora, se alguém falhasse um passo, os SS ignoravam-no.

Durante um dos meus encontros com Max, ele perguntou-me:

– Como estão os espancamentos onde tu estás? Acalmaram?

– Já quase ninguém é espancado.

– Foi o que pensei – disse Max, permitindo-se um pequeno sorriso.

Por essa altura, chegou um comboio carregado com trabalhadores da minha cidade, gerando uma das minhas melhores oportunidades para ajudar um grupo grande, mas desencadeando também um dos piores espancamentos por que passara desde que chegara ao campo. Os trabalhadores foram levados para fábricas fora da nossa cidade para construir aviões alemães. Agora, a fábrica tinha sido ocupada pelos russos. Aqueles homens eram trabalhadores especializados – pedreiros, mecânicos, comerciantes –, e os alemães iam enviá-los para a Alemanha a fim de ajudarem o esforço de guerra nazi.

Primeiro correm connosco da Alemanha. Agora estão a forçar-nos a voltar para a Alemanha. Os nazis devem estar a ficar muito desesperados, pensei.

Sam, o sogro da minha irmã Fay, estava entre eles. Conhecia-o porque ele era inspetor numa das fábricas de Yudel. Os meus compatriotas foram colocados no campo dos ciganos, perto do Abrigo 8. Vi os pobres homens ao pé do arame farpado, com uma fome que lhes encovava os olhos, à procura de alguém que conhecessem para lhes dar comida.

– Joe, Joe – chamou Sam.

Acenei-lhe, mas não me atrevi a aproximar-me. Ainda era de dia, e seria gaseado. Eu não conhecia o resto das pessoas que estavam com ele, mas via-as todas com fome.

Um dia, passei por eles a caminho de outro sítio.

– Volto no sábado à noite, e vou atirar algumas coisas por cima do arame neste lugar – sussurrei pelo canto da boca.

Quando a noite de sábado chegou, tinha camisolas, comida e tabaco enrolados de quando estivera na rampa. Empacotei tudo em grupos e rastejei até à cerca, atirando depois os pacotes por cima do arame farpado agora eletrificado. Depois, rastejei para longe.

– Para – berrou alguém. Sentia o suor a sair-me da pele. – Vi que atiraste alguma coisa por cima da cerca. O que lhes atiraste?

– Nada além de pão que apanhei na rampa.

– Porquê?

– Têm fome.

– E então? – gritou.

Virei-me da minha posição de cara para baixo e olhei. Era o mesmo idiota aleijado que pisara a minha mão e que me forcara a dar-lhe o anel de diamantes. Obrigou-me a marchar até um abrigo onde havia um forno comprido. Quase todos os abrigos tinham daqueles fornos, apenas para inglês ver, caso a Cruz Vermelha aparecesse. Por essa altura, a maioria dos abrigos estava vazia. Ele abriu a porta do forno pelas pegas de lado e berrou:

– Mete a cabeça lá dentro, judeu sacana.

Eu fi-lo.

O forno tinha um cheiro bolorento devido à falta de uso. Sentia as minhas axilas a jorrar. Sabia que o homem era capaz de bater com

a porta no meu pescoço e parti-lo. Em vez disso, fechou a porta do forno, prendendo a minha cabeça lá dentro. Depois, bateu-me com a cana nas costas e no traseiro umas vinte e cinco vezes. Conte-as à medida que me atingiam. As primeiras causaram-me uma dor tão intensa que senti como se me tivesse cortado um dedo. Por volta da décima segunda, o meu corpo deixou de saltitar. Não sentia mais nada.

Deus, Deus, ele vai partir-me a coluna?, preocupei-me, com o pensamento a dançar pela nuvem de dor na minha cabeça.

Quando parou, gritou-me:

– Corre, corre, iídiche idiota. Corre de gatas.

Enquanto me arrastei pelo campo, pensava nos compatriotas – na dor deles, na fome e na falta de roupa. Ajudava o meu estado de espírito focar-me na dor dos outros. Apaziguava também a minha dor.

Não vou deixar que este porco me diga se posso ajudar os meus compatriotas, disse para mim.

Mais tarde, nessa noite, alguns dos rapazes do meu abrigo analisaram as minhas costas e traseiro nus, que disseram estar negros do sangue que saía das veias para a superfície da pele. Mas continuava sem me impedir de ajudar o meu povo. Ali, eras leal às pessoas que conhecias. Eu conhecia uma naquele grupo, e os outros eram também da minha cidade. Tinha de os ajudar.

Na noite seguinte, fui de novo, às vinte e duas, para não apanhar o guarda, que provavelmente vigiava à mesma hora todos os dias. Roubei mais comida e roupas da rampa. A dor disparava-me pelas costas e pernas, mas continuei a rastejar até perto do arame, num sítio diferente da noite anterior. Atirei pedras pela janela aberta do abrigo até alguém olhar.

– Quero falar com o Sam – sussurrei.

O Sam saiu, e comecei a atirar as coisas por cima da cerca: camisolas, pão, esse tipo de coisas. Fiz isto a cada três noites até serem enviados para a Alemanha, duas ou três semanas depois.

Num dia espantoso, os alemães agiram como se estivessem a organizar uma festa. Os *Stubendiensts* pediram a cada um de nós que andássemos para a frente dos abrigos e apanhássemos uma pequena caixa de cartão numa mesa. Alguns dos pacotes tinham bolachas. Um terceiro pacote tinha um pouco de açúcar.

Cada um de nós devorava o que não parecia ser demasiado perigoso para a saúde. Embora as pequenas caixas individuais tivessem a marca da Cruz Vermelha, suspeitávamos sempre de gestos generosos dos alemães. Não podíamos beber o leite porque o nosso estômago não aguentava uma comida tão rica. Vomitaríamos logo. As bolachas eram boas, mas o que queríamos mesmo era pão. Ainda assim, decidimos comer o que tínhamos. Devorámos as bolachas e os pacotes de açúcar. Ajudou durante algum tempo, e alimentou-nos com alguma esperança, bem como com algum sustento.

Cerca de uma semana depois, numa combinação de extremos, aconteceu algo que nos deu uma razão verdadeira para ter esperança, e ato contínuo para ser esmagada. Os guardas, de repente, entraram nos abrigos com tábuas marcadas e montaram uma refeição de pão e sopa. O pão era fresco, e a sopa fervida. O aroma subiu-nos pelas narinas, e quase chorei. Não cheirava nem via comida assim há mais de dois anos, nem durante a minha curta estada no hospital.

O meu estômago borbulhava e rosnava, assim como o de toda a gente. Os barulhos gasosos soavam quase a um coro de sapos. Éramos homens com fome, e um banquete estava tão perto de nós que quase o podíamos alcançar e agarrar.

– Vocês são os escolhidos – disse-nos o *Studendienst*, claramente sem entender a ironia bíblica. Desta vez, fomos escolhidos para receber cortes de cabelo e fazer a barba. Eu fazia um corte de cabelo e rapava a barba a um rapaz, e ele retornava o favor.

Além disso, todos nós lavámos também a roupa e esfregámos o abrigo, fizemos a cama e limpámos o chão. Não podíamos dizer

nada, e não estávamos decerto autorizados a comer a comida que estava a um braço de distância. Sentíamo-nos bem, no entanto.

– Pelo menos estamos a ver alguma ação – disse ao Frank.

O *Kapo* continuava a gritar para nos comportarmos e sermos asseados. Por estarmos a três quilómetros dos crematórios, o odor semelhante a *bacon* da carne chamuscada não se instalava sobre o nosso abrigo.

Suspeitámos da razão pela qual os alemães estavam de repente a tornar a nossa vida tão arrumada. A Cruz Vermelha começou a aparecer mais amiúde, e os alemães sentiam que tinham de pelo menos fingir que nos tratavam de forma humana. Nessa ocasião, em meados de 1944, o inspetor da Cruz Vermelha chegou finalmente. Não havia dúvidas de que ele era alguém do exterior. Usava roupa à civil em tons de bege e trazia uma pasta. Usava chapéu, como um vendedor, e conduzia um carro com o emblema da Cruz Vermelha pintado de lado. O inspetor olhou para nós, mas não falou connosco.

Deus, deixa que vejam o que está a acontecer aqui. Deixa que saibam que isto é um campo da morte. Todos os dias, milhares de almas são perdidas aqui, ardendo nas chamas do inferno que sobem aos céus, pensei amargamente. Eu era apenas uma, entre as milhares de pessoas a oferecer esta prece nesse dia.

Mas não foi ouvida. O inspetor entrou na câmara de gás recentemente completada. Para o olho não treinado, parecia um balneário grande. Depois foi aos nossos abrigos. Entrou, e nós estávamos em sentido, com pilhas de comida fresca ainda próximas. «*Jawohl, jawohl, jawohl*», disse, e partiu.

Não tenho dúvidas de que o inspetor viu as outras câmaras de gás e os crematórios, mas ele não sabia para o que estava a olhar. Para o olho não treinado, uma câmara de gás parecia uma sala para chuveiros em massa, e os inspetores nunca viram os crematórios.

Um minuto após a saída do inspetor, o SS riu-se do nosso estado miserável.

– Querem roupas boas e comida? Pena – gritou-nos. – Aham que a pátria vos devia dar coisas boas? Vocês, que em breve estarão mortos? Em breve serão comida para as moscas, nada mais.

Depois atingiram-nos com chicotes, pontapearam-nos com as botas duras e bateram-nos com os punhos. Dispersámo-nos e corremos porta fora. Eles levaram a mesa com a comida e as cadeiras. De seguida, os guardas voltaram, e bateram-nos durante várias horas com canas, postes, com as mãos, o que quiseram.

O ar encheu-se dos lamentos dos que tinham membros partidos, e dos feridos. Os prisioneiros gritavam assim que eram agredidos, ou os dedos partidos, ou as orelhas arrancadas. Não me magoaram muito. Como sempre, usei o tamanho como vantagem, ao aproveitar-me de homens mais altos como escudos.

Algumas coisas não mudaram. O ritmo das evacuações do campo estava no pico mais alto. Os comboios chegavam rápido, maioritariamente de outros campos alemães. Se os prisioneiros fossem fisicamente capazes, enviavam-nos para a Alemanha como trabalho escravo. Se não fossem, eram gaseados. Os padrões para quem vivia e quem morria não se alteraram muito, embora os alemães precisassem de trabalho escravo mais do que nunca.

Felizmente, Mengele agia da mesma forma – pelo menos comigo. Quando conduzia as seleções, continuava a dar-me aquele meio-sorriso torcido. Estava ainda com boa aparência, e eu garantia-me que o seu uniforme era limpo e engomado.

Apesar da aparência impecável de Mengele, via como a guerra estava a desmorronar-se ainda mais para os alemães. Havia vários sinais. Um, era que até as tropas de elite SS faziam de guardas. Antes, eram considerados muito importantes. Agora, estavam geralmente mais esfarrapados. O cabelo crescia desganhado, e a barba cobria-lhes o rosto. A maioria deles tinha um ar esquelético, as botas sujas e os uniformes manchados. Descobri que eram da frente, e Birkenau tornou-se um tipo de paragem onde pudessem ter alguma comida e descansar numa cama durante algum tempo.

Depois, o ritmo das execuções tornou-se ainda mais agitado. Uma série de comboios da morte ocupavam a rampa. As pessoas eram ainda mais comprimidas. O tempo estava a esgotar-se. Os prisioneiros dos outros campos eram trazidos para o nosso a um ritmo inacreditável. Em dois dias, os prisioneiros que estiveram de quarentena foram colocados no nosso abrigo e no que fora o abrigo do hospital. Aumentar a contagem de corpos parecia ser a prioridade dos alemães. O cheiro a morte queimada suspendia ainda mais densamente sobre o campo do que antes.

Numa manhã, em dezembro de 1944, tudo mudou.

– *Raus, raus*, seus porcos. *Raus*. Vistam-se. Alinhem-se – gritou um guarda.

Nem sequer recebemos o escasso pequeno-almoço do costume. Encontrámo-nos no interior, alinhados com dezenas de milhares de outros prisioneiros, todos atentos. Perguntei-me se os alemães nos iriam executar numa última orgia da morte. Em vez disso, começaram a enviar-nos para fora. Cada um de nós tinha de se alinhar ao lado do respetivo abrigo. Havia ainda quatro ou cinco abrigos ocupados, com cerca de cem prisioneiros em cada.

– Não se mexam ou batemo-vos – resmungavam os guardas.

De outra forma, não diziam muito. Eles pensavam que nos levariam em marcha para a floresta, e que nos ceifariam com disparos de espingarda. Por volta do meio-dia, os guardas ordenaram:

– Marchem, idiotas miseráveis, marchem.

Senti o meu corpo a ficar suado de medo outra vez.

Agora vão-nos matar. É agora, pensei.

Sentíamos as ondas de choque das bombas dos Aliados. Sabíamos que o fim de Birkenau se aproximava. Estávamos igualmente seguros de que o nosso também. Noutra sequência de extremos, estava simultaneamente entusiasmado e no maior dos desesperos.

O milagre por que tenho rezado aconteceu, pensei. *Os russos estão a chegar, e em breve não existirá Birkenau. Mas será que o*

resto do meu milagre se concretiza? Serei eu um marido e pai e terei muitas pessoas a trabalhar para mim e possuirei o meu negócio? Acho que não. Os alemães vão querer destruir os judeus que têm, mesmo que não possam apanhar mais de nós. Sou um homem morto.

Depois, foi a vez do Abrigo 8. Alinhámo-nos em filas de cinco para marchar. Pelo canto do olho, vi um homem a passar por mim, com brevidade.

– Vais para o esgoto perto da casa de bombas. Desce para o esgoto – sussurrou-me. Nem sabia quem era, mas devia ser do *underground*. Não fiz perguntas. Os alemães estavam claramente com intenções de nos gasear, enforçar, ou de nos balear.

Encontrava-me ao lado de Abe. Começámos a marchar, e depois saí da fila. Ninguém me viu porque estavam absorvidos neles próprios. Esgueirei-me do grupo e comprimi-me ao lado da parede da casa de bombas mais próxima da abertura do esgoto. Cobria-a um quadrado fino de cimento. Tirei-o e desci para uma escada de metal. Depois, estiquei-me, pus a cobertura no sítio e desci as escadas.

Assim que entrei, reparei noutro homem na luz a meio gás, um homem com quem trabalhara no hospital. Olhei bem para ele.

– Que estás aqui a fazer? – exige, com uma voz assustada.

– Que estás aqui a fazer? – respondeu-me, com a voz rouca de medo.

Olhámos um para o outro durante segundos, e depois abanámos a cabeça em concordância. Imaginámos que ambos trabalhávamos para o *underground* e que nos disseram para saltarmos para o esgoto.

Não era uma maneira gloriosa de nos escondermos. O cheiro e o gás lá em baixo eram tão penetrantes que os nossos olhos começaram a arder, e tivemos de colocar um lenço sobre o nariz para respirarmos. Perguntei-me o que era suposto fazermos quando o perigo passasse e saíssemos do esgoto. Os guardas estavam

constantemente a contar-nos, e dentro de trinta minutos, saberiam que fugíramos.

– O que se passa? Faltam dois – ouvíamo-los a gritar com um tom gutural. Uma sirene aguda soou. De repente, fez-se silêncio. Pensei que todos tinham marchado para fora do campo, deixando-nos misericordiosamente para trás. Relaxei.

Cerca de meia hora depois, ouvimos uma espécie de rosnar baixo, que ficou mais alto e aterrador. Era o ladrar e o morder de cem pastores-alemães que os nazis usaram para nos encontrar. O barulho do rosnar ricocheteou das paredes de cimento e penetrou tanto na minha cabeça que tive de tapar os ouvidos. Depois do que pareceram segundos, encontraram-nos. O som do ganir estridente e do latir e do rosnar ameaçador estava sobre a entrada para o esgoto.

De repente, uma voz alta gritou em polaco:

– Abram, porcos judeus. Abram antes que atiremos granadas de mão.

Não tivemos escolha. Subimos. Havia talvez quarenta guardas, rodeados de pastores-alemães a latir, com as gengivas e os dentes à mostra e a pingar. Levantámos as mãos. Assim que fomos encontrados, a maioria dos guardas foi-se embora, levando os cães.

– Porcos judeus. São menos do que ratazanas – gritou-nos a restante meia dúzia de guardas, empurrando-nos e pontapeando-nos para a zona de enforcamento. Encontramo-nos em cima dos andaimes de madeira. Rodeados como estávamos, não podíamos ver o que acontecia. De repente, um laço grosso e peludo caiu sobre a minha cabeça e à volta do meu pescoço. O mesmo aconteceu com o outro homem. Colocaram-nos a cada um em cima de um banco, e ajustaram a corda.

É irónico que eu, que passei tanto tempo a tentar ser mais esperto do que os alemães a manter-me, e aos outros, vivo, devesse ser um dos últimos homens a morrer em Birkenau. Não há justiça afinal, pensei, com a mente repleta de desespero.

Os guardas SS rodearam-nos num círculo pequeno, com ódio a sair-lhes dos olhos. Sabia que eles já nos imaginavam mortos, com os rostos negros, os corpos a balançar, as calças manchadas da perda de controlo das entranhas e da bexiga. Testaram os bancos, garantindo que nos suportavam até uma bota pesada os pontapear para longe.

Embora não conhecesse bem o meu compatriota, ele era o único amigo que eu tinha no mundo nesse momento. Queria que a minha morte fosse notada, que significasse algo para alguém, mesmo que só por um segundo.

– Este é o fim – disse-lhe com voz pesarosa.

– Foi bom enquanto durou. Vivemos o suficiente para ver Hitler ser ultrapassado rapidamente – afirmou, suprimindo um choro.

Capítulo Vinte

PRESO EM BETÃO

Nessa altura, ouvi um grito. Olhei para cima e vi duas figuras a correr para nós, uma com um uniforme dos SS; o outro, um civil. Gritavam e faziam gestos frenéticos. O soldado SS gritava:

– Parem. Parem. Não o façam.

O SS atrás de mim disse ao homem à direita:

– Vamos esperar. Devem querer alguma coisa.

À medida que corriam, gritavam ambos:

– Parem. Parem.

Não conseguia acreditar. Um homem loiro, de olhos azuis, com o emblema de capitão SS a gritar para os homens SS à minha volta que parassem a minha execução. Sei que os meus olhos devem ter-se esbugalhado. Não reconheci nem o civil nem o capitão, mas sabia o que a palavra *parem* significava.

Os dois homens alcançaram o andaime e saltaram para ele.

– Não. Nix. Não os enforques – ladrou o capitão SS.

De repente, o círculo áspero de cânhamo foi tirado da minha cabeça, esmagando temporariamente o meu nariz.

– Tens muita sorte, judeu. Muita sorte. Não sei quem és, mas acabaste de ser salvo de um enforcamento – sussurrou-me um dos SS.

Sabia que o *underground* me salvara, embora como descobriram onde estava, não consegui adivinhar.

Isto não é real. Isto é um milagre, disse para mim.

Ouvira rumores de Max e do Pai de que até os SS podiam ver para que lado a guerra caía, e alguns deles podiam ser capturados e baleados. Imaginei que queriam ter alguns amigos do seu lado depois da guerra, por isso faziam jogo duplo, de Hitler e do

underground. Mesmo assim, aquilo era um milagre, não importa como aconteceu. Enviei uma oração silenciosa.

Empurraram-me e ao outro prisioneiro para fora do andaime. Caímos de joelhos, e isso deve ter agradado aos SS. O civil e o capitão desapareceram. Depois, levantei-me e andei de volta para o campo com o homem que quase foi enforcado comigo. Apresentámo-nos.

– Chamo-me John – disse ele, oferecendo uma mão trémula. Agarrei-a.

– Sou o Joe – respondi.

As nossas pernas estavam tipo borracha, do medo e do alívio. Olhei para o campo dos ciganos, e vi que Birkenau estava amplamente vazio. Apenas algumas equipas de esqueletos aguardavam que o comboio seguinte chegasse para mudar alguns prisioneiros. As paredes sombrias e proibitivas pareciam de certa forma mais pequenas, menos letais. Tiveram as visões mais terríveis que a humanidade já lhes infligira, mas aquelas paredes eram agora um gesto cujo significado desaparecera.

Estava quase sozinho. Os ecos dos meus passos num abrigo construído para mil homens soava vazio, patético, pequeno e inconsequente. Apenas os meus pequenos passos. Não havia muito mais além do homem com quem ia sendo enforcado, e os ratos como companhia.

Pus as mãos sobre os olhos e colapsei em lágrimas – pelo alívio de ter sido poupado, pelas pessoas que nunca mais veria, por toda a tortura que tinha a certeza de que viria, por continuar vivo, e tantas luzes brilhantes terem sido extinguidas. Esse momento foi o mais perto que estive de deixar que os alemães me quebrassem o espírito.

John e eu permanecemos lá durante mais duas semanas. Restavam vários guardas, que tinham o seu campo perto de Birkenau. Os guardas contaram-nos que os alemães queriam ter o número de pessoas suficientes para encherem um comboio antes de nos enviarem para outro sítio. Mas ouvi rumores de que uma

famosa brigada russa estava a caminho de Birkenau. Se os seus soldados encontrassem um alemão, matá-lo-iam. Mesmo assim, via, pela sua confiança a andar, que os alemães que nos guardavam estavam certos de que nada aconteceria, e que venceriam a guerra.

Estivemos ali durante duas semanas, em dezembro, enquanto o nosso abrigo e o campo se enchiam de novo. Faltava pouco para o fim de 1944, e parecia-me que podia viver para ver o fim do ano. Comecei a sentir-me um pouco mais esperançoso.

A metade da sua capacidade, Birkenau tinha pessoas bastantes para os alemães encherem um comboio de carga humana. Durante esse tempo, ouvia os sons abafados de bombas dos Aliados a explodir durante a noite e o rugir alto dos aviões. Não havia bombas ou outros explosivos a serem lançados para nós.

Um dia, sem aviso, puseram-nos a marchar para a estação de comboios, a quase cinco quilómetros dali. A mesma estação aonde os meus colegas prisioneiros e eu fomos buscar as paredes com as quais se construiu Birkenau. As mesmas que me aprisionaram e aos meus colegas judeus, bem como a todos os outros que os nazis apanharam. Agora, íamos para a mesma estação, levados para a Alemanha, de onde tentaram com tanta força erradicar-nos. A locomotiva, manchada de fuligem, soltava grandes nuvens negras. Atrás vinha a usual parada de vagões, sem o fim à vista. Fomos ordenados e mandados para dentro dos vagões. Entrei, com mais setenta. Depois, a porta fechou-se, e fomos engolidos por uma escuridão semelhante à do crepúsculo. O painel pequeno e empoeirado do costume deixava entrar apenas um pouco da luz do dia.

O cheiro era quase esmagador, uma mistura de excremento humano e de gado, e também de pó de carvão. O pó que cobria o chão chegava aos três centímetros de altura. Ao entrar, desencadeámos pequenas nuvens. Sempre que nos movíamos, levantavam-se mais nuvens. Em poucas horas, estávamos pretos.

Não sabíamos para onde íamos, mas demorámos quase quatro dias a chegar. A cada três quilómetros, a locomotiva parava, com

um sibilar e um rugido, onde permanecia, como uma besta impaciente mas desamparada, enquanto os alemães reparavam a linha férrea bombardeada. Depois, avançávamos de novo, para voltar a parar alguns quilómetros à frente e repetir o processo.

Não havia sanita, e quando parávamos, não estávamos autorizados a sair e aliviarmo-nos. Muitos de nós tínhamos a bexiga quase a rebentar e alguns aliviavam-se nas calças. A nossa casa temporária começou a ficar com cheiros indescritíveis.

Finalmente, o comboio parou e deixaram-nos sair. Parecíamos quase cómicos, os corpos cobertos com pó preto. Estávamos perto de um local onde as bombas caíam, e onde era demasiado perigoso permanecer. Os alemães não queriam saber da nossa vida, mas receavam ser mortos. O bombardeamento era uma visão estranhamente fascinante, com o enrolar de luzes a explodir e feixes e fumo multicoloridos.

Os alemães mantiveram-nos no exterior até de manhã. De repente, o ar mostrou-se vazio. Os vagões descansavam confortavelmente nas calhas e os céus não pareciam estar cobertos de luzes e fumo. O bombardeamento parara.

Essa foi a desculpa para os alemães nos empurrarem de volta aos vagões. Não nos movemos até ser tarde, nessa noite. O comboio parou três ou quatro dias depois, e fomos forçados a marchar sete ou oito horas até uma cidade – à fábrica onde era suposto trabalharmos. Penso que não sabiam o que fazer connosco.

Vista do exterior, a fábrica era um grande edifício de betão entre florestas extensas cobertas pela neve mais branca que já vira. Por contraste, a fábrica era uma mancha feia na terra. O efeito percussivo do bombardeamento rebentara com grandes pedaços do exterior do prédio e das janelas, com o vidro restante a lembrar dentes partidos.

O vento sacudia a neve, levantando-a e apertando o frio nos nossos ossos. Os alemães enfiaram-nos na fábrica, a qual parecia suplicar por trabalhadores. Vimos tanto ordem como desordem, um símbolo da arrumação alemã e do caos que os Aliados deixaram ao

visitá-lo. Não havia aviões. Algumas das ferramentas estavam penduradas em filas arrumadas em cavilhas, e a maioria dos bancos de trabalho tinham uma camada fina de pó. Em contraponto, algumas ferramentas, secretárias, bancos, e mesas estavam espalhados aleatoriamente pelo chão.

Meu Deus, disse para mim. Está vazia. Os alemães abandonaram-na, e vão abandonar-nos. Não têm trabalho para nós, e não ter trabalho significa a morte.

Estava errado. Os soldados mais velhos estavam encarregados da nossa vigia. Ouvimos as portas cavernosas a fechar-se, deixando-nos perto da escuridão. A humidade e os odores bolorentos subiram-me pelas narinas. Não sabíamos quanto tempo iríamos ali ficar. Não havia para onde correr, e não achei que nos fossem dar comida. Voltava a enganar-me. De vez em quando, os alemães traziam-nos pães ou uma panela pequena de sopa. Depois, afastavam-se e riam-se enquanto nos remexíamos pela quantidade deplorável de nutrição.

Agíamos como animais. Havia comida suficiente para apenas alguns, e éramos trezentos e cinquenta. As pessoas afastavam-se umas às outras do caminho, e empurravam os que se encontravam perto da comida quente. Estes só dispunham de alguns segundos para apanhar uma mão-cheia de pão ou sopa. Para apanhar a sopa, usávamos o que conseguíamos arranjar – um prato partido, uma lata velha, qualquer coisa –, antes que um monte de mãos nos empurrasse.

Quanto a mim, encontrei o que restava de um prato e inclinava a panela para despejar sopa nele. Conseguia apanhar algumas fatias finas de pão.

À noite, quando me deitava, o coração martelava-me lentamente, como o motor de um carro a trabalhar com a última gota de combustível. O estômago e os músculos estavam embrulhados e doridos. Sentíamos-nos tão fracos que estávamos seguros de que morreríamos à fome.

Concluímos em breve o porquê de os alemães não fazerem mais aviões ali. Os Aliados estavam a bombardeá-los forte e feio. Quando as bombas começavam a cair, os guardas deixavam-nos sair e esconder-nos na floresta.

Devíamos-nos refugiar atrás das árvores, mas aproveitávamos para roubar raízes, assim como capturar e engolir sapos, e comer bagas tão amargas que faziam os nossos olhos encher-se de lágrimas. Comíamos qualquer coisa que alimentasse o nosso corpo e que nos mantivesse vivos.

As explosões laranja, amarelas e pretas estavam tão próximas que víamos cada pormenor, enquanto saltávamos pela floresta a tentar apanhar rãs. Com dois ou três bombardeamentos por noite, tínhamos algumas hipóteses de nos alimentar na escuridão.

Estávamos ali há duas semanas. Depois voltei a ouvir: «*Raus, Juden, raus*», e obedecemos. Muitas centenas de nós marchámos de novo, para outra cidade. Demorámos quatro dias, sem comida nem água. Esperámos até os guardas se virarem de costas para nós, e comemos o que pudemos arrancar da terra: raízes, relva, minhocas, e, claro, ovos dos pássaros.

Ficámos dois dias no campo. No primeiro dia, ouvi alguém chamar:

– Joe. Joe Rosenblum, de Miedzyrzec.

Olhei e vi um gentio que mal conhecera na minha cidade. Naqueles lugares, os conhecidos mais casuais tornam-se amigos estimados.

– Tenho fome. Não como há muitos dias, semanas – disse-lhe. Não comera. Os bombardeamentos nas últimas noites tinham sido tão severos que não havia hipótese de roubar cascas de árvore ou de caçar ovos de pássaros. Amontoarmo-nos ao lado de uma árvore e esperar proteger-me dos estilhaços era tudo o que conseguia.

– Espera aqui. Vou buscar-te comida – disse-me o meu novo amigo, abanando a cabeça. Volvida cerca de uma hora, ele regressou e passou-me pedaços de pão velho. Comi dois e partilhei o resto.

Ao fim de dois dias, marchámos de novo. A cada duas horas, os alemães paravam e deixavam-nos apanhar neve ou sorver água da chuva de poças. A água que carregavam era-lhes reservada.

Alguns de nós nunca chegámos ao destino. As pessoas deitavam-se ao longo das estradas, morrendo, exaustas de anos de tortura, espancamento e inanição. A chuva caiu copiosamente. Estávamos encharcados, e a temperatura rondava os quarenta graus abaixo de zero.

Era uma marcha estranha. Sabíamos que nos encontrávamos na Alemanha. Quando passávamos pelas cidades, víamos que alguns edifícios tinham sido atingidos. As janelas estavam vazias, várias com pequenas lascas de vidro, como a boca partida de Checo, o pugilista, depois de os ucranianos o agredirem. Mesmo assim, muitas lojas estavam abertas.

As populações, vestidas com calças, camisolas e vestidos engomados, apressavam-se a entrar e a sair das lojas, carregadas com pequenos sacos. Ninguém era rico o suficiente para comprar grandes quantidades de comida. O movimento parecia quase normal. Via miúdos a atirar bolas de neve uns aos outros, trenós puxados por cães prontos para viajar. Apesar dos bombardeamentos, as pessoas tentavam agir como se a vida se desenrolasse normalmente.

Tenho tanta fome, tanta fome. Por favor, atire-nos alguma comida, um pedaço de pão, um pedaço de carne, alguma coisa, pedia mentalmente aos alemães.

Nada. Olhavam para nós casualmente e com desdém, como se fôssemos baratas a fugir da luz.

Depois estávamos outra vez numa fila longa de vagões sombrios. Os guardas deram a cada um uma fatia de pão e uma pequena lata com água. Não sabíamos para onde íamos. Passámos dois dias nos vagões escurecidos, iluminados apenas por feixes de sol que entravam pela única janela sombria do costume. Algumas pessoas, esgotadas de tudo o que as podia sustentar, desmaiaram, para jamais acordarem.

Ouvíamos frequentemente sirenes de ataques aéreos, e o comboio parava. Os guardas abriam as portas e deixavam-nos sair, apenas para nos forçar momentos depois a entrar, enquanto as sirenes soavam o fim do ataque. Não tínhamos *chance* de fazer necessidades.

Finalmente, numa noite, chegámos a uma estação de comboios. Olhei pela pequena janela e vi um letreiro que dizia: *Berlim*. Depois, com muito sibilar e guinchos, o comboio virou para um trilho e estacionou. Alguém berrou aos altifalantes: «Prisioneiros. A Cruz Vermelha Sueca tem comida para vocês.»

As portas dos vagões abriram-se, e vimos numerosos barris com comida quente, e pessoas vestidas à civil e conchas de metal nas mãos. Parecia que alguém tentava rasgar o meu estômago ao meio. Apetecia-me saltar para a comida, mas sabia que os guardas me partiriam com um pau.

Os civis deviam tirar conchas de sopa para pratos e passá-las até nós. Quando saíamos dos vagões, com a comida à nossa espera, as sirenes de ataque aéreo soaram mais alto. O cheiro da comida enchia as minhas narinas, e eu estava na fila, a dois metros da sopa, quando aquelas sirenes estridentes soaram.

Depois, vi os alemães a correr para um escritório pequeno, gritando, com sorrisos no rosto. «Levem-na. Levem-na», berraram aos trabalhadores da Cruz Vermelha. Estes, relutantes, agarraram nos barris de comida, olhando-nos com pena. Queriam dar-nos comida, mas não conseguiam. Tão perto, tão perto da comida, mas não era para acontecer. Fomos apressados de volta para os vagões, e as portas fecharam-se. O meu estômago, em alerta desde que vira os legumes e a carne a espreitar do topo dos barris, começou a doer-me tanto que me dobrei.

Os alemães conduziram o comboio cerca de quilómetro e meio e pararam-no.

«*Raus, raus*», gritaram ao abrir as portas. Tivemos de sair. Queríamos fugir, mas se o fizéssemos, os guardas abatiam-nos. Escondemo-nos o melhor que pudemos, aglomerando-nos nos

arbustos. Pelo menos, usávamos a temperatura corporal uns dos outros para nos aquecermos.

Em breve, chegaram os bombardeiros britânicos, e sentimos o chão tremer com cada detonação. Durou a noite toda. Não dormi. Deitei-me com os olhos abertos, a perguntar-me quando iriam os nossos libertadores fazer aquilo que os captores alemães tinham sido incapazes: acabar com a nossa vida.

As ondas de choque dos bombardeamentos fizeram com que os vagões saltassem, como se tivessem soluços. Ninguém se aproximava deles, com medo de que fossem um alvo muito grande.

De manhã, quando os bombardeamentos terminaram, o comboio continuou a rolar. Não nos deram nem comida nem água. Passámos mais dias no comboio, parando frequentemente para consertar as calhas estragadas pelas bombas. Chegámos finalmente à nossa nova casa, Kaufering, perto de Munique.

Desembarcámos, encardidos de pó de carvão negro. Depois, tivemos de marchar oito quilómetros até à nova casa. Notavelmente, ninguém morreu. Estávamos ansiosos por permanecer nalgum sítio: saltámos por todo o lado como bolas desgastadas, e sentíamo-nos horivelmente deslocados.

Caminhávamos para um campo-satélite de Dachau. Sabia onde estávamos porque os guardas nos disseram aonde íamos e que havia milhares de prisioneiros em cada campo. Quando chegámos lá, à tarde, passámos pela cozinha. Víamos panelas grandes e brilhantes e sentíamos o cheiro da sopa a borbulhar. Cheirava como se tivesse carne.

Deus, vamos talvez comer decentemente, rezei.

O campo consistia em cerca de dez edifícios, aproximadamente com sessenta metros de comprimento e quatro metros e meio de largura. Os guardas empurravam-nos para o nosso abrigo como se fôssemos animais, gritando o familiar «*Raus, raus, raus.*»

Lá dentro, os edifícios eram trincheiras no chão e com telhado de palha. Estava construído tão em baixo que tinha apenas três centímetros além da minha altura. O abrigo não passava de uma

série de tábuas com sessenta metros de comprimento. As tábuas, a um metro do chão sujo, era onde os prisioneiros dormiam. À frente havia duas janelas que providenciavam uma iluminação pálida.

Descansei, enquanto alguns dos homens foram buscar sopa. Havia cerca de quatrocentas pessoas no abrigo. Quando os homens com a sopa regressaram com uma panela brilhante, tinham copos de plástico. Formámos uma fila, e cada um recebeu um copo, com cerca de quinhentos mililitros. Após a fome por que passámos, até aquela pequena quantidade deplorável parecia um oceano.

Além disso, a sopa trazia um quarto de batata e alguns vegetais não identificados a nadar. Aquele jantar pareceu uma recompensa tão grande, que estava quase pronto para lavar a minha cara nele. Por volta das vinte e uma, os guardas entraram a gritar para que desligássemos as luzes. Havia poucas para desligar – só algumas pequenas, talvez de quarenta *watts*, em cada canto. Não tínhamos cobertores, mas no meio da sala existia um pequeno forno do tamanho de um balde no meio da sala. Procurámos por coisas pequenas para nos mantermos quentes. A melhor forma, como resultou, foi partir pedaços pequenos das tábuas para atirar ao forno. Caímos num sono profundo.

Pouco depois da meia-noite, as lâmpadas piscaram, as sirenes de ataque aéreo soaram, e os guardas correram pelos abrigos, gritando:

– *Raus, raus*. Vamos para a estação de comboios. *Raus*.

No que viria a tornar-se uma rotina noturna, fomos carregados para um comboio com três vagões. Demorou apenas alguns minutos. Depois, os travões chiaram, o motor sibilou e os vagões saltaram para a frente. Estávamos meio mortos de carregar cimento, por isso adormecemos no vagão.

Cerca de uma hora depois, o comboio começou a desacelerar. Pensei que fosse alguma emergência. Muitos minutos depois, os travões chiaram, o movimento parou, e vi um letreiro que dizia que estávamos na estação de Munique.

Senti o cheiro a fumo, e as sirenes de ataque aéreo soavam. Algo de errado acontecia. Parte da estação de comboios ardia. Os alemães corriam em todas as direções. Havia meia hora que os Aliados lançavam bombas. Os viajantes alemães deviam ir trabalhar às cinco e trinta, por isso o nosso trabalho era chegar à estação limpos e prontos para eles.

Na primeira noite, os carros dos bombeiros lançaram pequenas correntes de água para dentro da estação, que tinha um comprimento e uma largura de oitocentos metros. Dezenas de linhas do comboio serpenteavam à volta do centro do primeiro piso.

– Estamos todos vivos – disse a um dos meus companheiros. – Não importa o quão mau isto tem sido, estamos vivos para ver isto acontecer. A melhor prenda que nos podiam dar é ver a estação de Munique em chamas.

Ele concordou.

Entretanto, havia pilhas de lixo para limpar: tijolos, cimento e madeira, todo o material agitado pelo bombardeamento de uma hora antes. Os alemães eram certamente limpos e organizados. Não havia sandes velhas, pacotes de amendoins, ou outro tipo de lixo humano à volta, apenas os pedaços variados da estação de comboios, atacada pelo bombardeamento. Apenas meia dúzia de soldados guardavam duzentas e cinquenta pessoas, o que significava que seríamos forçados a fazer aquele trabalho.

– Sem conversas, prisioneiros. Limpem esta confusão – gritou um guarda. Então, colocámos o lixo em carrinhos de mão, que depois rolámos em rampas para camiões que esperavam no exterior. Nos cinco meses em que fizemos isto, às vezes ficávamos até mais tarde, depois das cinco, quando os primeiros viajantes chegavam.

– Por favor, só um pedaço de pão do vosso almoço. Temos muita fome. Não comemos há dias – dizia a quem passava. A maioria enrugava o nariz e ignorava-nos, tratando-nos um pouco abaixo de vermes. Além disso, os guardas vigiavam.

Só uma vez alguém respondeu. Abrandou a meio do seu caminhar rápido, e deixou cair algo escuro do bolso. Deitou-o onde

os guardas não podiam ver. Esperei até os guardas se virarem, depois caminhei casualmente até ele. Era um pedaço de pão escuro, que coloquei no bolso.

Algumas horas depois de regressarmos da nossa primeira noite na estação de Munique, os alemães fizeram-nos caminhar mais de três quilómetros a fim de irmos para o trabalho diurno. Vimos apenas campos e búnqueres enormes, juntamente com um comboio a carregar cimento. As linhas terminavam à entrada de um edifício.

Vi também um prédio enorme de betão cinzento, talvez dois terços acabado. Era suposto ser uma fábrica de munições. Os alemães ainda pensavam que iam ganhar a guerra. Havia ali milhares de homens de todos os campos. O comboio compunha-se de oitocentos metros de vagões cheios de sacos de cimento pesados. Era preciso um bom homem para carregar um. Tínhamos de apanhar os sacos de cimento, içá-los, e subir uma rampa inclinada a cerca de quinze metros do local de trabalho.

Durante semanas, deram-nos a mesma quantidade de comida que em Birkenau, o que quer dizer que era pouca. Os ventos de inverno sopravam, a neve acumulava-se, e os alemães entregaram a cada um de nós um casaco usado, fino como folha de papel. Era uma proteção ínfima contra o tempo frígido, com os ventos a trespassar-nos os ossos.

Tínhamos de trabalhar com um exército de alemães em uniformes verdes, aos quais chamávamos *Todts*, diminutivo para membros da Organização Todt – engenheiros a desenhar e a construir estradas e autoestradas. Não nos davam um pedaço de pão, nem uma camisola, nada. Faziam parte da máquina de morte. Não levantavam um dedo para nos ajudar, embora ninguém lhes batesse se o fizessem.

Um deles em particular gostava de nos bater com uma vara, para continuarmos a descarregar os comboios cheios de cimento. Assim que um comboio saía, outro tomava o seu lugar. No entanto, tinha o objetivo de nos bater, mas não ao ponto de não conseguirmos

carregar as sacas. Agora, tínhamos um pouco mais de comida, mas não a suficiente para nos sustentar.

– Qual é a diferença – disse a Frank. – Em Birkenau, não queriam saber se nos batiam até à morte. Na verdade, gostavam. Percebiam que havia sempre alguém para nos substituir. Agora, somos tão valiosos que não podem correr o risco de nos aleijar porque é menos um trabalhador. Ao invés, deixam-nos passar fome.

Os *Todts* tinham barrigas grandes, eram obviamente bem alimentados. Tinham também bons sapatos e o corpo asseado. Pouco trabalhavam além de nos vigiarem. Fazíamos o trabalho todo.

Não havia bombardeamentos durante o dia, embora o céu estivesse preto, com aviões americanos. O barulho era tão ensurdecedor que tapávamos os ouvidos. O som enchia-nos mais a alma do que a melhor música. Significava que os americanos estavam a ganhar.

Os americanos voavam tão rente a Munique, Estugarda e outras cidades grandes, que víamos o emblema da bandeira. Era como ver um trânsito interminável, tantos aviões a passar por cima de nós. O nosso local de trabalho era um alvo demasiado pequeno para os incomodar.

Não ouvia um único respingardar de disparos antiaéreos, tão pouco os sons de algum tipo de combate entre aviões. Imaginei que a força aérea alemã tivesse sido largamente eliminada, e os alemães estivessem em grandes sarilhos.

– Gostaríamos de rezar a Deus para que sobrevivamos a isto, para falarmos sobre o que aqueles sacanas, assassinos, sádicos nos fizeram. Estão a pagá-las – dizíamos muitos de nós diariamente.

Fantasiávamos sobre o que as cidades alemãs pareceriam depois de bombardeadas. Mas o sádico *Todt* batia-nos com a vara nos ombros e tínhamos de voltar ao trabalho. Estive sob as ordens dele durante três meses, mas continuei a sonhar o meu sonho.

Na maioria dos dias, parávamos de trabalhar por volta das dezassete, quando os alemães nos davam uma sopa e um pedaço de pão. Depois, deixavam-nos dormir.

Ocasionalmente, enquanto limpávamos a estação de Munique, um guarda atirava um pedaço de pão para um grupo, e esperava que nos lançássemos e o rasgássemos como os animais esfomeados fariam. Não se desapontava. Cada um de nós corria para esse pedaço pequeno de pão, afastando as pessoas, caindo e levantando-se, usando a nossa energia preciosa. Os guardas apontavam e riam-se. Era a ideia deles de desporto.

– Seria melhor se fôssemos um cão ou uma ratazana. Podíamos rastejar para trás de alguma coisa e escondermo-nos de modo a que ninguém nos magoasse – disse a alguns dos homens que trabalhavam comigo na estação.

À medida que as bombas choviam na Alemanha, víamo-lo com satisfação. Constatávamos que quando os aviões dos Aliados regressavam, não tinham sequer um buraco de bala. Isso significava que não encontravam resistência.

À noite, os prisioneiros conversavam. Na escuridão, comunicávamos mais honestamente.

– Valeu a pena cada minuto do que vimos nestes seis anos – sussurrava. – Vê-los a correr pela vida. Por cada avião a voltar, vem outro em direção à Alemanha. Há um Deus no céu, e Ele está a conseguir a Sua vingança. E nós também. Nós também.

Capítulo Vinte e Um

SABOTAGEM E COLA

Tínhamos um problema grande nas nossas filas: Ben, o sapateiro. Ben tinha dois metros e músculos ondulados como um saco de serpentes.

Ben era um tirano, sempre a gritar connosco. Tinha voz de elefante furioso, e um berro tão alto que ricocheteava das paredes. Ben atacava as pessoas. Empurrava-as com força, com a parte de trás da mão, pondo-as a voar pela sala.

A forma como agia era típica da nossa situação. Os prisioneiros tornavam-se animais, e os maiores e mais fortes batiam e atacavam os mais pequenos.

Os seus gritos eram largamente palavrões, como: «Estúpidos filhos da puta.» Se um dos rapazes se movia lentamente porque estava a passar fome, ele berrava-lhe para que se mexesse. Se sentisse que não tinha espaço suficiente para se deitar, ameaçava as pessoas até se moverem para o espaço precioso de outra. Era grande, e nós pequenos. Quando os alemães serviam sopa, era o primeiro a consegui-la porque empurrava toda a gente.

No meio do abrigo, havia uma placa elétrica que ele usava. Os alemães pagavam-lhe a reparação dos sapatos deles – normalmente com batatas e cenouras, ou com pão.

Os restantes rapazes mal andavam, de tão fracos. Alguns nem conseguiam levantar a cabeça, por isso Ben obrigava-os a deitarem-se e a manterem-se longe da placa, apenas para ser mau. Estávamos demasiado fracos e cansados para lutar.

– Este sacana não é melhor do que os alemães – disse a um dos prisioneiros. – É alto. Encontra pessoas baixas e fracas e bate-lhes.

Os alemães têm um exército grande e encontram países pequenos e fracos e invadem-nos. No fundo, este homem é um autêntico nazi.

Um dia, ouvi Ben a gritar tão alto que todos fugiam dele. Encontrava-se sentado numa das tábuas que nos serviam de cama. Os berros eram particularmente estridentes. Eu ia a entrar no abrigo, e estava tão irritado e farto dos maus-tratos, que me passei. Corri pelo abrigo, saltei antes que ele pudesse levantar-se e apanhei-o pela cabeça. O meu treino de guerrilheiro russo assumiu o controlo. Agarrei-o pela garganta, e afundei os polegares na traqueia dele. Ele começou a ficar azul.

– Vais parar hoje – gritei-lhe. – Vai haver paz aqui. Se voltares a gritar com as pessoas, se as empurrares, faço isto de novo até desistires.

A cara dele ficou roxa, os olhos saltaram, e espumava da boca, mas eu não ia ceder.

– Se não parares, repito isto. Vai parar hoje. Chega, porra, chega – gritei-lhe, afundando ainda mais os dedos na traqueia dele.

Passados cerca de três minutos, larguei-lhe a traqueia. Não o queria magoar com gravidade, apenas assustá-lo. Ben tossiu e fazia barulho, tentei massajar-lhe a garganta dorida. Descobri que estava a prender a respiração.

– Okay, não o faço mais – resmungou, a voz ainda rouca, e os ombros inclinados para a frente.

– É bom que não. Molda-te ou vou fazê-lo novamente – berrei-lhe.

Depois disso, Ben tornou-se um ser humano decente. Não gritava, não empurrava as pessoas. Não incomodava ninguém, e ninguém o incomodava.

As pessoas passaram a respeitar-me ainda mais. Agradeciam-me por ter colocado Ben no lugar, mas eu abanei a cabeça. Não podia contar a ninguém que aprendera aqueles truques com os guerrilheiros. Usei apenas o treino deles, e escolhi o momento e o local certos, e funcionou.

Tentava manter o moral em alta. Dizia aos rapazes que a guerra podia estar perto do fim, que talvez um milagre acontecesse. Continuava a pregar-lhes, mesmo que as coisas parecessem mal. Até os *Kapos* e os capatazes me respeitavam. Nunca gritava, nem lhes praguejava. Mostrava-lhes respeito, mesmo que não o merecessem, e ganhava respeito de volta.

No entanto, o respeito deles não me alimentava. Tinha de o fazer por mim. Procurava pássaros mortos que podia limpar e colocar na placa elétrica. Até subia a uma árvore quando via um ninho e apanhava os ovos. Claro que remexia o lixo. Quando fui escolhido para descascar batatas na cozinha, enchia os bolsos com cascas grossas.

Os outros não tinham tanta sorte. Dos mil homens no nosso campo, cerca de dez morreram todos os dias de agressões, fome, ou doenças causadas pela exposição à neve, ao frio e ao gelo. A única opressão que não tínhamos ali eram as seleções de Mengele. Ali, havia apenas seleções naturais no trabalho. Como resultado do clima e do trabalho pesado de carregar sacas de cimento por colinas, a mente e o corpo de muitos prisioneiros colapsava. Os corpos eram atirados para um camião e levados.

A comida era ainda o nosso maior problema. Uma das maiores queixas era a sopa – pouco mais do que água. Não tinha carne, nem batatas, nada mais que sabor a bife. Tirar a sopa era suposto ser um trabalho bom, mas toda a gente que o tinha era acusada de favorecer alguém. Um dia, a meio do queixume, uma pessoa gritou:

– Eu deixava que Joe Rosenblum o fizesse. Ele é justo.

O resto do grupo virou-se para mim.

– Okay, Joe, fá-lo, e vamos ver o que acontece.

Então fi-lo, e dei a toda a gente tanta sopa que não sobrou para mim. Só podia passar os dedos pelos lados da panela e lambê-los.

Durante três noites, tirava as conchas de sopa para duzentas pessoas de uma caldeira de quase duzentos litros. Fazia-o com uma mão tão generosa que não sobrava nada para mim. Estava

lisonjeado, mas esta honra podia deixar-me à fome até morrer. Saí do trabalho.

Gritei para o abrigo inteiro:

– Rapazes, agora estão felizes? Dei a sopa a toda a gente. Não há mais nada. Não há a suficiente para todos. Demito-me.

Alguém assumiu o trabalho, mas ninguém discutia. Provei que não havia sopa suficiente para dar a toda a gente uma boa porção.

A melhor forma que encontrei de arranjar comida foi roubando-a aos engenheiros *Todt*. Traziam pequenos sacos de comida. Encontrava um, tirava alguma coisa, e dava umas dentadas rápidas antes de ser apanhado. Batiam-me, e então? Já passara por isso. Não tinham armas, nem permissão para nos bater tanto que não pudéssemos trabalhar, portanto, porque haveria de me importar?

Não havia escapatória ao trabalho de içar cimento. Tínhamos de levar as sacas por uma colina, passando por uma série de túneis. No percurso do comboio até um dos túneis não havia guardas a vigiar-nos, só os engenheiros da Organização *Todt*. Ninguém estava preocupado. Não havia para onde correr, estávamos no centro da Alemanha.

Os túneis eram abrigos de bombas. Entretanto, os nazis tinham transferido as fábricas de munições para lá.

Ainda pensam que vão ganhar a guerra, murmurei para mim. *Eles não querem saber quais de nós os vão derrubar.*

Tínhamos de carregar as sacas de cimento até à parte de trás do túnel, cerca de setenta e cinco metros. Ao frio, centenas de nós caminhávamos numa linha irregular, até chegarmos a uma grande abertura cheia de betoneiras, luzes, escadas e pessoas a subir por todo o lado, como um formigueiro.

Deixávamos a saca numa pilha ao lado da betoneira, e voltávamos pelo mesmo caminho, no clima frio e amargo. Descíamos a colina, apanhávamos outra saca e repetíamos o percurso. As sacas eram pesadas até para alguém saudável e bem alimentado. Para quem era fraco, devido à fome, ao frio e às agressões, pesavam toneladas. Cada um transportava cerca de

trinta sacas por dia. Eu estava habituado a um trabalho assim, porque carregara bens no armazém do meu pai. O truque era pôr a saca sobre o ombro direito, onde a balançava com a mão e o braço fortes. Como resultado, o meu ombro direito ficou mais musculado do que o esquerdo.

Se algum prisioneiro esgotado caísse do peso da saca e não pudesse andar, capatazes grandes e a gritar batiam-lhe com um pau fininho. Sob o bater e a chuva de pancadas, ele levantava-se, apanhava a saca e recomeçava a jornada instavelmente. Alguns prisioneiros, no entanto, não eram capazes de se levantar, e agrediam-nos até à morte.

Para os vivos, talvez a pior parte do trabalho fossem as gotas de cimento que se acumulavam no pescoço e nas costas. Os sacos não eram selados, e ocasionalmente saíam borrifadelas de pó. A chuva, a neve e o suor humedeciam-no e solidificavam-no no nosso corpo, porque o cimento seca depressa. Não tínhamos água para o lavar, por isso os pedaços de cimento acumulavam-se. Possuíam um químico que nos queimava a carne como fogo. Passados quatro meses, o meu pescoço e as minhas costas estavam quase cinzentos.

Os ventos que sopravam à nossa volta quase nos apanhavam e levavam para longe. De manhã cedo, a temperatura parecia rondar os quarenta graus negativos. Quando trabalhávamos, sacudíamos os sacos de cimento vazios, lavávamo-los com chuva ou neve e colocávamo-los sobre o casaco leve, e também os aproveitávamos para isolar os sapatos.

A dor das marcas do cimento a queimar-me as costas e o pescoço estava gradualmente a piorar. Toda a água disponível era usada para misturar cimento. Se os capatazes e os *Todts* não estivessem a olhar, tirava um pouco da água para beber, mas não havia tempo para me lavar. A dor escaldante era tão intensa que senti que ia morrer.

Um dia, carreguei algumas ferramentas para o barracão depois de o trabalho acabar. Perto do campo, havia uma fonte, embora

nunca percebesse porque estava lá. A água, semelhante a um géiser, jorrava de um metro e oitenta de altura, e tornava-se blocos rochosos de gelo na banheira circular que rodeava a fonte.

Eu observava. A escuridão ganhava força e eu tremia um pouco. Continuava a olhar para a fonte e ouvia a água a jorrar. Sentia o cimento a queimar o meu pescoço e as costas. Sem pensar, tirei o casaco e a camisola.

O que acontecer, acontece, pensei. Não posso continuar assim. Se não lavo este cimento, morro.

Saltei para a fonte e comecei a esfregar o cimento com a água gelada, a qual parecia facas a apunhalar-me. Esfreguei-me e voltei a esfregar-me, e, depois de amolecer o cimento, tirei os pequenos pedaços da minha pele.

Vi um grupo de vinte alemães a ir para casa após o trabalho.

– Olhem para o que aquele está a fazer. Meu Deus – gritou um deles. Via os olhos deles esbugalhados e os queixos caídos, mas não queria saber. Eles tinham casacos forrados com pelo e botas, mais camisolas quentes, e ali estava eu com um casaco fino e esfarrapado, e sem camisola.

Muitos estavam tão espantados que fizeram o sinal da cruz, enquanto a minha pele se tornava numa cor de cereja vibrante.

Meu Deus, pensei. Estes alemães pensam que sou menos que um ser humano, menos que um animal. Mas aqui estão eles, a invocar o Deus deles por minha causa. Em si, isto é um milagre. Deus deve estar a proteger-me. Ele quer que o meu sonho se concretize.

Quase cantei este pensamento enquanto esfregava o cimento. De tão frios que estavam a água e o tempo, fiquei dormente. Passados dois minutos, a minha pele vermelha estava limpa de cimento, por isso saí da fonte e sequei-a com o casaco. Vesti as calças e calcei os sapatos e as meias.

Quando acabei, um dos guardas *Todt* que se benzeu deu um passo em frente e disse, numa voz trémula e baixa, o que todos pensavam.

– Meu Deus. Como te podes lavar com este tempo? Está um gelo, a água está gelada, deves estar congelado. Como podes fazer isto?

– Não podia continuar com a sensação do cimento a comer-me o corpo. Tinha de o tirar ou morria – respondi-lhe em alemão.

Ele olhou para mim com uma mistura de respeito e espanto, deu-me um pedaço de pão, e foi-se embora. Levei as ferramentas para o barracão, embora durante esse tempo conseguisse ouvir as pessoas a murmurar: «Meu Deus, como pôde ele fazer aquilo?»

No dia seguinte, passei de novo pela fonte, e o *Todt* que me perguntara como podia fazer aquilo esperava-me, com uma pequena trouxa na mão. Eram algumas camisolas velhas. Estavam manchadas e vincadas, e com buracos, mas tinham mangas compridas.

– Veste-as – disse, entregando-mas.

– *Danke schön* – agradei, enfiando uma no meu corpo magro.

Sorri. Senti que merecia uma pausa passados tantos anos de fome e frio, mas não havia tempo para me regozijar com a roupa nova. A minha vida e a de cada prisioneiro estavam em perigo constante. A nossa viagem entre o campo e a estação de Munique repetia-se quase todas as noites quando os Aliados atiravam bombas sobre as ruas de Munique e outras cidades próximas.

A caminho da estação, aglomerei-me com outros corpos a cheirar mal para nos mantermos quentes, mas sentia-me também quente de vingança.

Deus, Deus, és tão bom para nós, disse para mim. *Estás a destruí-los, estás a tocar a música de morte deles, e a deixar-nos ouvir a música. Deixa que eles sintam a nossa dor. Deixa que sintam a nossa dor.*

Depois limpávamos a estação de Munique para a carga de alemães que no dia seguinte tentava escapar ao inevitável. Quando chegávamos, destroços e cimento cobriam o chão, atirados pelos efeitos percussivos das bombas. Todas as noites havia mais destroços.

Os alemães continuavam sem deixar lixo para guardarmos nas roupas, nem um cão morto para abrímos. Entusiasmava-me todas as noites, para ver o quão os alemães estavam a ser derrotados. No caminho de regresso, imaginava-os, com os rostos magros, os olhos encovados, a segurar pequenas trouxas e comida, e uns aos outros, preocupando-se se as suas casas seriam invadidas ou se seriam mortos.

– Assim como a minha família e o meu povo nos comboios da morte. Deixa que sintam como foi. Deixa que conheçam apenas um pouco do quanto sofremos – dizia aos outros prisioneiros quase sempre que voltávamos da limpeza.

Estávamos bastante débeis. Suportámos seis anos de guerra, ao frio, com dietas perto da inanição, com espancamentos, e toda a dor que os alemães nos podiam infligir. Perdíamos a vontade de viver.

Para mim, havia algum conforto. Hana, um dos rapazes que salvei, continuava comigo, a pedir-me ajuda. Conhecia-o há muito tempo. Os guerrilheiros ensinaram-me a tomar conta de mim. Hana, no entanto, ficou sem casa aos dezasseis anos, e não sabia defender-se. Ele era religioso, alto e pouco musculado. Como sempre, os prisioneiros russos, juntamente com outros, tentavam bater nos restantes. Não se atreviam a fazê-lo comigo, mas Hana era um assunto diferente. Um dia, estava à espera na fila para um pouco de sopa. De repente, dois russos entraram e empurraram várias pessoas da fila, incluindo Hana. Eu não ia aguentar com isso.

Pus-me à frente deles, embora fossem seis centímetros mais altos. Eram magros, mas fanfarrões.

– Saíam – disse, empurrando-os com tanta força que caíram. O capataz veio a correr. Ele esteve comigo em Birkenau.

– O que aconteceu, Joe?

– Empurrei-os. Eles caíram. Estavam a tentar pontapear este homem – respondi, apontando para Hana. – Olha para este rapaz. Não pode lutar com eles.

O capataz olhou sombriamente para os russos.

– Foi isto que aconteceu? – perguntou, com um amargo na voz.

Os russos encolheram-se e baixaram a cabeça. Sabiam que toda a gente vira.

– Sim, sim, fizemo-lo – sussurrou um deles.

Então, o capataz gritou para os russos:

– Saíam já daqui. Vieram em último. Este rapaz estava aqui primeiro. Vão para o fundo da fila, e não recebem sopa.

Os russos afastaram-se e deixaram Hana voltar para a fila. Por terem entrado mais pessoas entretanto, tiveram de andar mais para trás do que se tivessem ocupado os seus lugares de direito. Tiveram sorte. Receberam a sopa.

Depois de ter acabado tudo, eu estava de volta à fila para receber a minha sopa, quando o homem que deitava colheradas do líquido escasso e magro olhou para mim estranhamente.

– Porque lutas por ele? Já tens com que te preocupares – questionou-me, enquanto punha um pouco de sopa extra na minha tigela de metal desgastada.

– Olha para o meu amigo. Vai morrer se não tiver um pouco de sopa. Estes homens iam ficar com a sopa dele. Aqui, quem chega primeiro, é servido primeiro. Eles chegaram em último. Que vão para o inferno.

Sempre que estava a falar, o homem da sopa abanava a cabeça.

– Estás a fazer a coisa certa. Se ele é teu amigo, deves lutar por ele.

Pensei: *Tens de lutar por um amigo, especialmente aqui. Os inimigos estão por todo o lado. Os amigos são demasiado difíceis de encontrar para não os deixares viver quando podes.*

Às vezes, no entanto, era cada homem por si. O capataz responsável por nós tinha ainda vestígios maledicentes. Um dia, estava atrasado para o trabalho. Era suposto usarmos pás e picaretas para limparmos o cimento e a terra da construção da fábrica. Claro que as ferramentas estavam fechadas no barracão. Esperámos cerca de uma hora.

Perante aquele cenário, poderíamos ter voltado para o abrigo e ido para a cama ou partido o cadeado do barracão e começado a

trabalhar. Cada escolha colocar-nos-ia em grandes sarilhos.

Por isso sentámo-nos e tentámos dormir um pouco enquanto esperávamos. De repente, ouvimos um rugido enorme. O capataz estava à nossa frente, a baloiçar-se, bêbedo, e a gritar.

– Porcos, suínos judeus. Sacanas, sentam-se aqui sem trabalhar. Porque não estão a fazer o vosso trabalho? Vão trabalhar.

Pior, ele possuía uma pá e ameaçava-nos com ela. Tinha um metro e noventa, vinte e tal anos, e mau feitio. Continuava a abanar a pá. Um golpe abriu o lado do rosto de um prisioneiro. Era bom termos pilhas de cimento para nos protegemos. Toda a gente correu pela vida. A lâmina da pá apanhou um pouco de luz do sol à medida que o SS continuava a abaná-la.

De um grupo de trabalho de talvez cinquenta, sete foram golpeados, alguns atingidos na cabeça, e os dedos de outros foram cortados. Pontapeava uns no traseiro, socava outros na cara. Estávamos tão fracos que tombávamos. Depois, pontapeava-nos e batia-nos mais.

Continuou num frenesim bêbedo durante cerca de noventa minutos. Finalmente, acalmou-se, e começámos a carregar as sacas.

A maior contraofensiva alemã, a batalha das Ardenas, foi desencadeada a 16 de dezembro e durou nove dias. Tínhamos conhecimento dela, porque agora recebíamos informação diretamente dos alemães. Quando limpávamos a estação de Munique, víamos jornais alemães por todo o lado. Colocávamo-los nos sapatos, ou usávamo-los para limpar o traseiro.

Às vezes encontrávamos tabaco nos jornais, por isso encondíamo-lo nos bolsos e levávamos os papéis para o campo. Quando ninguém via, muitos de nós enrolávamos partes do papel e algum tabaco num cigarro, e fumávamos. Eu não. Dava-o aos amigos.

No entanto, antes de usarmos o jornal, líamo-lo. Alguns conseguiam ler alemão porque a maioria falava iídiche ou polaco, parecidos com a língua alemã. Devorávamos cada pedaço de

informação. Líamos normalmente na nossa pausa de meia hora do almoço. Quando os guardas nos perguntavam o que fazíamos com os papéis, dizíamos que os colocávamos nos sapatos. Eles percebiam isso.

Quando li pela primeira vez sobre a batalha das Ardenas, senti a bexiga estremecer e os poros a suar. Temi que os alemães pudessem vencer. Estavam a ficar, sem dúvida, convencidos.

– Vamos conseguir – ouvia-os dizer. – Temos armas novas, e vamos conquistar o mundo. – Era também o que os jornais referiam. Os guardas andavam arrogantes.

Nós, no entanto, sentíamos a mão pesada do medo a sufocar a pequena esperança que nos restava. Agora, só podíamos torcer para que os aviões dos Aliados fizessem o seu trabalho.

Esses aviões voavam por cima de nós aos milhares, escurecendo o céu das sete e trinta até à noite. Eram em tão grande quantidade que não conseguíamos ver o céu, e era por isso que trabalhávamos sob um tipo de crepúsculo. Mas, para nós, a escuridão era a luz da esperança. À noite, o nosso sono curto era perturbado pelos tremores leves dos bombardeamentos britânicos. No entanto, saber que os alemães estavam a ser mortos aquecia-nos até no frio do inverno.

No dia seguinte, os jornais alemães proclamavam que os russos andavam a violar filhas e mulheres alemãs e incitavam a que os alemães lutassem. De acordo com os jornais, os russos eram viciosos para com os alemães. Estava a ler os jornais alemães, claro, por isso tinha de considerar o quanto disso era propaganda.

– Espero que cada palavra seja verdade – comentei com o Frank.
– Espero que os russos façam aos alemães cada parte do que li aqui.

Os outros mostravam menos esperança.

– Os Aliados estão a perder a guerra. Somos homens mortos. A única esperança é a frente russa – dizia o Frank.

Uma noite quando limpávamos a estação, encontrámos uma notícia num jornal que nos eletrificou: *Dresden foi bombardeada em*

fevereiro de 1945, e cem mil ficaram feridos.

Sentia-me aquecer por dentro, visualizando uma cidade alemã a ser consumida pelo fogo. As conversas sussurradas entre os restantes prisioneiros mostravam que sentiam o mesmo. Todos nós estávamos cansados, esfomeados, e com frio. As notícias davam-nos uma nova vida.

– Dá-nos esperança. Dá-nos esperança. É lindo – afirmavam muitos.

Os alemães, no entanto, não nos iam dar uma hipótese sequer melhor. A quantidade de comida que recebíamos era cada vez menor. Começámos com um pão para quatro pessoas, que significava um pedaço pequeno, e uma sopa aguada para o jantar, com água quente com sabor para o pequeno-almoço e o almoço. Agora, um pão era para cinco, e a sopa era mais aguada. Continuámos a trabalhar imenso. Aqueles cuja força desistiu, morreram. Dia após dia, as pessoas caíam e desmaiavam de fome. Acordávamos para encontrar os que tinham morrido durante a noite.

Continuei a procurar todo o tipo de comida. Os ninhos eram os favoritos, tanto pelos ovos como pelos pássaros. Partia-lhes o pescoço, depenava-os e cozinhava-os no forno do abrigo, que era também o nosso forno a lenha. Partilhava, claro, sempre com os amigos.

Um dia, um guarda chamou o meu nome e o de mais dois. Fiquei espantado. Passados todos aqueles anos a chamarem-nos pelos números. Algo estava a mudar. Os outros dois eram judeus lituanos mais velhos. Fomos ter com o guarda, que olhou seriamente para nós:

– São mecânicos? – perguntou severamente.

Os outros dois, trabalhadores de chapa metálica, abanaram a cabeça em concordância. Eu não era mecânico, e tinha a certeza de que o sabiam. Continuava sem saber sobre o que isto era. Mas sentia que talvez fosse mais do que uma atribuição de trabalho.

– Não sou mecânico, mas sou habilidoso e trabalhei numa quinta onde tinha de consertar coisas a toda a hora – disse.

Sob circunstâncias normais, não teria sido tão honesto, mas algo não estava bem. Aqueles homens eram mesmo mecânicos, por isso descobrir-me-iam de imediato. Senti que devia contar a verdade. Pensei que o guarda sabia quem eu era, mas eu não sabia quem ele era.

O guarda levou-nos para uma fábrica de munições a oitocentos metros. Um homem esguio com vinte e poucos anos esperava lá por nós. Estávamos ainda em campos pequenos que rodeavam Dachau. O homem olhou para nós e disse, em polaco e em alemão:

– Vão trabalhar numa fábrica. É mais limpa do que onde estavam. Aqui, eles fazem escudos antiaéreos. Sabem o que têm de fazer.

Ele olhou para nós e para mim em particular. Se tivéssemos dúvidas sobre o que queria dizer, ele dissipou-as.

– Estão a fabricar os escudos antiaéreos que abatem aviões. Seria melhor se os aviões não fossem abatidos – disse ele. – Têm de perceber como fazer o que conseguirem para encurtar a guerra, e isso significa fazer o que puderem. Tudo ajuda.

Ele levou-nos até à fábrica e acenou adeus, dizendo:

– Façam o que eles vos disserem para fazer.

Olhei à volta para o meu novo trabalho. Havia estrangeiros de muitos países, Checoslováquia, Ucrânia, entre outros. Não eram prisioneiros, e as faces redondas e os corpos de tamanho normal diziam que recebiam o suficiente para comer. Mais fome estava por vir, mas eu continuava alegre.

O *underground encontrou-me*. Até neste sítio, o *underground encontrou-me*, disse a mim mesmo, feliz por dentro. De repente, senti-me protegido, como me senti em Birkenau.

Era estranho olhar para Birkenau como um lugar seguro. Lá, tinha a segurança de saber que o *underground* zelava pelos meus melhores interesses. Depois de sair de Birkenau, não vi o Max, nem o secretário de Mengele, nem o Pai. Não havia ninguém que zelasse pela minha vida além de mim, e sentia-me sozinho. Agora, sabia que tinha sido encontrado, e sentia-me bem.

Vivia agora no Campo Número Um de Dachau. Algumas coisas não melhoraram. Os abrigos eram os mesmos, a comida não era melhor. A vantagem era trabalhar no interior, ao invés de no exterior. Havia numerosos bancos de trabalho onde as pessoas construía escudos antiaéreos, e nós os três trabalhávamos na mesma mesa.

O processo era simples. Primeiro, placas de metal de um por dois metros e meio eram cortadas em pedaços de trinta por vinte centímetros. Depois, o metal era formado em revestimentos de conchas. Tive uma ideia: tínhamos a nossa linha de montagem. Usava a serra tico-tico para cortar o metal e os outros dois prisioneiros moldavam o metal. Depois, colavam papel dentro do revestimento, e levavam o revestimento para a mesa seguinte.

O trabalho era a parte fácil. A difícil era encontrar comida. Invejávamos os estrangeiros, que se voluntariaram para trabalhar na Alemanha. Tinham grandes tigelas de sopa, demasiado para comer numa refeição, especialmente porque tinham o almoço com eles.

Os nossos estômagos roncavam só de pensar na sopa. Tentei comer a cola que usávamos dentro do revestimento durante cinco ou seis dias. Queimava-me no estômago, que se embrulhava e fazia-me vomitar. Tentámos os três esta dieta de cola, e ficámos doentes.

Tínhamos de encontrar outra forma de conseguir comida. Tive uma ideia. Os estrangeiros queriam provavelmente levar a sopa extra para casa, mas não tinham baldes. Fizemos os baldes deles. Com algum metal que guardava da linha de montagem, fiz um balde pequeno do tamanho de dois punhos e mostrei-o a um dos estrangeiros antes de ele se ir embora.

– Queres comprá-lo para lewares sopa para casa? – perguntei.

Ele olhou de perto para ele.

– Sim, sim, pode ser. Dou-te um pedaço de pão e um pouco de sopa – disse ele.

Bingo. Fiz um balde por dia, trocando-o por um pouco de sopa e um pedaço de pão. Partilhava a comida com os dois lituanos. Descobrimos uma forma de fazer muitos baldes. Cada folha de

metal dava para sete a oito escudos antiaéreos. Fazíamos talvez três, e cortávamos o metal que restava para baldes de sopa. Escondíamos o que fazíamos ao cortar o metal de sobra em pedaços, para que a parte que desaparecia não fosse detetada.

Cortávamos também um número de placas em pedaços tão pequenos que não podiam ser moldadas. Os lituanos não sabiam que eu tinha ligações ao *underground*, mas sabiam que o que eu fazia era sabotagem. Mas a guerra estava quase no fim. Se continuássemos a fazer baldes de sopa, talvez pudéssemos ultrapassar os alemães. Era tão ampla a crença de que a guerra estava prestes a terminar, que os donos da fábrica apareciam apenas uma hora por semana. Os capatazes não queriam saber. Quando sentíamos o tremor de bombardeamentos, corríamos para o exterior para ver.

Pelo menos havia algo para ver em abril. Para nós, os bombardeamentos eram como festividades. Havia milhares e milhares de aviões, e o céu continuava a escurecer.

Embora as condições de trabalho tivessem melhorado, continuávamos malnutridos. Recebíamos duas refeições por dia, maioritariamente sopa líquida. Havia comida abandonada por todo o lado: sopa, pão, um pouco de carne. Os trabalhadores civis deixavam-na porque tinham o suficiente para comer. Não tínhamos autorização para a ter, claro.

Passados cerca de trinta dias de fazermos os nossos pequenos baldes de sopa, um dos guardas apareceu por trás dos lituanos e agarrou um pelos ombros.

– O que estás a fazer? O que estás a fazer? – gritou.

Os lituanos encolheram os ombros. Eles não falavam alemão, por isso o guarda veio ter comigo. Respondi honestamente.

– Estamos cheios de fome, por isso vendemos cerca de trinta baldes pequenos para arranjar comida. Ajuda um pouco.

O guarda olhou para mim longa e duramente, e depois foi-se embora. Fomos os três chamados ao escritório. Encontrámo-nos com o dono da fábrica, um homem bem vestido, e a gerente, uma

mulher. Sentaram-nos em cadeiras pequenas. O proprietário olhou para nós de forma surpreendentemente bondosa.

– Olhem – alertou-nos. – Não façam esta sabotagem. Se descobrem que fazem menos escudos do que é suposto, matam-vos.

– Mas temos fome – disse. – Temos fome há seis anos e nunca estive tão esfomeado. Tenho de comer.

– Eu sei. Estás magro. Mas os soldados vão abater-te sem piscarem os olhos – insistiu, com alguma compaixão. – Isto é sabotagem e serás morto por causa disso. Vamos deixar que escapem desta vez porque temos pena. Olhem, o fim da guerra está apenas a semanas. Conseguiram superar anos de abuso. Porquê serem mortos perto do fim?

– *Ja, ja*, vão matar-vos – ecoou a gerente.

Felizmente, não sabiam que eu cortara e deitara fora várias placas de metal por dia. Depois de sairmos do escritório, os lituanos olharam para mim. Queriam saber o que acontecera. Disse-lhes rapidamente no pouco lituano que sabia que os alemães sabiam dos baldes.

– Vão matar-nos se fizermos mais – disse-lhes.

Os lituanos quase choraram. Esse extra de comida fazia-nos sentir mais fortes. Na verdade, não tínhamos muita escolha: já não tínhamos mais metal para fazer os baldes.

Alguns dias depois, em meados de abril, os guardas mandaram-nos alinhar.

– *Raus, raus, raus*, escumalha, *raus*, agora – gritaram-nos.

O tempo estava agradável, a temperatura rondava os quatro graus, e parcialmente soalheiro. A nossa pequena banda juntou-se a grupos de marcha de outro campo, e depois a outro. Em breve, marchávamos no Autobahn, talvez quinze mil pessoas, fizemo-lo durante dois dias, sem comida nem água.

Tínhamos de nos manter em formação e marchar dinamicamente, ou seríamos pontapeados. Alguns homens desmaiaram e foram rolados para o lado da estrada. Foram talvez baleados. Os primeiros

dias não costumavam ser muito maus. As pessoas ainda tinham alguma energia, e o tempo quente fazia-nos sentir melhor. Não sabíamos para onde íamos, mas os sinais na estrada indicavam que seguíamos em direção a Munique.

– Vamos para Dachau, Joe – disse-me o Frank. Dachau e Munique ficavam na mesma direção, a cerca de quarenta e dois quilómetros.

– Como sabes?

– Um dos rapazes ouviu os alemães a conversar – sussurrou o Frank entre dentes.

Quando a marcha terminou numa grande placa que dizia *Dachau*, os nossos estômagos roncavam de fome. Ouvimos todos falar de Dachau, o notório campo da morte, nos nossos pequenos campos-satélite. Não tínhamos ideia do que nos esperava. E se soubéssemos, teríamos ficado aterrorizados até à espinha.

Capítulo Vinte e Dois

MORTE EM MARCHA

Dachau era uma visão impressionante, com uma cerca de madeira com um metro e oitenta e arame farpado à volta. Passei por vários campos, mas nunca esperei que Dachau fosse o último. Era quase tão notório quanto Birkenau.

– A guerra está a fechar-se para os alemães. Vamos ser gaseados. Irão querer vingar-se – sussurrei para Hana enquanto marchávamos para a entrada do campo.

O tempo estava fresco, cerca de dois graus, e parecia apropriado. Os outros prisioneiros murmuravam entre eles os pensamentos que eu acabara de expressar.

– A guerra está a chegar ao fim. Querem ver-se livres de nós. Precisam apenas de um crematório e de um espaço grande para nos enterrarem – disse um dos homens à minha frente. – Só querem fazê-lo à maneira deles: limpa e ordeiramente.

Em Dachau, ficámos chocados. Em vez de ser o modelo normal da organização ariana, o campo estava em desordem. Milhares de prisioneiros foram levados antes de nós. Andavam sem rumo ou sentavam-se em pequenos aglomerados esfarrapados.

Chegámos tarde. Como toda a gente, não sabíamos para onde ir ou o que fazer. Milhares de prisioneiros entraram a marchar depois de o nosso grupo entrar. Os campos-satélite de Dachau estavam a ser esvaziados, e as pessoas corriam por todo o lado, a tentar perceber o que fazer. A primeira ordem do dia foi encontrar sítio para dormir. Quando batemos nas portas dos abrigos, ninguém nos deixou entrar. Os prisioneiros que chegaram a tempo agarraram-se a um beliche e não queriam partilhá-lo.

Os prisioneiros que chegaram depois de nós tinham os mesmos problemas. Marchavam há vários dias sem comida nem água, e foram largados, como manadas de gado intermináveis a caminho do matadouro.

Houve uma melhoria na nossa situação. Os alemães limparam os armazéns de roupa e despejaram as peças perto da entrada do campo. Ao longo dos anos, dezenas de milhares de prisioneiros tinham passado e deixado para trás pilhas de roupa.

Os aglomerados eram bem empacotados e reforçados com arame ou corda, um método típico alemão. As pilhas estavam em vários montes com três metros de altura. Aproveitámos para vestir outra coisa. A nossa estava desfeita da chuva, dos espancamentos, do suor e das abrasões das sacas de cimento. O que restava eram simples faixas de pano presas por fios, com pedaços magros de carne à mostra.

As pilhas minguavam à medida que as pessoas roubavam roupa depois de escurecer. Com a noite a encobrir os nossos esforços, Frank, eu e muitos outros fomos em direção às pilhas e tirámos casacos, camisolas de manga comprida, o que conseguimos encontrar. Havia tanta roupa, que quase parecíamos crianças a brincar no roupeiro dos crescidos. Depois de apanhar novas roupas, Frank, eu e vários outros prisioneiros dormimos no chão no centro do campo, aglomerando-nos para que a temperatura corporal nos mantivesse quentes.

Os prisioneiros continuavam a morrer, e os alemães a empilhar corpos organizadamente à frente dos abrigos. A maioria tinha rosto magro e estava até um pouco inchada, sinais típicos de inanição. No entanto, ninguém cometia suicídio.

– Talvez aconteça um milagre. Talvez os alemães desistam antes de morrermos. Talvez consigamos sobreviver – preguei às pessoas.

O que nos dava mais esperança era sentir os tremores das bombas à noite, e às vezes até durante o dia. Ouvir essas bombas a explodir era quase como escutar uma canção para adormecer.

As condições eram miseráveis. Os prisioneiros que já estavam no campo tinham as suas rotinas e o seu beliche. Aqueles de nós que não tinham essa sorte dormiam no exterior. Era abril, mas o frio ainda não saíra daquela parte da Alemanha, e a chuva atingia-nos como granizo.

A desordem piorou. Não sabíamos para onde ir, o que fazer, ou como comer. Tínhamos de roubar, mas alguns socavam os outros por restos. Muitos já andavam nisso há muito tempo, e sabíamos que não devíamos gastar a nossa preciosa energia a lutar.

Olhámos à volta e ficámos perturbados.

– O que vão fazer connosco, Joe? – perguntou o Frank, com um olhar desesperado, que não vira antes, a assentar-lhe no rosto. – Somos tantos, demorariam semanas gasear-nos.

Abanei a cabeça. Não fazia ideia.

Os alemães pareciam tão confusos quanto nós. A cada duas horas, as sirenes de ataque aéreo soavam, e eles corriam para se abrigarem. Víamo-los a saltar para carros e camiões. Num coro de guinchos de disparos e nuvens de pó, iam em direção a outro lugar, e regressavam quando o sinal de fim de ataque aéreo soasse. Éramos demasiado fracos para escapar. Aquele tipo de desordem era a prova de que a sua disciplina fora desmantelada.

Para mim, aquele era apenas mais um campo. Éramos estranhos ali. Se nos quisessem manter a trabalhar, ter-nos-iam instalado nos campos pequenos. Embora estivesse lá há apenas uns dias, o local estava tão cheio, que achei que não conseguiam colocar um alfinete, quanto mais outro corpo humano.

Éramos esqueletos. Cada parte das minhas costelas sobressaía através da pele. Vi num painel de vidro que os meus olhos estavam baços. Preocupei-me. Tinha de arranjar comida e abrigo, ou morreria.

As coisas começaram a mudar rapidamente nos nossos últimos dias em Dachau. O sistema de altifalantes, em silêncio há muito tempo, estalou de repente. Uma expiração humana explodiu para o microfone, enquanto alguém soprava para ver se funcionava.

– Vamos entregar latas de carne – disse a voz pequena e anónima em alemão. – Alinhem-se ao pé do portão.

De repente, os milhares de corpos apáticos irromperam em ação e foram até à área designada. Com medo de que os alemães ficassem sem comida, os prisioneiros empurravam-se para conseguir lugar na fila, mas apenas um pouco. Ninguém tinha forças para fazer muito mais.

Frank e eu fomos quase os primeiros a conseguir as nossas latas, porque ficávamos deliberadamente perto do portão. Na minha experiência, era lá que os alemães deixavam coisas. Depois de recebermos a carne, Frank e eu afastámo-nos. Inclinei-me e sussurrei-lhe:

– Tenho uma ideia. Está tudo uma confusão. Vamos mudar de roupa, para que não nos reconheçam, e vamos tentar arranjar mais uma lata de carne cada. Vamos separados.

Frank concordou, e dei-lhe a minha lata. Deixar outra pessoa segurar a tua comida era o maior sinal de confiança naquelas circunstâncias. Tirei a camisola e o Frank embrulhou as latas nelas. Fui para a fila. As latas estavam em caixas grandes ao lado da guarita. Os alemães nunca nos olhavam na cara, portanto, quando um dos guardas notou a minha presença, deu-me outra lata, e mandou-me embora. Voltei para junto do Frank.

– É a tua vez – sussurrei.

Frank deu-me as latas e voltou para a fila a fim de lhe darem a segunda porção. Demorou algumas horas, mas conseguiu. Quando regressou, corremos para um canto, para atrás de alguns veículos alemães. Abrimos as latas, e o cheiro quase fez com que os nossos estômagos doessem, era tão bom.

Comemos a carne de cavalo de imediato. Enchemos a boca com as mãos. A nossa cara ficou coberta de gordura, mas a fome era demasiada para nos importarmos. Além disso, conservar a carne era perigoso, porque alguém podia roubá-la. Pelo menos agora estava a salvo no estômago.

Depois de acabarmos a primeira lata, dormimos sobre as outras três. No dia seguinte, antes de escurecer, fomos de novo para um canto e comemos a segunda lata. Voltámos a dormir em cima das restantes. No dia seguinte, virei-me para o Frank e disse-lhe:

– Temos de comer o resto desta carne. Ou alguém rouba-a. Desta forma, temos a certeza de que a consumimos nós.

Fizemo-lo.

Não sabíamos o que ia acontecer, e eu tinha a certeza de que os alemães também não sabiam. No dia a seguir a terminarmos as duas últimas latas, os altifalantes soaram novamente com uma ordem:

– Alinhem-se. Alinhem-se. – E foi assim. Nada mais. Nem um adeus.

Começámos a marchar a meio da manhã, numa coluna com vários quilómetros. Os primeiros dois dias passaram-se bem, embora não soubéssemos para onde íamos.

Olhei à volta. Marchávamos rapidamente, considerando a nossa má nutrição. Quase me ri dos guardas. Tinham cinquenta anos. Embora usassem uniformes, não eram claramente a escolha de masculinidade alemã. O cabelo grisalho, as barrigas de cerveja e as marrecas quase me fizeram desejar Birkenau. Pelo menos lá, os alemães eram elegantes, com corpos tonificados, e impunham respeito. Se a situação não fosse tão desesperada, teria pena deles.

No entanto, eles tinham espingardas. E mochilas com uma camisola extra e algumas calças. Dois dias depois, sete carroças materializaram-se, confiscadas nas proximidades. Era suposto as carroças serem puxadas por cavalos, mas sabia do meu tempo nos *Leichenkommandos* o que aconteceria. Os alemães pegaram numa dúzia de prisioneiros e colocaram-nos à frente das carroças.

– Vamos. Mexam-se – ordenaram, e atiraram as mochilas para dentro das carroças.

Havia uma corda no meio do espaço reservado aos cavalos, e os homens estavam posicionados em números iguais de cada lado da corda. Mais dois alinhados na parte de trás da carroça para a

empurrarem. Estes prisioneiros olhavam para dentro das carroças; e foi assim que ficámos a saber que cada uma das sete guardava os pertences dos guardas, como sapatos, roupa interior, lâminas e um *kit* de barbear.

– Puxem – ordenou um dos guardas aos prisioneiros à frente da carroça, e eles fizeram-no.

Durante muitos mais dias, continuámos a marchar, sem comida, nem água. Os homens caíam quase às centenas perto da berma da estrada, e eram baleados sempre que um guarda alemão entendesse fazê-lo.

Os prisioneiros que puxavam as carroças ficavam exaustos rapidamente, e essa condição podia ser fatal. Imaginei que se nos levantássemos quando os outros estivessem a dormir e nos afastássemos das carroças, os alemães não nos escolheriam para as puxar.

Muitos dias depois, percebemos para onde nos conduziam. Víamos montanhas à distância, e sabíamos que íamos a caminho da fronteira suíça. Não percebíamos porque nos levavam para lá. À medida que subíamos, o ar tornava-se rarefeito. A autoestrada tinha uma largura de quatro a seis metros. Olhei para a borda e vi um grande precipício. Ao aproximarmo-nos cada vez mais das montanhas, começámos a ver manchas de neve, bancos com cerca de sessenta centímetros.

Sentíamo-nos tão fracos que não sabíamos a diferença entre estar ou não doentes. Tínhamos de dormir na neve, sem cobertores. Mais pessoas morriam, ou caíam, ou não se levantavam no dia seguinte. Os que não conseguiam marchar levavam uma pancada nas costas com o cabo de uma espingarda, e ordenavam-lhes que se mexessem. Se não funcionasse, eram deixados na berma da estrada para serem baleados.

A guerra estava em cima de nós. Durante toda a noite, enquanto nos estendíamos na neve, ouvíamos a artilharia pesada e o som dos disparos de espingarda. Imaginei que os alemães estivessem a recuar para a Suíça, mas não podia imaginar porque nos levavam

com eles. Ao longo das noites sem dormir, ouvíamos carroças e cavalos a recuar, e as balas rasavam-nos a cabeça.

Ficámos entorpecidos. Não sabíamos o que pensar ou sentir. Não conseguíamos imaginar o que iriam fazer connosco.

Se nos vão matar, deixem que o façam agora, gritei na minha mente.

Os guardas sentiam-se cansados, e chateados por terem de nos empurrar para continuarmos a mover-nos e por estarmos tão fracos. Batiam-nos constantemente com o cano das armas.

A estrada ficava entre duas montanhas. Os alemães tentavam recuar para a zona este da estrada. Os americanos e os britânicos tentavam avançar ao longo da montanha flanqueando o lado oeste. Qualquer um era ensanduichado entre os dois exércitos em guerra.

Às vezes, à noite, apareciam estilhaços quentes a voar, cortando uma cabeça ou um braço. O único sinal era um grito abafado. De manhã, os corpos dos mortos ficavam onde caíam. Os feridos eram deixados a morrer.

Não sabíamos o que nos aconteceria de um momento para o outro, e não tínhamos tempo nem energia para penas ou compaixões. Tínhamos frio, estávamos molhados, miseráveis, e cansados. A fome perfurava-nos a alma.

Quase todos os disparos e os bombardeamentos aconteciam à noite. Quando nos levantávamos os guardas começavam a bater-nos com os canos das espingardas, gritando em alemão:

– Vamos embora. – Os que não se conseguiam mexer, eram deixados para trás.

– Quem me dera que tivéssemos fios elétricos, para nos podermos atirar – murmurou um dia Frank. Não discuti. De facto, sentia-me tão derrotado, que pensava no mesmo.

Passávamos por aldeias com quintas a cada quilómetro. Víamos galinhas e porcos a correr pelos pátios e a produzir sons. Os nossos estômagos faziam barulho, também, enquanto sonhávamos em que tipo de prato cozinhado cada um daqueles animais se tornaria.

Tivemos de perceber como nos alimentarmos, apesar dos guardas, ou iríamos perecer. Observava os guardas e os movimentos deles. Via também as galinhas, e os porcos das quintas, assim como os restos que lhes deixavam para comer.

Nessa noite, disse ao Frank que tinha um plano.

– Ouve, se formos rápidos, podemos alimentar-nos enquanto aqueles sacanas alemães não estiverem a olhar. Tudo o que precisamos é de um pouco de coordenação e gestos com as mãos.

– Porra, Joe, nada tem sido fácil desde que acabámos nestes malditos campos. Quanto a comida, os alemães preferiam ver-nos a morrer à fome – disse o Frank.

Depois, enquanto a escuridão nos escondia, contei-lhe o meu plano. Reparei que os guardas marchavam para trás durante dois a três minutos, para manterem um olho nos prisioneiros atrás deles. De seguida, marchavam para a frente, olhando para os prisioneiros à frente deles.

– Assim que os guardas virarem as costas para nós – disse ao Frank –, um de nós sai da estrada e entra num dos currais. Colocamos nos bolsos qualquer coisa que tenha sido deixado para os porcos ou galinhas.

Frank olhou para mim, perguntando-me:

– Mas, Joe, como sabemos quando voltar?

– Tens de perceber quando os guardas passam o circuito de se virarem para o nosso grupo, antes de se voltarem para o outro lado. Quem estiver ainda a marchar estica a mão e mexe-a para cima e para baixo duas vezes, quando os guardas voltarem a virar as costas. Quem estiver no curral, corre de regresso à fila. Depois, partilhamos a comida com os nossos amigos. Quem tiver marchado nessa altura, mergulha no curral da próxima vez, usando o mesmo sistema.

Podíamos levar a cabo este plano porque a marcha abrandava quando chegávamos a uma aldeia. Nesse dia, passámos por muitas aldeias, e apanhámos comida em quase todas.

Levava um certo tempo. Fazíamos-lo apenas quando marchávamos, porque os alemães disparavam contra nós num segundo se nos vissem. Vigíamos também de perto para garantir que não havia ninguém no exterior do curral. Frank e eu éramos rápidos. Partilhávamos o tesouro com os outros, que estavam demasiado fracos para o fazerem.

Tinha também um segundo plano para roubar comida, desta vez dos soldados alemães. Iríamos morrer de qualquer maneira, portanto, porque não?

Todos os dias, havia camiões a trazer comida para os guardas, deixando sacos de manhã depois do pequeno-almoço. As sacas eram colocadas na parte de trás de cada carroça que levava as coisas dos guardas. Claro que eram os judeus a puxar as carroças, e alguns empurravam-nas atrás. Agora, os alemães mandavam-nos marchar até durante parte da noite.

Roubei uma colher e afiei-a em várias rochas nos dias seguintes. Durante o dia, continuávamos a pilhar comida das quintas. Estávamos perto do fim das nossas forças. Enquanto marchávamos, informei o Frank sobre o resto do meu plano.

– Frank, quando ficar escuro, puxamos uma das carroças. Abrimos a saca de comida com a ponta da colher, comemo-la, e atiramos a saca para uma vala, de modo a que não saibam para onde foi. Não serão capazes de ver o que estamos a fazer.

Frank esboçou o maior sorriso que já vira nele em meses. Resultou. Na primeira noite, posicionámo-nos de modo a puxarmos uma das carroças à noite. Sabíamos que saca tinha a comida porque sentíamos o cheiro a salame. Frank abriu o saco, e começámos a comer enquanto puxávamos. Continuámos a comer, pusemos o resto da comida dentro das camisolas e das calças, e atirámos o saco.

Mais tarde, depois de pararmos de puxar e estarmos deitados para passar a noite, partilhámos a comida com os nossos amigos.

– Onde arranjaram esta comida? – perguntavam, suspirando.

– Não façam perguntas. Comam, comam, comam – dizíamos-lhes. Eles agarravam na comida e enchiam a boca.

Na noite seguinte, sentíamos-nos mais arrojados por termos completado o nosso truque, e abrimos dois sacos numa carroça. A fila alongava-se doze ou dezasseis quilómetros, por isso ninguém vigiava as carroças de perto.

Enquanto atirava cada saco para a vala, pensava: *Vamos deixar que os sacanas alemães sintam o que é passar fome. Que sintam os corpos a arrefecer porque não conseguem combater o frio. Que se sintam molhados e frios, assim como nós nos sentimos há vários anos.*

Quando os guardas foram buscar a comida, antes do amanhecer, os sons que ouvimos foram tão engraçados que mal conseguíamos selar os lábios. Os nossos estômagos doíam com o esforço de conter o riso. Os guardas corriam de uma carroça para a outra, à procura dos alimentos. Gritaram uns para os outros:

– Dumbkopf. Dumbkopf. Esqueceste-te em que carroça puseste a comida? Agora não temos nada para comer. – Os outros guardas encolheram os ombros e desistiram. Nós rimo-nos, silenciosamente.

Frank e eu aplicámos este truque três vezes. Não queríamos fazê-lo demais. Entretanto, os bombardeamentos pioravam. À noite, ouvíamos *boom, boom, boom*, à medida que as bombas caíam e explodiam. Quando me levantava, reparava nas filas de guardas a diminuir. Desertavam em rebanhos.

Nós não nos podíamos dar a esse luxo. Estávamos pele e osso, e tão fracos que a nossa fila ficava cada vez mais vazia. Com ventos e chuvas fortes, e uma camada fina de neve a cobrir tudo, estávamos uma lástima.

– Eles ainda não sabem para onde nos vão levar, por isso devemos matar a todos – sussurrei para o Frank.

Às vezes dormíamos na beira da estrada, outras na floresta. Estava demasiado frio e húmido para dormir, por isso tremíamos. Quando nos levantávamos, deparávamos com centenas de

cadáveres espalhados, com a boca aberta. Os alemães não tinham de nos matar. A fome e a exaustão faziam o trabalho por eles.

Começámos com cerca de cento e vinte mil pessoas, agora éramos perto de oitenta mil. A fila esticava-se ainda mais porque as pessoas desaceleravam, perdiam as forças. O tempo agravava-se, chuva misturada com neve. Os guardas que restavam manejavam os canos das espingardas impiedosamente.

Quando olhei para baixo, para o resto dos prisioneiros, alguns estavam tão atrás que pareciam alfinetes na paisagem. Muitos de nós continuávamos vivos. Não era o que os alemães queriam. Eu disse o que os outros pensavam:

– Olhem, só porque sobrevivemos até agora, não quer dizer que os alemães nos vão deixar vivos. Quando estivermos perto da Suíça, o mais provável será matarem-nos como vingança por perderem a guerra, e depois correrem para a fronteira.

Os que me ouviram concordaram. Era inconcebível que nos deixassem viver.

Marchávamos há quase dez dias. Por muito maus que os dias fossem, as noites eram mais tenebrosas, quando ouvíamos os americanos e os franceses a bombardear e a disparar. Eu sabia quem disparava pela conversa dos guardas.

– Estamos cercados. Não sabemos para onde ir. Não sabemos o que raio vamos fazer com todos estes judeus. Temos de continuar para a fronteira – disseram os guardas, sem explicar porquê.

O apito penetrante da artilharia pesada sobre as nossas cabeças estava perto de ser constante a noite toda.

– Vamos pressionar-nos o mais perto do chão possível nas valas – sussurrei para o nosso grupo. – Se tiverem de escavar alguma neve para se deitarem ainda mais baixo, façam-no. Pode ser que salve a vossa vida por mais uma noite.

Depois do décimo segundo dia, a matança ficou pior. Os alemães conduziram-nos para uma montanha perto de uma autoestrada. A montanha estava coberta de neve, a qual formava montes espessos

e suaves, tornando a passagem quase impossível, por isso o exército alemão em fuga convergiu para onde estávamos.

Tinham carroças puxadas por enormes cavalos belgas e paravam ali durante a noite. Tinham comida, claro. Não vimos as carroças deles a chegar, porque era de noite. Quando os guardas nos pararam nessa noite, ladraram:

– Deitem-se. Deitem-se. Vamos ficar aqui. – Não nos disseram porquê e não se reuniram para perguntar a nossa opinião.

Capítulo Vinte e Três

LIBERDADE PARA QUÊ?

Encontrámos as valas mais fundas que conseguimos, e deitámo-nos o mais achatados possível. Encostámo-nos uns aos outros para nos aquecermos. Por volta do crepúsculo, ouvíamos a artilharia a voltar.

Ficámos toda a noite nas valas. Estávamos demasiado assustados para levantarmos sequer a cabeça a fim de ver o que se passava, mas ouvíamos o contínuo *boom, boom* da artilharia. Não dormimos. Quase não nos atrevíamos a respirar.

Quando nos levantámos e olhámos para a estrada, vimos centenas de cavalos belgas deitados na neve, com charcos de sangue a formar-se à volta deles, os olhos nublavam ou disparavam. Partes do corpo rebentadas, e o sangue fluía por todo o lado.

Quando vi aquela visão, disse aos outros que cortassem pedaços da carne dos cavalos. Frank e eu usámos a colher afiada. A carne parecia ser uma boa ideia, mas os nossos não conseguiam digeri-la. Precisávamos de nos alimentar, mas a carne era demasiado borracha, demasiado grossa. Não a conseguíamos mastigar o suficiente para a engolirmos.

Continuámos a marchar. A cada oito ou dezasseis quilómetros, víamos um sinal que dizia a quantos quilómetros estávamos da fronteira suíça. Os guardas diziam: «Mais rápido, mais rápido», e batiam em alguém com o cano da espingarda. Embora soubessem que perdiam a guerra e que estavam cercados, tratavam-nos como escumalha.

Na noite seguinte, restavam muitos menos de nós, e um número de guardas tinha também desaparecido. Estávamos aleijados,

miseráveis, esfomeados, doentes. Parecíamos os nossos piores pesadelos. Atingíamos ainda vários milhares. No entanto, era evidente que mais uma semana matar-nos-ia a todos.

Nesta noite, dormimos na floresta, perto das margens do rio, onde conseguíssemos encontrar um sítio baixo, protegido, ou ambos. Os estrondos da artilharia explodiam sobre a nossa cabeça, precedidos do apito penetrante que anunciava a sua chegada. O som, uma companhia constante, atacava-nos os ouvidos repetidamente. Sentíamos o cheiro a fumo, pungente e chamuscado, enquanto o fogo iluminava a noite.

– Está quase no fim – disse a Frank. – Mesmo que dure mais dois dias, vamos todos morrer.

As minhas pernas tremiam de exaustão. Não conseguia dormir. Adormecia quando os gritos dos cartuchos da artilharia furavam a noite, parecendo mesmo por cima de nós. Entre o apito dos cartuchos e o vento a carregar os barulhos da batalha, estava aterrorizado.

No dia seguinte, quando começámos a marchar, a paisagem estava coberta de tantos cavalos e pessoas mortas que tivemos de os afastar para o lado a fim de podermos passar. Havia cada vez mais corpos de animais e de humanos. Tínhamos de continuar e deixá-los para trás.

À medida que a noite caía e os sons assobiavam e as explosões dos cartuchos da artilharia se acionavam de novo, os alemães fizeram algo pouco usual, levaram-nos para um celeiro perto da estrada, e vimos outros grupos a serem conduzidos para outros celeiros próximos.

Os guardas empurraram-nos e deixaram-nos subir para os fardos de palha de modo a encontrarmos um lugar para descansar. Claro que não tínhamos comida. A lanterna dos guardas piscava no meio do chão do celeiro.

Estávamos esgotados e molhados do frio e da chuva. Os estômagos clamavam por comida, mas o que restava dentro de nós encontrava-se exausto. Os corpos escolheram atender à exaustão.

Caímos no cheiro doce da palha. Os ressonares e chiores diziam-me que todos dormiam. Ouvi os guardas a conversar enquanto o cheiro do fumo dos seus cigarros me atacava as narinas.

Adormeci por volta da meia-noite. Sonhei em ser libertado, que os alemães desapareciam e que os americanos tomavam conta de mim e de todos os esqueletos andantes em que nos tínhamos tornado. Sonhei, e ganhei esperança.

Talvez não mais do que duas horas depois, acordei. A avaliar pelo claro e ressonar, era o único acordado. Ouvi o ranger e o ressaltar de carros blindados, de tanques, de pessoas a falar.

Corri para o exterior do celeiro. A noite estava negra como breu. Não vi os guardas, que desapareceram do chão do celeiro. Ouvi alguém a falar, mas não os sotaques guturais dos alemães. Eu sabia um pouco de inglês, e ouvi-o algumas vezes. A língua que escutava agora soava mais melodiosa do que alemão. Vi carros de combate que pareciam do tamanho de casas. Não vira tanques alemães daquele tamanho.

Andei em direção aos sons, a pouco mais de sete metros, sem tentar esconder-me. Imaginei que, mesmo que fossem os alemães, não tinha nada a perder. Estava com frio e molhado, e já não queria saber. Mas sentia que era outra pessoa.

Eram os americanos.

Assim que saí para a autoestrada, os soldados taparam os olhos e exclamaram:

– Oh, meu Deus! Oh, meu Deus. – Continuaram a marchar, mas tinham comida nos bolsos e nos sacos, e esticaram-nos para mim, suplicando: – Toma, leva-a; mete-a nos bolsos.

Eles atiravam comida de todo o lado – bolachas, doces, rações. Vi um exército grande com soldados saudáveis vestidos para lutar. Os prisioneiros começaram a sair dos celeiros – primeiro um e dois, depois três e quatro, e depois grupos de seres humanos frágeis e a mancar. Coxearam até aos americanos.

– Americanos, americanos, americanos. Estamos livres. Meu Deus, estamos livres – gritaram.

Começámo-nos a beijar e a saltar, o mais perto de um agitar completo que os nossos corpos débeis nos permitiam.

Os grandes tanques continuavam a rolar e os soldados a marchar, mas eles encheram os nossos bolsos com comida, a maioria da qual não sabíamos como comer. Não queria saber. Comi tudo o que me deram.

– Se morrer, morro – gritei.

Ouvia os prisioneiros a gritar para outros prisioneiros. As vozes fracas e roucas; mesmo assim, todos gritavam e choravam.

Os soldados que passavam enchiam-nos de coisas: camisolas, casacos, cigarros. Os americanos tinham polícia militar a circular para que não fôssemos baleados. Havia ainda muitos soldados alemães à volta que gostariam de eliminar mais um judeu antes de a guerra terminar.

Sabia que a data era 1 de maio de 1945, dois anos depois de Yudel, eu e o que restava da minha família termos sido levados para Majdanek. Sabia a data porque não tínhamos mais em que fixar exceto no dia que era. Senti-me pronto para chorar, mas não tinha forças.

Estava aturdido. Olhei para os outros prisioneiros, todos a berrar, a gritar e a chorar de felicidade. Enquanto trincava algumas bolachas, senti o peso da morte da minha família, das pessoas que conheci que foram mortas. Voltei a olhar, e via que alguns tornar-se-iam de novo em seres humanos. Outros não conseguiriam. Passados seis anos, podia dizer que aquele era o fim.

Mas para onde vou?, perguntei-me. Para onde vou?

Frank encontrara alguns compatriotas. Procurávamos amigos. Estávamos livres para procurar e ver quem ainda restava, por isso começámos a correr um pouco à volta, mas o exército continuou a caminhar.

O crepúsculo descia, e os soldados davam-nos latas de carne. De repente, um homem alto com ombros largos e cabelo curto preto veio na minha direção. Tinha uma faixa à volta do braço que dizia *MP*.

– Não comas isto; vais adoecer – gritou, tentando usar gestos para cobrir a boca e virar a cabeça e vomitar para nos mostrar que não devíamos comê-lo. Os nossos estômagos estavam tão paralisados que não podíamos digerir muita comida. Mesmo assim, eu tinha fome e comi.

– Sou judeu – disse ele, olhando diretamente para mim. – Falas alemão? Entendes-me? Consegues falar alemão?

– Podes crer que sim – respondi, em alemão. Aquele homem não era Josef Mengele. Podia dizer orgulhosamente que falava a língua.

– Espera. Continua a marchar e olha para mim. Vou fazer umas coisas, depois volto.

Começámos a marchar em direção à cidade seguinte, enquanto os soldados americanos marchavam na outra direção. Sentíamos-nos tão bem, só uma bala nos pararia. O MP gritou e berrou e de repente um veículo blindado e um tanque abriram um espaço, e o MP e o seu jipe tinham um lugar na fila da marcha.

– Diz a seis ou sete deles que entrem – gritou-me. – Levo-vos para uma quinta na aldeia mais próxima.

Um jipe não estava feito para levar aquela gente toda, mas não queríamos saber. Os nossos pés não tinham mais que doer.

O meu corpo estava repleto de felicidade por ser livre. O nosso sargento favorito parou o jipe num lugar onde o exército estava a fazer panquecas. Saltámos do jipe, pegámos numa panqueca e voltámos para dentro. Durante o caminho, o sargento explicou que era um judeu alemão cuja família saíra da pátria quando tinha dezasseis anos, em 1938. Fora para a América e andara na escola secundária, depois juntara-se ao exército americano.

– Não têm de se preocupar com um judeu alemão como eu – disse, sorrindo e abanando a cabeça caso não entendêssemos o alemão dele. – Tenho uma arma. Uma arma muito grande.

Tinha certamente. Era tão grande quanto a minha cabeça. Ele era um homem alto que continuava a dizer:

– Estes alemães são animais, pelo que vos fizeram. Como podem ter cometido tamanha carnificina?

Estava escuro. Cerca de meia-hora depois, aproximámo-nos de algumas quintas. Numa delas, as luzes estavam acesas e o aroma a *bacon*, ovos, salsicha e rolos quentes invadiram-nos o nariz. O nosso MP empurrou o jipe até à entrada da casa.

Saltou e bateu à porta. Quando ninguém respondeu, deu um pontapé na porta com tanta força que se partiu um pouco. A porta abriu uma fenda, e um nariz e um par de olhos abertos e assustados espreitaram.

O MP tocou na arma enorme e disse, em alemão, para os olhos a espreitar:

– Dê-lhes um banho e vista-os. Não lhes dê comida gordurosa, apenas torradas e aveia. Faça-lhes a barba, e corte-lhes o cabelo. Volto mais tarde e vou garantir-me de que fez tudo o que lhe pedi. Caso contrário, tiro-o da casa e deixo que eles fiquem com ela.

– *Jawohl, Mein Herr* – disseram os olhos.

Depois o MP fez-nos um gesto para sairmos do jipe. A família estava encolhida no canto quando entrámos, mas ocupou-se a colocar o pequeno-almoço à nossa frente. Havia uma mãe, um pai e um rapaz de quinze anos cujas madeixas loiras e olhos azuis eram o modelo da aparência ariana. Serviram-nos farinha, cereais e torradas em pratos pequenos. Já tínhamos comido as panquecas, por isso não estávamos com grande fome.

Estava prestes a enfiar as duas mãos na comida, mas reparei nos talheres ao lado do prato. De repente, lembrei-me do que parecia ter sido há uma vida, os meus pais a ensinar-me a usar uma faca, um garfo e uma colher. Parei e peguei na colher. A minha pega era incerta, mas sabia que a minha mãe aprovaria. Os outros à mesa copiaram os meus gestos, e comemos de forma civilizada.

Foi desconfortável para todos. A família estava assustada e diziam-nos:

– Não somos assim tão maus. Somos boas pessoas. Não somos nazis.

Estávamos confusos. Durante dois anos, tinham-nos cuspidos em cima e baleado. Passáramos fome por sermos o que os alemães

consideravam uma peste. Decorridas apenas algumas horas, fomos promovidos de novo a seres humanos, dignos de respeito, atenção e consideração. Era uma transição difícil, sentirmo-nos totalmente no direito de ter coisas tão simples quanto uma refeição decente.

Comemos pequenas quantidades do que nos ofereceram. Por mais pequenas que as porções pudessem parecer para os alemães, aquela quantidade numa única refeição era servida apenas aos guardas. Para prisioneiros, destinar-se-ia a cinquenta. Sabíamos também que demasiada comida podia deixar-nos doentes. Dentadas pequenas era tudo o que podíamos aguentar.

O próximo passo foi um duche. Muitos não lavavam o cabelo há dois anos. Acho que a minha última vez fora quando os guardas testaram os chuveiros na câmara de gás que construíram.

Enquanto esperávamos a nossa vez, o marido acenou para a sala de estar e disse:

– Sentem-se onde quiserem. – A voz trémula traiu a tentativa de ser hospitaleiro. Com vários judeus na sua casa e o exército do país dele derrotado, não havia dúvidas de que temia que a família fosse expulsa da quinta e talvez a mulher fosse violada. Colapsámos em alguns sofás, e a família tentou agir como se estivessem a entreter convidados.

Tínhamos muitas emoções. Perguntávamo-nos o que iriam os americanos fazer connosco. Muitos de nós estávamos doentes ou débeis. Não fazíamos ideia para onde ir naquele país estranho.

Tornaram-nos animais. Agora, estamos a ver o fim disso, pensei, cansado. Não pensava nos anfitriões relutantes. Não tinha simpatia pelos alemães. Sabia apenas que estava cansado e fraco.

Quando chegou a minha vez, entrei na casa de banho. Era primitiva. Havia um chuveiro que era um barril, com água quente a cair de um cano ligado à parede. Havia também uma toalha e uma banheira de ferro. Escolhi o chuveiro. A água quente a bater na minha pele doía porque passara tanto tempo desde que sentira algo assim.

Lavar o cabelo era a primeira coisa, porque o couro cabeludo fazia comichão depois de todos aqueles anos de gordura e sujidade acumuladas. Senti pedaços de terra oleosa e caspa a cair, e o meu couro cabeludo podia respirar novamente.

Tivemos de aprender a lavar-nos como os seres humanos se lavam. Cada um recebeu uma toalha de rosto, uma barra de sabão e uma toalha de banho. Demorei algum tempo a relembrar-me de como usá-los, mas à medida que a sujidade começou a sair em aglomerados, acostumei-me mais à sensação das toalhas.

Depois do banho, a família deu-nos roupas. Tudo o que tinham ficava enorme nos nossos corpos consumidos. Nessa altura, provavelmente vestíamos tamanhos de criança. Podia enrolar o casaco que me deram à minha volta três vezes. Não importava o quão grande a roupa era, estava limpa, e isso era mais do que podia dizer dos trapos sujos que usávamos.

Ficámos ali dois dias. Dormimos nos sofás, e um dormiu numa cama que um filho mais velho usava antes de sair de casa. Para nós, era um luxo. A casa estava aquecida com um fogão a lenha. Ouvimos o rádio da família ao ser anunciado o fim da guerra.

– A pátria foi arrasada – disse o locutor, a voz quase a fraquejar.

A família abanou a cabeça.

– Culpamos Hitler. Não somos nazis, somos agricultores – disse o pai, com uma voz que quase nos pedia que os exonerássemos.

Ficámos em silêncio.

Aqueles sacanas fizeram-se gordos e ricos durante a guerra, pensei, sentindo um gosto amargo a descer pela garganta. Quando os nazis estavam no poder, aposto que gritavam «Heil Hitler» tão alto quanto os outros. Comiam e dormiam bem, e faziam a sua vida. Agora o exército deles perdeu, e querem pensar que são apenas bons seres humanos. Bom, não com a minha ajuda; nem com a ajuda de qualquer um nesta sala.

A família era amigável connosco. Tinham de o ser. O MP apareceu todos os dias para ver como estávamos a ser tratados, e ladrava sempre com eles em alemão:

– São uma nação maldita. Como podem fazer isto a pessoas que nunca lutaram uma guerra convosco?

A família encolhia-se com as palavras dele. Um dia, o pai respondeu por todos.

– Não fizemos isto. Foram os SS, a Gestapo. Foi Hitler e Goering. Não fomos nós.

O rosto do sargento ficou vermelho de raiva.

– Não, não está certo o que fizeram a pessoas inocentes. A minha família viveu na Alemanha durante gerações. Ela e outros judeus construíram o vosso país, as vossas casas e as vossas cidades. Agora sou um judeu americano. Não sou mais *deutsch*, e tenho orgulho disso.

Avançou, ameaçador. O pai pôs-se à frente da mulher e do filho varonilmente, mas tudo o que o sargento queria era gritar.

– Não está certo o que fizeram a estas pessoas! Tiraram-lhes o futuro, a vida, a família, as casas e os negócios!

Os pais tentaram praguejar contra Hitler e dizer ao sargento que eram boas pessoas. O nosso MP tornou claro que não acreditava nem um pouco.

Durante quatro manhãs consecutivas, o nosso MP levou-nos para uma cozinha e disse ao cozinheiro que nos fizesse panquecas e café. No quinto dia, veio buscar-nos. Pensávamos nele como um anjo da guarda. Não tínhamos tanta esperança há anos.

Conduziu-nos até um lugar onde estava um carro grande semelhante a um barco. Era um veículo anfíbio, embora não o soubéssemos. Agradecemos ao sargento apertando-lhe a mão e abraçámo-lo, com lágrimas nos olhos.

O veículo rugiu para pegar, e o condutor seguiu uma rota por várias quintas, apanhando cerca de trinta pessoas. Depois, atravessou um rio, e olhámos com espanto para a água a envolver os para-lamas enquanto nos conduzia para o lado oposto da margem do rio. Passada meia hora, chegámos a um edifício com cinco andares, de tijolo, e cento e vinte metros de largura.

– Vão gostar deste sítio – disse-nos o condutor. – Era uma escola para os SS e a Gestapo. Aqui foi onde os assassinos foram ensinados a matar, e os torturadores a torturar. Agora, vai servir para algo útil – recuperar as vítimas do Terceiro Reich.

Quando entrámos, podíamos ver o quão cavernoso o sítio era – um edifício enorme, com uma entrada do tamanho da maior sala que já vira. Pendurado do teto pintado estava um candelabro que devia ter nove metros de altura.

Não havia colchões, claro, nem cobertores, nem almofadas. Dormimos todos no chão. Estávamos acostumados a condições tão más, e aquele sítio era como um palácio. Havia milhares de pessoas lá. Dois dias depois, trouxeram-nos mantas. Tínhamos aquecimento, e comida – três refeições por dia, produtos básicos: leite, farinha. O jantar eram hambúrgueres e pão branco. Para nós, pão branco era como bolo.

Por volta do terceiro dia lá, cada um de nós foi examinado por uma equipa de médicos. Comecei a sentir-me vivo de novo. Tínhamos uma rotina sossegada. Três refeições, lavávamos as nossas roupas, tomávamos banho, e sobretudo ganhávamos forças.

Uma semana depois, ouvi muitos berros e asneiras na entrada. Corri para ver o que acontecia. Com tantas pessoas naquele sítio, havia sempre barulho, mas as pessoas não gritavam nem berravam umas com as outras. Encontrávamo-nos a recuperar. Sentíamo-nos gratos por estarmos vivos. Quem tinha tempo para gritar e ser miserável com os colegas sofredores?

Havia um ajuntamento à entrada. Fui o primeiro a chegar, mas em breve vinham pessoas de todas as direções. Perto de uma dúzia cercou um homem, pontapeando-o. Cuspiam-lhe, gritando:

– És um traidor. Magoaste-nos. Era mau o suficiente os alemães não nos darem comida. Tinhas de os ajudar para te salvars.

– Tinhas a tua maneira de fazer as coisas. Agora tens de pagar – berrava um homem, que de seguida lhe deu um pontapé nas costelas, produzindo um ruído audível.

Os outros juntaram-se ao coro:

– Bandido, assassino, não mereces viver. Vais morrer aqui. Nós vamos sobreviver, mas tu não vais viver para o testemunhar.

Fiquei espantado. Sabia que havia traidores entre nós, mas aquele homem devia ter feito algo horrível. Vi que a maioria dos captores do homem eram lituanos, pessoas que conhecia por essa altura. Alguém me sussurrou que se chamava Rudy. Um judeu alemão que fora *Kapo*, e que chicoteara, batera e matara milhares de lituanos, estónios e letões judeus.

– Foi aquele que nos perseguiu e bateu em muitas pessoas até à morte, e é judeu – disse a voz.

Rudy viera de um dos campos-satélite de Dachau, mas não conseguira arranjar trabalho lá como *Kapo*. Os homens que estiveram no outro campo com ele viram-no. Um contou-me o que Rudy fizera.

Rudy devia rondar os trinta e cinco anos. Tinha um metro e setenta e oito, era magro, e de cabelo castanho. Parecia quase inofensivo, mas por essa altura tinham-no levado para a entrada, estava marcado e sangrava. O sangue corria-lhe por toda a testa. De repente, reconheci-o do Campo 11 como um homem que gozava comigo e com os outros. Sentia a raiva do grupo a espalhar-se pela multidão.

– Não mereces viver. Se o permirítmos, é um insulto ao nosso povo. Muitos estão mortos, e clamam por vingança – gritou uma pessoa.

O prisioneiro encolhia-se, cobrindo a cabeça com o antebraço, para que não lhe batessem na cara, agachando-se, para que não lhe dessem pontapés na virilha, como fazíamos quando os nazis nos batiam.

– Fiz o que me disseram, nada mais – gritou o prisioneiro. Lamentava-se e suplicava: – Quero viver. Vou mudar. Não queria magoar tantas pessoas. Deixem-me viver, e eu fujo daqui. Nunca mais me verão.

De repente, alguém apareceu com uma corda que tinha um laço numa ponta. Ele rodopiou a outra ponta à volta, deixando o laço

suspenso a cerca de três metros do chão.

O homem foi levantado por numerosas mãos, e o laço caiu sobre a cabeça dele e à volta do pescoço. Estava a gritar, a berrar, a pedir. As súplicas produziam apenas mais raiva.

– Porque devias viver quando ajudaste tantos a morrer? – gritou um homem.

Tinham razão, mas não podia ver. Já me bastava as pessoas mortas que vira. *Não quero ouvir nem ver o que têm de fazer, ou saber algo sobre eles fazerem-no*, gritei dentro da cabeça.

Afastei-me para um corredor e caminhei para o outro lado do edifício. Quando regressei, vi pessoas a levarem o corpo de Rudy. Sabia que o olhar aterrorizado no rosto dele me ficaria marcado na mente para sempre.

Mais cedo ou mais tarde, Hitler mandá-lo-ia matar, pensei.

A maioria da minha estada foi pacífica. Os médicos do exército fizeram-nos exames físicos. Alguns dos presos libertados morreram porque estavam demasiado doentes e débeis. Frank ainda se encontrava lá, mas queria ir-se embora porque tinha para onde ir.

Era da Checoslováquia e da Hungria, e havia muitos checos e húngaros lá. Ele ficou com eles, e encontrou raparigas que conhecia. Passava cada vez mais tempo com eles, e menos comigo. Mais cedo ou mais tarde, tínhamos de nos separar. Vivíamos em mundos diferentes. Tentei encontrar alguns compatriotas polacos, mas havia poucos.

Fiquei lá cerca de dez dias. Os oficiais disseram-nos que aquele era um sítio para uma estada curta, mas eles ajudavam-nos quanto podiam. Se queríamos um lugar onde ficar mais tempo, podíamos ir para um campo de trabalho de Hitler, onde tínhamos acesso a médicos, cama e comida. Ou podíamos ir para cidades como Estugarda e Munique. Os alemães estavam a ser forçados a acolher-nos nas suas casas, e recebíamos um cartão de ração e comida de lojas alemãs.

Cerca de duas semanas depois, ouvi que muitos sobreviventes iam para Munique. Eu também queria ir. Falaram-nos de um sítio

onde podíamos localizar campos ou encontrar lugares que nos acolhessem.

– Vão fazer uma vida nova – disse-me um dos oficiais.

No exterior do portão, um arrepio atravessou-me o corpo. Apercebi-me de que não tinha para onde ir.

Não tenho dinheiro, nem trabalho, nem vida para onde voltar, pensei. O que vou fazer? Porquê eu? Nasci numa época má. Sou como um ramo que caiu de uma árvore.

Mesmo assim, queria ir para onde tivesse de ir. Mas ao passar os portões, parei e comecei a chorar.

Para onde vou?, clamei. Quem está aí? Quem sou eu? Não tenho amigos, nem familiares, nem casa, nem país. Para que tipo de vida irei voltar?

A minha única resposta foi o vento.

Epílogo

Pouco depois de ser libertado, em maio de 1945, comecei a trabalhar para o exército americano em Munique. Abordara o exército a fim de trabalhar para eles, e disseram-me que se quisesse auxiliar o cozinheiro a partir das quatro, arranjavam um sítio onde dormir, e podia comer lá também. Daí, colaborei com o exército na localização de armas alemãs fora das pequenas cidades. Como falava alemão, acompanhava os soldados e traduzia para eles, pedindo aos locais que os ajudassem a encontrar armas que tinham sido guardadas em vários sítios pelo campo.

Em troca dessa ajuda, eu e mais cinco ou seis outros polacos judeus e gentios pudemos marchar e treinar com os soldados, para recuperarmos fisicamente. Ouvimos muitos rumores. Um era que o exército americano iria ser enviado em breve para o Pacífico a fim de lutar no Japão. Outro era que alguns soldados polacos tinham retomado armas ao lado dos britânicos. Esperávamos que o facto de o exército americano nos deixar dormir nos abrigos deles, trabalhar na cozinha e marchar com os soldados significasse que nos levariam para o Japão, deixando-nos tornar-nos soldados americanos e obter a cidadania – se sobrevivêssemos à guerra.

Tinha, no entanto, de assegurar a minha permanência. Passei três meses a lavar batatas, a limpar o chão e a fazer o que fosse preciso na cozinha do exército. Enquanto lá estive, Abe Blady, um dos homens que salvei ao arranjar-lhe trabalho na rampa, encontrou-me. Fiquei feliz por o ver. Pelo menos teria um amigo da minha vida antiga.

Em julho, pedi ao exército permissão para voltar à minha cidade natal, Miedzyezec, na Polónia. Estava a cerca de mil quilómetros, e queria dolorosamente ver no que se tornara a cidade e o meu povo. Abe foi comigo.

Fiz a viagem largamente estatelado nos telhados dos comboios de carga russos. Normalmente, em cima da locomotiva. Havia muitos russos e as namoradas a fazer algumas partes dessa viagem. Os comboios carregavam tanques e outros veículos blindados, por isso empilhávamo-nos sobre os vagões, e abríamos os braços como uma águia para não cairmos. Os comboios aceleravam num chuveiro de fumo preto e fuligem.

A viagem de Munique para Nuremberga demorou um dia e meio. Depois, Abe e eu arranámos mais uma locomotiva, até perto da fronteira polaca. Finalmente, chegámos à minha cidade natal a meio da noite, na parte de trás de outro comboio.

Ouvíramos que havia ainda ali alguns judeus. A noite estava fria, e acabámos no que seria parte do gueto. Ouvimos um cacarejar e descobrimos um galinheiro. Embora houvesse muitas penas e excremento, os corpos das galinhas eram um isolamento quente contra o frio.

De manhã, fomos procurar judeus. Seguimos na direcção do mercado, ou do que restava dele. Imaginámos que, se houvesse algum local a servir de ajuntamento central, seria esse. Vira o mercado pela última vez quando fora levado para o comboio para Majdanek. Agora, havia um bando lamentavelmente pequeno de pessoas, talvez duzentas, a viver lá.

Vi dois dos fabricantes de barris que tinham estado comigo quando Lazar nos salvou da execução. Viviam num bom lugar. Incrivelmente, descobri Jacob Wilder; Jacob voltara a casar-se. Fora libertado seis meses antes de nós, mas encontrava-se com aspeto deplorável. Algumas semanas antes de eu chegar, pusera-se a limpar uma arma que, embora não soubesse, estava carregada. A arma disparara e fizera-lhe um buraco no lábio superior. A bala continuava alojada na sua cabeça.

Jacob e eu abraçámo-nos, conversámos e chorámos. Estávamos emocionalmente trémulos, porque ouvimos que os fascistas polacos continuavam a percorrer o campo matando judeus. Nessa noite, dormi na casa dos dois fabricantes de barris. Assim que a minha

cabeça mergulhou na almofada, bateu num objeto de metal. Debaixo da almofada encontrei uma submetralhadora.

– Assim que baterem à porta, começa a disparar. Senão, vão matar-te – disseram os fabricantes de barris. Mais tarde, contaram-me que tinham submetralhadoras debaixo das almofadas deles, também.

No dia seguinte, fui à procura da campa do meu irmão Hymie. Quando cheguei ao cemitério, quase me agarrei ao coração. Vi várias filas de valas comuns, com pouca sinalização, com talvez cinquenta centímetros de comprimento e vinte e cinco de altura. Cada placa dizia apenas em que ano os corpos foram enterrados.

Olhei e voltei a olhar para aquela terra agora pacífica, mas não conseguia perceber onde Hymie estava. Desisti, em desespero, e voltei para o mercado. Antes da guerra, a nossa cidade tinha oficialmente dezasseis mil pessoas. Olhei à volta, para o número penoso que ali vivia agora. Pouco menos de metade dos residentes atuais eram judeus que os alemães desenraizaram de outros sítios e despejaram ali para morrerem. Talvez cento e vinte eram os que sobravam da cidade próspera que fomos antes da guerra.

Tinha apenas um passe de dez dias, e em breve era altura de voltar para o exército. Jacob pediu-me que ficasse.

– Joe, somos família. Somos tão poucos aqui. Está tão tarde. Espera aqui, vamos para a Alemanha. Tenho uma propriedade pequena para vender. Quando o fizer, vamos – disse-me, com os olhos a suplicar.

Os fabricantes de barris imploraram-me também que ficasse, mas não aceitei. Tinha família na América, e não ia permanecer naquele lugar penosamente destruído.

– Prometi ao exército que voltaria. Tenho de regressar. Tenho obrigação. Não vou falhar. Tenho uma hipótese de ir para os Estados Unidos – disse-lhes. Eu queria muito ir para a América.

– Eles levam-te a qualquer altura – argumentou Jacob.

– Não, é agora ou nunca – respondi.

Jacob e eu abraçámo-nos, as lágrimas a correr-nos pelo rosto, memórias das noites longas e frias nos búnqueres que construímos a passar pela nossa mente. Pensei na minha mãe, no meu pai, nos meus irmãos, em Yudel, nas filhas de Yudel e nas filhas delas. Jacob e eu trememos com as memórias. Depois, parámos de nos abraçar e despedimo-nos. Abe e eu partimos.

Ouvi, dois anos mais tarde, que Jacob saiu da Polónia para a Áustria a fim de escapar aos antissemitas. Alguns anos depois, morreu de uma infeção causada pela bala na cabeça.

Abe e eu apanhámos um comboio para uma cidade na fronteira com a Alemanha. Íamos para um restaurante quando dois homens polacos MP nos pararam.

– Aonde vão? Quem são vocês – exigiram saber. Depois ameaçaram recrutar-nos para o exército. Vimos um comboio próximo a abrandar, então corremos vários quarteirões e apanhámo-lo. Víamos os MP confusos à nossa procura à medida que o comboio acelerava e nos afastávamos.

Depois, chegámos à Checoslováquia, onde um guarda de meia-idade ameaçou pôr-nos na prisão e levar-nos a tribunal. Sussurrei para Abe que nos devíamos separar. Abe correria para a estação de comboios e eu faria com que o guarda me seguisse. O plano funcionou. Corri, o guarda ficou sem fôlego, voltei para trás, e Abe e eu apanhámos outro comboio.

Assim que chegámos à base, comecei novamente a treinar-me com os americanos, na esperança de que me levariam para o Japão.

De repente, a guerra terminou.

O que vou fazer agora?, pensei.

Voltei à mesma situação em que estava quando fora libertado. Não tinha trabalho, nem família, nem casa, nem dinheiro, nem futuro. Não queria permanecer na Alemanha o resto da vida. Odiava cada centímetro. Até hoje, sinto que, na maioria, os alemães são um país de assassinos, e até os jovens não podem escapar das responsabilidades do que o seu povo tentou fazer à humanidade.

Decidi que podia ir para Israel ou para a América. Apostei na América porque o meu tio em Detroit seria o meu fiador, e tinha muitos outros familiares lá. Disseram-me que demoraria uns dois anos até o meu nome aparecer na lista. Entretanto, tinha de sobreviver.

O meu tio fortalecia a minha esperança, ao enviar pacotes e cartas, e contribuiu para recuperar o meu moral. Mesmo assim, precisava de encontrar trabalho. Arranjei um no centro de ajuda judeu de Munique, que estava sob a responsabilidade das Nações Unidas. Era condutor, entregava comida a campos de refugiados. Assim que completei o curso, passei a trabalhar oficialmente para a ONU como mecânico.

O salário era pequeno, e precisava de o complementar. Ironicamente, fiz muitos trabalhos temporários para os alemães. Qual era a alternativa? Tinha de ganhar a vida. Por muito que os detestasse, precisava de pagar as contas. Para meu espanto, alguns mostraram ser boas pessoas. Fiquei amigo de um – um soldado; o pai fora nazi. O filho assumiu o negócio do pai – como antigo nazi, o pai era de alguma forma impedido de ter negócios –, e fiz muitos trabalhos para o filho, incluindo entregas, misturar cimento, todo o tipo de reparações. Fui atingido pela ironia de ter amizade com o filho de um nazi. Era uma pessoa decente, e eu tinha de sobreviver.

Continuava a perguntar às pessoas se conheciam alguém de Miedzyrzec. Encontrei Elke, uma mulher que conhecera a viver num campo a sessenta e quatro quilómetros de distância.

Levei-lhe comida e cigarros *PX*, juntamente com galinhas e perus. Casámo-nos em junho de 1947. Embora não o soubesse, casar-me atrasava os meus planos americanos alguns anos, porque tinha de me recandidatar à admissão para incluir Elke. Não me chateei pelos anos extra, porque estava sozinho e deprimido. Ela iluminou a minha vida.

Entretanto, em Munique, fiquei amigo de um polícia alemão. Comprei cigarros *PX* para ele. Em troca, a mulher, cujo nome não

me recordo, ajudou-nos. Ela era agente imobiliária e encontrou um estúdio para eu e a Elke vivermos. Tinha cento e trinta e sete metros quadrados, o que era mais do que muitas pessoas tinham nessa cidade sobrelotada. No ano seguinte, a guerra por Israel iniciava-se, e ela ajudou-me a encontrar apartamentos para pessoas que conheci baleadas nessa guerra – gente sem braços, ou sem pernas, e às vezes sem vontade de viver.

Dois anos depois, em janeiro de 1949, recebi a carta por que esperava. O meu tio contou-me que recebera a palavra de que podíamos ir para a América. Não acumulámos quase nada, sabendo bem que partiríamos para os Estados Unidos. Só levámos peças de roupa, como muitos outros refugiados.

Subimos a bordo de um barco sobrelotado e cruzámos o oceano em oito dias. Estávamos no *Ernie Pyle*, normalmente uma carreira para oficiais americanos. Não havia mais oficiais a deslocar-se, por isso os refugiados judeus eram a sua carga.

Atracámos em Nova Iorque, e viajámos a noite toda para chegar a Detroit, onde o meu tio e o resto da família nos iam encontrar. O meu tio arranjou um apartamento com uma renda barata.

Durante um ano, fiz trabalhos temporários. Pinteí, soldei e trabalhei numa loja de donuts. Depois, encontrei trabalho a tempo inteiro como pintor de casas. Dezoito meses decorridos, era o capataz. Dezoito meses depois, criei a minha empresa de pinturas. Tivemos dois filhos. Sid nasceu em 1951 e Marla em 1957.

Tive setenta e duas pessoas a trabalhar para mim e fui designado o melhor empreiteiro de pintura em Detroit pelas agências municipais e estatais, assim como sindicatos. Contratei pessoas que mais ninguém contrataria: refugiados que não falavam inglês e indivíduos produtivos mas que se magoaram no trabalho.

Pinteí e construí casas durante muitos anos. No fim dos anos 1970, Elke ficou com uma artrite incapacitante. Era uma má época em Detroit. A maioria dos trabalhos estava a desaparecer, por isso não havia muitas pessoas a querer construir ou comprar casas. Era uma boa altura para nos mudarmos.

Os médicos disseram que Elke precisava de um clima quente longe dos ventos glaciares de Detroit. Mudámo-nos para a Florida em 1981. Não podia ficar sentado, claro, por isso formei outra empresa de pintura, com mais de setenta empregados. Mencionei a algumas pessoas apenas poucos episódios acerca do meu passado sob os nazis: trabalhar para Mengele e construir Birkenau. Conte também algumas coisas sobre a minha família e a minha cidade e como foram eliminados. Um professor que conhecia continuava a insistir para que escrevesse a minha história. Outro amigo que adora ouvir histórias sobre o Holocausto também me incitou.

Ainda falava pouco sobre as minhas experiências com a maioria das pessoas. Até Elke e os meus filhos não se encontravam a par da maioria das coisas. Depois, comecei a pensar. Decidi que já não tinha o luxo do tempo. Não era velho, mas estava no final dos sessenta. Finalmente, decidi fazê-lo: ia escrever o meu livro. O professor trabalhou comigo durante algum tempo, mas depois adoeceu.

Eu também estava doente. Não queria reviver estas memórias. Não queria falar sobre elas. Mas queria terminar este projeto. Quando iniciamos um projeto assim, queremos tirá-lo do sistema e da mente.

Elke, Sid e Marla, embora não conhecessem a maioria dos pormenores, pressionaram-me para que o finalizasse. Não me perguntavam os detalhes, e eu não lhes contava. Não queria sobretudo narrá-los aos meus filhos, sentindo que podiam ficar severamente perturbados ao saber as coisas horríveis que vi. Tenho apenas uma fotografia na qual aparece a maioria dos membros da minha família, mas mostrei-a brevemente às minhas crianças. Sempre que falava nos meus familiares falecidos, os meus filhos ficavam tristes. Então, eu ficava triste. Era demasiado doloroso.

– Ficariam muito chateados. É melhor não começar – dizia-lhes.

Quando acabei a proposta para este livro, mostrei-a a Elke, ao Sid e à Marla. Sid foi incapaz de o ler. Lembro-me de quando tinha oito anos e veio para casa da escola a choramingar:

– Porque não tenho avós como os outros miúdos?

– Um dia saberás – respondi-lhe. Talvez um dia ele leia a história toda. Por enquanto, é demasiado doloroso para ele.

A minha filha, por outro lado, leu cada palavra da proposta. Depois chamou-me e gritou-me por não lhe ter dito pelo que passara.

– Porque não me contaste? Porquê? Porquê? – gritou ela.

A minha resposta era simples e prática.

– Tenho pesadelos. Porque deverias saber?

Mesmo assim, ela quer saber. Algum dia em breve mostrar-lhe-ei o livro todo, não apenas a proposta.

Assim que completei o manuscrito, dei-o a Elke. Ela começou a ler e ficou sem palavras. Depois, fez muitas perguntas. Então, chorou horas a fio.

Elke não fazia ideia daquilo por que passei. O pai dela trabalhou na fábrica de couro, a única ainda aberta na minha cidade. Embora fosse judia, comia bastante bem e não foi tocada pela maioria da dureza. Tudo o que lhe podia dizer era que tive a pior das sortes em passar pelo que passei, e a melhor das sortes em sobreviver.

A meio da leitura do manuscrito, Elke quis parar. Estava chateada ao ponto de paralisar após ler sobre Mengele me operar e o pus a sair das minhas feridas.

– Tens de o fazer. Tens de continuar a ler – pedi-lhe calmamente.

Depois de o ler todo, e de fazer as perguntas e de chorar, ela disse:

– Se soubesse sobre o que era, se soubesse que era assim tão duro, talvez não o tivesse lido de todo.

Via-o nos olhos dela. Via a dor que sentia por toda a fome e a tortura por que passei.

Restam duas partes de assuntos inacabados. Um, é com a família Zbanski. Duas irmãs ainda estão vivas e residem agora na minha antiga cidade de Miedzyrzec. Uma delas chamou-me recentemente.

– Temos algo aqui para ti, mas não podemos enviá-lo por *mail* – disse ela.

Sabia que a minha mãe entregara aos Zbanski os bens valiosos da nossa família por me terem abrigado aqueles anos todos. Fui à Polónia para a ver e aos outros membros da família. Sabia que, se tivessem as joias da minha mãe, começaria provavelmente a chorar. Sabia que ficaria feliz por vê-las, mas consternado ao olhar para elas.

Visitei a Polónia, acompanhado do meu amigo Mark Schwartz, para ver os Zbanski e visitar alguns campos de morte onde vivi. Fiz a tal viagem depois da guerra e outra cinco anos antes desta, mas foram breves. Desta vez, fui durante cerca de duas semanas. Estava entusiasmado com a ideia de ver os Zbanski de novo. Tinha uma confusão de sentimentos em ver Majdanek e Auschwitz-Birkenau. Sentia culpa, ódio, triunfo e amargura, e muitas outras emoções.

Ao longo dos anos, estive em contacto com muitos membros da família Zbanski, enviando-lhes dinheiro quando me parecia necessário. Eles tinham, apesar de tudo, salvado a minha vida. Devo-lhes mais do que alguma vez podia pagar, e enviei-lhes o máximo que pude.

A maior parte da família morrera. Kazimier, a filha com quem a avó me queria casar, casou-se com outra pessoa e vivia nas proximidades. Marian, o irmão, ainda mora na quinta, embora já pouco tenha de quinta. Vendeu o gado e agora só tem seis porcos. As paredes dos edifícios estão desgastadas do tempo, e muitas inclinam-se para a frente. Assim como o resto: as portas do celeiro estão fora das dobradiças, há tábuas velhas empilhadas por todo o lado, o celeiro está a desfazer-se, e peças de maquinaria permanecem no chão em silêncio.

Fiquei a saber de algo que me deixou triste, mas contente ao mesmo tempo. A família da porta ao lado dos Zbanski, os que foram mortos pelos alemães por deixarem um prisioneiro fugitivo russo trabalhar na quinta deles, estava finalmente em paz. Ouvira que os

corpos dos três membros da família estavam enterrados na quinta, abandonada desde as execuções. As duas filhas que não se encontravam em casa quando os alemães apareceram, sobreviveram. Logo após a minha chegada, cinquenta anos depois da morte do resto da família, as duas filhas exumaram os corpos e colocaram-nos no outro lado da estrada, onde criaram o seu cemitério; só as três sepulturas, e três cruzes grandes rodeadas de vasos de flores, nada mais.

Na altura em que cheguei, as flores murcharam, e apenas algumas pétalas permaneciam. Pensei no quão próximo estive de ser morto com eles. Se tivesse aparecido um minuto antes, a minha sepultura estaria naquele lugar desolado, e não haveria festas para mim, e quase ninguém se importaria com quem eu era.

Mas, cinquenta e cinco anos mais tarde, estava vivo e entre amigos. Marian preparou-me uma pequena festa, junto com os filhos. Só os dois deles, Mark, eu e o condutor que contratámos para nos levar aonde precisávamos. Kazimier tinha duas festas para mim. O marido é um arquiteto e engenheiro conhecido, e estão muito bem. A primeira festa foi um uma espécie de bufê, para o qual convidou os três filhos e os netos. A segunda foi uma celebração grande, para a qual convidou a família inteira e alguns amigos, incluindo um homem que é embaixador da boa vontade entre a Polónia e Israel. Ele deu-me o nome de um homem em Israel que devia ver.

A festa tinha muitas bebidas, comida, barulho, e brindes. Fez-me sentir bem-vindo numa terra onde já não vivia. Agora, os Zbanski são a minha família polaca. Não tenho mais ninguém lá.

Nem sequer tenho uma cidade natal. A Miedzyrzec que eu conhecia já não existe, a maior parte foi destruída. Vimos as ruas, as lojas, e só reconheci um edifício: os correios onde um carteiro alemão nos escondeu durante três dias. A ironia de estar ali dominou-me. Se aquele alemão não tivesse dado aquele abrigo a mim e aos outros miúdos, não estaria vivo para ver o quão pouco da antiga Miedzyrzec resta. Tremi quando fui lá. As pessoas não fazem

ideia que os correios são um monumento à coragem de um homem alemão com compaixão e às crianças que escondeu no sótão. A floresta onde me refugiei com os guerrilheiros russos continua lá, mas muito dela foi cortado. O que resta está repleto de porcos-selvagens, e não me atrevi a entrar.

Quanto ao que a família Zbanski guardava para mim, não consegui descobrir. A irmã de Kazimier foi quem me ligou, e estava doente na altura. Ela não tem telefone, e não me senti bem em impor-me a uma pessoa doente. Kazimier disse que investigaria, e terei de esperar até ouvir o que tem para me dizer. Tentei dar-lhe dinheiro para pagar a festa que organizou, mas ela recusou.

– Graças a Deus, estamos bem o suficiente – disse-me.

Quando visitei Majdanek, vi o crematório e os abrigos, muitos abrigos. Fui à zona do corredor onde eu e os outros éramos forçados a correr inúmeros quilómetros, enquanto os nossos corpos eram picados por pregos espetados em paus. Uma onda de memórias atacou-me com mais força do que qualquer um dos pregos. Lembrei-me dos choros, dos gritos, dos espancamentos e do sangue. Deixa-me doente ver Majdanek, e gostava que fosse tudo destruído. Mas tem de se manter de pé para que a nova geração o veja. Se não, podem não acreditar que tal horror existiu. Fiquei à frente do meu abrigo, Número 46. As tábuas enfadonhas e feias parecem intactas, e um cadeado azul mantém as portas fechadas. Melhor assim. Eu não queria olhar para o interior.

Visitar Auschwitz-Birkenau, no entanto, foi agriçoce. As pessoas viram o número tatuado no meu antebraço e pararam para me fazer perguntas. Queriam que falasse com os padres, com os grupos, com as crianças da escola que haviam sido congregadas para lá nesse dia. Fiz o meu melhor, mas tinha assuntos pessoais a tratar. Embora a maioria dos abrigos tivesse sido destruída, alguns permaneceram. Um é o Número 8, o meu antigo abrigo. Olhei para as tábuas. Algumas são novas, inseridas na estrutura quando as antigas estavam roídas. Mas muitas permanecem, escuras, sujas, sem lustro nem dignidade, assim como nós.

No interior encontrava-se o meu beliche, em cima das tábuas que tinham tanto espaço entre elas que podias ficar com o pé preso se não tivesses cuidado. O meu era o do meio, e pus um braço por cima dele para descansar. O sabor agridoce cresceu na minha garganta. Senti-me amargo por causa daquilo por que passara. Senti o doce porque continuo aqui, sou alguém.

Quem me dera ter a minha mãe e o meu pai aqui. Queriam que me tornasse alguém. Gostava que estivessem aqui para me verem agora. Mas não estão, e sinto-me triste e deprimido por eles e quase todos os meus irmãos terem desaparecido. Só Sara sobreviveu. Mas ainda tenho a minha mulher, os meus filhos, os meus netos. A vida tem sido boa para mim, pensei.

Estranhamente, talvez a parte mais repulsiva foi ver as sanitas. A sujidade, a dificuldade de me manter limpo com os pedaços mais pequenos de sabão e as lâminas usadas, até quando os alemães davam o seu melhor para nos fazerem sentir como animais, todas essas imagens voltaram.

Como pode a vida ser tão feia aqui, sendo tão bonita onde vivo? Eu não era ninguém aqui. Sentia-me como se não fosse nem dez por cento de um ser humano. E agora, tenho um negócio, esposa, filhos, netos. Sou amado e sou alguém, pensei.

Então, Mark e eu voámos para Israel. Fui ter com a pessoa que o embaixador da boa vontade entre a Polónia e Israel me indicara. Trata-se do Dr. Shmuel Krakowski, antigo diretor e agora conselheiro sénior dos Arquivos Yad Vashem, um repositório com muito material sobre o Holocausto. Ele escreveu artigos acerca de Miedzyrzec, e questionou-me quanto a pormenores intermináveis – quando foi a rampa construída, quando ocorreram as seleções. Parte da nossa conversa revelou-se estranha; os alemães apanharam-no perto do fim da guerra e enviaram-no num dos comboios da morte para a rampa de Birkenau à noite. Provavelmente, ajudei a descarregá-lo.

Gostámos da nossa discussão, e no dia seguinte chamou-me e disse-me que ia enviar duas pessoas com equipamento de

gravação.

– É assim que temos de o fazer – disse, insistindo que falasse para a câmara deles e descrevesse como fora a minha vida nessa altura.

Um homem e uma mulher vieram e tiraram o equipamento. Fiquei com eles três horas e meia, e, tenho quase vergonha de o admitir, chorei uma vez. Quando referia como levava comida para a minha família da quinta dos Zbanski, nos últimos dois anos em que ali trabalhei. Por essa altura, a minha família já não tinha dinheiro, nem roupa para trocar, nem a maioria das coisas. O mundo deles desabava.

Depois, quando fui para casa com a saca de comida, olhei para eles, pálidos, magros, marcados de preocupação e medo. Ver a esperança triste e patética que iluminava os olhos baços deles quando lhes dava aqueles sacos de comida fazia-me encolher por dentro. Levava pouco, mas representava muito. Ali estava eu, um adolescente, a fazer o que o meu pai não conseguia, a fazer o que a minha mãe não podia. Eu era o membro da casa que mantinha a família viva, e doía-me vê-los tão desesperados, com tanto medo, e tão desamparados.

Lembrar-me daquela tristeza fez-me chorar durante as entrevistas. Chorei copiosamente. Pus as mãos sobre os olhos, e ouvi-me a fazer barulhos parecendo um animal. Mas a dor de relembrar o quão magro e patético eles estavam, como trabalhava para os manter vivos, e como os sacanas nazis ganharam no fim, como os mataram a todos exceto a Sara e a mim – esses sentimentos e memórias a martelar-me desfizeram a minha compostura, e a minha tristeza e desespero libertaram-se, passados todos esses anos.

No dia seguinte, deixei Israel e voltei à minha casa. Fez-me bem ir à Polónia ver as sepulturas na minha cidade natal e procurar pelo lugar onde Hymie está enterrado. É um *mitzvah*, uma boa ação, visitar os mortos nos cemitérios. Senti que fiz uma boa ação ir ver

todas aquelas pessoas que morreram e tentar encontrar a vala de Hymie.

As pessoas perguntam-me frequentemente muitas coisas. Uma é como sobrevivi. Eis algumas das razões. Quando estava em Birkenau, e a trabalhar para Mengele, toda a gente dizia que eu era asseado. Até Mengele, quando conversava com os três médicos que o seguiam, o afirmava. Mengele estava feliz comigo porque eu sabia o que fazer, e ele não precisava de mo dizer duas vezes – e ele gostava sobretudo de eu ser limpo e arrumado. Tinha também cabelo loiro e olhos azuis; portanto, quando ele olhava para mim, judeu ou não, deparava com uma visão da raça mestre que esperava que dominasse o mundo. Sabia que o Pai organizou a operação de Mengele em mim porque vi-o a sair do gabinete de Mengele antes de me mandar ir para o hospital.

Muitos componentes contribuíram para a minha sobrevivência, enquanto os outros pereciam: tentava sobreviver apenas mais um dia. Fazia o que tinha de fazer. Escondia-me, lavava pratos, roubava um carrinho de mão e fingia ter outro trabalho, o que tivesse de ser. Eu sabia que ia morrer, mas pensava: *deixa-me tentar*. Dizia aos amigos: «Tens muito tempo para morrer. Agora é a hora de viver. E não te mates. É contra a lei judaica cometer suicídio. Há sempre esperança.»

Eles disseram-me que eu era imaturo, mas estou aqui, e muitos deles não. Todos os dias, agradeço a Deus por ter sobrevivido. Imagino que uma fuga da morte é uma coincidência. Duas é coincidência. Mas se acontece três vezes, tens de ter alguma ingenuidade, alguma sorte e intervenção divina do teu lado. Deus disse: «Tentas ajudar-te e eu ajudo-te. Não tentas, e eu não te posso ajudar.»

Eu tentei. Sei que ter nascido com cabelo loiro e olhos azuis foi uma sorte. Ser limpo e arrumado foi simplesmente o que os meus pais me ensinaram. Deixava uma boa impressão nas pessoas ao ser simpático, ao ser cavalheiro, e ao tentar não ser egoísta. Eu não queria tanto saber de mim, mas sim dos outros.

Aparentemente, Deus queria saber mais de mim do que de muitos outros. É por isso que, quando as pessoas me perguntam se acredito em Deus depois de tudo por que passei, eu respondo: «Para mim, sim. Para outras pessoas, não.» Eu não acreditava em Deus antes, mas agora acredito – mas apenas para mim. Vi muito boas pessoas a morrer por razão nenhuma para acreditar que Deus estivesse interessado em olhar por elas.

Sinto culpa por ter sobrevivido? Sim, empaticamente, sim. Vive comigo todos os dias, como um homem pequeno e malvado a sussurrar-me na mente. As pessoas que vi morrer eram tão boas quanto eu; talvez melhores. Tentavam à sua maneira sobreviver, e eu tentava à minha. Basicamente, tive sorte, ingenuidade e cérebro, e a coragem para ultrapassar. Não sou melhor nem pior do que a maioria dos que desapareceram. Mas estou aqui, e eles não.

Tinha orgulho em possuir uma grande empresa de empreiteiros, até quando os momentos eram difíceis, quando o sindicato me enviava pessoas que estavam permanentemente aleijadas, ou imigrantes me procuravam, e não tinham mais ninguém que os contratasse, eu encontrava um lugar para eles. Eles não tinham vida, não tinham destino, mas vinham para a minha empresa, e eu tornava-os produtivos. Dava-lhes emprego, segurança social, uma pensão, hospitalização. Muitos tornaram-se médicos, advogados, e outros profissionais. Um ainda trabalha para mim passados trinta e oito anos. Quando os homens estavam aleijados, eu recebia cinco dólares de cada trabalhador, e os trabalhadores faziam uma hora extra. Eu dava esse dinheiro às famílias dos trabalhadores aleijados.

Muitas pessoas dizem-me que sou demasiado generoso, que estava a fazer o que não devia, que era um homem pequeno com um coração grande. Dizem-me que devia ser um homem grande com um coração pequeno. Acho que não. Não é a minha natureza, e não vou mudar agora.

Mas há mais um assunto de há mais de meio século que devo mencionar. Simon Fleishbein, o rapaz que saiu do carro cheio de cadáveres sangrentos no qual iam o meu irmão Hymie e outros que

foram abatidos no depósito de madeira. O rapaz que se fingiu morto, mas que estava apenas ferido, mora a não mais de dezasseis quilómetros de mim. Vejo-o em eventos de sobreviventes do Holocausto de vez em quando. Sei que ainda tem a bala dessa noite dentro dele.

Embora tenha visto Simon muitas vezes, nunca lhe disse que estava lá no dia em que ele saiu do carro, coberto de sangue – o seu misturado com o de Hymie e o de todos os outros – e coxeou para longe.

Um dia após este livro ser publicado, vou levar-lhe uma cópia. Depois, vamo-nos sentar e irei dizer-lhe o que vi. Será uma altura em que aliviaremos uma imagem que gostávamos ambos que nunca tivesse acontecido. Será um momento que perfurará ambas as nossas emoções. É um momento cuja chegada me entusiasmará, e isso apavora-me.

Sobre os autores

JOE ROSENBLUM nasceu em Miedzyrzec, Polónia, uma cidade lentamente estrangulada até à morte pelos nazis. Embora Joe tenha perdido quase todos os familiares no Holocausto, salvou muitas pessoas, assim como ele próprio, através de um otimismo quase incansável, sorte e ingenuidade. Passou por três campos de morte e uma marcha da morte. Após ser libertado, Joe trabalhou na Alemanha durante dois anos, antes de emigrar para os Estados Unidos, onde prosperou no negócio da construção e pintura. Joe mantém contacto com muitas das pessoas mencionadas neste livro e continua a administrar vários negócios de família.

DAVID KOHN é um escritor *freelancer*, que escreve há vinte e cinco anos. Colaborou em muitas vertentes ligadas aos livros – como coautor, escritor-fantasma e editor versátil. David também trabalhou em tópicos de livros, indo da medicina à magia e a memórias.